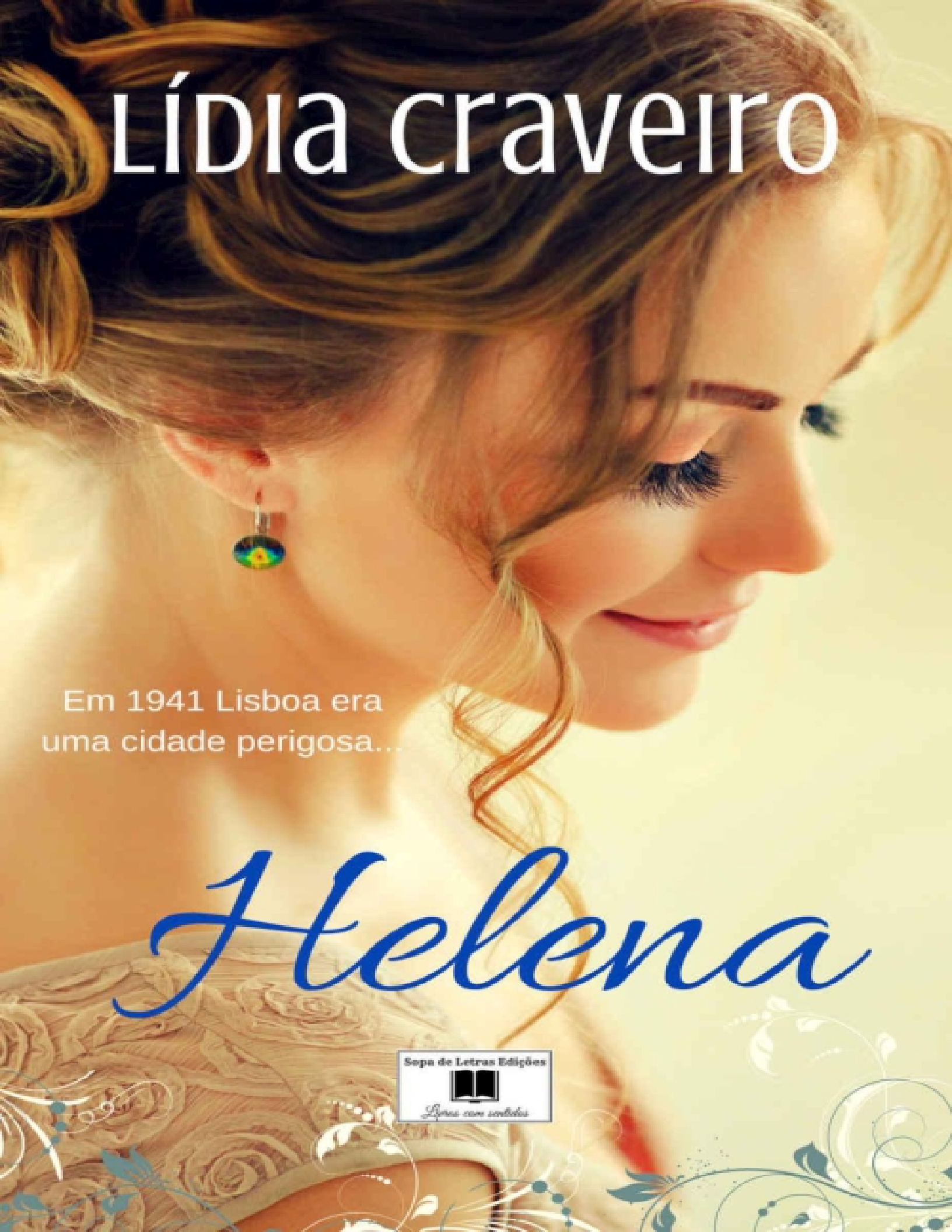




LÍDIA craveiro

Em 1941 Lisboa era
uma cidade perigosa...

Helena

Sopa de Letras Edições



Leiras com sentido



Contents

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[PARTE II](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[ALEXANDRE STEEL NORTH PATERSON](#)

[1](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[CARMINDA VILHENA BRACHMANN](#)

[1](#)

[Capítulo 5](#)

RICARDO CABRAL SANTANA

1

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

LONDRES

Epílogo

Agradecimentos

OBRIGADO POR LER O MEU LIVRO!

A AUTORA

HELENA

ROMANCE

LÍDIA CRAVEIRO



Copyright © 2017 Lídia Craveiro

Helena

Publicado por: Sopa de Letras Edições

Diagramação: Sopa de Letras Edições

Fonte: Bookman Old Style 12

Revisão: Sopas de Letras Edições

e-mail: lidiacraveiro@gmail.com

Designs de Capa: Sopa de Letras/tecnologia Canva.com

Imagens de Capa: Imagem de mulher (One Dollar Photo)

ISBN-13: 978-1543004502

ISBN-10: 1543004504

a CreateSpace ISBN.

2ª Edição Setembro de 2018

Todos os direitos reservados.

All rights reserved.

Nascemos para amar. O amor é o princípio da existência e o seu único fim.

Benjamin Disraeli

Capítulo 1



Lisboa, 1941

- É um homem muito... muito garboso, não acha minha querida? – disse a condessa Carminda entre dentes, ao seu ouvido.

Helena pensou em cavalos. Garboso é uma palavra que se aplicava a um cavalo. Só mesmo a velha condessa faria semelhante comparação. Não deu uma gargalhada porque a madrinha não lhe perdoava a falta de decoro e de educação, portanto, sufocou o riso colocando a mão em frente à boca, num pequeno trejeito como se fosse tossir a um qualquer engasgo accidental.

- É Ricardo que a faz sorrir assim... com esse ar tão...tão... luminoso? Dava dez escudos pelos seus maus pensamentos! – disse Carminda em voz alta. Descrição não condizia com a sua real pessoa.

A condessa estava tão maquilhada que mais parecia uma pintura burlesca e Helena estremeceu, não de frio, mas com receio de não segurar o riso com a ousadia da mulher naquele ambiente tão seletos.

Seria assim tão transparente? Ou a velha condessa Carminda Vilhena, era demasiado perspicaz?

- A senhora quer embarçar-me? Lá tenho idade para esses ditos pensamentos! – ripostou para disfarçar.

- Ora, minha querida! Não se faça desentendida. Cá entre nós, são esses ditos pensamentos, que dão sabor à vida. Os pensamentos maus, percebe? – e deu-lhe uma palmadinha na mão fazendo soar a quantidade de pulseiras de ouro que ostentava no braço, qual guizo de cobra cascavel. – Todos os que estão aqui sentados nesta longa mesa, pautam por serem santos e apostava as minhas pulseiras de ouro puro – chocalhou-as no braço de novo -, em como estão a fazer conjecturas acerca do que existe entre Ricardo e a viúva sentada ao lado dele, mas sabe uma coisa?

Helena olhou-a tentando decifrar o que a nobre criatura enrugada queria insinuar. Ficar sentada à mesa junto a Carminda era sempre uma aventura no mundo da bisbilhotice e da intriga de salões.

- Ele é o único verdadeiro aqui. Todos os outros são uns hipócritas. Acredite em mim. Conheço-os a todos. Ele não esconde que se deita com quem quer. Todos os outros...bem...não vamos falar dos outros agora – e debruçou-se sobre o que tinha no prato, através do óculo assente no nariz.

Tendo em conta a fama de alcoviteira e língua viperina, Helena não duvidou que ela soubesse tanto sobre a vida das pessoas com quem privava.

Ricardo Cabral de Santana estava sentado ao lado de Isabel Carmona, a viúva jovem e, a madrinha Catarina fuzilava o filho com o olhar. Catarina Santana queria vê-lo casado, mas não com uma mulher naquele

estado civil. Isabel era uma perdida, tolerada pela sociedade e protegida pela condessa. Ninguém se atrevia a desafiar a condessa talvez com medo do uso que ela poderia dar ao que sabia sobre eles, algo que Helena nem imaginava o que fosse, mas também porque a maioria lhe devia favores que não tinham paga, nomeadamente, quantias avultadas de dinheiro e proteção em situações delicadas. Desde criança que Helena sabia que Carminda era muito amada e odiada ao mesmo tempo pela burguesia lisboeta.

Helena atreveu-se a erguer o olhar para o outro lado da mesa e, os seus olhos embateram nos dele. Ricardo cumprimentou-a com um aceno de cabeça e ela respondeu sem conseguir evitar um rubor na face. Ricardo não a reconheceu. O padrinho esqueceu-se dela. Mas era o homem mais bonito daquela festa e, não fosse por ele, não valia a pena aguentar aquela gente de nariz empinado que apenas falava de frivolidades.

- Tome cuidado, minha querida. Não se apaixone por ele. É um destruidor de corações. Mas é um homem – suspirou – com tudo no sítio, desde o exterior ao interior. Se eu fosse mais nova... – e não concluiu a frase deixando Helena intrigada e incomodada pelo teor da conversa. A alusão ao sexo, em público, era algo que apenas Carminda se permitia e, não falava propriamente baixo. Por vezes até usava a desculpa de ouvir mal. As senhoras da sociedade não ousavam sequer pensar em tal coisa, na presença de outrem, não fosse alguém ler-lhes a mente. Sexo era tabu entre as pessoas de bem, e coisa de prostitutas. Os tempos eram de recato e perseguições. A moral vigente era dura com os prevaricadores.

Helena levantou os olhos do prato e dispôs-se a apreciar Ricardo pela mira da velha condessa. Se ela dizia que ele era tudo isso, então ia verificar: rosto quadrado e bem definido; estrutura óssea harmoniosa; lábios cínicos e bonitos; nariz aquilino, fronte alta, e uns olhos castanhos mel que quase incendiavam a mulher com quem conversava. Isabel Carmona estava derretida e quase raiava a falta de decoro. Não fosse ela a dama de companhia da condessa e Helena quase apostava que a madrinha nunca a receberia em sua casa, de tão ordinária que a mulher era.

Sim, admitia que o padrinho Ricardo era um homem muito interessante. Ricardo conversava com a viúva com o maior dos interesses. Ficou a olhar para o par sem conseguir despegar os olhos e uma inquietação súbita, desconhecida, fez-lhe disparar o coração em

taquicardia por segundos. Ele era apaixonado por aquela mulher, teve a certeza.

- Disfarce minha querida, disfarce - aconselhou a condessa.

- Dona Carminda, a senhora hoje só fala por enigmas. Não entendo onde quer chegar!

- Enigmas? Ora! Ora! Já lhe ouvi chamar nomes mais... impróprios.

Helena franziu o sobrolho e, pensou que a velha - apesar de divertida, por vezes estava a ficar esclerosada e inconveniente. Ou se afastava dela, ou ainda ficaria muito embaraçada perante as senhoras amigas de Catarina Santana.

Uma hora depois, as senhoras terminavam a sobremesa de lampreia de ovos e, os homens, preparavam-se para passarem a outra divisão da casa para conversas mais recatadas sobre política e economia, tudo no mais absoluto sigilo, como diziam.

José Luís Santana estava agitado. Os seus setenta anos, já lhe pesavam o bastante para ficar nervoso em situações que há dez anos ainda dominava com poder.

O velho comendador Santana levantou-se e propôs um brinde ao regresso do filho Ricardo a Portugal. Com o avançar da idade, gostava de ter a família por perto -os filhos especialmente- e, sempre que os reunia, brindava ao fato.

Observaram-se uns sorrisos cínicos entre os presentes. Uns porque sabiam das tendências políticas do filho mais velho do casal Santana e outros porque há muito ouviam o boato da distância amorosa entre o comendador e a esposa, muito mais jovem que o marido e que nunca mostrara sinais de o amar. Catarina casara por influência da família e por ambição.

Ricardo agradeceu em voz alta, numa voz timbrada que se fez ouvir em toda a sala e ergueu o copo. Helena imitou os convivas e quando todos brindaram, do outro lado da mesa, ele ergueu o copo na sua direção olhando-a como mulher - com...desejo e admiração. Helena não baixou a guarda e retribuiu, mas por dentro abanou como um pudim de gelatina. Afinal, ele era o padrinho mais novo, fora assim que se habituara a vê-lo ao longo da sua meninice e, não era decente olhá-lo como uma mulher olha um homem. De uma coisa tinha quase a certeza, ele não se recordava dela. Não dava sinais disso. Para Ricardo, Helena era apenas mais uma das

mulheres presentes no salão, tão apetecível como qualquer outra e tão disponível para ser conquistada como as outras.

- Então minha querida, já percebeu?

- Não Dona Carminda – mentiu.

A velha senhora tinha percebido o seu mal-estar. Seria transparente, ou a condessa era mais astuta que uma raposa velha acostumada a ir ao galinheiro sem ser apanhada.

Não queria admitir que viu lascívia no olhar de Ricardo. Foi um erro não lhe ter revelado a sua identidade quando percebeu que não fora a reconhecida. Mas ele não perguntou e ela adorava enigmas, jogos de sedução e um bom mistério à volta da sua pessoa, sempre que algum jovem rico pensava que ela era da família e se atrevia a namoriscá-la.

Era assim que conseguia quase tudo dos padrinhos: sempre conseguiu seduzir Catarina Santana com o seu olhar atrevido.

Se o conhecia bem, se Ricardo ainda fosse o mesmo homem que partiu dali quando ela tinha doze anos, em breve ele iria para o Alentejo e ela ficava em Lisboa. Ricardo era um espírito inquieto. Não haveria mais hipóteses de convívio. A madrinha ia obrigá-la a permanecer na capital enquanto necessitasse da sua companhia e lá se ia o único motivo de interesse que a fazia permanecer naquela casa.

- Sempre foi muito má a mentir querida – disse-lhe ao ouvido a condessa Vilhena.

Helena sobressaltou-se e quase pulou na cadeira, mas reagiu de imediato.

- Devo ter aprendido com a senhora – respondeu insolente.

Conhecia Carminda Vilhena muito bem e, por vezes até a considerava uma espécie de avó emprestada. Apelidada de “A Condessa” por ter herdado o brasão de família, era a figura mais insólita de Lisboa. Já ninguém se vestia daquela forma extravagante, com plumas e penas, folhos e folhinhos como se vivesse no século passado. Carminda era o emblema do Príncipe Real^[1], e podia bem ser a mascote das marchas populares.

- Ainda bem que lhe ensinei alguma coisa, detesto mulheres palermas. A menina tem fibra, mas tem que aprender a defender-se, caso contrário torna-se uma dessas tontas que estão aí – e apontou com displicência para um grupo de jovens mulheres que davam risinhos e olhavam para Ricardo à socapa.

Catarina deu a refeição por terminada, convidou as senhoras a passarem ao salão de chá e os homens à sala de jogos para disfrutarem de charutos cigarros e *cognac*.

Helena aproveitou o momento para se esgueirar para o jardim nas traseiras do palacete. As conversas das amigas da madrinha aborreciam-na de morte e, não raras vezes, dava consigo a pensar o que é que aquelas mulheres tinham dentro da cabeça para além de mexericos e modelos das revistas femininas trazidas de França a chegarem à capital cada vez com menos frequência, por causa da guerra.

Gostava de Lisboa pela descoberta e oportunidade de aprender coisas novas, mas as obrigações sociais não eram do seu agrado, era como se a lançassem aos tubarões em pleno alto mar. Apesar de ter estudado e convivido com outras jovens de meios mais abastados que o seu, continuava a ter dificuldade em conviver com a classe social dos Santana. Era filha de gente pobre, muito pobre – serviçais - e, dificilmente iria ultrapassar esse patamar porque não era aceite como membro da família e sim como uma criada com privilégios. A filha dos caseiros, era apenas tolerada nos salões, por ser a dama de companhia de Catarina, ouvia dizer às amigas de Catarina, vezes sem conta e, sempre nas suas fuças, para que ela não tivesse ideias de se agradar do filho de alguma delas.

Percorreu o corredor até à porta que dava acesso direto às escadas até ao jardim frondoso e, antes de sair, espreitou para o salão de jogos onde os homens jogavam bilhar, cartas, e discutiam política de forma velada que os tempos eram de ditadura. Um passo em falso poderia custar a vida a qualquer um, embora ali, todos fossem apoiantes incondicionais de Salazar como estavam sempre a repetir não fosse alguém ter dúvidas. Um deslize, uma critica, um reparo mal feito ao regime, seria fatal a qualquer um deles. A policia politica estava infiltrada em todos os lugares e o presidente do conselho não era homem de perdoar uma traição.

A Helena era-lhe vedada o acesso à sala dos homens, mas os temas de conversa eram mais interessantes que chapéus, vestidos, casamentos e intrigas mundanas.

Quando era criança, Helena escondia-se no salão da casa da herdade, atrás dos cortinados de veludo pesado -ao ponto de abafarem o som-, a ouvir as falas do padrinho José Luís com os filhos e os amigos, sobre política e negócios. Também os saraus de jogo no Outono, depois de um dia de caça, traziam sempre à baila assuntos que lhe interessavam: uma

possível guerra na europa, os avanços de Hitler, a cumplicidade de Salazar com Hitler Franco e Mussolini, a posição dos estados unidos e da Inglaterra face ao conflito; assuntos falados apenas entre amigos de confiança, no recato da herdade no Alentejo e, mesmo assim, em surdina, não fosse alguém acusá-los de conspiração e, ninguém, mas ninguém mesmo, desconfiava do interesse que a afilhada dos Santana tinha em assuntos ditos de homens. *Mulheres não discutem esses assuntos*, dizia-lhe a madrinha quando ela fazia alguma pergunta mais ousada acerca do que se passava em Portugal. Catarina dizia-lhe muitas vezes que não a tinha mandado apender inglês e francês para ela falar de coisas de homens e comentar o que lia nos jornais que José Luís recebia em casa.

Desceu as escadas com a elegância de uma jovem da alta sociedade. Por milagre - dizia a mãe - Helena deixara os modos arrapazados e tornara-se numa mulher capaz de virar a cabeça aos homens, quase de um dia para o outro. Só não abdicava de querer ser advogada, para desespero de Alda, que tentava demovê-la de semelhante loucura a cada dia que passava e Helena repetia as suas intenções sempre que se reuniam os três à mesa. A mãe dizia-lhe que ela devia dar-se por feliz por ter feito o liceu. Nenhuma rapariga, filha de criados, se poderia gabar de saber falar estrangeiro e saber escrever. Ela era uma rapariga de sorte, na opinião da mãe, do pai e da madrinha Catarina.

Pois sim! Era. Tinha imensa sorte de ter estudado e de privar com a madrinha nos seus salões, mas isso não era o suficiente para ficar cega ao ponto de ignorar o que se passava à sua volta.

À medida que percorria o jardim até aos seus fundos, pensava que deveria ter vinte e cinco anos ao invés dos seus vinte anos, feitos há pouco tempo. Sairia do país rumo a Nova Iorque na América, a terra de oportunidades como ouvira falar. Não se atrevia a partilhar os seus sonhos com ninguém, nem mesmo com a mãe. A pacatez com que percorria a casa e a vida, não dava a demonstrar o furação que vivia dentro daquele corpo de mulher, que os homens veladamente olhavam com cobiça. Ninguém ficava indiferente aos olhos verdes acastanhado, à postura ereta, altiva, e àquela pele de pêssgo sedosa e brilhante.

A imagem que os vidros da estufa de inverno lhe devolveram agradou-lhe imenso, gostava de se admirar. Transformara-se num cisne de um dia para o outro, algo que nunca julgou possível. Há uns tempos quando se observava ao espelho só tinha pernas longas e ossos saídos da

carne. Naquela época odiava o seu corpo, mas hoje, sabia o valor da sua imagem.

Se não fosse filha da empregada já a teriam casado com algum homem de posses. Figura não lhe faltava, e estudos também não. Faltava-lhe berço e, para além disso, dinheiro, aquilo que comprava tudo, mesmo o amor.

Caminhou até à pérgula formada pelas rosas de cheiro e sentou-se ao fundo no banco de granito. Era ali, naquele recanto, escondida, que dava largas aos seus devaneios.

A sonhar acordada, cruzava o oceano juntamente com os refugiados da guerra, montava o seu próprio negócio de padarias, e defendia os direitos das pessoas nas barras dos tribunais. Não queria ser escrava dos padrinhos como os pais o foram toda a vida. Estava agradecida pelo que fizeram por ela, embora não entendesse o motivo do privilégio, quando existiam outras crianças igualmente filhas de criados, e nem por isso eram tratadas como ela; mas, apesar de todos as benesses que os Santana lhe davam, sabia reconhecer a realidade da sua família: eram pobres, criados para todo o serviço e nunca passariam disso mesmo. Jamais se iria esquecer.

Então, para quê continuar ali, naquela família, que não era a sua, mas que ela considerava como tal a maior parte do tempo, mesmo sabendo que um dia seria dispensada?

Lá em baixo, já a pisar o pedrisco do jardim, ainda ouvia as risadas dos homens vindas do salão através das janelas abertas e a música ténue da sala de chá; sabia bem qual era o teor das conversas das senhoras e das suas filhas. Tão lindas e palermas. Os temas das conversas das senhoras, não lhe interessavam o suficiente para que se dedicasse mais do que alguns segundos a pensar neles. Eram assuntos demasiado triviais para quem tinha que se preocupar em pôr comida na mesa. A madrinha e as suas amigas só falavam de moda. Jamais falaria sobre política, literatura ou história como os homens presentes no salão de bilhar, pois, foram educadas para não pensar a não ser no governo da casa, no bem-estar dos maridos e dos filhos.

**

- Ricardo, meu filho, porque não vai até ao salão e faz companhia ao seu pai?

Catarina enfiou o braço no do filho e incitou-o a ir naquela direção.

- A mãe sabe que não partilho da opinião dos cavalheiros ali presentes. A minha visão do mundo e da nossa sociedade não é bem...- e não terminou a frase desenhando-se do braço dela com um afago de mão.

Catarina detestava que o filho fosse contra o governo. Criara-o com tanto esmero para ele depois se virar para o lado dos párias e desclassificados do país. Não suportava aquela tendência de Ricardo. Jamais aceitaria um filho que não fosse fiel ao seu país. Ou Ricardo mudava ou teria que partir em breve para a fazenda de África. Não ia permitir que envergonhasse a família outra vez.

-É preferível manter-me afastado, evito problemas. – respondeu Ricardo dando um abraço na mãe e desviando-se para as escadas do jardim.

Chegara a Lisboa naquela manhã e para dizer a verdade já estava saturado das pessoas. Ansiava pela liberdade de África, era mais feliz na selva, lá não tinha que se confrontar com a maldade humana como na metrópole. Não era de todo um homem solitário e, embora não o confessasse tinha saudades da família nos anos em que esteve ausente. Saudades da teimosia da mãe, do falar calmo e assertivo do pai, do irmão e da pirralha de olhos doces que vivia dentro de casa como se fosse da família. Com a possibilidade de um início da guerra começou a recear o que pudesse acontecer a Portugal, um lugar estratégico e cobiçado por todos. Lisboa, com o seu porto marítimo facilitava o trânsito dos barcos pelo oceano Atlântico e a troca de informações pelos ingleses, americanos, franceses e alemães. Todos estavam na cidade pelo mesmo motivo: espionagem.

Já Ricardo pisava o último degrau, quando a mãe o chamou e lhe disse, do alto da varanda que permitia o acesso ao frondoso éden particular da família.

- Meu filho! Quanto a guardares as tuas opiniões para ti, acho acertado, mas não podes deixar de te mostrar em sociedade. Tantos anos nessa fazenda fizeram de ti um bicho-de-mato? – perguntou Catarina.

Ricardo sorriu e lançou o olhar para o infinito.

- Talvez mãe. Preciso do meu canto e não sei se será aqui. Por mim voltava para África agora. Lá sou livre, até para pensar. Não há nada pior para um homem que ver cortada a sua liberdade.

Não disse que em África era anónimo, mais um branco entre tantos que por lá viviam, e que o seu propósito de lá permanecer, nada tinha a ver com o cultivo de café. Se Catarina soubesse tinha um desmaio, e desta vez não seria fingido como muitas vezes quando a contrariavam.

Ricardo afastou-se da mãe a sorrir e desapareceu por detrás dos jacarandás que desprendiam flores violeta, dando um ar exótico ao chão.

Estaria por Lisboa um par de dias e depois rumava a Vale de Marias. O Alentejo era o seu refúgio. Seguramente não era um homem citadino, tinha perfeita noção disso. Era a cultivar a terra e a cuidar dos seus cavalos que se sentia feliz, para além da outra atividade que todos desconheciam, aí sim era o melhor. Era conhecido entre os seus congéneres por ser intrépido e eficaz nas suas funções sigilosas, foi por isso que Alex o recrutara, depois de confiar inteiramente nele.

Os cheiros do jardim lembraram-lhe a infância. Corria por ali, com António, escondendo-se da mãe. Cheirava a rosas. O aroma mais intenso, vinha do caramanchão onde passou muitas tardes a ler livros de ação quando era adolescente.

À medida que se aproximava do seu recanto preferido o aroma dos jasmims e do alecrim entravam-lhe pelas narinas numa orgia de cheiros. Ia sentar-se a fumar um cigarro até que os convidados se fossem embora. Não pretendia ter dez raparigas solteiras e respetivas mães, a insinuarem serem um bom partido. Não estava à venda e não tinha grande interesse em casar-se quando o mundo estava repleto de mulheres lindas e disponíveis com quem se deitar sem ter que casar com alguma.

Helena ouviu passos pesados em direção ao caramanchão e sobressaltou-se. Acabara-se o sossego do seu retiro.

Oh, raio! Quem se lembraria de invadir o seu momento de reflexão? Esticou o pescoço e viu-o. Recolheu-se de imediato à segurança do emaranhado de troncos finos e verdes, enfeitado com rosas pequenas abertas, antes que ele a visse.

Ricardo deu mais uns passos e estacou. Lá estava ela. A misteriosa jovem cujos olhos lhe pareciam familiares, mas não deixava de ser uma intrusa e, isso irritava-o de sobremaneira.

Tinha uns olhos que ofuscavam qualquer homem, ao ponto de o levar a cometer uma loucura, como roubar-lhe um beijo de repente, ou deitá-la na relva macia e fornicá-la ali mesmo, mas, tirando isso era igual às outras: uma gaiola para o apanhar.

Ah! Era também proprietária de um belo par de pernas e um busto razoável – pensou a sorrir interiormente. Podia bem deitar-se com ela agora, mas só isso, depois, queria-a longe de si.

- Boa tarde senhorita – cumprimentou sem sequer mostrar os dentes.

- Boa tarde senhor...

Corou ligeiramente perante aquela figura alta e imponente e atreveu-se a olhá-lo de frente. Por pouco não deixava escapar o nome dele.

Há mais de oito anos que não o via. Era criança quando ele partiu, mas Ricardo já levava feições de homem feito, ao passo que ela, só crescera a partir dessa data. Aos doze anos era uma pirralha desengonçada e ele não se lembrava dela seguramente.

- É agradável este lugar, não é? – perguntou Ricardo, com um ar de irritação na voz.

- Sim. É o meu lugar favorito. – respondeu ela em jeito de provocação.

Também era o dele.

Sabia o quanto ele gostava de sentar-se ali horas a fio a ler quando era jovem. Recordava-se de o ver no caramanchão a ler, durante as temporadas que passava em Lisboa, quando a madrinha a levava com a família. Ficava a espiá-lo detrás de alguma sebe e a imaginar que quando fosse grande ia casar com ele.

Ricardo concordou com a cabeça. Ela roubou-lhe o lugar. Mas reconhecia que a ladra era bem...torneada, e pelos vistos de poucas falas.

- Então até mais tarde – disse com a firme intenção de encontrar outro lugar, já que não ficava bem a um cavalheiro expulsar uma jovem de um caramanchão.

- Há lugar para dois – e Helena apontou para o banco em frente com todo o atrevimento que conseguiu arranjar.

Helena lembrava-se bem do padrinho Ricardo – como o tratavam Alda e Josué – um jovem que passava todas as férias escolares no Alentejo e que além de brincar com ela, lhe instigara o gosto pela leitura.

Ela aparecia sorrateira na biblioteca sabendo que de tarde o encontrava a ler. Ricardo sentava-a no sofá, e lia-lhe histórias dos livros empilhados nas prateleiras e, quando aprendeu a ler, o seu lugar preferido era a biblioteca da casa grande, livre só para si durante grande parte do ano quando os Santana não estavam. A família passava muito tempo em Lisboa, a madrinha dizia que o clima era mais ameno, mas a mãe não

acreditava, sabia que a patroa, Dona Catarina, era pouco dada a lidas campestres. Tinha horror de bichos e sempre que algum filho dos criados surgia com um lagarto ou com uma cobra de água, fechava-se em casa e não aparecia até ter a certeza que o marido fizera desaparecer o bicharoco.

Ricardo sorriu e deu dois passos em frente. Ela tinha razão, havia outro banco. Porque não?

- Aceito.

Ricardo não a reconhecia, Helena confirmou-o naquele instante. Quem se iria lembrar de uma miúda escanzelada e de cabelo meio enleado que andava pela herdade de Vale de Marias aos saltos?

- Desculpe não me apresentar. Ricardo Santana – e estendeu-lhe a mão.

- Muito prazer, senhor Ricardo. Também não gosta de festas?

- Destas não. As conversas são...ligeiras – disse ele, não querendo entabular conversa com uma estranha.

- Fúteis, quer dizer – rematou Helena olhando-o com frontalidade.

Ricardo deu uma gargalhada. Ora ali estava uma mulher que sabia o que dizia e que partilhava da sua opinião. Pelos vistos, para além de espirituosa era bonita e inteligente, coisa rara entre as mulheres que a mãe convidava para os seus salões, cujas únicas preocupações eram as festas da alta sociedade e os mexericos sobre a vida alheia.

Helena viu-o rir e lembrou-se das brincadeiras da infância. O mesmo riso. Achou-o bonito. Nunca pensou num rapaz dessa forma, mas, Ricardo não era um rapaz da sua idade, era um homem adulto e interessante. Helena reparou nos olhos castanho mel, no cabelo castanho-escuro penteado com brilhantina e no corpo atlético e queimado do sol. Queimado do sol de África - pensou.

Devia ter alguma mulata por sua conta e uns quantos filhos por lá - divagou. Noémia a cozinheira da herdade, passava a vida a afirmá-lo.

- Estou a ver que chama as coisas pelos nomes sem problemas. – concluiu ele.

- Nem sempre. Só completei o seu pensamento.

- E muito bem, apesar de ser um tanto à frente dos tempos que correm. O que pensa sobre os chás de caridade?

Helena foi apanhada de surpresa, mas agiu com cautela. Não ia destravar a língua como fizera há pouco.

- Para dizer a verdade...-hesitou e mudou rapidamente-acho que a madrinha é uma excelente pessoa.

- Madrinha?

- Dona Catarina. É assim que me refiro a ela.

- Ah! Curioso. A menina fez-me lembrar alguém...

- Alguém como? Não me diga que...

Helena teve esperança que fosse ela, mas ele não deu sinal de a reconhecer.

- E também acho que a menina é ótima a fugir aos assuntos, para além de ser exímia a argumentar – disse interrompendo-a enquanto tirava um cigarro da cigarreira de prata.

Acendeu-o e ofereceu-lho. Helena aceitou como se fosse a coisa mais natural do mundo, um homem oferecer-lhe um cigarro aceso.

Ricardo acendeu outro para si e, por entre as espirais de fumo olhou-a com insistência. Aqueles olhos eram-lhe familiares – voltou ele a pensar.

Mas estava a fazer confusão com alguém. Conhecia tanta mulher que já as confundia.

- Imagino que fuma escondida – observou.

- Claro. Como muitas mulheres da minha idade. Se aquelas amigas da madrinha me vissem com um cigarro na mão desmaiavam. A única mulher que tem audácia para o fazer em público é a condessa.

Ricardo anuiu com um sorriso malicioso. A condessa. A sua madrinha Carminda.

Madrinha Carminda, madrinha Catarina...tanta madrinha- pensou ele. Quem seria aquela afilhada da mãe que ele não conhecia? Não era rica. O vestido que usava era simples e feio.

- Ainda não me disse o seu nome...

- Pois não. Não perguntou – e compôs o cabelo enrolando-o atrás da orelha, coquete, onde um botão de rosa repousava fazendo contraste com o castanho dos fios soltos do cabelo, mas sem dar mais explicações. Aprendera aquele gesto num filme que vira no cinema.

E resultava. Se resultava!

De repente sentiu-se uma tonta a tentar impressionar um homem. Oh que raio de ideia mais parva! Tudo aquilo que abominava nas outras raparigas da sua idade, que faziam qualquer coisa para caçar um homem de posição, ela estava a repetir. A partir dali ia comportar-se se não queria arranjar sarilhos para o seu lado.

De repente, um vento frio de fim de tarde, levantou-se fustigando as flores e arrancando pétalas de rosa que voaram pelo ar. Helena ergueu-se, apagou o cigarro, guardou a ponta escondida na palma da mão e passou pela frente de Ricardo, esfregando os braços com frio e estugando o passo para se desviar dele o quanto antes.

- Tenho que ir. Até um outro dia senhor Ricardo. – E afastou-se em passo apressado em direção a casa deixando-o ali plantado, a olhar para ela e sem mais explicações.

Helena sorriu quando se afastou. Mal podia esperar para ver a cara dele quando soubesse quem ela era.

Amo como ama o amor. Não conheço nenhuma outra razão para amar senão amar. Que queres que te diga, além de que te amo, se o que quero dizer-te é que te amo?

Fernando Pessoa

Capítulo 1



O relógio de parede marcava vinte e três horas. Ricardo contou as badaladas mentalmente. Há duas horas que estava ali sentado, tentando descobrir de onde conhecia aquela jovem atrevida e irreverente, que, ao contrário das outras mulheres, não se lhe atirara para o colo de imediato.

A casa estava em silêncio e o galgo afegão, já velho, estava esparramado aos seus pés fazendo-lhe companhia em troca de umas festas na cabeça.

Estava na hora.

Há tanto tempo que não estava com uma mulher que não conseguia resistir à tentação.

Acendeu o último cigarro e puxou uma fumaça, enquanto ponderava o que ia fazer. Uma mulher jovem tinha as suas necessidades e Isabel não era exceção, quanto mais um homem como ele! Levantou-se, apagou o cigarro no cinzeiro de estanho e dirigiu-se à porta.

- O senhor vai voltar ou posso trancar a casa?

Martinho, chefe dos criados, e bastante velho na casa para se permitir questionar o patrãozinho sobre a sua vida, surgiu da zona de serviço. Ouvira os passos e pensou interceptá-lo.

- Não tranque a porta Martinho, estou de volta em duas horas.

- O senhor é que sabe – e afastou-se a arrojar os pés para o local de onde saíra.

Ricardo saiu e fechou a porta atrás de si. Oito anos pesam muito na vida de uma pessoa. Nunca dera por Martinho estar tão velho ao ponto de arrastar os pés.

Embrenhou-se na noite em direção à praça onde residia Isabel Carmona, cujo trajeto conhecia desde que eram os dois bastantes jovens.

Helena, que há horas cogitava como desfazer o equívoco, pois sabia que não ia conseguir manter a farsa, viu-o sair de casa e caminhar pelo

passeio até desaparecer na noite. Depois do que observara no jantar não era muito difícil descobrir o seu destino, e o que ia fazer.

Já tivera vários rapazes interessados nela, todos rapazes do campo, da lavoura, mas nenhum lhe despertou interesse. Não queria um marido analfabeto, queria alguém com quem pudesse partilhar ideias e que admirasse, como admirava Ricardo. Sorte da mulher que casasse com ele. A mãe dizia-lhe sempre que não entregasse a sua virtude a um homem qualquer, ela era especial, merecia um casamento com um homem de bem e com estudos. Helena suspirou e voltou para a cama. Por mais que tentasse, não conseguia ver naquele homem, o padrinho terno, companheiro, que a ajudava nas lições e a incentivava a ler, quando era criança. Deixara de o conhecer. Ricardo era outro homem, transformara-se, ou talvez ela tivesse mudado bastante nos últimos oito anos.

No andar de cima, no quarto do casal, Catarina dava voltas na cama.

- Dorme querida. O que se passa contigo?

- O teu filho não mudou nada. Mal chegou já arranjou cama onde se deitar. Saiu noite fora. Ouviste a porta da frente?

- Ora Catarina, nunca quiseste que ele frequentasse o seminário, e agora queres que um homem feito faça vida de monge?

- Não, não quero... Mas escusava de procurar a...

- A viúva. Queres tu dizer. Estou velho, mas não estou cego, ainda. Ela atirou-se-lhe para cima, como sempre fez. Ricardo nunca negou fogo, é homem, e Isabel não é propriamente uma menina do coro. Porque a convidaste? Não esperavas que isto acontecesse? Eles sempre foram amantes, ou sempre fingiste que não sabias?

José Luís foi bastante incisivo com Catarina. Conhecia bem a mulher que tinha e sabia que ela não eixava nada ao acaso do destino, sabia que ela urdira aquela reaproximação para que Ricardo não se embeixasse por Helena. Mas Catarina também era dissimulada o bastante para ignorar a provocação do marido.

- O nosso filho devia casar-se. Tantas jovens que lhe tenho apresentado! Nenhuma lhe interessa o suficiente para a convidar a sair, nem uma única vez?

- Algum dia isso vai acontecer. Não te preocupes. O teu receio é que a viúva o consiga conquistar – afirmou.

- Não quero uma viúva para esposa do meu filho! – quase gritou batendo com os braços nas coxas das pernas cobertas pela camisa de

cambraia.

- Dorme Catarina. Deixa o rapaz. Ele é homem feito, tem direito a ter as amantes que quiser.

Catarina calou-se. Na verdade, o marido tinha razão, mas Ricardo ainda era o seu menino.

**

A roupa ficara espalhada pelo corredor fazendo rasto até à sala. Isabel não tinha criadas internas, pelo que estava à vontade para receber os cavalheiros que quisesse sem que a criadagem desse por isso. Escudava-se atrás da viuvez de um homem rico e influente, para frequentar a sociedade Lisboa e manter a vida que sempre tivera. Carminda era o seu passe de entrada para as festas mundanas. Por vezes tinha vontade de mandar Ricardo embora. Sabia que ele não a amava como ela o amava e, a maior mágoa que sentia, era ele nunca ter considerado casar com ela, tendo-a «obrigado» a casar com um homem de quem não gostava.

Ricardo acariciava-lhe os cabelos revoltos enquanto ela o fazia torcer-se de prazer. Ondas de calor e espasmos desciam-lhe pelo baixo-ventre até quase explodir. Quase não aguentava mais retardar a explosão dos seus sentidos.

- Para Isabel. Não me tortures mais. Também fazias isto ao Carmona?

Isabel afastou-se dele e riu-se. Jamais o falecido lhe permitiria que tomasse alguma iniciativa. Dava graças de ter conhecido o conde francês que fugira da ocupação nazi e que a consolou, depois que Ricardo partiu do país.

Ricardo ajudou-a a erguer-se e tombou-a no sofá.

- Não quero que te venhas dentro de mim, entendes? – disse ela.

- Sim, já sei – e mostrou-lhe o preservativo que se apressou a colocar.

E com desejo mal contido trespassou-a até à profundidade da sua intimidade, com estocadas ritmadas, ao sabor do ondular das suas ancas, até lhe arrancar gritos de prazer, só depois se deixou ir livremente numa torrente até ao fundo quente e húmido.

- Minha querida, tenho a dizer-lhe que faz as delícias de qualquer homem. Quem tiver a sorte de partilhar o seu leito, sabe o que é a arte de fornicar. Não creio que o falecido lhe desse o devido valor.

Ricardo retirou-se de dentro dela e estendeu-se no tapete macio.

Isabel deu uma gargalhada.

- Na verdade, o falecido – Deus tenha a sua alma em descanso eterno – mal sabia o que era uma mulher. Creio que foi a mãe que lhe disse o que fazer na noite do casamento e, depois dessa noite horrenda, nunca mais me tocou. Acho que ele pertencia a outro «clube», se é que me faço entender!

Ricardo deu uma gargalhada. Claro que sabia. Francisco Carmona casara com Isabel porque era a sua última hipótese de o fazer, e porque a mãe lhe ordenara que assim fizesse, sob pena de o deserdar. Aos quarenta e sete anos casou com uma jovem de vinte e dois, com fama de não ser pura – facto que a renegara para o campo das encalhadas - e passado dois anos morreu de ataque cardíaco. Desde a sua juventude que corriam boatos pela cidade sobre a sua virilidade e gostos estranhos e, nem com o casamento se esfumaram como ele esperava.

Ricardo ergueu o tronco nu e levantou-se de um salto. Vestiu a roupa interior, calças e camisa e preparava-se para se calçar quando ela reclamou:

- Não vai ficar?

- Claro que não, minha querida. Estamos ambos satisfeitos, ou não? Porque se não estiver é só dizer. O acordo é esse. Não há compromissos ou mais envolvimento entre nós. Sexo puro.

- És mesmo um crápula! A tua fama precede-te. – disse Isabel com malícia e um beicinho afetado.

- Nunca enganei ninguém. Todas as que se deitaram comigo estavam informadas do que poderiam esperar – e terminou de calçar os sapatos.

- Volto a vê-lo?

- Claro. Não frequentamos os mesmos círculos?

- Sim, mas refiro-me à minha cama.

- Pois esse é um assunto ao qual não lhe consigo responder. Não agora. Quem sabe? Vamos deixar o assunto assim.

Isabel fez ar de desiludida e Ricardo beijou-a mais uma vez e saiu pelo corredor.

Tinha sido cruel com a pobre mulher, mas ela merecia. Não estava nos seus planos continuar a usufruir da cama de Isabel por muito mais tempo. Mal chegara a Lisboa os amigos colocaram-no ao corrente das novidades. A primeira novidade era que a viúva do magnata dos hotéis da linha de cascais recebia homens ricos para poder pagar as contas. Tudo no mais absoluto segredo, diziam. Ricardo já sabia como eram os segredos em Lisboa. Todos sabiam, todos contavam, e todos pediam segredo. Um

segredo guardado a sete chaves na boca de uma pessoa, demorava vinte minutos a atravessar Lisboa, sobretudo nesta época em que a cidade vivia uma vida social sem precedentes; nos bares dos hotéis de luxo da Costa do Sol, conviviam agentes secretos dos dois campos beligerantes, que se escondiam sob a capa de adidos diplomáticos, refugiados ricos, diplomatas genuínos, estrangeiros de passagem e agentes secretos portugueses, mais ou menos sérios. Mais ou menos sérios, porque os espiões portugueses tinham fama de serem pouco reservados nas suas atividades de espionagem, gabando-se pelos bares e hotéis das suas proezas secretas.

Assobiando, Ricardo saiu para a rua de mãos nos bolsos e a mente num turbilhão. Não voltava ali. Aquela era uma armadilha perigosa. Quando mal percebesse ela estaria grávida e ele não queria bastardos pelo mundo, se não os fizera em África não ia fazê-los em Lisboa. Mas, por outro lado, tinha pena que Isabel fosse uma meretriz. Gostava verdadeiramente dela e desde que ambos eram muito jovens partilhavam os prazeres da carne. Isabel era pura quando ele a deitou na sua cama em Vale de Marias, numa noite de verão escaldante. A jovem escapou-se do quarto que partilhava com a condessa e invadiu o quarto dele sem cerimónias. E ele invadiu a sua intimidade da mesma forma e recebeu a sua pureza, oferecida de mão beijada. Nenhuma jovem de família sairia de tal ato sem mácula. Isabel não se importou, mas pagou um preço alto por se deitar com ele: nenhum jovem da sua idade a queria namorar. Uma catástrofe para a sua família.

**

- Bom dia minha mãe. O pai ainda descansa?

Fazia tempo que Ricardo receava pela saúde do pai que observava a envelhecer rapidamente.

- Bom dia filho. Sim o teu pai ainda dorme.

Helena levantou os olhos da xícara de café preto coado, e pousou-os em Ricardo. Encontrou uns olhos escancarados e surpresos numa face incrédula. Ricardo estava paralisado, mas rapidamente desfez a postura.

- Não acredito! Helena! – disse numa voz grave, de locutor radiofónico.

– És tu? – exclamou reconhecendo-a finalmente. – Bem me pareceu que os teus olhos me diziam alguma coisa. Como tu crescestes!

- Vocês ainda não se tinham cumprimentado? - perguntou Catarina Santana com descaso.

- O... – hesitou sem saber como dizer – padrinho Ricardo não me reconheceu.

- Mas querida...

Catarina voltou-se na direção do filho, ergueu o sobrolho bem depilado, franziu-o e disse:

- A Helena já não é uma menina como há oito anos pelo que dispensa esse tratamento tão...infantil.

Ricardo percebeu a advertência da mãe.

- Helena...como tu crescestes! – repetiu-se. -Porque não me disseste quem eras?

- Sinceramente tinha esperança que não me tivesse esquecido.

- Não esqueci querida...quer dizer, Helena – emendou – mas não ia imaginar que te tornaste numa mulher tão... formosa... linda. Tu estás linda! – desfez-se em elogios com ela, apreciando-a de alto a baixo.

E pegou-lhe nas mãos fazendo-a erguer-se da mesa para a admirar mais uma vez, e melhor, com pormenor.

Do outro lado da mesa Catarina franzia o sobrolho sem parar.

Helena não conseguiu evitar um sorrisinho de satisfação, os elogios à sua feminilidade eram sublimes, mas não lhe escapou o ar de desaprovação da madrinha.

- Ricardo – disse a mãe muito séria.

- Peço-lhe que não se dirija a Helena como se ela ainda fosse criança.

Ricardo estranhou a insistência da mãe em mudar-lhe as palavras, mas era precisamente o que estava a fazer: a tratá-la como adulta.

Depois da mostra de desagrado da mãe, repetida várias vezes, Ricardo calou-se. Estava abismado com a graça de Helena. Nunca imaginou que aquela criança franzina e curiosa pelo conhecimento, se tornasse numa mulher tão fascinante, apesar da simplicidade que emanava. Estava longe de ser uma mulher sofisticada como Isabel, mas a ingenuidade dela era muito atrativa.

Mas o que é que ela fazia ali na casa de Lisboa? A mãe nunca fora muito condescendente com os filhos dos empregados. Agradava-lhe tê-la ali, até porque estava interessado em descobrir se o intelecto acompanhara o exterior, mas era uma surpresa total vê-la sentada na mesa da família.

O silêncio era constrangedor, mas Ricardo não se deixava vencer facilmente pela mãe e, se há oito anos a enfrentou quando partiu para África em busca de paz, fugindo a um destino certo na prisão, agora,

homem feito, não ia sujeitar-se à sua tirania. Amava a mãe, mas reconhecia nela uma tirana. Catarina Cabral Santana, tiranizava todos à sua volta e, quem não lhe obedecesse, pagava caro a ousadia.

- Queres vir passear comigo Helena? Gostava que viesses. Prometo à Dona Catarina, senhora minha mãe, não te levar para sítios impróprios para uma jovem – disse sem olhar para a mãe.

Helena olhou para a madrinha e viu os lábios apertados e o cenho carregado. Queria ir, mas não se sentia à vontade para desobedecer.

- Vai buscar a tua mala de mão se quiseres – proferiu ele com doçura, mas com firmeza.

Helena hesitou olhando para a madrinha. Catarina assentiu com ar contrariado e Ricardo reforçou:

- Sim vai. Espero aqui por ti. – disse ele desafiando a mãe.

Helena saiu e fechou a porta atrás de si.

- Ricardo...sabe o que está a fazer?

- Ora minha mãe! Helena é como se fosse uma filha para mim! Já se esqueceu que fui eu que lhe ensinei a ler as primeiras palavras?

- Não, não me esqueci desse facto e da fama que o menino granjeou como mulherengo e ela já não é criança. Mas não se esqueça da condição dela. É apenas a filha dos caseiros. Só por caridade a trago para Lisboa.

- Que coisa feia, senhora minha mãe. A sua caridade é...digamos que...estranha – coibiu-se de dizer perversa, não queria afrontar mais a mãe, já não tinha idade para isso.

- O menino sempre foi muito insolente.

- É verdade mãe. Não mudei muito, mas continuo a ser seu filho. Volto com Helena para jantar.

E deu-lhe um beijo na face maquilhada.

Qualquer um que tomasse o seu lugar seria um substituto fraco. Amoro, com um amor tão grande que simplesmente não pode continuar crescendo no coração, precisa saltar para fora e revelar-se em toda a sua magnitude.

Anne Frank

Capítulo 2



Aos seus pés estendia-se Lisboa e o rio Tejo. Navios de diversas nacionalidades descansavam nas águas azul escuro, que refletiam a cidade.

Lisboa vista do castelo de São Jorge continuava a ter aquele encanto mágico que ela recordava sempre. Era como apreciar uma pintura.

Helena ficou radiante com o convite de Ricardo para almoçarem numa tasca típica, e subirem até ao miradouro passeando pelas ruas intrincadas do bairro de Alfama.

- Estás muito silenciosa querida – questionou-a.

«Querida» era uma palavra comum na boca de Ricardo desde que era criança, mas aos vinte anos, soava-lhe estranha. Pôs os olhos no chão, corada.

- Passou tanto tempo. Se soubesse como senti a sua falta. Mais ninguém se dedicou a mim como o – ia dizer o padrinho, mas mudou de ideias- senhor Ricardo o fez.

- Senhor não, por favor, Ricardo está bem.

- Porque partiu? Nunca acreditei nas histórias que ouvi.

Ricardo sorriu-lhe e passou-lhe o braço pelos ombros num abraço terno.

Sim, porque partira? Era uma boa pergunta, mas não lhe podia revelar que já não suportava a fama de libertino que criara desde os tempos da universidade, e que o exílio forçado lhe pareceu a melhor forma de se escapar à vida boémia que levava em Lisboa. Mas a verdadeira razão era outra e dessa não podia falar-lhe. Se há oito anos não tivesse partido, não estaria ali, ao lado dela. A vida e a proximidade decerto os iriam separar.

Respondeu vagamente e afastou-se dela.

- Sei lá...tanta coisa...queria aventuras e provar a mim próprio que não precisava da fortuna dos meus pais.

Era uma meia verdade, mas não queria manchar a sua imagem perante Helena.

Helena aproximou-se e enfiou o braço no dele como antigamente.

Ricardo apertou-lhe a mão pousada no seu braço esquerdo e sorriu-lhe. Da menina que conheceu pouco restava, apenas os grandes olhos verdes e os mesmos cabelos castanhos de ondas largas a emoldurar-lhe o rosto. Helena devolveu o sorriso e um sentimento estranho passou entre os dois.

- Tens namorado Helena?

- Não. E o padrinho é casado? Tem filhos?

- Não sou teu padrinho Helena. Agora somos dois adultos e não consigo ver em ti a menina a quem ensinei a gostar de livros...ainda gostas de livros?

- Desculpe, é difícil habituar-me a tratá-lo de outra forma, o senhor não mudou assim tanto e...seja – rendeu-se - vou tratá-lo pelo seu nome. Ricardo. E sim, continuo a devorar livros, mas não consigo convencer os meus pais a deixarem-se continuar os estudos – e atreveu-se a levantar o rosto para o encarar.

- Uma injustiça, eu sei – e beijou-lhe a ponta dos dedos da mão pousado no seu braço.

Helena enrubesceu como um tomate maduro.

- Não precisas de ficar corada. E fica descansada não sou casado, não tenho filhos, sou livre como um passarinho.

- Pelo menos não corro o risco de aparecer uma mulher, por aí aos gritos, a reivindicar o marido – afoitou-se a dizer em tom de provocação.

- Pois não, olha – e apontou para o rio – lá vai um barco para a América.

- Ummm... Pensa em partir de novo? - perguntou ela.

- Não sei. A guerra está a alastrar e tenho que pensar no que fazer à fazenda.

De repente o olhar dele ficou distante e uma ruga de preocupação surgiu na sua testa. Helena continuou a caminhar a seu lado, mas manteve-se em silêncio. Era a primeira vez que andava de braço dado com um homem e o seu coração estava disparado. O fascínio que sentia por Ricardo quando era criança manteve-se, mas agora era um fascínio diferente: um fascínio de mulher, que a deixava muito perturbada. A

madrinha Catarina não ia gostar nem um pouco que se aproximasse do seu filho preferido.

**

- Boa tarde senhor Ricardo. Os senhores, seus pais, esperam-no no escritório – disse o empregado afastando-se em direção à zona de serviço da casa.

- Obrigado Martinho.

Helena percebeu que era um sinal para se afastar. A madrinha não lhe permitia muito mais que tomar as refeições com eles. Participar em conversas de família era-lhe completamente vedado.

- Obrigado pelo passeio senhor Ricardo.

Ricardo tomou-lhe as duas mãos e beijou-as fazendo-a corar de novo.

- Ricardo. O meu nome é Ricardo. Até daqui a pouco – e afastou-se em até ao escritório do pai, ao fundo do longo corredor da mansão.

José Luís e Catarina estavam sentados com ar carrancudo.

- Aqui estou. Aconteceu alguma coisa para me mandarem chamar desta forma tão...formal?

- Na realidade aconteceu – disse a mãe com ar sério.

- Não exageres Catarina – advertiu o marido que não concordava com as posições drásticas da mulher.

Ricardo sentou-se na poltrona de veludo azul, junto à secretária de pau-rosa e disse:

- Queira dizer, minha mãe, sou todo ouvidos.

A mãe levantou-se, ajeitou a saia e o cabelo e virou-se para o filho com cara de caso.

- Por tua causa vou ter que enviar Helena para o Alentejo - disse a matriarca muito séria.

- Creio não estar a entender, minha mãe?

- Não fica bem a um Santana desfilar na rua de braço dado com uma empregada.

José Luís abanava a cabeça em sinal de discordância. Nunca tinham tratado a rapariga como empregada. Se Helena era afilhada de Catarina e considerada como se fosse da família, porquê tanta exaltação?

- E qual é a profissão dela dentro desta casa? – perguntou Ricardo com ironia.

- Ora Ricardo! Não seja insolente! Sabe bem que Helena é filha dos nossos caseiros.

- Sem dúvida que sei. Mas sempre frequentou a casa como se fosse da família e fomos nós que lhe pagamos os estudos, creio eu! O que torna a condição social dela, um pouco diferente. Helena é uma jovem com estudos minha mãe, ou já se esqueceu?

- A tua mãe é uma exagerada – proferiu José Luís. – Já lhe disse que se não quisesse que ela frequentasse a sociedade, não a devia ter convidado para vir para Lisboa, muito menos permitir-lhe que convivesse com os nossos amigos. A tua mãe tem um grande problema de consciência a atormentá-la, não é Catarina?

Ricardo coçou a cabeça, não entendeu o que a consciência da mãe – que raramente se manifestava- teria a ver com Helena.

- Na verdade o Ricardo regressou para tomar conta das propriedades, não foi meu filho? Não deve perder tempo com...

- Com o quê, minha mãe? A senhora já viu o meu tamanho? Por acaso ainda se recorda da minha data de nascimento? Desculpe-me a insolência, mas eu não dependo de vocês para viver, tenho os meus negócios e tomar conta dos vossos é uma questão a ponderar. O meu irmão deve ter uma palavra a dizer sobre isso. Ou não?

- António seguiu a carreira militar, não abdica dela.

- Talvez ele ainda seja útil nesta guerra, apesar de sermos neutros – ironizou Ricardo. - Tenho a certeza que Hitler irá tentar conquistar o mundo e depois disso nada vai ser igual.

- Não duvido uma palavra do que disseste, filho. É uma bênção se Portugal não for engolido por este conflito – disse o pai.

- Há territórios mais apetecíveis a leste, senão pode crer que já estaríamos a fazer continência ao Fuher e a dizer *Heil Hitler*. Mas, na realidade, creio que já estamos a fazer-lhe continência, mas de forma disfarçada.

- Não fales o que pensas em voz alta, Ricardo. Não te quero ver atrás das grades. Mas já fazemos a saudação nazi, sim. Chegaste há pouco filho, vais ficar surpreendido com o que se passa por aqui. As coisas pioraram. É ver a Mocidade Portuguesa a fazer a saudação...e vais ficar abismado.

- Já nada me espanta neste país assombrado, meu pai, e estou muito bem informado – deixou escapar.

- Ricardo, desta vez abstenha-se de emitir opiniões em público com os seus amigos, aqueles, *bordeaux*, escarlates, vermelhos...ou... sei lá o que eles são! –vociferou a mãe muito irritada.

- Olhe minha mãe, não sou homem de me vergar. Não vou fazer uma manifestação contra o regime, não por falta de vontade, mas porque não sou tolo e tenho amor à vida, mas não abduco das minhas convicções.

O pai coçou o cocuruto da cabeça e acendeu um cigarro. Não sabia como o filho tinha apanhado aquelas ideias...e temia pela sua segurança. Mas reconhecia que ele tinha coluna vertebral. Era firme nos seus ideais. Ele próprio não via com bons olhos a posição do presidente do conselho. O povo a passar fome todos os dias, e os camiões do exército português a carregarem diariamente com latas de conserva de sardinha em direção à fronteira, para alimentar os soldados alemães.

- Quanto à vossa herdade no Alentejo, acho por bem contratarem um administrador por uns tempos. Talvez possa ajudar, mas tenho que decidir o destino dos meus negócios, que possuo... na europa e em África, sobretudo quero deixar as pessoas que trabalham para mim em segurança. Sou responsável pela vida deles – disse para os pais.

Ricardo levantou-se e dirigiu-se para a porta.

- Se me dão licença, vou tomar um banho.

- Ricardo meu filho! Peço-lhe que não volte a sair com Helena. Aliás, afaste-se dela, pelo nosso bem.

- Quando a mãe me der um bom motivo para o fazer, pondero a situação. Até lá, desculpe-me, mas a Helena é alguém que eu prezo muito.

E saiu da sala fechando a porta atrás de si com alguma veemência.

- Eu avisei-te – disse o marido.

- Eu é que sei José Luís! Não tens noção do perigo? Vou fazer tudo para os afastar.

- Acredito. Sempre foste uma mulher determinada – ironizou. – Mas há batalhas impossíveis de travar. Sabes que o teu filho sempre foi determinado. Tanto como tu – atacou-a.

Catarina nem se dignou olhar para o marido. Antevia o pior cenário: Ricardo apaixonado por Helena, algo que tinha que evitar a todo o custo. Desde que Helena começara a gravitar em torno de livros, que Ricardo lhe passou a dar atenção, o que durou até ele partir para África. Mas não ia tolerar esta reaproximação. Nem por cima do seu cadáver, ou melhor, teriam que a matar para que os dois...enfim, nem queria pensar nisso.

O verdadeiro amor nunca se desgasta. Quanto mais se dá mais se tem.

Antoine de Saint-Exupéry

Capítulo 3



Helena aceitou ao convite da madrinha para a acompanhar às compras na baixa de Lisboa, temendo que, a qualquer momento, fosse levar uma reprimenda, por ter passado a tarde do dia anterior a passear com Ricardo. Mas Catarina Santana era mais matreira do que Helena imaginava e ficou-se muda como se nada se tivesse passado.

As esplanadas estavam repletas de mulheres e homens sentados a usufruir do sol e, escutavam-se vários idiomas em grande algazarra. Dona Catarina, virava a cabeça, de lado para lado, qual barata tonta, tentando evitar pousar o olhar nos longos decotes das mulheres, nas pernas nuas a mostrar um pedaço de joelho e nos cigarros pendurados entre os dedos, largando espirais de fumo, enquanto bebericavam vinho em pé de igualdade com os homens.

- Que horror! É a isto que nos sujeitam? Deviam fechar as fronteiras. Estão a arrastar os nossos bons costumes para a lama. Os homens serão os maridos das senhoras? Lá se vai o nosso descanso. Como é que os pais podem educar as filhas com exemplos destes? Não acha Helena? A menina não parece chocada?

- Oh! Claro que estou muito chocada madrinha – mas por dentro ria-se e apreciava a liberdade daquelas mulheres que se atreviam até a beijarem os seus homens na boca em plena rua.

- Não vou sujeitar-me a isto muito mais tempo. Prefiro enfrentar os bicharocos do campo a olhar para estas indecências! Oh! Que vergonha! Viu? Viu aquela mulher beijar o homem com a...Credo!

Catarina Santana levou o lenço de cambraia à boca para disfarçar o assombro e de repente enfiou o salto num buraco, torcendo o pé.

Um grito lancinante ouviu-se em toda a praça.

A dama caiu num buraco e lutava contra a dor no tornozelo.

- Tenho o pé partido! Tenho o pé partido! Por favor Helena, chama o carro.

Helena assentiu. Não podia contradizer Dona Catarina Santana. Uma senhora com o temperamento da madrinha não podia ser contrariada. Duvidava que ela tivesse mais que um hematoma pequeno, mas lá que era exagerada era.

Como seria beijar assim? – pensou ao ver um casal entretido no ato. Nunca lhe passara pela cabeça poder fazê-lo daquela forma, mas uma certa excitação cresceu-lhe pelo íntimo. Se estivesse ali com Ricardo o que é que ele diria? Por falar em Ricardo, não voltara a vê-lo desde o dia anterior, mas não se atrevia a perguntar por ele à madrinha.

- Não vou tolerar mais esta falta de decoro. Helena! Vamos embora! Apresse-se! Faça sinal ao motorista para se aproximar com o carro. Não vê que não consigo andar! – admoestou. - Hoje mesmo vou organizar um jantar para me despedir das pessoas. Enquanto durar esta confusão não volto a Lisboa. Maldita guerra, então esse Hitler não os podia...ficar lá com eles, com esses animais – disse com desdém com o sapato na mão apoiada num só pé e a fazer um esgar de dor, mas sem parar de falar como uma matraca.

Helena ficou siderada. Aquilo era o que a madrinha pensava das pessoas?

- Ora madrinha, basta apenas evitar estes locais. atreveu-se a sugerir. – Não precisa de se enterrar no campo – disse pensando que quem iria ser mais prejudicada seria ela que teria que a acompanhar.

- Credo menina! Nem pensar. O senhor presidente do conselho devia proteger-nos destas...coisas – rematou apontando para as esplanadas cheias. – Já imaginou se a guerra começa a sério? Vamos ser invadidos! – gritou.

Helena não comentou. Sabia as opiniões da madrinha sobre os direitos das pessoas que não pertenciam à sua classe social e uma raiva surda teimou em vir à tona. Apesar de estar ali a ser tratada como se fosse da família, estava cansada de ver os pais a ganharem uma miséria de ordenado e a prestarem vassalagem aos Santana, dia após dia.

Só Ricardo parecia pensar de forma diferente dos pais.

Agora, que tinha outro entendimento da vida suspeitava que a partida dele se dera ao facto de discordar das opiniões do estado. Ricardo foi

forçado a afastar-se do continente europeu, pelos pais, sob pena de ser preso e julgado por traição à pátria, tinha a certeza.

Com um sorriso matreiro estampado na face, ao ver o esgar de dor da madrinha, afastou-se em busca do motorista. Se a madrinha soubesse que a França tinha sido invadida por Hitler, não estaria tão descansada. Ouvira os homens no salão a comentarem que as pessoas fugiam aos milhares em direção ao sul de França. O mais certo era chegarem à fronteira portuguesa se os espanhóis não os barrarem. Imaginou o horror daquela gente que fugia das tropas alemãs para não ser deportada para os campos de concentração. Outro facto que quase ninguém suspeitava, era a existência de campos onde as pessoas eram presas e mortas. Não fosse o rádio de ondas curtas que os pais tinham em casa escondido, e também ela não saberia de nada. Entender e falar duas línguas estrangeiras também ajudava muito.

Durante o que restou da tarde ajudou a madrinha a enviar convites para a festa de encerramento da *saison* - como explicava - apesar de o verão apenas ter começado. Catarina por vezes superava-se no ridículo das situações que criava.

Enquanto Martinho levou as cartas para colocar no correio, Helena subiu ao seu quarto. Ao passar pelo escritório escutou vozes conhecidas. Ricardo, António – em visita à cidade- e o pai discutiam em tom acalorado.

- Sabes bem que se continuares com essas ideias de...

- De quê António? Direitos iguais? Escola para todos, acabar com a miséria que existe neste país? Devias viajar mais para saberes como se vivia pela europa antes da guerra. Só em Portugal continuamos com este atraso.

- Olha filho – dizia José Luís com benevolência – aconselho-te a não falares sobre essas coisas abertamente. Além de serem uma tolice, sabes bem que foi por isso que tiveste que partir. Cada pessoa tem que estar no seu lugar e, certas pessoas, não tem cabimento no nosso meio, foram destinados a servir. Nem eu nem o teu irmão te podemos defender mais se insistires em discutir esses assuntos, mesmo que seja só entre os nossos amigos. Sabes que as pessoas que frequentam a nossa casa são apoiantes fervorosas do estado e muito próximas de sua excelência.

- Amigos, pai?! Abutres sim, essa é a palavra que os define. Fiquem descansados. Não vou envergonhar-vos mais e, em breve, vou decidir o

que fazer da minha vida. Não ficarei por cá muito tempo. Não temos a mesma visão da sociedade e, sinto-me a sufocar neste país a tresandar de hipocrisia.

Helena subiu as escadas a correr assim que ouviu os passos de Ricardo. Não queria ser apanhada a escutar a conversa dos outros, mas era a forma de se inteirar do que se passava à sua volta. Esgueirou-se escada acima, mal ouviu as passadas fortes de Ricardo, antes que ele a pudesse surpreender.

**

Como Helena temia, Isabel Carmona fora das primeiras a chegar à festa. Cabelo louro caído em cachos até meio das costas, tapando um decote mais ousado que o da maioria das mulheres presentes e lábios pintados de vermelho vivo era o seu primeiro cartão-de-visita. Depois, a completar a indumentária, um vestido preto travado e sapatos de salto da mesma cor completavam o conjunto de mulher fatal. Isabel virava a cabeça dos homens e despertava a inveja nas mulheres. Ao observá-la, Helena, soube que nunca chegaria à sofisticação da outra. Jamais tivera um vestido seu, não sabia maquilhar-se e, tudo o que vestira até ali era herança de alguém. Em criança a mãe aproveitava a roupa rejeitada pela madrinha, e a roupa que a sobrinha mais velha de Catarina, deixara de usar. Como em todas as festas a que a deixaram assistir, envergava o mesmo vestido, modificado umas dezenas de vezes, à medida que ia crescendo, um vestido azul desmaiado que a madrinha não gostava e que ela temia que rebentasse a qualquer momento de tão lavado que estava. Catarina, uma vez por ano, dava-lhe um dos seus vestidos mais simples. Limitara-se a deixá-lo em cima da sua cama e Helena já sabia que tinha que o concertar para o poder usar.

Isabel, perscrutava o salão com o olhar, em busca de Ricardo e Helena observava-a com despeito. Tinha a certeza que ela ia determinada a arrastar Ricardo consigo, dali para fora, antes do baile terminar. Mas, até ali, ele não dera sinal da sua presença. Helena pegou num cálice de Porto e bebericou-o enquanto se aproximava da janela. Não tinha que conversar com as amigas da madrinha, era até recomendável que não o fizesse e, achou por bem passar despercebida, pelo menos até à hora do jantar. Não aguentava mais, ouvir falar da inconveniência que era Catarina Santana permitir a presença da filha da empregada nas festas da família, mas, se

subisse e se escondesse no seu quarto, depressa seria obrigada a descer ao salão pela madrinha, atitude que não conseguia entender.

Um burburinho na sala anunciara a entrada do cônsul Alberto Cabral e da esposa Márcia acompanhados dos dois filhos. As pessoas corriam a cumprimentar o diplomata e as atenções viravam-se na proeminente figura masculina. Era um homem alto, bem-posto e com ar arrogante. O irmão da madrinha intimidava-a desde sempre. Surpreendia-o a observá-la sempre que visitava a irmã no Alentejo. Chegou a temer que ele a agarrasse e lhe fizesse algo de desagradável, chegando a comentar com a mãe o medo que sentia do homem. Alda desvalorizou o que ela disse, com firmeza e, com um ralhete depois de Helena ter confessado os seus sentimentos em relação ao homem.

- Não gosto do cônsul. Tem uns olhos medonhos. Olha tanto para mim que parece que me quer comer.

- Não sejas tonta Helena! O senhor Alberto ia lá olhar para a filha dos caseiros – exclamou com veemência. - Talvez olhe para ti, porque brincas com os filhos dele. Será melhor evitares a casa grande, assim já não o vês. E Helena, filha, são pessoas de bem, não fazem mal a meninas pobres e sem importância – disse Alda para a sossegar.

Deveria ter por volta dos sete anos quando teve essa conversa com a mãe, mas recorda-se dela como se fosse hoje. A mágoa de ser pobre e sem *importância* ainda a importunava. Quem lhe dera ter opção e sair dali para bem longe.

Sentiu um odor a perfume.

- Querida amiga! Não esperava encontrar-te aqui. Há quanto tempo! – disse a jovem enquanto lhe beijava a face com ternura.

Cristina, a filha de Alberto Cabral sempre tivera uma predileção por ela desde que eram crianças. Entendiam-se nas brincadeiras de caçar bichos-de-conta e guardá-los dentro de caixinhas, observar os insetos que pululavam pelas flores e que faziam a madrinha Catarina fugir, e mais tarde, no início da adolescência passavam horas fechadas na biblioteca da herdade a falarem sobre rapazes e livros. As duas tinham objetivos de vida diferentes: Cristina queria casar e formar família e Helena estudar direito e viajar pelo mundo. Loucuras, como dizia a mãe quando ela abordava o assunto.

- Cristina... Estás tão bonita.

As duas raparigas abraçaram-se e, por cima do ombro da amiga, Helena deu com os olhos no pai da outra a observá-las. Arrepiou-se até às profundezas da alma.

Começava a suspeitar que o irmão da madrinha era um homem, no mínimo estranho. Já ouvira falar daqueles homens que perseguiam jovens com metade da sua idade apenas para se aproveitarem delas e só esperava que o cônsul não fosse um desses. Se ele tomasse liberdades com ela partia-lhe a cabeça com o que tivesse à mão! Oh se partia!

- E a mim, ninguém me abraça?

Carlos o irmão de Cristina, um jovem alto e corpulento para a idade, juntava-se às duas.

- Ora Carlos! Vai procurar os rapazes - disse a irmã empurrando-o levemente.

- Não sem antes cumprimentar a nossa amiga Helena – e pegou-lhe na mão beijando-a, tal como lhe ensinaram no colégio.

- Prazer em rever-te Carlos. Agora já és mais alto que eu! – observou Helena.

Os dois eram da mesma idade, tinham apenas alguns meses de diferença.

- Vou para a marinha. Sabias? – perguntou vaidoso do seu percurso.

Helena abanou a cabeça em sinal de negação, e Cristina empurrou-o de novo em direção ao avô que, entretanto, lhes acenara chamando-os.

- Vou cumprimentar os meus avós. Já volto para pormos a conversa em dia - preferiu Cristina.

Carlos afastou-se em direção ao avô acompanhando a irmã.

Helena assentiu e virou a sua atenção para o exterior da janela. Mais convidados chegavam nos seus carros importados. Os homens com fatos de cores sóbrias e sapatos engraxados, e as mulheres com vestidos coloridos, alguns, últimos modelos copiados pelas modistas, das revistas de moda de Paris, que chegaram antes da ocupação alemã, outros, autênticos, mas com alguns anos.

- Tão sozinha, porquê?

Um sorriso aflorou-lhe os lábios mesmo antes de se voltar.

- Não pertenço aqui...é mais que notório. Nem percebo porque é que a senhora sua mãe insiste na minha presença nas festas da *saison* em Lisboa – disse como se precisasse de justificar a sua presença ali.

Ele franziu o sobrolho e lançou-lhe um sorriso atrevido.

- Na verdade, Ricardo, o meu lugar não é aqui – insistiu ela. - Mas isso agora não importa. Já aqui estou, tenho que aguentar.

Ricardo nada disse, mas olhou-a profundamente. Helena não parecia tão jovem quanto era na realidade. A maturidade com que abordava os assuntos era a de um adulto. Qualquer jovem na posição dela daria saltos de contentamento de estar numa festa da alta sociedade, mesmo sendo filha dos caseiros dos patrões, menos ela. Helena tinha noção do seu lugar e da sua condição social de uma forma que raiva o masoquismo.

- Pois não concordo contigo. Para mim és uma de nós. Sabes o que nos distingue? Apenas o dinheiro. Se os meus pais fossem pobres eramos iguais.

- Mas não somos. Sei isso perfeitamente.

Era fácil pensar assim, quando se está do lado certo. Mas não queria discutir esse assunto. Hoje não. A companhia dele era preciosa e pretendia aproveitá-la, não tardaria a ser resgatado por alguma mulher assanhada.

Ricardo estava de costas para o salão, apoiado na ombreira da enorme janela, parecendo ignorar o resto do mundo. Mas ela via, por cima do ombro dele, os muitos pares de olhos fixados nos dois: a madrinha e o irmão Alberto Cabral, a condessa Carminda que, entretanto, chegara abanando as suas cascavéis de ouro enroladas no pulso, e Isabel que deitava chispas do olhar enquanto atravessava o salão até eles.

- Creio que o procuram – disse Helena.

- Ora, ora. Quem é vivo sempre aparece! Meu querido, venha comigo, temos muito que conversar!

Ricardo voltou-se para Isabel com o cenho franzido e Helena aproveitou para escapar por detrás dele, quanto antes.

- Não creio...- e antes de terminar de responder viu Helena a afastar-se para à sala de leitura.

- Raios Isabel! Creio que temos um acordo, ou já se esqueceu?- perguntou em surdina continuando a sorrir.

- Não. Precisamente por esse motivo estou a reclamar a sua presença junto a mim. Sabe como senti a sua falta durante estes anos? – murmurou ao seu ouvido. – Venha. Vamos escapar daqui – disse ela com autoridade.

Isabel pegou na mão de Ricardo, tendo consciência que todos os presentes estavam a observá-la, e sorriu ao imaginar o cenário de o ter nu na sua cama, e à sua mercê. Ricardo nunca lhe negara nada desde que se conheciam, muito antes de ela casar com o velho Carmona.

Não ia deixar que uma fedelha a cheirar a cueiros o arrebatasse e casasse com ele. Se fosse preciso tomava providências, desta vez Ricardo não fugiria dela tão facilmente.

*Aquele que conheceu apenas a sua mulher, e a amou, sabe mais de
mulheres do que aquele que conheceu mil.*

Leon Tolstoi

Capítulo 4



A música preenchia o salão com uma sonoridade alegre. Sobressaía o som do trompete num solo afinado e os pares dançavam um *swing* ritmado. A um canto, semiescondida, Helena observava Ricardo e Isabel, a executarem passos de dança que lhe pareciam complicados. Não sabia dançar. Por mais que tentasse desviar o olhar do par, não perdia de vista as mãos de Ricardo, soltas, na cintura de Isabel e por vezes mais atrevidas. Alguns homens, de mãos nos bolsos, olhavam para o par com inveja. Todos admiravam a jovem viúva, com formas voluptuosas e cintura fina bem demarcada e, o que os mantinha afastados dela, era Ricardo e a condessa.

Catarina Santana batia o pé, impaciente, ao constatar que o filho dançava com a amante em público, e, ao mesmo tempo, não perdia Helena de vista. Nunca na vida iria permitir que Ricardo se aproximasse de Helena, nem que para isso tivesse que a mandar embora de casa.

- Tornou-se numa bonita mulher – observou Teresa Silveira juntando-se à amiga de toda uma vida.

Catarina virou-se e sorriu-lhe. Sabia bem ao que ela se referia.

- Parecida com a mãe – ironizou Catarina.

Teresa concordou. Desde bebé que Helena era bonita.

- Temo que ainda te dê problemas Catarina...

- Vou fazer o possível para os evitar – respondeu perentória e desta vez não sorriu.

De braço dado, as duas mulheres aproximaram-se do bar. Ambas precisavam de uma bebida forte, cada uma por motivos diferentes.

**

O aroma a cigarro adocicado e a perfume francês surgiu vindo das suas costas. Estava a tornar-se um hábito. Helena não se voltou. Conhecia por demais aquele aroma desde que era criança.

- Minha querida...ficar a observar é horrível. Aposto em como ele daria tudo para a ter nos braços em vez de Isabel. Mas Isabel é mais atrevida que a menina. Ser mosca morta, não lhe trará felicidade.

- Condessa Carminda – proferiu Helena com um suspiro. – A senhora não desiste de tirar elações erradas e de me atazanar com as suas ideias.

- Oh querida! Basta olhar para si. Todos nesta sala já perceberam o interesse de Ricardo ...por si, embora ele dance com outra. Sabe... - Helena virou-se de frente para a condessa – ele é perito na arte da sedução, e noutras, dizem.

Helena não queria saber de pormenores. Admitia o fascínio, mas não lhe parecia correto ter outros pensamentos mais íntimos. Há vários dias que lutava contra a vontade de estar sempre ao lado de Ricardo e até evitava sair do quarto sem a madrinha solicitar a sua presença. A observação maliciosa da condessa começava a aborrecê-la.

- Dona Carminda, a senhora é um anjo. Adoro a sua companhia, mas hoje doí-me a cabeça. Vou subir ao meu quarto. Se a madrinha perguntar por mim, diga-lhe que estava indisposta, por favor.

E afastou-se em passo rápido para a saída do salão tentando passar despercebida. Aquele não era o seu lugar.

Subiu as escadas em passadas lentas e suaves ouvindo a música a afastar-se aos poucos, à medida que mudava de andar. Mal pôs um pé no corredor do primeiro andar, onde ficava o seu quarto, ouviu passos apressados a calcorrearem a escada. Estugou o passo, mas já não conseguiu esgueirar-se por entre a porta.

- Helena!

Parou sem se virar. Como é que ele estava ali, se ainda há minutos estava a dançar com Isabel no salão? Baixou a cabeça, sem vontade de o encarar e esperou. Ricardo pousou a mão quente e firme no seu braço nu, provocando-lhe arrepios de excitação, e obrigou-a a encará-lo.

- Porque saíste do salão?

- Não sei dançar. E ninguém me vai convidar, sou a filha da criada, ou já te esqueceste?

Ele continuava a fazer pressão na sua carne e ignorou a alusão à sua condição.

- Porque não me disseste...eu ensino-te a dançar. E aqui és da família, de uma vez por todas, para com isso.

- O senhor Ricardo tem mais que fazer do que ocupar-se comigo. Já não sou uma criança. Desça e vá conviver com as pessoas. É o seu meio, é lá que pertence. Eu não. Não pertenço ali – disse apontando para o andar de baixo.

De repente ele cingiu-a a si e, do nada, beijou-a nos lábios. Helena não reagiu, mas a candura daquele beijo provocou-lhe um estremeção. Ricardo insinuou a língua na sua boca, as mãos pela cintura e apertou-a junto ao seu peito.

Desconhecia-se desde que a vira no dia do chá de caridade da mãe. A vontade de estar com ela e de a possuir era imensa, mas o respeito que lhe tinha, também.

Helena não sabia beijar, nem o que fazer com um homem, percebeu de imediato. À medida que ele lhe mordiscava os lábios ela tentava corresponder, mas Ricardo viu inexperiência.

- Não...- disse tentando desenhencilhar-se dele. – Não podemos. Não posso.

- Não podes? Ou não queres? Helena minha querida...- e apertou-a nos seus braços de novo – fazes ideia de como és adorável? Metade dos homens daquele salão davam tudo para te ter. Os outros só não se candidatam porque são velhos, já não tem vigor suficiente – disse a rir. – Mas pensam em ti tal como eu.

- Está a rir-se de mim?

- Não querida! Estou a dizer-te que estou louco por ti desde que voltei. Tornaste-te numa mulher linda – e sedutora sem dar por isso, pensou – e...eu não consigo ficar longe de ti.

Escondida pelo corrimão de madeira polida, que desembocava no primeiro andar, Catarina observava a cena visivelmente irritada. Como é que não previu que Ricardo podia interessar-se pela criada? Conhecia bem o filho que tinha, desde a adolescência que não resistia a uma rapariga bonita, mas nunca pensou que a filha dos caseiros lhe interessasse.

O par continuava a beijar-se, e Helena colocou os braços em torno do pescoço dele.

Arrepiada, Catarina desceu as escadas em surdina, pisando na passadeira com cuidado para não se denunciar.

Amanhã tomaria providências.

Helena não conseguiu conciliar o sono. Um misto de prazer e culpa, por estar a cometer um pecado, assombrou-lhe os pensamentos durante o que restou da noite, depois da festa terminar.

De madrugada levantou-se para refrescar o rosto com água, ainda sentia o toque da pele dele e, na boca, o sabor. Nunca imaginou o que um beijo podia fazer a uma mulher, um beijo sensual, erótico, e as mãos de um homem faziam maravilhas que desconhecia por completo. As mãos de Ricardo eram macias, firmes e tinham uma ligeira penugem. Em frente ao espelho, reconheceu que a sua aparência podia provocar um homem e que o seu comportamento não foi o mais adequado. Não lhe devia ter permitido tantas liberdades com o seu corpo. Mas, como dizia a mãe, não adiantava chorar sobre o leite derramado. Agora tinha que erguer a cabeça e enfrentá-lo. Entendia agora a natureza da perseguição que Isabel Carmona lhe fazia: Ricardo sabia excitar uma mulher até a colocar onde ele queria e, se não fugisse, sabia que não lhe resistiria por muito tempo. O fascínio que sentia por Ricardo, era o mesmo de quando era menina, só que agora eram ambos adultos, o que mudava a natureza dos afetos. Ele era um homem culto, educado e com assunto de conversa inesgotável. O que mais apreciava nele desde criança, era a sua infinita paciência para a ensinar, para lhe falar de história, do mundo e das pessoas. Ricardo fora uma espécie de padrinho que sempre lhe facultou a entrada em casa como se fosse da família. Dificilmente esqueceria aqueles olhos castanhos e o sorriso sedutor. Parecia um ator do cinema americano, ouvira naquela noite, dizer às filhas casadoiras das amigas da madrinha. E todas o queriam, contra as recomendações dos pais, de que Ricardo não era um homem confiável.

**

- Amigo Ricardo, as coisas não mudaram muito desde que saíste do país, a não ser a tua capacidade de reunires mulheres à tua volta – dizia o outro ao mesmo tempo que lhe piscava o olho. - Um dia quero saber essa fórmula secreta que tu possuis, para conquistares o sexo feminino.

Ricardo riu-se. Sebastião Almeida era o seu melhor amigo desde a faculdade em Coimbra. Juntos passaram a vida académica em grande farra, mas também era o companheiro de ideais, tema que mais os unia. Os dois tinham a mesma visão do mundo e do que seria uma sociedade justa para o seu povo, e tinham muita pena de ver Portugal subjugado por uma ditadura com mão de ferro de Salazar.

- Ora Sebastião. Não sejas modesto. Tens uma mulher adorável, não te queixes – e deu-lhe uma palmada amigável no ombro.

- Aceita uma bebida? – perguntou Ricardo. – Estou a precisar de uma bem forte.

- A vida pregou-te alguma partida? – perguntou com ironia disfarçada olhando para Helena. – Não esperavas encontrá-la tão crescida, tão... mulher, pois não?

- Não. Esqueci-me do que o tempo faz às pessoas. Em África o tempo não existe, por incrível que pareça. Esqueci-me por completo da urgência que têm os europeus. Crescem depressa, casam cedo e morrem cedo também.

Bebeu o liquido do copo de um trago.

- Recordo-me que dizias que só te casavas com uma mulher que fosse inteligente como a afilhada da tua mãe e que o dinheiro não importava. Será que...

- Não me atormentes mais amigo. Já me estou a sentir o pior canalha de sempre. Mas não, isso não vai acontecer. Sabes que estou de passagem, em breve tenho que partir. Foi apenas um devaneio.

**

Ricardo subiu ao quarto antes do baile terminar, com uma garrafa de whisky surripiada da garrafeira do pai, e uma culpa que pesava mais que tudo na sua vida. Aos trinta e quatro anos nunca se deixara atrair por nenhuma ninfeta, e podia gabar-se de se ter deitado com muitas mulheres, mas nunca com uma tão jovem quanto Helena. Beijá-la e abraçá-la, ainda ficava muito distante de a deitar na sua cama, ou nalgum campo de flores do Alentejo e, fazê-la sua estava fora de questão, mas, o sentimento por ela era devastador. Não sabia se a conseguia amar da forma que ela merecia. Helena não era uma mulher qualquer, era uma mulher que merecia um homem que lhe desse uma vida, uma família, um lar, algo que ele não seria capaz de lhe dar, mas, sobretudo que enaltecesse o seu intelecto, o que ela tinha de mais fascinante depois da beleza. A cada pensamento impuro com Helena ingeria um trago do copo como expiação, esperava que o álcool lhe apagasse o desejo, e a culpa.

Oh raio de tesão que aquela morena de olhos azulados ou esverdeados – já nem sabia – lhe causava. As mulheres são e sempre foram a sua perdição.

O whisky acabou por o vencer de bebedeira e exaustão.

**

Era a última peça de roupa que enfiava na mala de cartão castanho. Não se surpreendera com a ordem da madrinha. Quando a chamou ao escritório já adivinhara o que se seguiria.

- Estou muito desiludida contigo Helena. Sempre foste tratada como se fosses da família, mas há limites que não podes ultrapassar. O meu filho é proibido para ti. Entendes?

Helena abanou a cabeça concordando.

- Não volto a falar nisto, e não quero que convivas mais com Ricardo. Arruma as tuas coisas já. O motorista vai levar-te a casa dos teus pais e estás proibida de entrar na casa grande da herdade, enquanto lá estivermos.

Foi como se lhe tivesse dado um estalo com luva de pelica. Não dói tanto, mas não deixa de magoar. Não argumentou nem se defendeu como era habitual em si. Assumiu a culpa e, sem proferir qualquer palavra subiu as escadas e fez a mala com os poucos pertences que possuía.

Sentou-se na cadeira junto à enorme vidraça que dava para o jardim a olhar para o vazio e esperou que Martinho a chamasse. Não queria correr o risco de encontrar Ricardo e explicar-lhe que tinha sido mandada de volta a casa e, muito menos o motivo pela qual isso sucedera.

Talvez ele tivesse sido o ordenante da sua expulsão? Essa ideia começava a tomar forma na sua mente. Ele não a queria em Lisboa na mansão da família. Caíra em desgraça ao deixar-se beijar por Ricardo.

Não tardaram alguns minutos, que ouvisse os pés do mordomo a arrastarem-se no chão, pelo amplo corredor rumo ao seu quarto.

- Sinto muito, menina Helena – disse pesaroso.

Martinho gostara sempre daquela menina que não merecia tamanha sorte. – Mas Inácio espera-a no pátio traseiro para a conduzir a casa no carro dos patrões.

- Não se apoquente Martinho, vou sobreviver – gracejou para aliviar o ambiente.

- Sei que sim, menina. A menina é forte. Faça boa viagem – e agarrou na mala para a levar até ao carro.

Helena retirou-lha das mãos e proferiu.

- Nem pensar. Quem leva a mala sou eu. A nossa condição aqui é igual. Somos ambos empregados e eu estou mais folgada de trabalho que o senhor Martinho, para além de ser muito mais nova e ter mais força.

Levantou o queixo, deu um beijo nas bochechas chupadas e rugosas do velho mordomo, e pegou na mala, afastando-se pelo corredor, até desaparecer na escada de meia-lua que desembocava no piso térreo. Martinho ficou a abanar a cabeça. Servia naquela casa há mais de cinquenta anos, e conhecia todos os segredos daquela família, esperava que algum dia fosse feita justiça com quem não se sabia defender. E Helena não se podia defender do poder dos Santana. Se ela soubesse o quanto aquela família era pérfida, não olharia mais para nenhum deles!

Capítulo 5



A sensação de lhe terem rebentado com a cabeça era insuportável. A dor latejante nas têmporas não o abandonava nem depois do banho. Barbeado e vestido com calça bege de linho e camisa branca a acentuar-lhe a pele morena e o castanho dos olhos, Ricardo desceu as escadas até à cozinha. Ia socorrer-se das mezinhas de Martinho para a ressaca. Encontrou a cozinheira e duas ajudantes a terminarem o almoço e o velho mordomo sentado numa cadeira a descansar. Nem precisou falar. Martinho estendeu-lhe um copo já preparado com uma mistela amarga que só ele conhecia, mas que em meia hora lhe tirava os efeitos de meia garrafa de álcool. Ricardo não se reconhecia nas suas ações nos últimos dias. Perdera a serenidade de espírito e as convicções em relação às mulheres.

Partia dentro de três semanas para parte incerta, apenas esperava ordens superiores, e já causara estragos para uma vida inteira na vida de Helena. Mas não conseguia tirar aqueles olhos da mente. Helena estava entranhada na sua pele como a sarna na pele de um doente. Mulher alguma tivera esse poder sobre ele, nem mesmo Isabel com quem mantinha uma longa relação de amante.

A guerra era inevitável e, a demonstrá-lo, estavam os inúmeros judeus que conseguiram fugir da perseguição das novas leis raciais da Alemanha e da “Noite de Cristal” onde, segundo os jornais ingleses, foram destruídas mais de duzentas sinagogas, encerradas lojas e enviadas trinta mil homens para campos de concentração. Um horror que Ricardo não aceitava e que ia combater conforme pudesse. Os alemães tinham entrado n França há dias e havia muito trabalho a ser feito para evitar que ganhassem mais terreno.

Tinha que encontrar Helena e vê-la de novo antes de partir. Ninguém o iria afastar dela, a não ser ela própria. Entrou na saleta verde convencido

que a ia ver com um livro nas mãos, embrenhada na leitura. Mal abriu a porta, deu de caras com a mãe que levantou o sobrolho bem delineado.

- Boa tarde. O almoço vai ser servido em meia hora. – disse ríspida.

- Boa tarde minha mãe. Peço desculpa de me ter levantado agora, mas...

- O álcool não é bom para dormir.

- Não volta a suceder minha mãe.

Apesar de ser homem adulto e não depender dos pais, sempre que vinha a casa fazia questão de respeitar as regras e, sempre lhe ensinaram a não ser ocioso, logo, levantar-se a horas de tomar o desjejum com a família, era fundamental.

- Entendo – disse Catarina sem levantar a cabeça do bordado.

Ricardo sabia o que queria dizer aquele “entendo”, sempre fora assim.

A mãe amava-o *incondicionalmente*, dizia ela, desde que ele fizesse o que ela pretendia. Durante os anos em que estudou em Coimbra começaram os conflitos em casa. As ideias que absorveu da vida académica eram contrárias aos interesses e posição da família Santana, família burguesa, abastada e apoiante incondicional do Estado Novo de Salazar.

- E Helena? - perguntou ele.

- Estava a ver que não perguntava. Helena partiu hoje de manhã. Pela tarde deve chegar à herdade – e continuou a folhear a revista de moda.

- Porquê? – perguntou ele.

- Estava a imiscuir-se demais nos assuntos da família.

Ricardo sorriu com cinismo.

- Não creio. Helena é uma jovem muito respeitadora e conhece o seu lugar. Já entendi mãe. Creio que não vou almoçar – e encaminhou-se para a porta. – Ah! Não esperem por mim para jantar. Não sei quando volto.

- Ricardo volte aqui! – chamou-o em vão. – Temos que conversar acerca de...- e já não completou a frase. Ouviu os passos fortes na escada a sumirem-se à medida que se afastava até ao primeiro andar.

Ricardo tirou a mala do armário começando de imediato a arrumar toda a sua roupa. Ia atrás de Helena. Não sabia se era certo; não sabia o que lhe dera de repente; não sabia o que sentia por ela, mas tinha que a ver ao menos uma última vez, tocar-lhe e fazer loucuras com ela, depois talvez se curasse dessa obsessão. Era assim com todas as mulheres, ao fim

de um tempo fartava-se. Apenas com Isabel a coisa durava desde a juventude dos dois, com épocas mais ou menos distintas. Ora a procurava com frequência, ora se esquecia dela quando encontrava outra mulher.

Aqueles pensamentos não lhe agradavam, faziam dele um canalha, e Helena era a sua protegida. Mas, fora há tantos anos que, quase não conseguia encontrar a menina naquele corpo de mulher adulta e desejável.

**

- O que aconteceu Helena? – perguntou Alda com ar de preocupação quando a viu chegar com o motorista. – Sabia que esse convite da tua madrinha era um tanto precipitado. Por mim não terias ido.

- O padrinho Ricardo voltou. Ela não me quer por perto.

Alda estremeceu. Claro que não queria. Nem ela.

- Afasta-te dele minha filha. O senhor Ricardo é um bom homem, justo, muito diferente dos pais que tem, mas é um valdevinos mulherengo. Não te esqueças que tem quase o dobro da tua idade.

- Já sei mãe. Preciso de me afastar daqui, quero estudar. Deixem-me ir para a faculdade? – pediu.

- Não temos dinheiro Helena. Tu sabes isso. Os teus padrinhos prometeram que te mandavam estudar, mas parece que se esqueceram. Helena, não tenho coragem para pedinchar. Sou demasiado orgulhosa. Pobre, mas orgulhosa, e não passo de uma empregada, não te esqueças disso também. Eu e o teu pai temos imensa pena de não te darmos o que queres, sei que ia ajudar muito a tua vida, mas não temos dinheiro para isso com a miséria que ganhamos, mas filha, estou muito agradecida de os senhores nos darem trabalho e terem-te pago o liceu.

Helena compreendia a mãe. Catarina prometera mandá-la estudar, mas assim que terminou o liceu, fechou-se em silêncio sobre o assunto.

- Não te preocupes mãe, eu dou conta da minha vida. Em breve vou arranjar o que fazer, um emprego que me possa sustentar, e longe daqui. Com o que já estudei não vai ser difícil encontrar um bom lugar num escritório. Sei escrever bem, estenografia e dactilografia e falo duas línguas estrangeiras. Vou dar-me bem em Lisboa como secretária de uma firma qualquer.

- É isso que me dói. Saber que um dia partes da herdade para longe, quem sabe se para nunca mais nos vermos. Mas se tens que ir à tua vida, vai com a nossa bênção.

- Não exagere mãe, por enquanto não sei ainda o que fazer, por isso fico mais uns tempos. Vou ajudar-te com a casa e os teus afazeres, e, entretanto, vou amadurecendo as minhas ideias sobre o futuro.

Alda beijou-lhe a face rosada e afagou-lhe os cabelos escuros caídos em cachos pelos ombros. A sua menina tinha sido sempre tão ponderada que não estranhava aquela decisão.

- Não é necessário querida, este trabalho é leve. Sabes que gostaria de te ver com um diploma do curso que gostasses...

- Sei mãe. Adoro-a.

E adorava mesmo, nunca tivera dúvidas do amor dos pais. Cresceu com amor dos dois e reconhecia o esforço que fizeram para a manterem a estudar no colégio, mesmo com a ajuda da madrinha Catarina.

**

O verão tinha começado em força e, apesar do calor ser menos intenso pela manhã, a temperatura ficaria insuportável a partir das onze horas, até à noite. Helena levantou-se cedo, pegou numa merenda e na mala das aguarelas, e dirigiu-se à ribeira, onde estava mais fresco, junto ao curso de água. Sempre teve jeito para desenhar e pintar. Foi uma aluna brilhante no liceu na disciplina de desenho. A professora incitou-a a frequentar Belas Artes, mas estava mais inclinada para a advocacia - talvez por influência de Ricardo que sempre lhe falava de justiça -, ideia que adiará por falta de dinheiro.

Calcorreou as margens do velho curso de água - que atravessava a herdade - até uma lagoa, e preparou o estojo de desenho. Estendeu uma manta no chão e sentou-se para pintar. Tirou pincéis da maleta, o papel e as tintas e, com a prancha na mão, iniciou o esboço do lago formado na curva do curso de água onde patos e outras aves, se banhavam nos asseios matinais, limpando as camadas de penas.

Aos poucos mergulhou no ato criativo e esqueceu-se da afronta da madrinha e até de Ricardo. Era só ela, a natureza, o papel e o pincel na sua mão, a deslizar construindo formas na superfície branca.

**

Alberto Cabral entrou no átrio do hotel, pediu a chave e subiu no elevador até ao terceiro andar. Adentrou a suite com o coração a rejubilar e verificou se tudo estava como pedira.

O balde de gelo continha uma garrafa do melhor champanhe francês, e o carrinho estava fornecido com chá, biscoitos e fruta. Despiu o casaco

de *terylene* azul-marinho, e ficou em mangas de camisa recostando-se numa das poltronas.

Fechou os olhos por momentos e o cansaço venceu-o passando ligeiramente pelo sono. Deviam ter passado apenas uns segundos quando ouviu o matraquear dos sapatos de salto alto, no corredor, abafado em parte pela alcatifa, e a chave a entrar na fechadura.

Despertou. A porta de ligação abriu-se e ali estava ela, esplendorosa como há vinte anos atrás. Teresa abriu a porta e entrou com toda a sua majestade no quarto.

- Que saudades! – disse Teresa pendurando-se no pescoço de Alberto.

Alberto estreitou-a contra si e beijou-a ardentemente nos lábios. Nem o passar dos anos esmorecera aquele amor avassalador. Há quase vinte anos que lamentava só a ter conhecido quando já estava casado com Márcia.

Era um homem de palavra e de família, jamais iria abandonar a esposa, mas não prescindia de Teresa Silveira. Teresa era o seu amor secreto, a mulher da sua vida, aquela a quem amaria para sempre, em segredo.

Uma hora depois.

- O que é que vês lá fora que possa interessar-te mais do que eu? – perguntou Teresa envolvendo-se no lençol e aproximando-se também da janela.

- Nada amor – respondeu Alberto abraçando-a. – Estava a pensar em como...tu sabes...

- É – concordou. – Olho para ela e não me perdoo do que fizemos. Mas não seria capaz de enfrentar o escândalo. Temo que a tua irmã esteja saturada da situação, para mais agora que Ricardo está em casa novamente.

- Temos que a afastar de casa. Vou libertar uma verba para a mandar estudar, talvez no Porto. Aí fica bem longe do meu sobrinho mulherengo.

Teresa sacudiu o cabelo cor de cobre claro, e puxou-o de novo para a cama. As oportunidades de estarem juntos eram tão escassas, que, aproveitavam bem os momentos. Não sabiam quando haveria oportunidade de se voltarem a encontrar. Alberto ia partir de novo para o sul de França dentro de semanas, para retomar funções no consulado. A guerra estava a alastrar e havia muitas decisões diplomáticas a tratar.

**

O *Mercedes Bens Type 770* parou no pátio da casa grande. Alda correu a ver quem chegou, e o seu coração ficou pequenino mal avistou o carro. Ricardo Santana saiu do bólido preto e, não fosse o sorriso largo e franco, sempre com aquela boa disposição, não o teria reconhecido de tão tisonado que estava do sol. Há oito anos que não o via, e o homem que estava na sua frente pouco tinha a ver com o jovem que partira em busca de aventuras.

Ricardo deu-lhe um abraço sem que Alda tivesse tempo para pensar. Alda fora sempre a empregada favorita. Protegia-o a ele e a António, das regras obsessivas da mãe, em relação ao asseio, para além dos maravilhosos lanches que lhes preparava. Mas hoje procurava outra coisa.

- Senhor Ricardo. Bons olhos o vejam. Há tanto tempo que não o víamos por aqui! É impressão minha ou o senhor cresceu? – e afastou-se para o observar melhor.

- É verdade Dona Alda. Devo ter crescido – e deu uma gargalhada. - Também tinha saudades suas e dos seus lanches. – disse enquanto lhe voltava a apertar as mãos entre as suas.

Depois de alguns minutos em que contaram as novidades um ao outro, Ricardo abriu a bagageira do carro e retirou a pesada mala contendo toda a sua roupa.

- Vou ficar uns dias por cá – e pousou-a no chão.

Alda já sabia o que tinha a fazer. Arrumar tudo no quarto dele. Mas esperava a todo o momento que ele perguntasse por Helena. Não lhe restava alternativa senão dizer onde ela estava, sabia bem que ele viera atrás da sua menina, e essa era a sua maior preocupação. Não podia acabar bem. Há anos que temia que algo semelhante pudesse acontecer.

Ricardo carregou a mala até ao quarto no andar de cima e Alda chamou uma das criadas para que arrumasse a roupa nas gavetas e pendurasse os fatos do senhor.

- Quer que lhe prepare um lanche menino Ricardo?

Ricardo riu-se. Para Alda ele não tinha crescido, e quando estava descontraída tratava-o como quando ele era criança.

- Obrigado Alda. Não é necessário. Mas se me disser onde está Helena agradecia-lhe imenso.

- Já esperava essa pergunta – e colocou os olhos no chão, triste.

A sua vontade era dizer-lhe que se fosse embora, que a deixasse em paz, mas ele era o patrão e Helena...bem...era ela que decidia. Por mais

que amasse a filha não podia decidir a vida dela.

- Está na charneca lá para os lados do lago, aquele lago formado na ribeira onde vocês costumavam pescar.

- Obrigado – e desceu as escadas apressado até à rua.

Ricardo dirigiu-se à cavalaria e pediu ao moço de estrebaria que lhe selasse o Branquinho, há anos que não o montava.

O cavalo reconheceu-o de imediato e aproximou o focinho dele para o cheirar. Ricardo afagou-lhe a cabeça e uma lágrima teimou em deslizar. Temeu pela vida muitas vezes e, de quem tinha mais saudades era do seu cavalo, o único que não o questionava.

Com uma espingarda pendurada ao ombro, a passo, avançava lentamente pela estrada de terra em direção à charneca, debaixo de um sol abrasador. Quando saía pelo campo levava sempre a arma consigo. Desde que sofreu a emboscada que não se atrevia a andar por ali sem proteção.

Passaram oito anos e o tempo por vezes é suficiente para esquecer alguns factos, mas, doravante ia ter mais cuidado em manter as suas opiniões num círculo restrito, podia ser preso por atividades subversivas contra o governo, e não queria desperdiçar o resto da sua vida no Tarrafal, ou ser assassinado pela polícia do estado. Ser republicano e democrata ia-lhe custando a vida, numa época em que a ditadura do Estado Novo se instalara de forma devastadora para o país. Ou ficava e sofria as consequências, ou partia e deixava as hostes acalmarem. Partiu e nem por sombras sonhava com o que lhe aconteceu mal pôs os pés no porto. A África do Sul e depois Angola foram os maiores desafios que alguma vez enfrentou na vida, mas a vantagem de um homem desaparecer no continente africano tinha-lhe sido muito útil.

Os pensamentos com o seu passado recente, esvaíram-se quando a avistou lá em baixo junto ao lago, sentada na manta, debaixo de um enorme choupo, concentrada na prancha de desenho. Desde criança que bastava ter um lápis e um pedaço de papel e rabiscava qualquer boneco. Helena era ágil de mente e habilidosa, embora se tivesse tornado numa mulher um pouco tímida; ou talvez fosse impressão sua e ela não fosse tão tímida.

Desmontou do cavalo e levou-o pela rédea. Helena ouviu o som dos cascos no chão de barro ressequido do calor e ergueu os olhos da pintura.

A vermelhidão subiu-lhe à face. Mau grado o calor que já se fazia sentir, de certeza que não corara por isso.

Ricardo estava a menos de trinta metros de distância e não podia estar mais bonito. A camisa branca e as calças de montar castanhas enfiadas nas botas altas faziam-no parecer mais imponente e poderoso. Lentamente, com gestos precisos amarrou o cavalo a um galho de árvore e percorreu o resto da distância a pé.

Helena ficou hipnotizada por aqueles olhos castanhos. Admirou-lhe os ombros largos, as coxas fortes e pernas longas metidas nas botas de couro preto. A camisa branca com o colarinho desabotoado deixava ver os pelos do peito e a pele morena tornando-o irresistível aos olhos dela. Na mão trazia uma chibata, e ao ombro a caçadeira.

Ricardo sorriu-lhe e sentou-se a seu lado assim que depositou a arma no chão a uma distância segura. Estendeu as pernas longas e recostou-se nos antebraços em silêncio apreciando a paisagem calma e a linda mulher que tinha a seu lado.

A fresquidão da sombra das árvores frondosas protegia-os do calor abrasador.

- Sabia que vinhas – disse ela continuando a pintar.

- Eu também. Achavas que ao partires eu me afastava de ti?

- Não – disse com certeza. - Porque foste embora há oito anos? Quero a verdade. Corriam conversas pelos montes, que tinhas partido para Nova Iorque atrás de uma fadista que conheceste numa casa de fados.

Apesar de ser verdade que tinha partido, era apenas meia verdade, foram os amigos que, a seu pedido, espalharam a mentira. Mas ela não precisava saber.

Deu uma gargalhada um tanto forçada, mas Helena não percebeu. Era demasiado nova para entender o que tinha acontecido nessa altura.

- Na verdade foi por...por ser republicano. O que é que tu sabes sobre este governo...esta ditadura que estamos a viver? – disse em tom baixo.

Todo o cuidado era pouco, mesmo no meio de nenhures onde só a natureza parecia rodeá-los, mas Ricardo sabia que não era assim, por detrás de uma árvore, uma moita, ou escondido nas ervas secas, podia estar alguém a ouvi-los.

- O suficiente para não gostar. Foi por um triz que não fui obrigada a pertencer à Mocidade Portuguesa...

- Pois eu um dia recusei-me a fazer a saudação romana na universidade e comecei a ser perseguido pela polícia do estado. Claro que eles tinham motivos para isso, não sou um fervoroso apoiante de Salazar.

- Não digas a ninguém, mas desde menina que me escondo atrás dos reposteiros do salão de jogos a ouvir os homens falarem de política – revelou enquanto deslizava o pincel pela folha, pintando laivos azuis a compor o lago.

Ricardo deu outra gargalhada. Lembrava-se bem de lhe vislumbrar as pontas dos sapatos por debaixo das pesadas cortinas de veludo vermelho e de sorrir para si, enquanto ela ali permanecia escondida a ouvir as conversas dos homens.

- Tinha a certeza que continuavas a ser a mesma Helena inteligente e curiosa – e passou-lhe os dedos pelos fiapos de cabelo caídos pelas costas.

- Helena...não vou pedir-te desculpa de te ter beijado porque sei que tu também querias. Ou não? –Ela assentiu com a cabeça, corando de imediato. Ainda tinha o seu sabor na boca. Jamais o esqueceria.

- Sei que a minha mãe te mandou embora e, se me disseses que não me queres aqui, parto de imediato.

Helena pensou durante uns segundos e respondeu:

- Não Ricardo. Fica por favor.

Ricardo tirou-lhe a prancha do colo e suavemente derrubou-a na manta ficando debruçado sobre ela a escassos centímetros da sua boca. Os lábios encontraram-se e desta vez Helena ousou mais e atreveu-se com os seus lábios, beijando-o apaixonadamente e enfiando as mãos no peito duro e musculado.

Pela segunda vez nos últimos dois dias a consciência silenciosa de Ricardo, escandalizada, vociferou:

«Canalha, que pensas estar a fazer?»

Mas Ricardo sabia bem o que estava a fazer.

Então, sossegando aqueles olhos verdes profundos, grandes como amêndoas, disse:

- Isto é para ser partilhado, o nosso...amor. Ficamos por aqui ou posso atrever-me a...- e começou a desabotoar-lhe o vestido deixando-lhe o soutien a descoberto.

Helena sentiu a excitação do sexo e do perigo de serem surpreendidos, a percorrer-lhe a espinha. Sem força nas pernas, sem vontade própria, fechou os olhos e deixou-o à vontade para lhe fazer o que quisesse.

Com dedos experientes Ricardo enfiou a mão no decote do vestido de Helena e soltou-lhe o seio da proteção almofadada da peça íntima.

Primeiro um e depois outro. Os bicos castanhos eretos e virgens apontavam para o céu. Ricardo passou a língua por um e depois por outro, sorveu, mordiscou e Helena gemeu de prazer.

Ele parou, ela contorceu-se, e pediu mais. Ricardo mergulhou os lábios nos dela e suavemente insinuou a mão por baixo do vestido e afagou-lhe o interior das cochas. Helena agarrou-se a ele com fúria e percorreu-lhe as costas por baixo da camisa desfraldada e aventurou-se no interior das calças de montar encontrando a intumescência de Ricardo.

Uma confusão de mãos, línguas e dedos passeavam pelos corpos ardendo de desejo. Ricardo não queria desflorá-la, mas não sabia quanto tempo iria aguentar sem o fazer. Era homem e os homens não foram feitos para refrear desejos, muito menos ele.

Enquanto o par se entretinha com caricias e beijos, no cimo da colina atrás de uma velha azinheira, Filipe Aguiar, filho do vizinho da herdade contígua, observava o casal com a mão metida dentro das calças fazendo movimentos ritmados, enquanto planeava o golpe que iria dar em Helena.

Na próxima vez seria ele a estar no lugar de Ricardo.

Oh se seria!

Helena já o rejeitara um par de vezes, mas, desonrada, como estava prestes a acontecer, também ele se serviria dela. Antes servir-se dela que ir às *meninas* a Badajoz.

Filipe abotoou a braguilha e ajeitou a roupa dentro das calças. Endireitou-se e rumou a Vale de Morenas, de onde saiu em busca de caça, mas com a certeza que Helena estaria debaixo dele da próxima vez que a encontrasse.

Eis minha dama. Oh, sim! É o meu amor. Surge, formoso sol, e mata a lua cheia de inveja, que se mostra pálida e doente de tristeza, por ter visto que és mais formosa que ela!

William Shakespeare

Capítulo 6



Helena acordou inquieta, resultado dos pesadelos durante a noite, revirando-se na cama uma e outra vez, até amarfanhar os lençóis e o desconforto aumentar. Uma lembrança ténue e aterradora, de se ver numa estrada, descalça e só, a caminho de uma floresta densa e húmida, enquanto Ricardo se ria na sua cara, e a madrinha lhe berrava que nunca mais voltasse a casa.

Não passava de uma prostituta, reles e desavergonhada, berrava-lhe Catarina empurrando-a porta fora das paredes da casa grande.

As pálpebras pareceram-lhe ter lastros de aço quando fez um esforço para as abrir e, quando finalmente conseguiu, desejou não o ter feito. A cabeça...doía-lhe tanto que parecia estar esmagada, e a luz do sol, que entrava pela janela, fazia-lhe arder os olhos. Incomodada, virou as costas à claridade e, deparou-se com uma mulher alta e de uniforme azul com avental sentada na cadeira ao lado da cama.

A mãe - constatou. Dona Alda tinha cara de caso.

- Aconteceu alguma coisa mãe? Porque está aqui?

Alda levantou-se da cadeira e afagou-lhe os cabelos.

- Gritaste grande parte da noite querida.

Helena tentou soerguer-se e, com dificuldade recostou-se na cama. Verificou as horas. O relógio marcava dez horas da manhã. Dormira uma eternidade, mas o corpo pesava-lhe como se tivesse arrastado uma montanha atrás de si. A mãe afagava-lhe o cabelo e a face, e as lágrimas corriam-lhe pela cara morena, queimada do sol e enrugada do tempo.

- Mãe...porque chora? Aconteceu alguma coisa grave? Morreu alguém?

- Não querida. Mas depois da tarde de ontem creio que a tua vida ficou arruinada. O senhor Ricardo...- calou-se por não saber como abordar o assunto -, ele...

- Sim mãe. Estivemos juntos, mas não aconteceu nada. Estou inteira.

Estava mesmo. Ricardo deu-lhe todo o prazer que uma mulher pode esperar de um homem, e que ela desconhecia, mas no momento de a possuir, recuou. Justificou-se dizendo que não era capaz «de lhe fazer essa maldade», mesmo quando ela lhe implorou que a fizesse.

- Graças a Deus! – exclamou Alda pondo as mãos ao peito e olhando para o céu. – Minha filha, o senhor Ricardo não é para ti. Ele apenas quer...

- Eu sei o que todos pensam dele..., mas eu amo-o. Pensando bem, desde criança que o amo e agora sou mulher. Posso amá-lo enquanto mulher.

- Não querida, não podes! Ele é o filho do patrão. Não vale a pena, só te vai trazer problemas. Não tarda, ele desaparece de novo e podes ficar com problemas...de barriga, entendes? – fez um gesto com as mãos em redor do ventre. - Isso nunca pode acontecer Helena, lembra-te do que a tua mãe te diz. Há uns anos tentaram matá-lo, ele é comunista, mas diz que é republicano e, mais cedo ou mais tarde, começa a ser perseguido de novo. A polícia não gosta de gente que se opõe ao senhor Salazar. A sorte dele é ser filho de famílias ricas, mas isso não chega para o proteger. Há boatos que dizem que ele esteve envolvido no atentado ao senhor conselheiro há três anos, embora ele não estivesse em Portugal... por favor afasta-te dele. – implorou Alda.

- Está bem mãe. Não vou contrariá-la mais, mas o sentimento vai ficar sempre comigo – disse para a descansar, não tendo a menor intenção de se afastar dele.

Helena já conhecia a mãe, não adiantava fazer finca pé, só a punha mais nervosa. Mais valia dizer que sim, e depois fazer o que bem entendesse como sempre fizera.

Mas Alda também conhecia a filha, e sabia mais que ela, da vida, e daquela família.

- Não vai não, Helena, um dia esqueces-te dele. Tens que conhecer outros rapazes. O Filipe Aguiar adora-te. É um bom partido.

Helena levou as mãos às têmporas. A dor latejou. Só de pensar no nome arrepiava-se. Filipe Aguiar era um homem que lhe provocava asco só de o ver. Bem-parecido e rico enganava quem não o conhecesse em privado, altura em que deixava surgir o diabo que tinha dentro de si. Em criança, quando brincavam em grupo, arranjava sempre forma de estragar

as brincadeiras e sobretudo tinha ciúmes de todos os colegas de escola, chegando ao ponto de se vingar colocando cobras e rãs nas malas da escola dos colegas. Para além disso, todos receavam a língua e as ações dele e, por isso o evitavam, até aos dias de hoje. Filipe era também conhecido pela crueldade com os animais domésticos e com as pessoas, suas subalternas. Em adolescente, Filipe, começou a frequentar as casas de prostituição da raia espanhola em companhia do pai, e gabava-se do que fazia com as mulheres. Sempre que encontrava Helena, declarava-se perdido de amores por ela, para de seguida lhe dizer em surdina todas as coisas porcas que queria que ela lhe fizesse com a boca, tal como as prostitutas lhe faziam.

- Nem que fosse o único homem no mundo. Esse não!

- Nunca te faltaria nada...

- Tenho duas mãos para trabalhar, um cérebro para pensar, por isso vou trabalhar, não vou viver à custa de maridos. Não vou escolher marido pela posição social mãe, quero alguém que me ame e com quem possa partilhar a vida, ideias...tudo, entendes?

Alda entendia. Oh, se entendia.

Helena continuou.

- E como sou pobre, não tenho como me afirmar perante um homem com posses, por isso, vou vingar na vida com o meu trabalho e, se não progredir espero ser feliz na mesma. Não tenho jeito para mártir. Acho que a vida me reservou coisas melhores, mais prazerosas. Desculpa mãe, mas não sou deste tempo, não sou mesmo, não fui feita para aceitar ordens de homens moralistas com os outros, e depravados ao mais alto grau, assim que saem da vista de quem os possa julgar.

Helena levantou-se da cama, dirigiu-se para a cozinha deixando a mãe boquiaberta com a pronta resposta.

- Vou tomar um comprimido para a dor de cabeça. –disse já ao fundo das escadas de madeira que levavam ao piso inferior.

Alda abanou a cabeça consternada e reconheceu que apesar de ser jovem os pensamentos dela eram muito parecidos com os de Ricardo. Não a surpreendia, fora ele que lhe ensinara coisas dos livros e do mundo, mas não ficava nada descansada. Se os dois fossem acusados de atividades contra o governo, iam presos. A sua menina era uma mulher de fibra, mas tinha que se acautelar.

**

Ricardo viu passar as horas no relógio de parede, e perdeu a conta, às voltas que deu na cama até o sol nascer, intenso e brilhante, a anunciar mais um dia de muito calor. Helena não lhe saía da mente, tornara-se num pensamento perturbador e, a fogosidade que ela demonstrou deixara-o a desejar ir até ao fim e amá-la sem restrições. Recuou no derradeiro minuto, a sensação de se estar a portar como um canalha, caiu-lhe em cima com a intensidade de uma chuvada forte daquelas a que estava habituado em África. Ficou doído de desejo no próprio corpo, mas não lhe podia estragar a vida. Estava em Portugal e se desflorasse Helena as hipóteses de ela casar com alguém seriam nulas. Adorava-a, mas não sabia o que era o amor que levava um homem a desposar uma mulher. Conhecia o prazer, a luxúria da carne, mas desprovido desse sentimento que nunca conhecera, o amor que todos apregoavam como uma das maravilhas de estar vivo.

As mulheres com quem se deitava, acusavam-no de canalha, libertino, pérfido e louco, mas nenhuma percebeu o que ele procurava: sentir o que todos sentiam quando estavam apaixonados.

Helena estava a tornar-se numa doença, para a qual temia não haver cura senão com outras mulheres. Com ela não podia satisfazer os seus instintos de animal com o cio que sempre foi desde a adolescência.

Cansado de dar voltas na cama levantou-se e resolveu tomar um banho de água fria para espalhar o cansaço e o desejo.

**

Uma hora mais tarde percorria a herdade de Vale de Marias a cavalo. Já esquecera a dimensão da propriedade do pai. Administrar tudo aquilo ao ponto de dar lucro, era uma tarefa a tempo inteiro e exigia muitos trabalhadores. O pai estava velho e desejava deixar-lhe essa herança, e a mãe pouco mais sabia fazer do que mandar em dois criados de cada vez, sendo Martinho e Alda sempre os visados. Catarina não sabia fazer nada porque quem tomava as rédeas da casa em Lisboa era Martinho e no Alentejo era Alda. De resto passava o tempo em coscuvilhices de salão e em chás de caridade.

Ao longe avistou o rancho de mulheres e homens a ceifarem o trigo já maduro, e dirigiu o cavalo até lá. Desmontou a metros de distância do grupo e, as raparigas enfiadas em saias presas com alfinetes no meio das pernas a improvisarem calças, chapéus de feltro pretos na cabeça coberta por lenços garridos, começaram a cochichar e aos risinhos.

O patrão novo era tão vaidoso quanto o seu cavalo. - diziam umas mais afoitas.

Raramente viam por aquelas bandas um homem tão atraente – diziam outras.

O feitor Joaquim das Telhas, aproximou-se com o chapéu na mão fazendo uma ligeira vénia com a cabeça.

- Bom dia patrão. Há muito que não víamos o senhor por aqui.

Ricardo tirou o chapéu cumprimentando o homem e começou a apear-se do cavalo.

Joaquim das Telhas, o homem mais temido, por aquelas bandas, pelo povo que diariamente dependia dele para pôr pão na mesa.

Joaquim, mal avistou Ricardo, ficou com a língua a coçar de curiosidade. Tinha vontade de lhe perguntar se tinha estado preso, mas não se atreveu. Sempre achou que o filho mais velho do patrão José Luís, tinha fugido com rabo entre as pernas, por conta de algum marido traído, ou estava preso em algum lado pelas suas simpatias vermelhas. Aquele não era boa rês e muito menos de confiança. Pertencia àqueles que estavam contra o governo.

Na verdade, faltava alguém com mão de ferro para mandar no país e na bandalheira em que se tornara e, felizmente que o senhor Salazar – Deus o guarde – era competente – pensou o velho lacaio da família.

- É verdade senhor Joaquim, há muito que não vinha a Portugal, e o senhor como vai? Vejo que comanda os trabalhos como sempre, com mão de ferro.

Não resistiu a usar a ironia, embora tivesse dúvidas se o homem tinha cérebro suficiente para entender.

-É verdade. Posso gabar-me disso, o senhor sabe que é assim. Com esta gente não há que ter descuidos. Mal olho para o lado e encostam-se. Mas, o senhor seu pai, sabe que pode confiar em mim. Sou o feitor mais competente e honesto que o seu paizinho tem ao seu serviço desde sempre.

Joaquim era o tipo de homem que Ricardo achava execrável, pior que qualquer proprietário dos latifúndios alentejanos, daqueles que matavam as pessoas com trabalho de sol a sol. O seu pai confiava nele para administrar a herdade, mas os homens e mulheres que andavam à *jorna*^[2] odiavam-no.

Recordava-se, como se fosse hoje, de estar no café da vila de Estremoz com o pai - onde as ofertas de trabalho sazonal eram feitas pelos feitores das herdades da zona – e, Joaquim era sempre o mais desagradável com as pessoas que procuravam trabalho. Odiava ver aqueles homens mortos de fome, alguns descalços a estenderem a mão de cabeça baixa a implorarem trabalho para terem com que alimentar os filhos, e assim evitarem roubar nas hortas e pomares, algo que lhes sossegasse o estômago vazio.

«Lá vêm eles! Cambada de malandros! Raios que os parta! Sumam-se daqui que hoje não há nada para ninguém.» - gritava Joaquim das Telhas para os homens que procuravam sustento para si e para as suas famílias.

Ricardo odiava aquele homem desde sempre.

Aos dezoito anos já detestava ver estas cenas, hoje mataria quem se atrevesse a maltratar alguém na sua presença. Ricardo montou de novo o seu alazão e principiou a despedir-se. Dava-lhe náuseas olhar para aquele homem detestável que o pai fazia questão em manter no comando das suas terras, só para provar que ainda tinha poder sobre os trabalhadores. Não havia empregado em quem o pai pudesse confiar tanto. Por vezes Joaquim parecia o dono das terras.

- O senhor deve ter o mesmo problema com os pretos lá no Ultramar^[3]...

Ricardo não lhe respondeu. Olhou-o com desdém, mas com um sorriso nos lábios, ainda que suspeitasse que o homem era tão bruto e parco de miolos, que não tinha capacidade para entender a ironia. Não se ia dar ao trabalho de responder.

- Passe bem senhor Joaquim. Minhas senhoras e senhoras tenham um bom dia.

E virou as costas sem lhe responder à pergunta maliciosa. Montou o Branquinho e saiu em direção a casa.

Como é que alguém que trabalhava de sol a sol podia ter um bom dia de trabalho? Aquele governo era uma desgraça para o desenvolvimento do país, era republicano convicto e não se conformava com a ditadura: miséria imposta em nome de Deus, Pátria e Família, as lições do senhor presidente do conselho.

Salazar o “Botas” como lhe chamavam, era um homem mesquinho e sovina. Rezava a lenda – sim porque o homem era uma lenda viva ainda

novo – que o governante era tão poupado que usava as botas até se romperem nos pés, e dava-se como exemplo a seguir.

Infelizmente, Salazar, escapou do atentado em maio de há dois anos – pensou Ricardo – ficando apenas salpicado por uma nuvem de poeira levantada pelo artefacto artesanal destinado a mandá-lo para o além.

Só lamentava não ter sido ele a colocar o engenho explosivo, talvez não tivesse falhado, mas infelizmente estava a milhares de quilómetros de distância.

Joaquim voltou a tirar o chapéu em sinal de respeito, e pensou que o patrão tinha um filho perigoso, daqueles que são a favor dos trabalhadores. Onde já se viu, gente daquela ter direitos! «Gentinha, não tem direitos», apregoava o homem em tom alto e bom som, sempre que o patrão estava por perto, para firmar a sua posição de lacaio e lambe-botas.

Ricardo continuou o seu passeio pelas zonas semeadas de trigo e achou pouco provável que se dispusesse a trabalhar ali. Não concordava com muita coisa, e uma delas era com a presença de Joaquim, o esbirro do pai, outra, que dificilmente conseguia alterar sem provocar um terramoto na sociedade, era encurtar as horas que aquela gente trabalhava, para não falar nas crianças de oito e nove anos que iniciavam os trabalhos sazonais, ao lado dos pais, para assegurar pão para a boca, quando deviam estar na escola.

**

Alda ouviu rancos de motor de automóvel e foi espreitar à janela.

- Chegaram todos – disse para Helena.

- Todos quem, mãe?

- A senhora tua madrinha, o senhor, e o irmão dela o cônsul, com a família. Aconselho-te a não te aproximares da casa grande se quiseres evitar problemas. Filha, nós não nos misturamos com aquela gente, pertencemos a uma classe inferior, entendeste?

Alda tinha esperança que ela a ouvisse.

Helena franziu o cenho e disse para a mãe.

- Pois eu não me considero inferior a eles, não tenho é o dinheiro que eles possuem. Queres saber mãe? Só me afasto se me puserem na rua. Agora é que vou ter a certeza da falsidade da madrinha.

Amo as mulheres, mas não as admiro...
Charles Chaplin

Capítulo 7



- Não fiz nada disso, estou a dizer-lhe madrinha – exclamou Helena com as faces coradas de raiva. – A senhora desculpe, mas é injusto. Porque é que tenho que me afastar de Ricardo? Pois fique sabendo que só o farei se for essa a vontade dele.

- Estás avisada Helena. Não te quero perto de Ricardo.

Helena voltou-lhe as costas com as lágrimas prestes a saltarem-lhe da cara e abriu a porta da saleta para fugir dali.

- Ah! Já me esquecia – disse Catarina.

Helena voltou-se ligeiramente, abrandando a marcha sem, no entanto, a encarar.

- Estás proibida de entrar aqui em casa – sentenciou com a maior das friezas.

Helena não respondeu, saiu batendo com a porta, algo que nunca fazia. Correu pelo largo corredor forrado de lajes de tijolo vermelho, até embater num tronco de homem duro e musculado com um perfume conhecido.

- Helena que se passa? – perguntou Ricardo pegando-lhe no queixo, surpreso por lhe ver os olhos marejados de lágrimas.

Não ia dizer-lhe. Ela era mãe dele. Não queria arranjar conflitos entre mãe e filho. Era demasiado educada para baixar ao nível da madrinha. Reconhecia-lhe, agora, a fama de megera que tinha entre alguns criados, e até entre as senhoras de sociedade que o comentavam nas suas costas. Catarina Santana era mais temida que amada.

- Nada...entrou-me um mosquito para o olho. Desculpa – e livrou-se das mãos dele – mas tenho que correr e ir lavar a cara.

- Mas não podes fazê-lo aqui? – gritou sem, no entanto, obter resposta.

Helena não respondeu e desapareceu pela porta em segundos.

Ricardo entrou na saleta e lá estava a mãe, decerto a causadora das lágrimas de Helena.

- Ora, ora, minha mãe. Mal cheguei, já vieram todos atrás de mim. Para quem não gosta do campo...- ironizou.

- O menino não sabe que detesto as imoralidades da capital? Aquilo é o reino dos judeus e das...das...- puxou o vestido para baixo a tapar a curva da perna, e das suas cortesãs.

Ricardo manteve-se de pé, disposto a esclarecer o motivo da saída tempestuosa de Helena e não comentou sobre o que acabara de ouvir.

- Que se passa com Helena?

Catarina encarou o filho e com o sobrolho empinado disse:

- Não sabe? O responsável é você!

- Quer explicar melhor essa acusação minha mãe – pediu sereno.

- Não vou explicar nada. Não lhe devo explicações – respondeu irritada.

- Não é bem assim Catarina – disse José Luís que, entretanto, surgiu na porta com o seu porte altivo de comendador do reino, apesar do peso dos anos o forçar a curvar a coluna vertebral. Mesmo com aquela idade era um homem com pose e demasiado bondoso para os que o rodeavam, mas que se deixava comandar pela mulher e pelos lacaios como Joaquim das Telhas.

Ricardo pediu a bênção ao pai e ficou à espera do desenrolar da situação. No entanto já adivinhara o teor da conversa. Alguém já tinha informado os patrões que o senhor Ricardo passara a tarde com a filha da governanta.

Olhou a direito para o pai em tom de desafio e esperou pelo sermão, por respeito à idade avançada do pai.

José Luís era homem, sabia o que era a paixão e, como estivera apaixonado por Catarina desde que a vira a primeira vez, podia dar o valor ao que o filho sentia e tentou suavizar o tom dramático que a esposa tentava imprimir à situação.

- Sabes como é filho...não há nada que passe incógnito nestas terras. Há muita gente a farejar, especialmente quando dão pela tua presença...

- Creio que já entendi. Quem foi o esbirro? Foi o feitor?

A mãe fingia não ligar à conversa entre pai e filho e levantou-se caminhando até à janela ao mesmo tempo que se refrescava com o leque.

- Não, não foi. A tua mãe não me quer dizer, mas eu tenho as minhas suspeitas.

- Vai-me dizer pai? – virou-se para um e para outro.

- Mãe?

- Não Ricardo. O homem é demasiado perigoso e está à espera de uma oportunidade para colocar a polícia no teu encalce. Não te esqueças que estás vigiado. Não quero que te confrontes com ninguém. Nestas situações é conveniente ficar calado e quieto.

- É o que dá ser republicano. Um homem na sua condição devia estar a favor do estado – disse Catarina com arrogância. – Temos que defender a moralidade e os bons costumes e o senhor conselheiro de estado só quer o nosso bem.

- Eu estou a favor do estado, mas não *deste estado*. A mãe nunca vai perceber. Quanto à minha... amizade com Helena, creio que não é da conta de ninguém. Os únicos que podem interferir são os pais dela.

- Engano seu, meu querido. Eu não a quero por aqui, e proibi-a de se aproximar de si e da casa – disse com o nariz empinado e tom de raiva.

- Não acredito que a mãe fizesse tal coisa! Era esse o motivo das lágrimas de Helena quando entrei?

Catarina manteve-se séria e irredutível na decisão. Ficou muda.

- A senhora é impiedosa. Já se esqueceu que ela é sua afilhada?

José Luís estava cansado da energia da mulher. Pediu licença e foi falar com o feitor. Ao sair fechou a porta. Não queria que Alda – que arrumava louça num dos armários da sala em frente- ouvisse a conversa dos dois.

- Não Ricardo – disse a mãe. - Gostaria, mas não posso esquecer - levantou-se com ímpeto, ajeitou o vestido de linho azul claro fresco e leve, e despediu-se do filho.

- Vou falar com o seu tio, encontramo-nos ao jantar, talvez já lhe tenha passado a mania de defender os pobres e...quem me dera que essa rapariga nunca tivesse entrado aqui na herdade. Oh sorte! – exclamou num ar pouco próprio de uma senhora da sua condição.

Ricardo ficou atónito. Pela primeira vez percebeu uma sombra de mistério na fala da mãe. Habitado a decifrar mistérios sabia identificá-los e havia qualquer coisa estranha, mas que ia decifrar em pouco tempo, ou não estivesse habituado a decifrar outros mistérios mais complicados.

À volta da grande mesa da casa de jantar os convivas conversavam em grande animação. Catarina não suportava o campo, como não suportava olhar para as estrangeiras que se passeavam pela cidade, mas, mais que tudo, detestava ficar sozinha com o marido e as criadas, sobretudo com o marido. Quando passava uma temporada no campo fazia como no tempo da monarquia, deslocava a sua corte consigo como se fosse uma rainha. Aborrecia-se de morte desde que o marido começara a envelhecer, há mais de vinte anos, logo depois dos filhos nascerem.

O séquito de seguidores de Catarina Santana era sempre o mesmo, gente que na opinião de Ricardo esperava obter algum benefício do convívio com a família. Para completar o ramalhete, só faltava mesmo Isabel Carmona que não devia demorar a chegar, acompanhada da condessa, uma figura com a qual Ricardo começava a embirrar, sobretudo pelas desconfianças que pairavam sobre a real criatura, tão encarquilhada como uma rodilha velha, mas mais suja, suspeitava. Aquela mulher não lhe inspirava confiança e, sobretudo detestava vê-la perto de Helena ou mesmo de Isabel apesar desta se ter tornado numa rameira de alto gabarito, depois que ele, Ricardo, saiu do país.

- Está muito pensativo meu sobrinho – disse o tio Alberto enquanto trinchava um pedaço de pombo, iguaria que muito apreciava.

- Gosto de observar meu tio e, quando a maioria são mulheres, prefiro manter-me quieto.

- Logo você, meu sobrinho! – ironizou Alberto.

- Meu tio, não acredite em tudo o que ouve. Não sou lá grande coisa comparado com os modelos de virtude desta família, mas pintam-me de uma forma muito distorcida – respondeu entre dentes, mas com um sorriso para que os restantes não percebessem.

Ricardo começava a ficar irritado com as insinuações do tio, mas a irritação maior tinha a ver com o facto de ter percebido que tinha ciúmes de Helena. Sim. Tinha ciúmes de Helena.

- Não te quis ofender Ricardo, peço desculpa.

- Aceito as suas desculpas tio Alberto, mas peço-lhe que deixe as insinuações de lado. Se não reparou... já tenho um bom tamanho para ser alvo de chacotas.

Alberto enfiou a carapuça e calou-se virando a atenção para a filha sentada na sua frente e que lhe dirigiu a palavra naquele instante.

- Pai, onde está Helena? – perguntou Cristina erguendo o queixo anguloso e os olhos castanhos.

Ricardo crispou os punhos por baixo da mesa fingindo arranjar o guardanapo no colo, dirigiu o olhar para a mãe que ouvira a pergunta tão bem quando ele, mas continuara a conversa com a cunhada, ignorando a pergunta da sobrinha.

Cristina estava habituada a ter Helena sentada a seu lado e a, com ela, compartilhar coisas de raparigas. Tinham quase a mesma idade e cresceram juntas durante todas as férias escolares da sua vida.

- Tia Catarina...- disse Cristina tentando chamar-lhe a atenção. – Onde está...- mas não terminou a frase. Catarina interrompeu-a com um sorriso nos lábios, mas de forma brusca, não deixando espaço para que ela se alongasse.

Era o sinal para que as perguntas parassem e, Cristina era obediente, pelo que se calou antes que a mãe a mandasse retirar da mesa.

- Eu e o José Luís aproveitamos para informar que vamos dar um baile de temporada aqui na herdade. Vamos abrir o salão grande e convidar os vizinhos mais ilustres obviamente, presidente da câmara, comandante da Guarda Nacional, enfim...todas as pessoas importantes desta terra – e ajeitou o guardanapo no colo com trejeitos de pessoa afetada.

Catarina sabia que quando a sobrinha ouvisse a palavra baile, não iria centrar-se noutro assunto. Ricardo baixou a cabeça. Dava-lhe vômitos aquelas manifestações mundanas da mãe, sobretudo, por ver que o pai já não apreciava tanta festa, e estava velho e cansado de lhe aturar os caprichos. A mãe não amava o pai, nunca o amara. Já o pai adorava-a.

- E quando vai ser o baile, tia? – perguntou Cristina tal como Catarina previra.

- Daqui a uma semana. O tempo de preparar tudo e mandar os convites.

**

Lá fora só os grilos ralos e as cigarras se faziam ouvir pela longa planície. A ponta do cigarro destacava-se no escuro da charneca. Helena avançou pelo carreiro, com cuidado para não tropeçar e passar despercebida. Sabia que o encontraria sentado junto à velha nora, como quando era criança, e brincava com os filhos das criadas por ali, nas noites longas de verão.

Ricardo viu o reflexo do vestido claro a alguns metros de distância e reconheceu-lhe a silhueta. Era como dantes, mas agora ela era adulta.

«Oh Deus! Se existes tira-me deste sufoco! Não posso desgraçar a vida dela, mas só de pensar que outro lhe põe as mãos em cima sinto-me capaz de matar»

Helena estava a escassos metros de Ricardo e ele atirou o cigarro para o chão, apagando-o com a ponta do sapato, para não denunciar a sua presença a mais ninguém. Ergueu-se assim que ela se abeirou dele e ela lançou-lhe os braços ao pescoço. Ricardo apertou-a contra si e ao contrário do que esperava não sentiu que estava a ser um canalha aproveitador. Ela tinha a capacidade de o transformar, de o amar como ele era. Os braços enlearam-se e os dedos entraram pelos cabelos longos e fartos. Os lábios quentes aproximaram-se da face de Helena e depositaram-lhe um beijo casto. Não era o tipo de beijo em que estava a pensar, mas simplesmente não podia ir mais além. Não podia mesmo.

A uns duzentos metros via-se a luz das janelas da casa grande e ouviam-se risadas. Os homens jogavam bilhar, e as mulheres coscuvilhavam sobre a vida alheia e a última moda. Na europa travavam-se batalhas sangrentas pela vida e pela dignidade, mas ninguém ali queria saber desse assunto. Eram dramas que não lhes pertenciam pelo que eram ignorados na totalidade.

Catarina deu pela falta de Ricardo na sala de jogos e saiu pelo corredor em busca de Alda. Só esperava que a mãe soubesse por travões na rapariga, ou era obrigada a despedi-los a todos. Iria até onde fosse preciso para evitar que Ricardo e Helena ficassem juntos.

Capítulo 8



Os olhos acostumaram-se à escuridão o suficiente para que vislumbassem a silhueta um do outro, recortada contra a luz da lua, grande e brilhante.

As cigarras continuavam com o canto interminável e, ocasionalmente, um melro esvoaçava de cima de um galho de árvore próximo dando sinal da sua presença assustada. Um gato andava por ali à caça de aves descuidadas e assustou o pássaro negro.

Durante algum tempo permaneceram de mãos dadas, e pela mente dos dois passava a mesma ideia sem que a partilhassem em voz alta. Ela exalava um aroma a sabonete de alfavaca e Ricardo mergulhou o nariz nos cabelos dela, novamente, e respirou fundo. Helena aconchegou-se e passou-lhe os braços à volta do tronco musculado - fruto dos anos em que trabalhou nas minas -, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Naquele momento soube que sempre estivera à espera dele.

- Não me tentes Helena. Não sou de ferro e não quero desgraçar-te. Deus sabe que se arrependimento matasse...

- Não me digas isso, já não sou uma criança...também tenho vontade própria e sei o que estou a fazer. Ricardo eu...- ele não a deixou terminar colocando-lhe um dedo nos lábios. Não estava preparado para ouvir o que ela ia confessar.

- Chiu...não digas. Não vamos fazer confissões.

- Não quero nada de ti...não no sentido que possas imaginar – disse ela.

Ricardo passou-lhe um braço pelos ombros e recostou-a no seu peito. Começava a render-se às evidências de que adorava Helena, mas ia guardar esse segredo com ele. Não tinha condições para lhe dar estabilidade. A qualquer momento podia receber ordens para partir, ou

mesmo ser preso. Sentiu os abutres de Salazar a rondá-lo mal pôs os pés em terra, depois da longa viagem de barco.

- Há coisas que tu não sabes de mim, eu não sou um santo...

- Nem tão pouco o diabo, como queres fazer parecer. Eu conheço o teu íntimo, a tua alma. O rapaz que passava horas a ensinar-me a ler e a contar-me histórias não pode ser...aquilo que dizem.

Ricardo soltou uma gargalhada que depressa abafou com a mão. Não queria correr o risco de serem surpreendidos ali.

- Dizem o quê? Que sou um devasso, libertino...

Helena deu graças por ser de noite. Corou só de pensar no que podia significar essas palavras. Já tivera uma pequena amostra, e se aquilo era libertinagem, então também ela, era uma libertina.

- Não somos todos?

Ricardo voltou a rir-se. Ela tinha sentido de humor, mas era muito ingénua ainda. No mundo real Helena seria devorada por algum predador sedento de carne fresca, num abrir e fechar de olhos.

- Não querida não somos. Há modelos de virtude, como a minha mãe e outras senhoras da sociedade – ironizou.

Helena percebeu ao que ele se referia. Não pensasse que ela era tão ignorante e ingénua como ele pensava.

- Como Isabel Carmona? – atreveu-se.

- Esse não é um bom exemplo, aliás é o pior deles todos, mas não pelos motivos que julga. Isabel é boa pessoa e uma sobrevivente.

- Fale-me dela – pediu ciumenta.

- Nem pensar. Não quero essa pessoa entre nós os dois – e ia passando os dedos pelos longos cabelos enquanto ela lhe afagava o peito duro sentindo o calor do corpo quente e transpirado.

Sentiu-o excitado. Sabia o que era a excitação num homem porque já a sentira nas suas mãos e, a condessa encarregou-se de lhe explicar a teoria assim que ela fez dezoito anos. Disse-lhe que era a sua prenda de aniversário. Ainda hoje se perguntava porque é que a mulher lhe tinha desvendado o mundo do prazer carnal sem que Helena lhe pedisse e de forma tão rude. Não gostou nem um pouco das descrições que Carmina a forçara a ouvir.

Ricardo rodou a cabeça e os lábios pousaram nos dela amaciando-os com os seus. Os dela sabiam a framboesa doce, e a mel. Os dele a vinho

maduro e ao aroma do cigarro. Embrenharam-se os dois no sabor um do outro e esqueceram que podiam ser surpreendidos a qualquer momento.

**

- Alda! Onde está a sua filha? – perguntou Catarina à sua governanta.

Alda há muitos anos que se habituara aos modos da patroa, que, ora era simpática, ora mais parecida com uma megera disfarçada de senhora da alta sociedade. Jamais lhe respondera com maus modos, mas hoje não ia deixar que ela humilhasse a sua menina e, se a despedissem, tanto melhor. Se ela fizesse o que Josué queria, já teriam saído dali fazia muitos anos.

- A senhora desculpe, mas não sei. Helena já está bastante crescida para que eu a vigie. Pensei que estivesse na sua sala? – bufou com enfado.

Catarina voltou-lhe as costas sem lhe responder, e saiu para o corredor batendo o salto dos sapatos nos ladrilhos de tijoleira. Estava a ponto de rebentar. Ninguém lhe obedecia naquela casa, nem a governanta, nem a afilhada. Precisava de apanhar ar e saiu para a rua sorrateiramente. A última coisa que admitia na vida, era o seu filho preferido ter um caso com a filha da criada.

A noite estava escura e silenciosa, o silêncio do Alentejo, aquele silêncio cheio de bicharocos a que nunca se habituara e que a faziam correr assim que algum se aproximava a uma distância pouco segura.

- Catarina...

Estremeceu de susto.

- Credo meu irmão! Pensava que já se tinha recolhido.

- Não. Queria perguntar-te onde está Helena. Deixei de a ver aqui por casa.

- Não sei. Deixou de aparecer – e passou as mãos pelos cabelos ondulados atirando-os para trás das orelhas.

- Umm...estou a ver. Boa noite para ti. Dorme descansada.

Como é que podia estar descansada, quando suspeitava que aqueles dois estariam juntos em algum sítio da casa, ou no exterior, aos beijos, ou fazendo coisa pior. Crispou as mãos até os nós dos dedos ficarem brancos, e só parou quando o anel bojudo se espetou na palma da mão. Deu um «ai» e entrou em casa. Teria que pôr um fim naquilo e o melhor seria mesmo colocar a rapariga longe dali, a estudar ou a servir como criada, numa casa longe deles. Amanhã resolvia o assunto. Coimbra ou Porto? Porto. Coimbra era perto demais.

**

As luzes da casa grande apagaram-se e o silêncio ficou maior ao redor deles. Nem uma aragem bulia por ali. Todos os seres vivos, à exceção dos insetos noturnos, calaram-se de repente e, só a lua, lá no alto da sua majestade, iluminava a planície para lá do jardim. Há horas que estava nos braços dele e não se arrependia nem um pouco. Sempre suspeitara que algo de estranho se passava com algumas amigas da madrinha, para falarem de sexo como se fosse peste bubônica, ou algo pior. Não passavam de umas fingidas, isso sim. Do pouco que conhecia era o melhor do mundo e não abdicava dessa parte da vida com Ricardo, apesar de ele ter ficado mudo e quieto, fumando cigarro após cigarro, depois que a fez sua.

- Ricardo... o que é que mudou desde há pouco?

Ricardo ajeitou as costas na parede e pigarreou ligeiramente enquanto lhe pegava nas mãos. Não ia ser fácil explicar-lhe, mas ela tinha que entender.

- Querida. Eu não sou quem pensas. Aquele rapaz que te contava histórias tem outro lado que tu não conheces. Tudo o que já ouviste falar de mim é verdade.

Helena ficou hirta, mas permaneceu nos braços dele. Não acreditava. Ele estava a tentar desfazer-se dela.

- Não acredito.

- Acredita. Já conheci muitas mulheres e nem sempre as tratei bem.

Ela sobressaltou-se. Será que ele espancava as mulheres?

Adivinhando que ela pensaria o pior apressou-se a esclarecer.

- Sei o que estás a pensar, mas não é isso. Já fiz todo o tipo de coisas com mulheres e muitas me acusam de ser um sacana insensível. Nunca consegui amar nenhuma, e o meu pior receio é desiludir-te. Entendes?

Ela abanou a cabeça em sinal negativo.

Não, não entendia. Não entendia como é que uma pessoa mudava de atitude de um momento para o outro.

- Não quero e não posso magoar-te, eu adoro-te, mas também me conheço – continuou ele.

- Ricardo, não tens que casar comigo depois...de nós... sei bem que a madrinha não me quer junto a ti, sou de condição inferior..., mas gostava de poder decidir por mim.

- Não. Não pode ser. Tu mereces melhor que eu – disse ele.

- Mas quem te disse que és um homem mau? Credo Ricardo, que ideia que tens de ti – ripostou.

- Há mais coisas. Não te quero envolvida nelas. Coisas que nem sonhas. Ninguém sonha.

- Tens medo de ser preso?

Ricardo riu-se. Não a avaliassem pela idade. Helena tinha mais maturidade do que muitas mulheres na casa dos trinta.

- Também. Eu sei que estou vigiado desde que saí do navio. Agora vem cá - a agarrou-a pela cintura estreitando-a. – Beija-me – ordenou.

Os lábios juntaram-se com desejo, mas sem promessas, e Helena ficou ainda mais confusa. Quem era aquele homem que ela julgava conhecer, que parecia apaixonado num momento, e no seguinte comportava-se como se nada tivesse importância. Talvez ele tivesse razão e fosse mesmo um canalha insensível, como a condessa muitas vezes lhe contava de alguns homens boémios, que passavam a vida na cama de amantes.

Capítulo 9



Àquela hora já se ouvia a música do pequeno conjunto de baile. Noutros tempos, quando havia festas em Vale de Marias, Helena saltitava pela ampla sala com as outras crianças, filhas dos convidados e dos amigos da família Santana. Os bailes eram «o acontecimento» do verão e a herdade recebia todos os morgados da região e homens da política do regime, como o presidente da câmara, chefes da polícia das cidades vizinhas, dos bombeiros e o comandante da guarda nacional republicana. E, há semelhança de tantos anos, ali estavam eles, dançando e bebendo champanhe. Mas desta vez Helena não tinha cabimento no sarau. A governanta dos Santana paga por tuta e meia, casa de telha vã, e comida do que cultivavam na horta, nunca pensou viver tantos anos, criar aquela criança, hoje uma mulher, e assistir ao desprezo que hoje os patrões lhe devotavam.

Alda não suportava a injustiça que Dona Catarina tinha feito com a filha. Dava-lhe dó vê-la à janela, a ouvir a música ao longe, mas não estava nas suas mãos alterar a situação. Não podia, por mais vontade que tivesse de o fazer. Tinha uma promessa a cumprir e não era do seu feitio faltar à palavra dada.

- Já sabíamos que mais tarde ou mais cedo isto ia acontecer Alda. Não entendo porque estás com essa cara mulher. Devíamos ter abalado daqui há muitos anos e tomado sumiço no mundo.

- Tens razão homem. Mas quando eu quis tu não quiseste, tinhas receio de não termos o que dar de comer à menina, e depois fui eu que não quis e, agora... dá-me dó ver a pobrezinha escoraçada de lá por... - e não concluiu a frase.

Uma sucessão de pancadas leves na porta interrompeu-lhe a fala.

Ricardo surgiu na porta, estufou o peito coberto por uma camisa branca e uma gravata vermelho sangue como se fosse um peru arrufado, e

disse:

- Boa noite.

Alda e Josué levantaram-se em sinal de respeito ao patrão mais novo.

- Deixem-se estar. Não se incomodem por minha causa. Venho buscar Helena.

Josué coçou o queixo barbudo, depois a cabeça, deixando o cabelo ralo, revoltado o suficiente para demonstrar zanga, e Alda estremeceu. Aquilo não ia dar bom fim. O seu homem estava a ficar farto daquela gente e ainda era capaz de cometer uma grande asneira. O coração acelerou por debaixo da blusa de chita às flores miudinhas, azuis e rosa.

- O senhor doutor vai desculpar, mas a nossa filha não entra na sua casa. A senhora sua mãe proibiu-a. – disse Josué engrossando um pouco a voz.

Não tinha nada contra o filho mais velho dos patrões, muito pelo contrário, achava-o um homem justo e com coragem, mas não queria ver Helena humilhada novamente. Aquela gente não prestava, sabia muito bem. Desde que começou a trabalhar em Vale de Marias quando tinha apenas nove anos, que já comera o pão que o diabo amassou nas mãos daquela família.

- Compreendo. Mas a última palavra é minha. Helena vai comigo. A minha mãe equivocou-se na decisão que tomou. Peço desculpa em seu nome. Dona Alda por favor vá dizer a Helena que se vista. Espero-a aqui.

**

Helena recusou durante um bom pedaço de tempo e foi difícil convencê-la a acompanhá-lo. Era orgulhosa e avisou Ricardo que não estava disposta a ser humilhada de novo pela madrinha.

Ao transporem as portas do salão só a música não parou. Muitos olhos incidiram no par de braços dados. Ricardo ostentava Helena pelo braço com visível orgulho. Só o prazer de enfrentar todos aqueles hipócritas valia o esforço. Conduziu-a até ao meio do salão e fez sinal ao maestro para que fizessem silêncio.

Helena olhou-o de soslaio sem entender até onde ele queria chegar com aquele gesto, e pediu a Deus que ele não fosse afrontar a madrinha. A última coisa que desejava eram problemas gerados por si. Ricardo fez uma varredura com o olhar, pela sala, e viu que estava reunido todo o séquito habitual: o tio Alberto e a sua família, Teresa Silveira a maior amiga da mãe, a condessa Carmina e Isabel Carmona, para além das edildades da

região e respetivas famílias. Umas cinquenta pessoas tinham a surpresa estampada no rosto.

Com o peito inchado e os ombros elevados, Ricardo, encarou-os com audácia e disse:

- Como todos sabem, esta jovem que me acompanha é Helena Silva, considerada da família por todos nós, não é mãe... pai?

Catarina anuiu, séria, para evitar o escândalo e José Luís esboçou um sorriso orgulhoso pela coragem do filho, mesmo sabendo que era apenas o principio dos problemas que se avizinhavam.

- Então, para que saibam, hoje estou a apresentá-la à sociedade, e este será o seu primeiro baile. Música maestro, uma valsa para Helena.

Ela tremeu, quando, aos primeiros acordes do compasso ternário sentiu as mãos dele na cintura, enlaçando-a. Apesar de nunca ter dançado, deixou-se conduzir e depressa entrou no ritmo, valsando pela sala sem consciência da natureza dos diversos olhares que os seguiam. Ricardo era excelente dançarino e não foi difícil segui-lo, sobretudo quando os seus olhos não se desviavam um milímetro dos dele. Aos poucos, os outros pares imitaram-nos, e o ambiente desanuviou. O cheiro a perfume caro de Ricardo era inebriante, e Helena teve a sensação de ter voado até ao paraíso, e estar a valsar nas nuvens de algodão branco.

- Queres casar comigo quando esta guerra acabar?

Helena sorriu e não teve coragem de responder. Aquela pergunta não passava de um sonho. Jamais isso iria acontecer. Mas sentiu-se a mulher mais feliz do mundo.

- Quero uma resposta até ao fim da noite, Helena – e Ricardo deixou-a ir descansar um pouco enquanto se dirigia ao bar.

Depois de a música parar alguns rapazes afoitaram-se e abordaram-na para lhe pedirem uma dança, mas, o mais rápido foi Filipe Aguiar, que, do alto do seu metro e setenta e cinco a olhou com um sorriso cínico e lhe pegou pelo braço apertando-o até magoar.

- Filipe largue-me por favor – pediu quase num sussurro.

- Claro que não! Vais dançar comigo e fazer tudo o que eu digo, ou queres que eu informe as pessoas do que fizeste ontem com o porco republicano? – disse num murmúrio ao mesmo tempo que lhe sorria mostrando os dentes amarelados pelo tabaco.

Helena sentiu o sangue a parar nas veias. Com o olhar procurou Ricardo, mas ele conversava com Santiago Lima - o seu melhor amigo

desde sempre -, e o assunto parecia interessante. Santiago abraçava Ricardo e dava-lhe os parabéns.

- Faz-te jeitosa, e deixa o doutorzinho, que ele não pode valer-te. Coitado tem os dias contados! – e riu-se com escárnio. – Olha querida, quando a festa acabar, espero-te para lá do muro, junto às ervilhas de cheiro. Lá, vais ser minha, ou, amanhã, todos saberão em Estremoz que a afilhada dos Santana, perdeu os três vinténs^[4] com o patrãozinho.

Helena sentiu-se tonta e prestes a desmaiar de medo.

**

Alda e Josué suspiravam e olhavam-se com apreensão. Nenhum tinha coragem de dizer o que estava a pensar. Mas Alda adivinhava que a paciência do marido já tinha chegado ao limite.

- Desembucha homem. Já te conheço há mais de vinte anos. Deita isso cá para fora senão ainda morres engasgado!

- É aquela maldita música! – disse ele disfarçando.

- Não, não é. A música é agradável e bonita e se fosse noutro tempo já me terias convidado para um pezinho de dança aqui na nossa modesta casa. Eu sei o que é.

Josué olhou para Alda, retorceu o bigode e alisou o que restava do cabelo farto de outrora, amagado pelo uso diário do boné e pela calvície precoce.

- É aquele doutorzinho de merda. Esmurrava-lhe as fuças de boa vontade – e cerrou o punho no ar. - A minha filha não é para as garras dele. Amanhã ponho fim a isto, ou eu não me chamo Josué Silva, o melhor sementeiro da região.

- Toma cautela, homem. Esta gente é perigosa. Quando precisam da gente vêm mansos, mas depressa arranjam outros para o nosso lugar – advertiu Alda.

- Mas eles têm o rabo preso na porta. Sabes? Como o macaco que foi roubar à despensa e a fechou sem querer, deixando lá o dito cujo.

- Naaa...isto não é gente que tenha vergonha ou remorsos do que fez – disse Alda abanando a cabeça em sinal de descrença.

- Pois seja como for, a nossa filha não é para ficar falada e desgraçada para o resto da vida. Não é não! Onde é que ela esteve ontem à noite durante tanto tempo?

- Não sei, mas qualquer coisa mudou nela.

E os dois ficaram-se mudos, com o olhar no horizonte de onde as luzes da festa emanavam claridade a uns duzentos metros do casebre onde habitavam, sem terem coragem de revelar os pensamentos um ao outro. A casa de telha vã que os patrões lhes destinaram quando entraram ao seu serviço, acabados de se juntarem, ainda era a mesma desde que Alda se amigou com o sementeiro dos Santana, mas eles já não eram os mesmos jovens inocentes.

A vida tinha sido dura e injusta.

**

Helena não conseguia concentrar-se na música e as mãos de Filipe em redor do seu corpo provocavam-lhe arrepios de nojo. As lágrimas afloraram-lhe aos olhos, e os pés pisaram várias vezes nas botas de cabedal dele, que grunhiu um gemido quando o salto do sapato se espetou no centro do pé.

- Desculpa-me, não sei dançar – e tentou esquivar-se dele.

- Nem penses em deixar-me aqui plantado no meio da sala! Nenhuma mulher faz isso comigo – e pegou-lhe com força na mão apertando-a até a fazer contorcer-se de dor.

Deixar um homem plantado no meio de um salão durante uma dança era uma ofensa grave, Helena sabia isso, mas não tinha alternativa. Ia mesmo deixá-lo ali. A irritação e o desconforto que sentia era de tal ordem que nem se apercebeu que os últimos acordes soaram.

A música acabou e a dança também. Baixou a cabeça com os olhos no chão e procurou a saída da sala sem conseguir encarar ninguém. Ia escapar-se dali. Aquele contacto com o morgado de Vale de Morenas deixou-a de rastos. Ele sabia. Filipe sabia o que ela e Ricardo tinham feito na charneca e, para o saber, estivera à espreita, entocado atrás de alguma árvore do montado. E agora, que tinham terminado o que começaram no outro dia, sabia que estava desgraçada, a sua vida jamais seria a mesma.

Estugou o passo e, ao pisar o corredor de acesso à rua sentiu uma mão delicada a apertar-lhe o braço.

- Vem Helena. Vamos conversar.

- Estou de saída madrinha – apressou-se a dizer.

- Mas antes vamos ter uma conversa definitiva. É bom para as duas – e pegou-lhe suavemente no cotovelo, esboçando um sorriso enquanto abria a porta do escritório do marido.

Indicou-lhe um canapé e sentou-se na secretária. A figura de Catarina Santana era imponente. Alta, magra e com um rosto duro a maior parte das vezes, intimidava mesmo a quem a conhecesse bem. De resto, era uma tonta com uma ponta de maldade sempre a fervilhar naquele cérebro maligno. Era assim que Helena a passara a ver desde que ela a mandara embora de Lisboa e, por mais que tentasse mudar a sua opinião não conseguia.

Helena não era feita da mesma matéria dos pais, sempre dispostos a serem humilhados.

- Estive a conversar com o teu padrinho e vamos mandar-te para o Porto para estudares o que quiseses. Mas com uma condição.

Claro. Helena já contava com isso. Tinha que existir uma condição.

- Qual?

- Não te voltas a aproximar de Ricardo.

- Mas porquê?

- Porque eu não quero o meu filho envolvido com a filha da criada. Entendido? – levantou a voz ligeiramente.

- Não estou em posição de negociar, mas não sei se vai conseguir afastá-lo de mim. Fique sabendo que eu não vou forçar o afastamento dele se Ricardo se aproximar – enfrentou-a.

– E...madrinha Catarina...quanto ao curso, não quero. Vou fazer pela minha vida sem vocês. Obrigado por me terem pago os estudos até aqui, mas não quero ficar a dever-lhes mais nada.

- Insolente! Criamos-te aqui dentro de casa e voltas-te contra nós?

- Não quero ser mal-educada, mas também não quero ser humilhada. A minha mãe e o meu pai são pessoas honradas, pobres, mas honrados, e toda a vida os serviram com lealdade. Não merecemos ser tratados como lixo.

Catarina chispava fogo pelos olhos e o cabelo ondulado estava eriçado.

- Não te quero mais aqui em casa! Rua! – gritou.

- Amanhã falo com a tua mãe e vamos arranjar uma solução. Vai! Sai daqui! - vociferou apontando a porta da rua.

Helena ergueu-se do canapé onde ela lhe indicara que se sentasse, levantou os ombros, olhou em frente, e sem encarar Catarina saiu pela porta fechando-a atrás de si com leveza, como ela lhe tinha ensinado quando era criança. O sentimento era de desilusão. Aquela que sempre

considerou uma segunda mãe expulsava-a da sua casa e da sua vida sem qualquer razão que não fosse o facto de ela ser pobre.

Sentiu pena da madrinha. Era uma mulher infeliz, mesquinha e que vivia de aparências.

Ricardo procurava Helena por toda a sala, e não vislumbrava qualquer pedaço do seu vestido verde água.

- Saiu – disse uma voz conhecida atrás de si.

Virou-se e encontrou a condessa Carminda atrelada pelo braço a Isabel Carmona. As duas sorriam uma para a outra como se tivessem ganho um pote de ouro e os outros não soubessem.

Sem responder, Ricardo afastou-se na direção da mãe que acabava de entrar no salão. Sabia que havia mão dela ali.

- Mãe. Venha aqui ao escritório. Quero falar consigo.

Catarina tinha-se preparado mentalmente para enfrentar o filho mais velho com argumentos que o fariam recuar.

**

Passada meia hora Ricardo não estava convencido com nenhum dos argumentos que a mãe lhe apresentava. Restava-lhe procurar Helena e tentar saber o que se tinha passado para que ela abandonasse a festa com tamanha rapidez. Dirigiu-se ao bar e pediu um whisky. Precisava de adormecer algo dentro de si que não reconhecia. Onde estava o velho Ricardo que não se deixava prender por nenhuma mulher? Santiago talvez tivesse razão.

Helena não queria entrar em casa com os olhos inchados de chorar. Deu a volta pelas traseiras da casa grande, escondida nos recantos do jardim, que conhecia como a palma da sua mão, e sentou-se no banco de granito em frente ao escritório de onde saíra há pouco. A janela estava aberta, e a luz apagada. O som da orquestra ecoava pela charneca sobrepondo-se ao das cigarras, agora mais fraco à medida que o calor abrandava na noite. Sonhara alto demais ao pensar que a deixavam ficar perto de Ricardo. As lágrimas caíram e com um lençinho estancou-as à saída dos olhos enquanto tentava não fungar e denunciar a sua presença.

De súbito a luz do escritório acendeu-se incidindo no banco onde estava sentada. Helena ergueu-se e escondeu-se nas sombras dos arbustos. A madrinha e o irmão, o cônsul Alberto Santana estavam frente a frente. A avaliar pela cara dos dois o assunto era de briga. Ao longo da sua infância

assistiu várias vezes a discussões feias entre eles. Eram tão unidos num momento, como de repente estalava o verniz e brigavam de forma rude.

- Como te atreves Catarina? Mandares a minha filha para fora de casa? O dinheiro que te dou não é suficiente? A fortuna que te dei todos estes anos não te chega?

Catarina voltou-lhe as costas e torcia as mãos.

- Não entendes? Não viste ainda que eles estão apaixonados? São primos direitos! Sangue do mesmo sangue.

- Ora Catarina, Helena não seria a primeira rapariga a casar com um primo direito! Deixa-te de coisas! – gritou o cônsul já fora de si. – São primos, não são irmãos! Deixa lá, antes o teu filho que o Filipinho, aquele nojo de homem.

Helena levou as mãos à boca para sufocar um grito. Sentiu o cérebro vazio e as pernas a fraquejarem.

- Porque não tomaste conta dela e não a levaste para tua casa? Ou a tua amante Teresa, porque não levou a filha para casa? Como me arrependo de vos ter ajudado. Toma conta da tua filha, meu irmão. A minha missão terminou e por favor leva-a daqui. Já carreguei esta cruz que é tua, durante vinte anos.

As pernas perderam a força por completo e Helena caiu estatelada no chão de terra. Ouviu a porta a bater e a luz apagou-se. Um isqueiro iluminou o rosto de Alberto Cabral surgindo à janela completamente transfigurado.

Não era possível ser filha dele e de... Teresa Silveira. *«Oh Deus! Não permita que seja verdade!»*

As lágrimas secaram de repente, e a garganta ficou com um nó que não descia. Não conseguia pensar, sabia apenas que tinha que se levantar do chão e sair dali quanto antes. Ser descoberta por Alberto Cabral até era um mal menor, mas por Filipe era a sua perdição.

Uma náusea súbita, chegou-lhe ao estômago, e não conseguiu reprimi-la. O conteúdo do jantar saiu-se em golfadas caindo em cima do vestido e dos sapatos.

- Quem está aí? – perguntou Alberto pendurado da janela ao ouvir o som do vômito que Helena não reprimiu.

Helena não respondeu e agarrou-se ao banco de pedra fria e dura erguendo-se a coberto da sombra da noite. Com um gemido de dor conseguiu pôr-se de pé e começou a caminhar evitando a frente da casa.

Rodeou a velha nora de alcaçuzes^[5], onde tinha estado com Ricardo, e foi para casa, para lá da sebe alta que escondia o alojamento dos empregados colocando-o fora da vista dos patrões. As pernas tremiam-lhe que nem varas verdes ameaçando a qualquer momento não obedecer ao cérebro.

Sem obter resposta da pessoa que estava no jardim Alberto regressou ao salão com o semblante carregado. Do lado oposto Teresa observava-o. Sabia que ele brigara com a irmã e quase adivinhava o motivo. Se pudesse faria alguma coisa, mas não podia arriscar a honra das duas famílias – a dele e a sua.

- Que aconteceu Alberto? Estás pálido. – perguntou a esposa olhando-o. – Sentes-te bem?

- Sim querida. Não foi nada, apenas uma indisposição. Já tomei saís de fruto – mentiu.

Mentir a Márcia era fácil. Ela aceitava todas as explicações com bom grado, desde noites passadas fora de casa em negócios, até reuniões que terminavam a altas horas da madrugada. A vida de Alberto sempre fora assim: com as duas mulheres. Uma em casa, e a outra na sua cama, nos hotéis, pela cidade, na máxima descrição. Alberto reservava uma suite num hotel e Teresa entrava pelo quarto ao lado, sem ser vista com ele.

E lá estava Teresa. A bela Teresa que lhe aquecera a cama e o sexo durante tantos anos. Ao olhá-la soube que continuava apaixonado por ela como quando eram jovens, e lamentou nunca ter podido desposá-la. Por outro lado, já se questionara muitas vezes, se fossem marido e mulher, se não se teria cansado dela. Mas tinham uma filha, uma filha linda que ele não amava. Tão parecida com a mãe, mas com o génio dos Santana.

Alberto sentou-se a fumar o seu charuto, e Márcia afastou-se procurando as outras senhoras para continuar a conversa sobre a moda do próximo inverno. Receavam que as revistas francesas não chegassem a Portugal por causa da guerra e, o grande problema era as suas modistas não terem como imitar os modelos dos costureiros franceses, mas Márcia sossegou-as. Dali a umas semanas iria para o consulado em Bordéus com o marido e faria chegar as benditas revistas a Portugal para todas as suas amigas. Alberto tinha boas relações em todo o lado e, decerto lhas conseguiria arranjar.

**

Alda ouviu os passos dos saltos de Helena. Estranhou ela voltar tão cedo. Correu a abrir a porta ciente que tinha acontecido algo de grave à

filha. O seu coração de mãe nunca se enganava.

Na sua frente estava uma rapariga que quase não conheceu. Helena tinha o cabelo desgrenhado, estava suja de terra e pedaços de vomitado, e tresandava a azedo.

- Filha! – gritou. – Que te aconteceu?

- Muita coisa...mãe... será que te devo chamar mãe? - disse, agressiva, olhando nos olhos de Alda, tentando ver a verdade escondida durante tanto tempo.

A luz ténue do candeeiro a petróleo não lhe deixou ver senão sombras.

- Bebeste Helena? Não estás a dizer coisa com coisa! Despe esse vestido e descalça-te. Vomitaram-te para cima? – perguntou em catadupa, enquanto a ajudava a tirar o vestido e os sapatos encharcados em vomitado.

Helena caiu na cadeira, prostrada, e o choro não tardou, forte. Dobrou-se sobre si própria e o choro abanou-a.

Alda estava estática e, quando o marido surgiu na porta do quarto em roupa interior, e com cara de caso, perceberam que Helena já sabia. Tantos anos a esconder um segredo para agora ser revelado, sabe-se lá de que forma, para deixar a rapariga naquele estado.

Josué acercou-se da mulher, colocou-lhe o braço pelos ombros e fez com que se sentasse junto a Helena. Estava na altura, de esclarecer aquela trapalhada.

Capítulo 10



O silêncio cortava o ar como se fosse uma faca afiada que rasga tudo à sua passagem. Depois de Helena ter ouvido a conversa entre a madrinha e o cônsul não havia como manter a farsa. Estavam conscientes que a partir daquele momento nada mais seria igual na vida de todos. De certa forma Alda sentiu-se aliviada. Podia ser que Helena desistisse de Ricardo, agora que sabia dos laços de sangue os unia.

Quando entrou em casa há duas horas atrás, Helena já sabia que não podia continuar ali na herdade, nem em qualquer domínio da família Santana, sem correr o risco de ser humilhada e, sendo a casa onde viviam pertença dos patrões, logo, não lhe restava alternativa.

- Vou-me embora – anunciou. – Pai, amanhã leva-me ao comboio? Vou servir como criada numa casa qualquer em Lisboa na pior das hipóteses, ou arranjar trabalho como secretária se conseguir. Vou arranjar trabalho. E depois talvez vá tentar a sorte na cidade de Nova Iorque – Alda e Josué olharam um para o outro sem saberem onde raio era essa tal cidade -, se não encontrar um emprego em Lisboa adequado aos meus estudos. Afinal tenho o sétimo ano dos liceus, que me dá acesso a muitos empregos.

- Mas filha...foste criada com mimos e algum luxo, não podes ir trabalhar como criada. És uma...

- Silva. Sou uma Silva, é o nome que tenho nos meus documentos, e os meus pais são vocês. Não quero saber mais desta gente.

- Nem do teu primo Ricardo?

Helena olhou no vazio. Não tinha resposta imediata para a mãe. Ricardo...era Ricardo. Fazia-lhe acelerar o coração e humedecer as entranhas..., mas não sabia o que fazer quanto a isso. Já não sabia. Agora que se deitara com ele, não tinha alternativa. Estava perdida.

- Não sei o que pensar mãe. Somos primos direitos, mas ele não sabe, e eu preferia que ninguém daquela família soubesse que eu descobri o segredo. É mais fácil para mim. Vou desaparecer na cidade e só vocês saberão onde estou.

- Talvez seja melhor ires – confirmou Josué cabisbaixo, a lamentar que a filha deixara de ser donzela. – E nós vamos atrás de ti, em pouco tempo. Já o devíamos ter feito há muito. Mas a tua mãe prometeu não te tirar de perto desta família.

- Bem me arrependo homem. Trabalho arranjava num sítio qualquer como este, e poupávamos este desgosto à nossa filha.

Helena abraçou Alda. Mesmo sabendo a verdade não conseguia olhar para Alberto e Teresa como pais, jamais o seriam. Eram apenas duas pessoas que conhecia desde criança, duas personagens inatingíveis, cheios de soberba e arrogância. No entanto, pensando melhor, agora que sabia a verdade, sempre se sentira observada pelos dois. Uma sensação estranha subia-lhe pelo corpo, sempre que dava com Alberto ou Teresa com os olhos postos em si. Não sabia se era raiva, se rejeição, mas aqueles dois não mereciam que ocupasse a sua mente com eles.

**

O dia amanhecera solarengo e, Helena, carregada com a mala de viagem, olhou em volta escolhendo o melhor banco para se sentar. Uma senhora com ar distinto, bem vestida, sorriu-lhe com um sorriso meigo e aberto. Helena sentiu-se mais calma. O lugar na frente da mulher estava vazio e ela sentou-se colocando a mala ao lado das pernas.

Junto à plataforma de embarque, Alda e Josué limpavam as lágrimas. A última coisa que esperavam da vida era verem a sua menina partir daquela forma.

O comboio começou a movimentar-se, e Helena acenou através da janela, sorrindo por fora, mas morrendo por dentro. Estava-lhes eternamente agradecida pelo que tinham feito por ela. Talvez se eles não tivessem perdido a filha à nascença, ela tivesse passado a vida nalgum orfanato.

Sentiu asco por Teresa. Uma falsa virtuosa, amante de Alberto uma vida inteira, e que renegara a própria filha. Os dois renegaram a filha. Duas pessoas que abominava.

Esticou o pescoço o mais que pode até deixar de ver os pais. O comboio tinha saído da estação rumo a Lisboa. A partir dali estava por sua

conta.

**

Ricardo levantou-se cedo e saiu para a rua, evitando tomar o pequeno-almoço com a família e os amigos dos pais. Não estava com paciência para aturar os cinismos da mãe, as pressões de Isabel para voltar para a sua cama, e a condessa Carminda a apoiar Isabel, sem ele perceber porquê. Passou o que restou da noite a debater assuntos de política interna com Santiago, companheiro da Frente Popular Portuguesa, na clandestinidade, e o assunto foi o atentado a Salazar há dois anos atrás.

A militância na clandestinidade, valeu-lhe a ele e a muitos companheiros terem que se ausentar do país até caírem no esquecimento, para escaparem a uma morte certa. Ricardo juntou-se à FPP ainda na faculdade. Sabia que a ditadura não era boa para o desenvolvimento do país, e que Salazar era o principal entrave ao progresso aos direitos das pessoas. Infelizmente, o homem conseguiu desviar-se do engenho armado, e apenas foi salpicado por uma nuvem de pó. Soube, mais tarde, através da família, que o procuraram pelo país desenfreadamente e, não fosse a influência do tio Alberto, teriam continuado a procurá-lo nas colónias portuguesas até o caçarem. Reconhecia que o tio tinha ajudado, ao garantir que o sobrinho não estava em Portugal, e até deu as indicações que ele estaria na África do Sul para acabar com as suspeitas.

Com a mão fechada bateu duas vezes na porta de madeira.

Alda abriu de imediato. Há cerca de uma hora que esperava a visita de Ricardo.

- Entre doutor Ricardo.

Não se fez rogado e trespassou a porta da casa humilde onde tudo brilhava de limpo, apesar da pobreza do mobiliário e do interior parco de conforto.

- Venho falar com Helena – justificou-se.

- Pois bem sei. Comigo é que não seria, sou velha e sem interesse – gracejou para aliviar a tensão em que estava desde que há três horas, pela manhã, ela partira no comboio.

- Sabe que tenho muita estima por si Dona Alda, a senhora criou-me, não me vou esquecer disso.

- Sente-se senhor doutor Ricardo. Temos uma longa conversa pela frente.

**

A paisagem alentejana há muito que tinha ficado para trás e já mudara de comboio pela segunda vez. Em menos de duas horas estaria em Lisboa. Há medida que o tempo de chegada encurtava, Helena começou a inquietar-se. Torcia-se e retorcia-se no banco, espreitava pela janela, verificava a mala de mão e a carteira.

Conhecia algumas amigas da madrinha que moravam em Lisboa, mas não se atrevia a pedir-lhes ajuda, embora fosse isso que combinara com a mãe. Levava mesmo uma carte de recomendação para se dirigir a casa da família Morais, onde Alda sabia que procuravam uma rapariga para criada interna.

Mercedes - mais conhecida por Dona Maria das Mercedes -, observava a rapariga desde que se sentara na sua frente. Era notório que era uma de muitas que diariamente desembarcavam na estação ferroviária de Santa Apolónia em busca de trabalho.

Mas esta tinha algo de especial.

Ideal para o que procuravam. Tinha ar de ser muito nova, mas só isso subia o seu valor no mercado. A sorte hoje estava do seu lado. Há muito tempo que não lhe aparecia tamanha pérola.

- Como é o seu nome, minha querida? – perguntou com voz delicadoce. – Parece-me agitada. Tem algo a preocupá-la? Posso ajudá-la?

Helena sorriu tentando disfarçar o nervosismo.

- Helena. Sou a Helena. Estou bem. Obrigado senhora...

- Mercedes. Maria das Mercedes. E onde vai, minha querida?

- Ah... Trabalhar para ajudar a família – disse com um encolher de ombros.

Era apenas meia verdade, mas não ia desvendar a sua vida a uma estranha por mais simpática que fosse.

- E já sabe o que vai fazer? Tem alguma recomendação?

- Na verdade tenho, mas hoje preciso de ir procurar uma pensão para pernoitar.

Mercedes ria-se por dentro. A rapariga estava sozinha, desprotegida, era ingénua, muito ingénua, e não seria difícil conduzi-la onde queria. Seria mais fácil do que supunha. Valia-lhe nestas alturas a experiência de anos como engatadeira^[6] e a informação atempada, que ela deveria entrar no comboio em Estremoz ou em Arraiolos.

Mercedes sabia reconhecer uma presa fácil, podia gabar-se de ter olho para o negócio, e arranjar sempre mercadoria de primeira. Abriu a mala de mão, retirou um cartão do seu interior e estendeu-o a Helena. **Pensão Primavera, Quartos e desjejum, Rua da Misericórdia, nº100.**

- Fica no Bairro Alto. Pode dizer que a recomendei. Ficarà bem instalada e protegida querida, é uma casa de família – reforçou apertando-lhe a mão e confortando-a. – Procure por Madame Rosa, a dona da pensão.

- Obrigado. – Helena agradeceu e guardou o cartão sem lhe dar muita importância.

O freio do comboio chiou ao entrar na estação. Chegara ao destino e agora estava por sua conta.

O comboio estabilizou-se com grande ruído e, os passageiros apressaram-se a retirar a bagagem, da grade por cima das suas cabeças, e dos assentos forrados a veludo vermelho escuro. Um cheiro a suor e perfume, intensificado pelo calor que fazia, deslizava pela carruagem à medida que as pessoas saíam. Helena pegou na mala, e quando olhou para o lado, a tal Mercedes desaparecera da sua vista. Desceu os degraus da composição, e ficou parada na plataforma de embarque. Havia risos, abraços, beijos, e até quem chorasse. Ali passavam-se todos os dramas humanos de reencontro, perda, e de saudade.

Sobretudo de saudade.

Reconhecia várias pronúncias desde norte a sul do país; e outras línguas entre elas o francês, alemão, espanhol, das dezenas de refugiados de guerra que diariamente chegavam a Lisboa fugindo das tropas de Hitler. O seu drama era só mais um no meio de tantos. Para quê comiserar-se com a sua sorte, quando ali ao seu lado estavam pessoas desesperadas que tinham perdido tudo, até a família.

Tinha duas mãos para trabalhar e instrução, em dois a três dias conseguia um emprego como caixeira numa loja, ou numa repartição pública. Só tinha que procurar com afinco. Desceu os degraus da entrada e parou. Tinha que pensar rapidamente o que iria fazer. Em breve seria noite. Dali a duas horas o sol escondia-se para lá da foz do Tejo.

Não lhe agradava a ideia de seguir a profissão da mãe, ser criada de servir era escravatura e, ser criada interna era a pior coisa que podia acontecer-lhe, precisava da sua liberdade.

Ouvira muitas histórias às amigas da madrinha de juvenzinhas que foram abusadas pelos patrões. A ideia tomou forma na sua cabeça. Não iria procurar a casa da família Moraes. Trazia na carteira as poupanças da mãe de uma vida inteira de trabalho, mil escudos que ela escondera do pai e, com sorte, dava-lhe para viver um tempo numa pensão barata enquanto não arranjava melhor.

E, aquela pensão da tal «madame» devia ser tão boa quanto as outras. O preço de saber se lá pernoitar estava ao alcance da sua carteira, era apenas de uns tostões que gastava numa viagem de carro elétrico até ao Bairro Alto. Correu para a carruagem amarela e de um salto conseguiu entrar a tempo. Em meia hora ou menos estaria na pensão, calculou.

Capítulo 11



- O que quer? – proferiu uma voz dura, de mulher com maus modos. Estaria no local errado?

Mas não estava, aquele era o nº 100. Só os modos da mulher que espreitava por um postigo pequeno, serviram para a intimidar. Decerto a informação da tal Mercedes estava errada. Ali era o Bairro Alto, tinha a certeza. As portas das tabernas abriam-se e os guitarristas passavam com as suas fadistas para mais uma noite de fado vadio. O cheiro a linguiça assada e sardinhas aromatizava a rua, e fazia-lhe o estômago roncar de fome. Dava tudo por uma sardinha a pingar no pão. Desde manhã cedo que não comia. Recusara a merenda que a mãe lhe arranjou, e bem se arrependia.

- Não tenho o dia todo. O que quer?

- Aqui é a pensão da madame Rosa? – perguntou Helena, empinando o nariz.

-Pensão? – a mulher franziu o cenho para depois o desanuviar. - Ah claro. Claro que sim... – apressou-se a dizer mudando o tom de voz. – E quem a recomendou? – disse continuando a barrar-lhe a entrada enquanto a olhava como se estivesse a avaliar um animal no mercado.

- Dona Maria Mercedes.

- Ah! Sim, sim... estou a ver... Ainda temos quartos vagos. Faça favor – e desviou-se para Helena entrar. Toda ela era simpatia e salamaleques, como se de repente tivesse encarnado outra pessoa.

A mulher levou-a para uma sala decorada de forma sóbria, onde algumas mulheres jovens tagarelavam alegremente em camisa de noite.

- Não tem mais que fazer meninas?

A esta pergunta as raparigas levantaram-se e desapareceram por uma porta que fecharam atrás de si. Ouviu-as a gargalharem. Um cheiro a perfume enjoativo e comida, inundava a sala decorada com móveis de

madeira antiga, e sofás de veludo esmeralda, outros em couro, e janelas enfeitadas com pesadas cortinas de veludo azul-escuro. Helena pousou a mala no chão e sentou-se no sofá de couro encerado fazendo algum barulho com o seu peso. A mulher sentou-se em frente a ela, e sorriu-lhe enquanto lhe pegava nas mãos e as observava. Ao toque quente e pegajoso da mão sapuda, Helena, não conseguiu evitar um estremeção de asco.

- Sou a governanta da casa. Todas as...hóspedes me tratam por Madame Rosa. De onde é a menina, e o que vem fazer a Lisboa?

Helena não estava na disposição de responder a um interrogatório sobre a sua vida.

- Na verdade tenho vivido em Lisboa em casa da minha madrinha, ela é de cá da cidade. Mas agora quero trabalhar e ganhar o meu sustento.

- Faz muito bem querer ganhar a vida. – disse fazendo-lhe um afago na mão enquanto se levantava do sofá. – Vou levá-la ao seu quarto. As refeições são servidas às dez da manhã, às treze, e às vinte. Está incluído no preço do quarto. Cinquenta escudos diários, pagos adiantados.

Muito cara a estadia – pensou Helena. Mas não estava em condições de regatear.

Helena seguiu-a até à porta por onde tinham saído as quatro raparigas. Madame Rosa era uma mulher que já passara da casa dos cinquenta há muito, com uma postura altiva, cabelos pintados de castanho, e uma face apresentando algumas rugas. Envergava um vestido verde, cintado, mostrando uma silhueta vincada pela elegância. Mais parecia uma empregada de alguma repartição pública do que uma governanta de pensão.

Entrou num corredor largo que apresentava cinco portas de cada lado. No chão uma passadeira vermelha de pelo curto e fofo abafava os passos; a enfeitar as paredes quadros de fadistas e toureiros e, numa das paredes, uma guitarra portuguesa fazia companhia a um quadro com uma fotografia amarelecida de Severa, a fadista que morreu jovem e que era uma lenda do fado. Reconheceu a imagem e o nome pela descrição que Alda fazia da artista. A mãe adorava fado e volta e meia ouvia-a cantar. Uma voz boa, constatava sempre, mas que apenas cantava no recôndito do seu lar. Alda tinha o fado na alma.

Madame Rosa parou em frente da última porta do lado direito do corredor, e tirou uma chave da argola onde pendiam umas vinte chaves, a avaliar pelo volume. Abriu a porta e indicou-lhe que entrasse.

- A diária é cinquenta escudos por dia pagos adiantados – voltou a repetiu.

E estendeu a mão à espera do pagamento.

Helena abriu a mala de mão e retirou a carteira onde guardava todo o dinheiro que a mãe lhe conseguiu arranjar. Tirou uma nota do maço preso por um elástico e depositou-lha na mão. Ela observou a nota à luz e olhou para a carteira que ela, entretanto guardara no fundo da mala. Rosa guardou a nota e dirigiu-se à porta com um sorriso.

- Espero que nos faças companhia ao jantar. Apresento-te às outras hóspedes nessa altura. Aproveita e arruma as tuas roupas.

A mulher saiu fechando a porta atrás de si, e Helena atirou-se para cima da cama de ferro forjado, preto, com bolas de latão dourado nas pontas. O colchão era fofo e a roupa cheirava a alfazema. Uma colcha de renda enfeitava a cama e na janela reposteiros de tecido pesado, verde-claro, macio ao toque, que Helena desviou para apreciar as vistas da janela. Lá em baixo na rua, transeuntes circulavam em busca de algo nas lojas, entrando e saindo. Outros regressavam a casa depois de um dia de trabalho, a sua maioria caixeiros nas retrosarias do bairro. Também ela gostava de regressar a casa, como se a sua vida fosse normal.

Parada na porta de um prédio em frente à janela do seu quarto, uma mulher ainda jovem levantava a saia mostrando as coxas das pernas, quando homens trajados de marinheiros passavam. Os risos e alguns piropos ordinários soavam pela rua.

A luz natural do dia já dera lugar aos candeeiros elétricos. Fechou o reposteiro e começou a guardar os seus pertences no armário pequeno de madeira. Pendurou três vestidos, uma saia, duas blusas e um casaco de inverno. O que restava, sobretudo roupa íntima ficou dentro da mala.

Debaixo da roupa, no fundo da mala, guardou o dinheiro que a mãe lhe dera, e colocou a mala de cartão castanho em cima do roupeiro. Ali, a sua pequena fortuna deveria estar a salvo.

**

Uma hora depois abriu a porta e entrou na sala de refeições. Vários pares de olhos muito abertos e maquilhados cravaram-se nela. Qualquer macaco de circo lidaria melhor com aquela exposição que ela. Não era tímida, mas as raparigas tinham um ar altivo e pareciam saídas de uma revista de moda: maquilhadas, cabelos impecavelmente penteados, vestidos longos de noite e sapatos de salto alto.

- Senta-te aqui querida – disse a morena de olhos pretos, que envergava um vestido de renda vermelho, enquanto puxava a cadeira vazia a seu lado para que ela se sentasse. – Como te chamas amor?

- Helena Silva. É aqui a sala de jantar, não é?

Risinhos e troca de olhares não lhe passaram despercebidos.

Sentou-se e desdobrou o guardanapo no colo como sempre fizera na casa da madrinha. Um silêncio de gelo caiu no local. Todas esperavam o jantar certamente.

- O meu nome é Camila, a Joana, Teresa e a nossa colega da nobreza Maria d'Alencar. Ela é de Alenquer, mas acha que com este nome tem mais... valor no mercado.

Risada geral.

- E se vocês se metessem nas vossas vidas, suas...suas putas!

Maria levantou-se de supetão derrubando a cadeira, e atirou com o guardanapo para cima da mesa. As outras continham o riso e Helena estava chocada com o palavrão que Maria usara. - Não faças caso – disse Camila. – Ela tem a mania da nobreza e não tolera uma brincadeira.

Uma criada abriu a porta transportando um carrinho com vários pratos e uma terrina.

- Já tardavas Adriana! Queres matar-nos à fome? – refilou Joana, a ruiva do grupo e a mais alta.

- Tenho ordens da patroa para vos manter bem alimentadas. Barriga vazia não dá rendimento. Vamos lá a passar os pratos. Primeiro a nova – e estendeu a mão a Helena à espera do prato.

- Sim, sim, dá-lhe graxa. Quero ver se daqui por uma semana ainda a tratas assim. Não sabia que gostavas de pacóvias.

Helena ia abrir a boca para responder à ofensa, mas Camila beliscou-a por baixo da mesa e arregalou-lhe os olhos. Aquela Teresa não era boa rês - como dizia o pai acerca das vacas que andavam no pasto e marravam em tudo.

Apenas se ouvia o tinir leve dos talheres nos pratos, e Helena reparou que só ela sabia usar garfo e faca, as outras comiam apenas com o garfo e até com as mãos. O ambiente era hostil e apesar de não pretender ficar muito tempo, lamentava encontrar jovens rudes e amargas. Os vestidos não condiziam com o interior. Apenas Camila lhe parecia diferente.

Sentiu o estomago confortado depois de longas horas de jejum. Agora só queria ir para a cama.

A empregada entrou, recolheu a louça suja, e voltou a sair cruzando-se com Madame Rosa que já não trazia o avental. A patroa carregara mais no vermelho do batom, e na sombra dos olhos e, no cabelo colocara uma rosa vermelha.

- Estão todas com a barriga cheia? Espero que sim. Hoje é dia de movimento, por isso já sabem. Noite longa e cansativa, mas bolsos cheios.

Helena não entendia nada do que ouvia, mas tudo lhe soava a estranho, como se estivesse no meio de uma peça de teatro.

Madame Rosa endireitou os ombros e começou a inspecioná-las desde a cabeça aos pés.

- Madame... Maria não jantou – disse Teresa.

- Jantou sim. Comeu na cozinha. Vá! Todas para cima. Quero-as prontas na sala daqui a meia hora. Helena podes recolher-te ao teu quarto, hoje estás dispensada. Até amanhã.

As raparigas subiram a escada até ao segundo andar em animada galhofa, levando atrás delas o cheiro a perfume. Helena dirigiu-se ao seu quarto do primeiro andar. Não sabia que pensão era aquela, mas que era tudo estranho, lá isso era.

Dispensada do quê?

Antes de vestir a camisa de noite de algodão apreciou-se ao espelho. Gostou do que viu. Pernas cheias e com curvas, ventre liso e seios empinados que nem dois melões.

E os olhos.

Adorava a sua cor de olhos. E agora que pensava nisso soube de quem os herdara: de Teresa Silveira, a sua mãe biológica. A única semelhança entre elas, mas que nunca foi mencionada ao longo dos anos. Todos sabiam menos ela.

Vestiu a camisa e ajeitou o vestido em cima da cadeira junto à parede. Deitou-se na cama e pela primeira vez desde que saíra de casa na herdade dos Santana, veio-lhe à mente Ricardo. O seu doce e másculo Ricardo que deveria estar desesperado com o seu desaparecimento. Assim que tivesse trabalho escrevia-lhe a dizer onde estava. Só receava que ele partisse de novo para longe. As coisas não estavam famosas para o lado dele. A polícia à paisana andava pela herdade e pela vila a rondar. As pessoas diziam que ele era comunista, palavra proibida e não pronunciável em voz alta. Embora não soubesse bem o que era ser comunista, devia ser algo

muito mau para prenderam Ricardo. Mas os pais sempre falaram que ele era republicano e não lhe parecia ser a mesma coisa...de todo.

O cansaço da viagem, e dos acontecimentos das últimas horas, estavam a vencê-la. As pálpebras quase se fechavam. Estava extenuada. Ainda bem que ia dormir cedo. No dia seguinte começaria à procura de trabalho, mas antes de dormir queria conferir se tudo estava em ordem. Puxou a cadeira para junto do roupeiro e tirou a mala de cartão para cima da cama. A roupa estava arrumada. Enfiou a mão por debaixo do vestido dobrado em busca do rolo de notas.

Nada.

Rapidamente retirou tudo da mala e conferiu peça a peça. O dinheiro desaparecera. A respiração acelerou e as pernas amoleceram. Devia estar a ver mal. Voltou a verificar e nada. Procurou na mala de mão e na carteira onde guardava as moedas. Estava vazia. Todo o seu dinheiro desaparecera. Os ombros descaíram e o mundo desabou-lhe em cima. As lágrimas correram em fio pela cara. Que iria fazer agora?

Enquanto Helena desesperava pela perda do seu dinheiro, no andar de baixo o dinheiro mudava de mãos.

- Aqui está. Espero que mantenha a promessa. Parte disso é meu.
- Vai – ordenou madame Rosa com maus modos.
- Desce para a sala, e bico calado. A primeira parte já está, o resto é fácil. Amanhã já posso dar a novidade à patroa.

Capítulo 12



Um som de risos e música de guitarra soava-lhe muito longe, como se estivesse a quilómetros de distância. A cabeça pesava-lhe e os olhos também. Tentou erguer-se, mas o corpo não obedecia. Rostos estranhos apareciam-lhe e sussurravam para depois se desvanecerem de novo.

- Adormeceu de novo. Deixem passar o efeito do láudano e depois tragam-na até mim. A patroa já sabe que conseguimos atraí-la até aqui – disse Rosa.

As raparigas olhavam para Helena que adormecera profundamente de novo. Não dava por nada à sua volta. Maria disse qualquer coisa ao ouvido de madame Rosa, e Camila olhou-a de soslaio. Já não suportava vê-las atraírem raparigas jovens e inocentes que apenas buscavam trabalho na capital, para as explorarem e, quando já não tinham valor colocavam-nas na rua. Madame Rosa e Maria D’Alencar saíram do quarto e Joana seguiu-as.

- Vais ajudá-la? – perguntou Teresa a Camila, as únicas que permaneceram no quarto.

- Não sei Teresa. Não vejo como posso ajudá-la senão dando-lhe instruções para que não sofra tanto e os truques para evitar ficar de barriga. Tenho receio que a madame me expulse e não quero ir parar à rua ou ao rés-do-chão do prédio. Lá em baixo é só marinheiros bêbados e violentos.

- Tens razão. Se a tirarmos daqui corremos o risco de a patroa nos pôr na rua ou mandar-nos lá para baixo. Uma das raparigas que me trouxe para cá contou-me que a tal patroa que dizem ser uma mulher rica, mandou desfear uma rapariga com uma navalha só porque ficou com dinheiro a mais.

- Já ouvi rumores. Mas ninguém sabe quem é a figura, nem se isso é verdade. Vou dormir e depois de almoço volto aqui para falar com ela.

Como ela está, não acorda antes da uma da tarde. Deram-lhe uma grande dose.

**

Sentou-se na cama a tentar raciocinar, mas o pensamento estava lento. O silêncio ecoava por toda a casa. A cabeça ainda lhe pesava e não tinha lembrança de ter adormecido, mas recordava-se da aflição de estar sem dinheiro. Como ia resolver esse problema era o seu enigma. Imaginou que o melhor seria falar com a gerente e dizer-lhe que tinha sido assaltada, mas como o iria provar se afinal ela tinha fechado o quarto à chave quando foi jantar.

Uma pancada ao de leve, soou na porta, e uma cabeça loura surgiu pela abertura esgueirando-se para dentro. O quarto estava semiobscurado, e um ligeiro cheiro a whisky pairava por ali.

- Boa tarde Helena. Lembras-te de mim? – perguntou enquanto abria os reposteiros e a janela para que o ar puro entrasse.

Helena assentiu, mas não se recordava do nome dela, só que a rapariga era a mais meiga das quatro que moravam na pensão.

- Sou a Camila. Vim ver como estás – e sentou-se na cadeira onde ela depositara o vestido na noite anterior. – Sentes a cabeça pesada, não é?

Acenou que sim lutando para manter a cabeça direita.

- Sim, mas não percebo porquê – balbuciou. - Devo estar doente, mas o que me preocupa mais é que...- e calou-se.

Como é que ia confiar numa estranha?

- Trazias dinheiro?

- Como é que sabes? – disse espantada.

- Porque é o que fazem a todas. Tiram-lhes o dinheiro para que fiquem presas aqui. E tens a cabeça pesada porque te deram láudano com whisky e mel.

Helena não sabia do que ela falava, mas já percebera que algo estranho se passava naquele sítio. Tinha receio de perguntar, mas não tinha alternativa.

- Não sei do que falas... Que sítio é este? Isto não é uma pensão familiar?

Camila sorriu com condescendência. Ela não fazia a menor ideia do que lhe acontecera.

- Que idade tens querida?

- Vinte. Mas porquê?

- Quem te deu esta morada?

Tanta pergunta. Crispou as mãos e apertou os lábios.

- Mas afinal que sitio é este e porque é que estás tão interessada em mim? – levantou a voz com mais alguma clareza e dirigiu-se à janela de onde surgia um vento quente a levantar as cortinas.

- Calma – disse Camila. – Não grites. Não quero que saibam que estou aqui. Só vim ajudar-te.

- Foste tu que me roubaste o dinheiro?

- Não – afirmou perentória. – Quase posso afirmar quem o fez, mas não vai adiantar nada. Ainda não percebeste que casa é esta? Vieste da província?

- Estás a chamar-me pacóvia? Talvez seja mais instruída que tu. Fiz o liceu feminino e tenho estudos até ao sétimo ano. – disse completamente descontrolada puxando de uma arrogância pouco habitual em si.

- Calma, calma. Não quero ofender-te. Só quero dizer-te que se fosses de Lisboa sabias que lugar é este. E se tens estudos, és uma mina de ouro para esta gente.

Camila levantou-se da cadeira e aproximou-se de Helena. Era ligeiramente mais alta pelo que a sua face ficou acima da dela. Passou-lhe o braço pelos ombros em jeito de proteção e disse:

- Estás numa casa de «meninas», querida. Foste escolhida de propósito para vir parar aqui, ou tiveste azar e deste com alguma das angariadoras? – perguntou.

Helena preferiu não responder. Angariadoras? Começou a perceber. Foi vítima de uma armadilha. Mas de quem?

- Só quero ajudar-te, mas não me peças que te tire daqui, pois matavam-me ou desgraçavam-me para o resto da vida. Fizeram o mesmo comigo. Também eu vim do Norte para trabalhar e fui abordada na estação do comboio por uma mulher que me ofereceu trabalho e dormida.

- Já entendi. Mas porque não foges? – perguntou Helena.

- Estou desgraçada. Homem nenhum quer uma mulher como eu. Tenho vinte e cinco anos e já passei da idade em que uma mulher casa. Daqui por um ano ela manda-me embora, e só me resta a rua ou um bordel frequentado por marinheiros e fadistas, daqueles sítios rascas com gente de toda a espécie, ou, transitar para o rés-do-chão, onde a clientela não é escolhida a dedo como aqui. Entendes?

- Não, não entendo. Mas eu vou-me embora – e esticou-se em direção ao guarda roupa para retirar a mala.

Camila estendeu o braço por cima de Helena e retirou-a com facilidade.

Helena começou a arrumar a roupa dentro da mala e Camila ficou a observá-la. Admirou-lhe a coragem. Via-se que tinha educação, não era como elas, que mal sabiam escrever o nome, e tinham medo, muito medo. Helena não parecia ter medo e isso podia ajudá-la.

- Estou pronta. Vou-me embora. Tenho onde recorrer por uns tempos. Obrigado pela tua ajuda e desculpa se fui rude. Desejo-te boa sorte.

Com a cabeça a latejar ainda pelo efeito do láudano, saiu para o corredor deixando a outra com inveja de não ter coragem de a seguir. Camila não se via a esfregar escadas depois de ter experimentado o luxo em que vivia. E, afinal, os clientes eram homens de negócios, diplomatas e até espões estrangeiros, limpos, bem-educados e que davam gorjetas generosas.

A guerra trouxera a Lisboa um manancial de homens de todo o mundo, sobretudo alemães, ingleses e franceses, que procuravam o famoso clube de madame Rosa. O clube de luxo ocupava o segundo e o terceiro andar do antigo palacete, tudo no mais absoluto sigilo. A fama do bordel de luxo tinha ultrapassado fronteiras, e o antro que Rosa mantinha no piso térreo, servia de disfarce para um negócio lucrativo à custa de jovens incautas como Helena.

Mais uns metros e estava na rua.

- Helena! Onde vai?

Conheceu a voz. Ah! Se ela pensava que ela se deixava vencer estava enganada.

- Não creio que a senhora tenha alguma coisa que ver com isso. Já lhe paguei a estadia adiantada – enfatizou – e o que me roubou deve-lhe dar para viver uns tempos.

- Insolente – e levantou a mão para lhe acertar na cara.

Helena levantou a mão e segurou-lha.

- Não se atreva. Sabe de quem eu sou afilhada? Conhece a família Santana, a do cônsul Alberto Santana?

Madame Rosa sorriu.

- O que é que tem? É só mais um igual a tantos outros homens com dinheiro. Achas que não frequenta sítios destes?

- Não creio que frequente. Vou-me embora, e vou pensar em denunciá-la como ladra e vigara.

A mulher deu uma gargalhada demoníaca exalando um bafo matinal a azedo.

- Estás enganada a meu respeito. Não sei o que fizeste ao dinheiro. Aqui ninguém tem o hábito de mexer nas coisas dos outros.

Helena virou-lhe as costas e dirigiu-se à porta em passo acelerado. A mulher apanhou-lhe o braço, prendendo-a e disse:

- Espera. Não é o que tu pensas. Vou investigar o desaparecimento do teu dinheiro e se for alguma das raparigas juro que a mato de pancada. Mas tenho um trabalho para te oferecer, se não encontrares nada lá fora.

- Não! Deixe-me em paz! Quem você pensa que sou?

Rosa bufou contrariada.

Não podia deixar escapar a rapariga. A patroa esfolava-a viva se lhe dissesse que Helena tinha partido. Tentou segurá-la com falinhas mansas.

- Não! Não! Não é o que pensas. Se não encontrares trabalho podes vir trabalhar no nosso bar a servir às mesas. É só isso. Não te ia pôr na vida. Sou uma mulher séria. E depois, se arranjares algo melhor, podes ir. Pensa bem.

Helena bem via que sim. Não deixava de ser hilariante, aquela mulher com um discurso daquele tipo, mostrando a honestidade que não tinha.

- Nem sei porque a escuto. Passe bem, ou melhor, passe mal.

- Cem escudos por semana – ofereceu. - Cama, mesa, e roupa lavada. Não te esqueças! É o triplo do que te pagam num mês, em qualquer casa rica como criada, ou mesmo numa repartição pública como escriturária.

Helena não escutou mais. Saiu para o sol tórrido do verão e já sabia onde se dirigir. Afinal tinha mesmo que recorrer à família Morais por uns tempos. Pensou em apanhar o carro elétrico, mas sem dinheiro era impossível. Tinha que calcorrear o percurso até ao antigo Passeio Público a pé, onde a família tinha a sua mansão, protegida com muros altos e com jardins frondosos. Dona Maria da Glória Morais, amiga da madrinha, iria ajudá-la de certeza, bastava vê-la para lhe abrir as portas da sua casa.

Amo-me a mim próprio demasiado para poder odiar seja o que for.
Jean-Jacques Rousseau

Capítulo 13



Perdera a noção do tempo enquanto esperava que Maria da Glória Moraes a recebesse. Aos poucos, foi roendo as unhas, coisa que nunca fizera, tal era o turbilhão interno que lhe ia na alma. Quando se anunciou à governanta estranhou-lhe o sobrolho franzido. Efigénia sempre a tratara com muita consideração quando acompanhava a madrinha em visitas sociais e, apesar de muitas vezes ter escutado às amigas da madrinha Catarina, que parecia carregar um fardo às costas com aquela filha dos empregados sempre atrás dela, ninguém se atrevia a destratá-la de forma mais rude, afinal Catarina Santana, tinha um enorme poder na sociedade. O que ela dizia era lei para as outras mulheres. Era Catarina que decidia quem frequentava os eventos da sociedade e, era-lhe sempre solicitada opinião em assuntos de bem parecer. Ninguém se atrevia a afrontar a esposa do conselheiro do rei no tempo da monarquia, o comendador José Luís Cabral.

Mas, no entanto, era Catarina quem se dava ares de superioridade, o marido era um homem simples e afável, embora tivesse sido muito próximo de sua majestade na sua juventude. A família Santana era proprietária de muitos prédios urbanos e grandes propriedades no Alentejo, heranças de gerações, uma das famílias mais ricas do país.

Finalmente a porta da pequena sala nos fundos da casa, destinada aos empregados, abriu-se, e Maria da Glória Moraes surgiu com o seu porte altivo e ancas anafadas, cabelo preto caído em ondas largas até aos ombros e um nariz mais empinado que um poste. Era uma mulher que impressionava pela sua beleza de atriz de cinema, mas cujas semelhanças acabavam aí. O desprezo pelas classes sociais baixas era notório, e não o escondia. Helena levantou-se da cadeira quando ela entrou, e pôs um sorriso na face para a cumprimentar com um beijo, como sempre fazia.

Maria da Glória fez-lhe um gesto de repúdio com a mão.

- O que é que está aqui a fazer?

- Senhora... creio que precisava de uma criada interna e vim oferecer-me para o lugar. Como sabe tenho as qualificações para lhe prestar...

- Basta! – disse com altivez. - É muita desfaçatez da sua parte vir aqui depois de tudo o que fez à família da sua protetora. Não tem vergonha?

- Mas...senhora...não sei a que se refere – respondeu atónita.

- Não sabe?! Toda a sociedade comenta o caso da protegida dos Santana com o seu filho mais velho, Ricardo. Uma desonra para a família, deveria ter pensado na sua madrinha!

Helena ficou lívida. Começava a entender a carranca facial dos empregados da casa e agora da patroa. Todos já falavam dela como se fosse uma meretriz do mais alto gabarito.

- Ninguém a vai receber, menina. Muito menos eu. Na minha casa não há lugar para rameiras que se atiram aos patrões. O facto de lhe terem dado uma boa educação, não lhe traz o berço, continua a ser uma mera criada. E agora retire-se por favor.

Helena estava prestes a implodir. A cabeça zoava-lhe como se tivesse uma mosca gigante lá dentro, e as pernas pareciam feitas de geleia.

- Efígenia! – chamou a criada.

- Sim, minha senhora.

- Acompanhe a Helena...à porta dos fundos por favor – disse com desdém e virou-lhe as costas saindo da sala.

Helena seguiu a criada até ao portão em silêncio, mas não resistiu a perguntar-lhe:

- Dona Efígenia sabe-me explicar o que se passa para me tratarem como seu eu fosse um cão sarnoso? Que mal fiz para me escorraçarem assim?

Efígenia conhecia a rapariga desde sempre. Desconfiava que havia algum segredo bem guardado para que os Santana - especialmente Catarina - a protegesse daquela forma, e não era justo o que lhe estavam a fazer.

- Minha querida, o maior erro que uma pessoa na nossa condição pode fazer é deixar que os patrões passem disso mesmo: de patrões. Não sei se me entende? Nunca devia ter deixado o doutor Ricardo fazer-lhe o que fez. A vida para ele continua, mas para si nunca mais vai ser a mesma.

Helena levantou os ombros e o nariz.

- Fez? Fez o quê? – perguntou com indignação.

Tentou disfarçar, mas por dentro sentia-se a encolher de vergonha. Sabia o que tinha feito e, apesar de considerar que não tinham nada que ver com isso, sabia que era uma coisa grave para a sociedade.

- Ouvi a condessa a falar no assunto com a minha patroa na hora do chá, ontem ao fim da tarde. Na verdade, ela não disse nada demais. Nada venenoso como é seu hábito, percebe? Comentou apenas que o doutor tinha caído de amores por si durante o início da temporada de verão, e que um escândalo estava prestes a estourar.

- Entendo. Obrigado Dona Efigénia – e saiu pelo portão de ferro forjado enfeitado com grandes folhas e flores pintadas de tinta verde, com a certeza que nunca poderia recorrer aos conhecidos e amigos da família do pai biológico, aquele traste covarde.

- Para onde vai Helena? Volte para casa – gritou a mulher que ficara a vê-la afastar-se.

- Sim. Claro. É isso que vou fazer – disse apenas para a sossegar, sabendo que não tinha onde recorrer.

Em marcha lenta, como se caminhasse para as portas do inferno, desceu a rua sem destino. Avistou um banco debaixo de uma palmeira frondosa e o calor era tanto que resolveu sentar-se ali para pensar com serenidade no próximo passo que ia dar, como se isso fosse possível nesta altura.

**

- Bem me parecia que voltavas. Já sabes o que vais fazer aqui? Já te informaram?

- Tanta pergunta Camila. A madame ofereceu-me trabalho no bar com direito a cama e comida e cem escudos semanais. Não tenho para onde ir. O dinheiro que a minha mãe me deu desapareceu todo. Uma pequena fortuna que dava para eu viver um ano sem trabalhar.

Camila deu uma pequena gargalhada e Helena franziu o cenho. Que graça podia ter o facto de ter ficado sem dinheiro? Talvez se tivesse enganado quando a ela.

- Desculpa. Não estou a rir-me de ti, mas já vi a madame Rosa fazer isto a tantas raparigas que fico estúpida cada vez que acontece. Mandou a Maria D'Alenquer roubar-te, de certeza. Quis certificar-se que voltavas.

- O quê?! Se foi essa que me roubou vai ter que mo devolver. Assim que a apanhar vou pedir-lho e se não mo der...

- Quem tem o dinheiro é a madame Rosa. A Maria é uma puta pobre, ordinária e velhaca, mas não adianta sujares as mãos nela.

- Não me conformo. Assim que tiver dinheiro vou-me embora – disse Helena.

- Isso é o que todas dizem. Ela vai assegurar-se que não ficas com o suficiente para partires. Não te quero desanimar, mas tens que ser mais esperta do que a Rosa. Anda. Vou ajudar-te com a roupa e ensinar-te o que tens que fazer esta noite. A madame encarregou-me de cuidar da tua «educação». Enquanto estiveste fora recebi instruções.

O que quer que fizesse parte da sua «educação» não poderia ser coisa boa para ela. Enquanto Camila aparecia com um vestido de renda que a obrigou a vestir, e que lhe deixava as pernas meio nuas - apesar de ser bastante sofisticado -, Helena deixou de a ouvir. Veio-lhe à memória a mãe, o pai, e Ricardo o seu amor, o único homem que iria amar durante toda a sua vida, e a quem entregara o seu corpo num momento de paixão. Foi com Ricardo que descobriu o quanto podia ser prazeroso o contacto com um homem.

- Ouviste? – disse Camila.

Helena estava noutra dimensão e não ouvira uma única palavra que a rapariga dissesse.

- Ouvi o quê?

- Bolas, mulher! Estou eu para aqui a gastar saliva e tu nem me ouves.

- Desculpa. Tudo isto é tão...estranho.

- Habitua-te. Quando um deles te der uma nota de quinhentos esqueces tudo. Já pensaste o que podes comprar com uma nota dessas? Mas se algum te der uma nota dessas, fora do pagamento da noite, não digas a ninguém, e esconde-a bem-disse mostrando-lhe a batinha falsa da combinação onde podia esconder com facilidade uma nota.

E, perante a surpresa de Helena, pegou-lhe pelos ombros e virou-a para o espelho sem que ela tivesse tempo de raciocinar. Helena quase levou um susto. A mulher que estava na sua frente não podia ser ela própria. Estava transfigurada. O cabelo apanhado ao alto dava-lhe um porte aristocrático, e a figura esbelta e elegante ficava muito favorecida com o vestido longo, embora parte dele fosse de renda transparente.

Encontrou semelhanças a Teresa, sua mãe biológica e maldisse-a pela falta de coragem.

- Camila! Não posso ir servir às mesas assim! – apontou as mãos para as pernas quase desnudas até à coxa.

- Podes sim. Não deixes que te toquem. A tua função é apenas levar as bebidas e recolher os copos. Não te preocupes que o Alberto está de vigia.

- Quem?

- O Alberto é o nosso protetor, faz a segurança da casa. Se precisares aperta o botão por baixo das mesas, todas têm um, e o balcão também. Assim que a luz acender no escritório a segurança aparece. Mas não costuma acontecer por aqui nada de grave. Este sitio é bem frequentado, lá em baixo é que é horrível, mas a casa é tão grande que nem notamos o que se passa lá.

- Por favor, não me contes mais sobre este lugar, Camila. Não sei se consigo levar isto até ao fim.

Camila olhou-a com algum desdém disfarçado. Ela pensaria que era melhor que alguma delas? Via-se a léguas que aquela rapariga tinha uma educação esmerada, muito além da que as outras possuíam, mas faltava-lhe perceber a vida e, a vida de puta, era difícil.

Ali todas sabiam ler e escrever, pelo menos o nome era obrigatório, já que a clientela era de embaixador para cima, mas ela era especial. Camila olhou-a com um misto de inveja e zanga, apesar de simpatizar com ela. O que é que a patroa teria destinado para aquela beldade de olhos esmeralda que parecia ter saído de um salão da burguesia da cidade?

- Desculpa. Não quis ofender-te – disse Helena quando viu o olhar enviesado da outra.

- Eu sei. Mas não és melhor que nós. Todas chegamos aqui como tu. Sou muito sincera Helena, habitua-te. Ajudo-te, mas não dês ares de superior – admoestou com um sorriso brando na face. – E agora deixa-me olhar para ti. Estás linda.

- Isso não me deixa mais feliz.

- Tens razão. Ah! Falta arranjar-te um nome de “guerra”, aqui ninguém usa o nome verdadeiro.

Camila olhou para ela e tentou desencantar um nome que lhe assentasse bem.

- Já sei. Esmeralda, em homenagem aos teus lindos olhos.

Jamais iria usar aquele nome.

**

À medida que desciam os degraus para o salão do primeiro andar – que Helena ainda não conhecia –, um tango soava baixinho e convidativo. Apesar de não saber dançar tinha ritmo no corpo e um dia gostava de aprender, mas ali, naquele sítio, não pensava sequer nisso. O seu pensamento voava para além da música e só pensava numa forma de escapar dali e encontrar Ricardo.

O salão, tão amplo ao ponto de albergar uma dúzia de mesas, um balcão de bar e um pequeno palco onde uma orquestra tocava, emanava uma luz difusa e estava vazia. Outrora, no tempo da monarquia, devia ter sido um salão de baile, que resistira ao terramoto de 1755.

Os músicos, quatro homens de meia-idade sorriram entre eles quando a viram entrar. Sem deixarem de tocar os seus instrumentos no que parecia um ensaio, até intensificaram os acordes. Helena não entendeu, mas a Camila não lhe passou despercebido. Carne fresca tinha chegado ao bordel da madame Rosa. Qual deles seria o primeiro a tentar comê-la, era o desafio entre os músicos. Já ouvira aquele sinal musical dezenas de vezes.

Camila cutucou-a com o cotovelo antes de se aproximarem do palco.

- Não são más pessoas, mas prepara-te que todos vão querer...tu sabes. Mas não tenhas medo, não te fazem nada se tu não quiseses.

Feitas as apresentações aos músicos, ao segurança e aos dois empregados de balcão, Camila começou a explicar-lhe o que esperavam dela a partir dali. No final fez-lhe um aviso.

- Madame Rosa é apenas a testa de ferro de alguém que nunca conhecemos. Ouvimos uns boatos que seria alguém bem relacionado, mas nunca deu a cara por aqui, mas, uma certeza temos: isto é gerido com mão de ferro. Não penses que deixam passar algum deslize nosso. Os clientes são figurões do governo, embaixadores estrangeiros, oficiais do exército, e judeus ricos que estão cá fugidos da guerra. Homens ricos, entendes? Estes cheiram todos a perfume, não cheiram a maresia e vinho barato, o que para nós é agradável por vezes – ironizou.

Helena estava com dificuldade em acompanhar as meias palavras de Camila. Cada revelação era uma novidade constrangedora e, cada vez mais receosa, calou-se para evitar saber mais. Se não soubesse não teria tanto pavor.

O ambiente era pecaminoso, como dizia a condessa Carminda quando a tentava elucidar sobre os prazeres da carne.

Porque raio fora lembrar-se da velha quando a sua vida levava uma reviravolta em menos de dois dias? Se ao menos soubesse onde a encontrar talvez ela a recebesse em sua casa. Mas o raio da mulher nunca recebia ninguém, apenas desfilava pelos salões dos outros, dando palpites e ordens.

Helena, ou melhor, Esmeralda a partir do momento em que pisara o salão estava de pé junto ao balcão. Passava das vinte e duas horas e já se notava algum movimento de homens. Madame Rosa, a anfitriã, recebia-os um a um, encaminhava-os para as mesas, e chamava uma das meninas para que cuidasse dos seus pedidos. Todas as raparigas estavam vestidas soberbamente, com vestidos de noite caros.

Um homem de meia-idade, calvo e com sotaque estrangeiro, acabara de entrar e foi acomodado numa mesa perto de Helena. Apontou para ela e disse qualquer coisa ao ouvido de madame Rosa. Helena estremeceu. Para seu descanso, viu Rosa abanar a cabeça em negação. O homem ainda puxou da carteira, mas a patroa fez-lhe sinal que a guardasse e, o que quer que ela tivesse dito, fez com que ele desistisse.

Não tardou um minuto que Dona Rosa não se abeirasse dela com um sorriso muito branco realçado pelo batom vermelho vivo.

- Esmeralda, não é? É esse o nome que escolheste?

Helena não respondeu. Não queria usar aquele nome.

- O gato comeu-te a língua?

Helena levantou o nariz enfrentando-a, e olhou madame Rosa de soslaio.

- Quando eu me dirigir a ti, respondes «sim madame, não madame», entendido? – disse-lhe ao ouvido enquanto lhe apertava o braço com garras de ave de rapina.

- Sim madame – respondeu furiosa.

- Muito bem. Não volto a repetir. E agora vai até à mesa do embaixador, e pergunta-lhe o que ele quer tomar. Não te esqueças que o dinheiro é todo conferido aqui ao balcão, por isso não tenhas ideias de ficar com algum.

Helena afastou-se até à mesa do tal embaixador com os olhos a chispar. Nunca tivera vontade de estrangular ninguém, mas aquela mulher estava a despertar-lhe emoções que julgara não existirem dentro de si.

O olhar do homem incidiu no decote do vestido que deixava ver uma parte dos seios redondos e firmes. O que lhe dera prazer com Ricardo – ser admirada- provocava-lhe asco vindo daquele sujeito.

- Boa noite senhor. O que deseja tomar?

- Bourbon, duplo, com duas pedras de gelo. Querida, gostaria que me fizesses companhia.

Helena apontou o pedido e o número da mesa no caderninho e sentiu uma mão a subir-lhe pela perna, por cima da renda do vestido e a acariciar-lhe as nádegas.

Sorrateiramente pisou-lhe um pé com força e, perante o queixume do velho, pediu licença com a desculpa de atender o pedido dele, e afastou-se com rapidez até ao bar tentando segurar as lágrimas nos olhos. Da outra ponta da sala, Maria D’Alencar – como fazia questão se ser chamada- abeirou-se do embaixador e sentou-se na mesa.

Lourenço, um dos empregados de balcão, um jovem que não devia ter mais que vinte anos, preparou a bebida que ela pediu e passou-lha num mini tabuleiro em latão. Helena foi até à mesa e com um sorriso forçado pousou-o com elegância e suavidade.

As aulas de economia doméstica e de bem governar uma casa, com os seus ensinamentos virados para as donas de casa, serviam-lhe agora. Foi lá que aprendeu a servir à mesa - este foi o pensamento mais sem sentido que lhe ocorreu. Socorria-se de todos os subterfúgios para levar dali o pensamento.

- Maria. Vê se convences a tua amiga a juntar-se a nós lá em cima. Garanto que serão bem recompensadas. Duas lindas potras como vocês... oh *lá! lá!* Faziam as minhas delícias, tudo o que eu já sonhei. – disse num português com sotaque arrastando os «erres» e passando a mão pelo interior das coxas de Maria a coberto da mesa e da luz difusa.

- Senhor, esta coisinha – e Maria passou o dedo pelo braço nu de Helena num ato de pura provocação - ainda não está preparada. A madame não lhe disse?

- Oh, sim! Mas disse para eu *fazerr* uma *oferrta*.

Maria deu uma pequena gargalhada.

A porta dos fundos voltou a abrir-se e uma figura alta e morena entrou.

- Lá vem o morgado alentejano. Vai chamar a Joana. – disse Rosa para Helena. – Joana é a única capaz de o aguentar.

Helena voltou-se curiosa quando ouviu a alusão ao *morgado alentejano* e deparou-se com uma figura conhecida: Filipe Aguiar, um dos seus pesadelos mais recentes, estava ali e, a última coisa que podia acontecer era ele vê-la num local daqueles. Nem queria imaginar o que podia acontecer.

Temeu pela vida.

Filipe avançou pela sala, sorrindo, com a sua fanfarronice de conquistador reles e com as botas cardadas a ressoarem no chão de madeira, fazendo notar a sua presença. Helena escapou-se pela porta lateral, escondeu-se atrás do pesado cortinado de veludo que ocultava a porta de acesso aos outros andares, tremendo de medo.

O estômago contraiu-se de repente, e a cabeça entonteceu com vertigens. A sua prioridade era chegar ao quarto sem ser vista.

O destino baralha as cartas, e nós jogamos.
Arthur Schopenhauer

Capítulo 14



Helena trancou a porta à chave, ofegando, e enfiou a cadeira por baixo do puxador. Seria mais difícil ele arrombá-la. A tremer, com suores frios a ensombrarem-lhe o corpo, atirou com os sapatos de salto alto para debaixo da cama e deitou-se vestida, à espera de ouvir passos pesado no corredor.

Reconheceu o pavor e irritou-se consigo própria por estar a ser fraca.

Como é que nunca imaginou que o morgado era frequentador de bordéis? Toda a linguagem que ele usava com as mulheres era um indicador da forma como ele pensava e do seu estilo de vida. Escondeu a cabeça debaixo da almofada, para não ouvir o som da música do andar de baixo. Uma náusea súbita subiu-lhe à boca. Sem aguentar mais, saltou da cama, destrancou a porta e, descalça, correu pelo corredor caindo aos pés do vaso onde enfiou a cabeça mesmo a tempo de evitar sujar o chão.

A cabeça pesava quilos, doía-lhe e, temia não conseguir levantar-se. Não ouviu os passos que se aproximavam e, quando deu pela presença de Rosa ela já estava a seu lado.

Ali, naquela pensão tudo se movia em silêncio. Como as cobras rateiras a rastejar no restolho^[7], lá na planície alentejana no pino do verão.

- Que fazes aqui menina? Porque não desceste com a Joana?

Helena levantou a cabeça com dificuldade e deparou com uns olhos inquisitivos e cruéis.

- Vamos! Anda, explica-te! – disse com as mãos postas na cintura.

- Desculpe. Não quero voltar para a sala. Pode pôr-me na rua, mas não volto para lá. Se quiser pode matar-me mesmo – disse enquanto se sentava no chão frio.

**

Passada meia hora, o rosto de madame Rosa tinha perdido o ar duro e aceitara as explicações que ela se esforçara por parecerem credíveis. Afinal, a madame tinha coração, e talvez a ajudasse a sair do pesadelo em que estava. A última coisa que desejava era tornar-se numa mulher daquelas que estavam ali. Tornar-se numa prostituta ia contra os seus princípios e a educação que recebera.

- Ficas aqui e se mais alguma vez ele aqui vier, podes subir, não quero que fiques exposta a energúmenos como aquele espiãozinho tagarela. Que figura ridícula que o homem faz quando começa a falar das suas proezas de agente secreto. O mundo é mesmo pequeno. Nunca iria imaginar que conhecias o nosso espião número dois.

- E qual é o número um? – perguntou mais calma e sem conseguir reprimir a curiosidade.

Rosa riu-se e fez-lhe uma festa na cabeça, algo que Helena nunca esperaria.

- Como deves calcular, não posso falar. Mas vai lá para o quarto, e descansa que ele não te põe os olhos em cima. Nem as mãos. És demasiado preciosa para os dentes dele.

- Obrigado senhora Rosa – levantou os olhos para a mulher com sentido agradecimento, esquecendo-se momentaneamente que ela era o inimigo.

- Não tens que agradecer - respondeu Rosa com um sorriso. - Aquele morgado já era arrogante desde que o conhecemos, e desde que os ingleses o contrataram como espião, ficou impossível. Esse não dura muito tempo vivo, está sempre a gabar-se de saber coisas que deveria guardar segredo.

Madame Rosa saiu a dar às ancas roliças apoiadas numa cintura fina, e deixou-a com novas cores e recomposta. O alívio que sentiu com a proteção de Rosa fê-la voltar a acreditar que ainda ia a tempo de em poucos dias sair dali, mas, o que mais a intrigou foi Rosa conhecer Filipe, e tão bem como parecia.

**

Passava do meio-dia, o sol ia alto, e o burburinho da rua era intenso. Peixeiras de canastra à cabeça a gritarem pregões, o chiado dos carros elétricos, e os gritos da criançada que brincavam às escondidas pelas vielas do bairro, despertaram-na de um sono pesado e turbulento.

Aos poucos as portas dos quartos começaram a bater e os sapatos de quarto a arrastarem-se pelo chão, sinal que as raparigas já tinham

acordado. Helena levantou-se, abriu a janela para arejar o quarto e espreitou para a rua larga e movimentada. Ajeitou a cama com perícia, tal como aprendera com a mãe e lavou-se com a água que restava no pequeno lavatório de cerâmica. Penteou os cabelos, com largas melenas a emoldurarem-lhe o rosto e apanhou-os num coque. Vestiu um dos únicos vestidos que levava consigo, simples, de algodão azul, confeccionado a partir de um vestido velho da madrinha, como todos os que faziam parte do seu guarda roupa, desde que tomara corpo de mulher adulta e observou-se ao espelho. Fazia uma semana que saíra de casa e a vida já dera tantas voltas – pensou com amargura.

Camila sorriu-lhe quando ela entrou na sala de jantar. As outras olharam-na por cima do ombro, e ignoraram-na como se ela fosse um inseto aborrecido do qual queriam livrar-se.

Apenas Joana - a voluptuosa Joana de seios empinados e fartos –, que envergava um *penhoir* vermelho quase transparente, a olhou de soslaio como se tivesse algum reparo para lhe fazer. Ou, seria apenas a sua consciência, incomodada, de a ter conduzido até ao estupor do Filipe? Segundo ouvira dizer – à condessa como sempre –, o morgado era uma besta com as mulheres que levava para a alcova. Batia-lhes enquanto as fornicava, dizia a condessa.

Sem conseguir evitar, estremeceu de medo. Que raio de homem faria uma coisa dessas?

Helena sentou-se na cadeira livre ao lado de Camila e a empregada apressou-se a servir-lhe o almoço. Não podia sentir-se mais deslocada ali do que muitas vezes o sentiu nas festas de sociedade da madrinha.

- Não repares nas roupas – disse Camila. - Aqui todas nos levantamos ao meio dia e ninguém tem paciência para se vestir com roupas mais decentes, como deves perceber.

Helena baixou os olhos com algum pudor. Corou, mas tentou disfarçar. Não queria ferir os sentimentos de ninguém, embora já tivesse feito uma avaliação do carácter de cada uma. A única em quem talvez pudesse confiar era em Camila. Pelas roupas finas de seda e rendas em tons de negro e vermelho, sobressaíam seios volumosos e pernas torneadas com pés enfiados em sapatos de cetim. Ali tudo era luxo, desde a casa até às roupas das raparigas.

- Quem são os homens que vêm aqui? – perguntou ao ouvido de Camila enquanto as outras se divertiam a contar as peripécias da noite

anterior.

Sempre fora curiosa e, mesmo a situação sendo estranha e perigosa, queria saber mais.

- Os que podem pagar. Querem mulheres bonitas que sabem ler e escrever, tem dentes bons, sabem conversar para além de serem boas... bem – hesitou antes de responder - naquilo que fazem. Que façam coisas com eles que as mulheres deles não fazem. Entendes? Queres que explique mais? – e Camila olhou para Helena com ar de desafio.

Helena abanou a cabeça e concentrou-se na comida que tinha no prato.

Joana ria-se do que Maria acabara de contar com uma gargalhada contida.

- Mas tu gostas do velho, ou não? – perguntou Joana referindo-se ao homem que ela atendera na noite anterior.

- Sobretudo do que ele me deixa no final em cima da mesa-de-cabeceira – respondeu Maria. - É o freguês que mais me poupa, afinal o que ele quer é bem simples e rápido.

- Oh querida! Não gosto de velhadas. Faz-lhe bom proveito. Todas agradecemos ele escolher-te sempre.

- Já o Filipinho de Aguiar é um tarado. Nada satisfaz aquela besta. O homem é insaciável. Tu sabes que...

E nisto a porta abriu-se e Maria D'Alencar calou-se. Madame Rosa entrara e, pela cara carrancuda que apresentava havia novidades e não eram boas. Todas sabiam que Rosa era apenas a testa de ferro do clube. Quem ditava as leis era alguém que nunca dava a cara e que todas temiam. Algumas já foram castigadas a mando da patroa misteriosa.

- Meninas! – chamou alto. - Amanhã há uma festa para os oficiais alemães que estão na cidade. A patroa quer que todas estejam bem vestidas e dá uma gorjeta se se esmerarem no trato aos clientes. Camila, vai com Helena às avenidas novas comprar dois vestidos de noite. Depois passam pela costureira para fazer os acertos ao corpo dela se for preciso.

- Mas quem são os alemães que vamos receber, são dos barcos ancorados no rio? – perguntou Maria.

- Chega de perguntas, não é da vossa conta – disse brusca. – O vosso trabalho é abrirem bem as pernas para que eles abram os cordões à bolsa. Entendidas?

Helena ficou chocada com a resposta grosseira e colocou o olhar no chão. Não estava habituada a esta linguagem.

- Madame Rosa – disse Joana sem levantar os olhos do prato – nenhuma de nós fala essa língua.

- Não os entendemos – disse Camila.

- Pois não. Apenas precisas de usar a língua, a tua...entendes Joana? De resto podes manter-te calada, pareces uma pessoa normal, se estiveres calada e o que vais fazer não precisas de falar.

Todas deram uma gargalhada estrondosa.

Helena, mais uma vez ficou horrorizada com a resposta, afinal, poderia estar enganada quanto à bondade de madame Rosa. As certezas sobre a madame poder ajudá-la começaram a esfumar-se, e a descrença na sua sorte caiu sobre ela de novo. O cenário que começou a fantasiar era demasiado tenebroso para poder ficar tranquila.

Pousou os talheres com cuidado, evitando fazer ruído e levantou-se da mesa deixando o prato com bastante comida. Por mais que soubesse que devia alimentar-se, não conseguia engolir. Na última semana comera tão pouco que sentia a roupa folgada na cintura. Pediu licença e saiu apressada da sala. Ao fechar a porta ouviu o risinho irritante de Maria e das outras. Tinha que sair dali, com urgência, mesmo que para isso fosse viver na rua.

**

Para madame Rosa a mandar chamar àquela hora o assunto devia ser da máxima importância, era essa a opinião de Camila. Quando a Alencar lhe batera à porta do quarto, para lhe comunicar que Helena era aguardada no escritório da madame, ficou com a certeza que elas já lhe conheciam os hábitos e, por isso a procuraram ali, no quarto de Camila.

As duas raparigas, que tinham simpatizado uma com a outra assim que se viram, tagarelavam sobre a vida tentando matar o tempo e as agruras da vida. Helena tentava saber informações sobre a vida no bordel, tão luxuoso quanto as casas da madrinha, mas que lhe causava náuseas, e Camila, à medida que lhe explicava, tentava saber até que ponto ela estaria preparada para receber homens na cama.

- Que achas? Será que me vai mandar para alguma casa como criada? Camila olhou-a e deu uma pequena risada de incredulidade.

- Não querida! Tu és demasiado preciosa, como esses olhos exóticos, para ela se desfazer de ti. Duvido que nesta altura conseguisses pôr um pé

fora da porta sem que o segurança te apanhasse. Vai lá, experimenta e já vais saber se é assim ou não.

Helena saiu fechando a porta do quarto de Camila atrás de si e, com o coração aos pulos, de ansiedade, percorreu a distância até ao escritório no rés-do-chão. A casa cheirava a alfazema e a potassa, resultado da limpeza semanal. As empregadas procediam a uma faxina nos quatro andares do prédio, que outrora fora um palacete modesto, mas grande o suficiente para albergar uma família numerosa e criados. Helena pensou no que é que Rosa queria dela. Desde que não lhe tocassem podia concordar com tudo. Bateu à porta e a voz conhecida respondeu que entrasse.

- Entra querida – disse com um sorriso aberto o que fez a pulsação de Helena abrandar – Senta-te aqui. Vamos conversar.

Helena tomou a poltrona forrada a veludo azul-escuro e sentou-se.

Creio que quase sempre é preciso um golpe de loucura para se construir um destino.

Marguerite Yourcenar

Capítulo 15



- O que me dizes? Ficarias rica em duas horas. Duas horas é o tempo necessário para ganhares duzentos contos.

Helena ficou estática. Os músculos doíam-lhe da força que fazia para não denunciar o medo. Esperava tudo menos uma proposta daquelas.

Sentia-se paralisada e incapaz de articular duas ideias seguidas. Rosa insistiu.

- Então? Já imaginaste a tua vida a partir desse dia? Roupas caras, uma casa para viveres, tudo o que uma mulher instruída como tu deve desejar. Não precisas de dar a resposta agora, mas quero que penses no assunto. Ganhamos as duas – disse para a aliciar.

- Preciso pensar – respondeu apenas por responder. Sentia-se incapaz de decidir. - Amanhã dou-lhe a resposta. Posso retirar-me?

Madame Rosa assentiu com a cabeça e Helena saiu cabisbaixa não conseguindo reter as lágrimas que teimavam em escorrer-lhe pela face. Percorreu a escada e o corredor até ao quarto de Camila, e bateu à porta.

- Entra. Está aberta – ouviu.

Enfiou a cabeça a medo para verificar se ela estava sozinha e entrou trancando a porta atrás de si.

- Mas o que se passou? Estás a chorar porquê?

Camila fez a pergunta apenas para manter a conversa, quase podia adivinhar o que se passara. Não devia ser nada diferente do que ela lhe propusera há dois anos.

Helena chorava convulsivamente sentada na cama da nova amiga. A humilhação era demais. Jamais se entregaria assim a alguém desconhecido e ainda menos por dinheiro, ainda que esse dinheiro fosse a sua independência.

- Deixa-me adivinhar – disse Camila. – Aposto que sei o que ela te propôs - desafiou-a.

**

As duas mulheres estavam sentadas frente a frente, e a mais velha parecia irritada com a resposta que acabara de receber.

- Não aceito ficar à espera. Sabes quantos anos eu esperei por isto? A minha vida inteira. Essa fedelha vai pagar pelos atos do avô. O que eu passei, por causa daquele idiota. Não aceito um não e, se for preciso leva-a daqui uns dias e dá-lhe o tratamento de choque, sabes bem o que tens que fazer para a convencer a ficar. Quando ela estiver num bordel da raia espanhola vais ver em como aceita a proposta. Esta vale ouro. Há anos que eu esperava por isto e foi mais fácil do que esperava.

- Não sei se vai ser fácil senhora. Tenho que a manter bem vigiada, temo que ela fuja. Esta não é feita da fibra das outras.

- Não. Claro que não é! Esta é uma Santana, mesmo por isso tem que render bom dinheiro. E olha que eu adoro a rapariga, não penses que não.

- Você é que sabe. Limito-me a cumprir as suas ordens – respondeu Rosa com displicência, pouco se importando com os sentimentos que a outra pudesse ter pela rapariga.

- Acho bem que o faças Rosa. Sabes que és o meu braço direito – respondeu numa espécie de ameaça velada que ela já conhecia há muitos anos.

A mulher, envergando um chapéu que lhe cobria a cara, levantou-se fazendo um esforço para não tropeçar no tapete *Aubusson* já muito puído, que pertencera à sua avó paterna, e saiu com a altivez que lhe era característica conhecida por todos com quem se relacionava.

Rosa saiu atrás da patroa e foi verificar como estava o salão do primeiro andar para receber a comitiva alemã que chegaria dali a um par de horas e que a patroa lhe recomendara que recebesse em alto estilo.

**

Três horas mais tarde.

Helena abriu a janela do quarto tentando apanhar um pouco de ar fresco, mas, mesmo a passar das onze da noite o ar estava pesado e quente. Uma doce lembrança de Ricardo perpassou-lhe pela mente. Tinha saudades daqueles lábios quentes e macios, e das mãos fortes e calejadas no seu corpo. E do sexo. Apesar da brevidade daquele contacto, sentia-lhe a falta. Mas não se podia agarrar àquela lembrança. Ricardo era proibido para ela.

Depois do que soubera era como se tivesse cometido incesto fraternal, e esse pecado ardia-lhe no peito, tanto quanto a lembrança dos seus beijos e do seu sexo. Ricardo era o homem que a desflorara e não tencionava ser de mais nenhum. Sempre o amara, e agora mais ainda.

Numa viela escondida do bairro soavam os trinados das guitarras portuguesas e uma voz masculina quente e possante ouvia-se com nitidez entoando palavras de saudade. Uma lágrima teimosa correu-lhe pela face. Tinha saudades do abraço da mãe e da sua voz que também lhe cantava o fado, nas noites quentes de verão. Alda sempre fora uma mãe presente e carinhosa. Não tinha amarguras com a sua infância e, apesar da descoberta sobre as suas origens, a certeza de ser amada por quem a quis criar – por Alda e Josué – ninguém lhe tirava. Era demasiado pragmática para se escorar em assuntos que não podia alterar e, não podia apagar as suas origens.

E Ricardo? Será que ele sabia que eram primos? Certamente que sim. Depois de ter constatado que ela partira sabia que ele iria em busca de informação que lhe revelasse onde ela estava.

Uma pancada leve e seca na porta, arrancou-a do devaneio. Camila surgiu pela abertura envergando um vestido de renda preta justo, que lhe deixava todas as curvas do corpo visíveis. Um par de pernas altas e bem torneadas terminavam nuns pés dentro dos sapatos de salto alto. Camila era agora uma mulher sofisticada. Uma meretriz de luxo à espera do seu próximo cliente.

- Vamos descer Helena? Os homens do Hitler já chegaram. Sorte a tua que não fazes parte do sorteio.

- O que queres dizer com isso? – perguntou assustada.

- Calma mulher. Só queria dizer que não tens que te deitar com nenhum deles...ainda. Espero que ao menos sejam bonitos e educados, e que a mim me caiba algum bem jeitoso e educado para o sacrifício não ser total.

Helena sentiu pena da jovem na sua frente.

Camila parecia uma mulher fatal, vestida daquela forma, mas não passava de uma rapariga de vinte e poucos anos, prisioneira da velha proxeneta e da sua ambição. Camila confessara-lhe há dias que era ambiciosa e que só assim conseguia obter dinheiro para fugir para a América do Sul. Queria ir para o Brasil e comprar uma fazenda com o dinheiro que ganhava ali, «ainda vou ser vaqueira», dizia com convicção.

A doce Camila era uma jovem bela e determinada, e Helena temia que dali a uns anos ela não passasse de uma sombra daquilo que era hoje, consumida pelas doenças e pelo desgaste daquela vida.

- Estás linda Helena. Esse vestido de seda verde só realça ainda mais os teus olhos. Aproveita hoje que nenhum deles te vai tocar para treinares o teu charme, e tenta perceber as jogadas da Rosa. É a um dos oficiais alemães que ela te vai oferecer como virgem. Quanto é que ela te prometeu?

- Muito.

- Não acredites nela. Se puderes negoceia tu também. Não te vão dar um tostão do negócio, e quem perde a virgindade és tu. Foi assim comigo. Se eu tivesse ganho os duzentos contos não estaria aqui. Acredita em mim.

Helena não fez qualquer observação e limitou-se a sorrir. Isso não ia acontecer consigo.

Em silêncio e de braço dado, as duas jovens desceram as escadas até ao salão. Helena ia à espera de ver oficiais fardados, mas apenas encontrou homens comuns vestidos de forma normal com calça e camisa.

- Não te deixes enganar pelo que vês. São quase todos alemães, e os que não são fingem sê-lo.

- Porquê?

- Espiões. O que vês aqui é um campo de batalha diferente, mas não deixa de ser uma guerra, apesar de não haver tiros disparados.

- As coisas que tu sabes! Aposto que as outras não suspeitam de nada – disse Helena surpreendida pela informação que Camila lhe estava a fornecer.

Camila era mais inteligente do que as outras sem dúvida alguma, embora o seu ar doce fizesse supor que era tão desmiolada quanto as outras.

- É provável, mas pouco me importa. Enquanto elas falam do tamanho das...tu sabes...dos homens com quem se deitam, eu leio jornais e revistas sobre o que se passa no mundo e sobretudo oiço muito um cliente especial que tenho às terças feiras. Um homem instruído que gosta de falar.

- Gostas de ler Helena?

- Se gosto? Só gosto. Adoro política – e levou a mão à boca pelo descuido – filosofia, arte, tudo o que seja conhecimento – respondeu entusiasmada.

- Não te denuncio, podes ficar descansada – disse Camila ao seu ouvido.

Todo o cuidado era pouco numa época de perseguições desenfreadas, a quem pensava pela própria cabeça. Não lhe ia revelar que tinha feito o sétimo ano do liceu, que tinha esperança de ir para a universidade e que falava duas línguas com alguma fluência.

Ficaram paradas ao fundo da escada de madeira que desembocava no salão a observar os homens, e madame Rosa ainda não as tinha vislumbrado através da penumbra das luzes. As outras raparigas dançavam na pista, e Maria D’Alencar fazia-se cara com um homem que devia ter mais de um metro e oitenta, ombros largos, espadaúdo, e cabelo louro quase branco. Não se entendiam. Ele apontava para o decote dela e ela fazia-se desentendida e passava-lhe mais bebida. Helena teve a certeza que era um dos alemães.

- Meninas! Circulem! O que estão aqui a fazer paradas? Camila vem cá que vou apresentar-te ao capitão Hans – e puxou a rapariga pela mão em direção a um homem alto e que sorriu assim que Rosa se aproximou com a jovem.

Helena estava a observar a um canto, por detrás de uma coluna, tentando escapar aos olhares da madame.

Ali, naquele espaço travava-se uma guerra de intrigas. Helena reconheceu esquemas a serem combinados, conversas cruzadas, e mentiras repetidas para que se tornassem verdade. O que se passava ali, naquele teatro de guerra, ia determinar o próximo passo das tropas dos dois lados em conflito. Tudo aquilo era fascinante se a situação não fosse inusitada e até trágica para ela.

- O que faz uma jovem tão bela, sozinha aqui? Perdoe-me a intromissão, mas parece-me deslocada neste espaço? É alguma espia das tropas aliadas? – disse em tom de brincadeira.

Helena voltou-se para ver a criatura que tinha aquele timbre tão suave com sotaque inglês, e ficou presa nuns olhos pendurados num metro e oitenta de corpo de homem.

Deu uma pequena risada, o homem tinha sentido de humor e respondeu em inglês de forma coquete:

- Sim claro. Nem imagina o que já consegui saber daqui detrás desta coluna que sustenta o teto.

- Imagino sim... menina?

- Helena.
- Muito prazer. Alex Steel.
- Senhor Alex, não me diga que é alemão?
- Claro que não. Nem você. Concede-me esta dança?

E com os olhos pregados nos dela nem lhe deu tempo de responder. Arrastou-a para o centro do salão e rodopiou com ela ao som da valsa vienense, sem evitar que ela tropeçasse nos seus pés umas quantas vezes. Helena ainda não apanhara o jeito da dança.

Ele cheirava maravilhosamente a uma fragância exótica e, envergando um fato, cinzento claro, era um homem bem-parecido. Alto e moreno, destacava-se dos outros, todos louros, e tinha um farto cabelo preto ligeiramente ondulado. Os olhos eram verdes azeitona e ornamentados por umas espessas sobrancelhas. No conjunto era um homem que não passava despercebido aos olhos das mulheres, mas estava longe de ser um homem bonito e, mais longe ainda do perfil comum do homem inglês.

Agradou-lhe aquele ímpeto dele de a arrastar para a dança e sobretudo a perspicácia de perceber que ela estava deslocada.

Por momentos esqueceu-se onde estava, e o perigo que corria ao permanecer ali. Os braços dele eram tão envolventes que a transportaram para outra dimensão: a dimensão temporal do baile, em que dançou pela primeira vez com Ricardo. Imaginou que estava nos braços dele a valsar há duas semanas atrás. Só quando ouviu a voz do homem de novo, saiu do delírio em que estava.

- O que faz neste...nesta casa? Está na sua cara que não pertence aqui.
- Nota-se assim tanto?
- Claro. Estou habituado a observar as pequenas diferenças – disse ele. – Vamos, diga-me o que faz aqui? – ordenou com um sorriso nos lábios bonitos.
- Amanhã já não estou cá – respondeu levantando a voz ligeiramente acima da música. – Estou aqui por engano – e continuaram a valsar pelo salão com os outros pares.

Quem não soubesse que ali era um bordel, não ficaria a saber só de entrar. Parecia um salão respeitável e normal de uma qualquer sociedade recreativa. Tudo o que um homem e uma mulher fazem em privado, passava-se no terceiro andar, longe dos olhares do público. Ali madame Rosa não permitia nem um beijo. Aquele era o mais respeitoso bordel em

pleno coração do bairro mais boémio de Lisboa, famoso por antros de prostituição e fadistagem.

A música terminou e Alex parecia não ter intenção de a deixar. Antes que ele tivesse outros pensamentos, Helena desculpou-se com uma ida ao quarto de banho para se refrescar e retocar o batom. Alex era muito simpático, mas estava ali pelo mesmo motivo que os outros, portanto, escapar era urgente.

Entrou na luxuosa casa de banho revestida a mármore, e mal os pés assentaram no chão surgiu madame Rosa e dois homens.

- Então, amanhã já cá não estás?

Helena estremeceu e ficou lívida de medo ao ouvir a voz de Rosa.

- Bebe isto – e estendeu-lhe um copo com um líquido amarelado.

Ela abanou a cabeça negando.

- Agarrem-na – ordenou.

Um dos homens agarrou-a imobilizando-a, e o outro abria-lhe a boca enquanto Rosa lhe despejava o líquido doce pela boca, fazendo-a engasgar-se. Sem alternativa, senão a de sufocar, engoliu tudo quanto lhe quisessem despejar pela boca. Sentaram-na no chão enquanto um deles guardava a porta para que ninguém entrasse.

Algun tempo depois ouviu a voz de Rosa, distante, muito distante.

- Levem-na e preparem as coisas. Partem daqui meia hora. É só o tempo de escrever uma carta à Mercedes.

O homem mais novo pegou em Helena e jogou-a no ombro como se fosse um saco de batatas, saindo por uma porta disfarçada na parede, atrás de um armário.

- Mais uma para darmos umas boas trancadas antes de a entregar.

- Nem penses Manel! A velha mandava-te capar. Esta ainda tem os três vinténs^[8]. Há grandes planos para a moça. Não te armes em parvo senão nenhum de nós recebe, e ainda acordamos mortos.

- És mesmo parvo! – disse Joaquim. – Como é que alguém pode acordar depois de morto. Quando morto, de morto não passa.

Às gargalhadas, rindo das próprias piadas, os dois homens sumiram-se no intricado de portas do antigo palacete, carregando Helena às costas.

Entretanto, no salão, Alex Steel perguntava pela rapariga de olhos verdes que há pouco ali estava. As outras, encolhiam os ombros sem interesse na conversa dele e, uma delas atreveu-se a dizer:

- Mas estou cá eu. Olha só para mim – e bamboleou os seios, disfarçadamente, não fosse madame ver o gesto indecoroso e mandá-la embora. A falta de classe não era tolerada.

Alex sorriu e afastou-se agradecendo, mas recusando a oferta.

Maria disse a Joana.

- Este tipo é estranho. Já o vi aqui um par de vezes, mas nunca subiu com nenhuma rapariga.

- Algum maricas à procura de macho. Os nossos maiores concorrentes.

E as duas riram alto e bom som.

- Que é feito da pacóvia da Helena?

- Coitada, esta hora já está a quilómetros daqui- respondeu Maria.

- Que queres dizer com isso mulher? Não me digas que ela fugiu?

Não poucas vezes esbarramos com o nosso destino pelos caminhos que escolhemos para fugir dele.

Jean de La Fontaine

Capítulo 16



- Como está o teu alemão? – perguntou Ricardo assim que vislumbrou as ruas do bairro boémio.

Os dois deram uma portentosa gargalhada na rua, não porque tivesse muita graça, mas porque ambos estavam nervosos e sabiam o que iam enfrentar. Por mais que repetissem a façanha e a adrenalina fosse um motor para o arranque dessas missões, o medo estava presente. Um dia podia não correr bem e esse dia podia ser hoje.

- Chiuu! Apesar de estamos no Bairro Alto, passa da uma da madrugada. O guarda-noturno anda por aí, e não me apetece ser interpolado por um cretino zeloso do seu dever, ou por um marinheiro bêbado à procura de briga. Vamos lá homem. O que é que eles hoje andam a tramar? Sabes o que tens que fazer?

Sebastião assentiu com a cabeça.

Bêbados e prostitutas digladiavam-se por uns míseros tostões, na negociação do preço que uma delas pediu a um presumível cliente, enquanto Ricardo e o amigo passavam por eles.

- Sai daqui ranhoso! Não estás em estado de fazer nada, quanto mais regatear preços. Vê lá não estejam quatro pernas na tua cama, enquanto entornas a garrafa pela goela – gritou a mulher a rir à gargalhada com um riso escarninho.

- Putas velhas fazem mais barato! Oh porca! Não te faças de cara! – disse o homem arrastando as palavras.

Ricardo e Sebastião não fizeram qualquer observação ao drama que presenciaram e seguiram em frente. Era vulgar observarem diálogos daquele género sempre que subiam ao bairro. Mesmo depois de alguns anos sem lá voltar, o ambiente era igual, permanecia inalterado, constatou Ricardo. A sua cidade não mudara grande coisa nos velhos costumes desde que partira dali.

Para trás, na viela escura a cheirar a urina velha e a fezes ressecadas, ficou o par, aos gritos. Pouco depois uma garrafa era arremessada com violência nas pedras da calçada; os dois homens cortaram por uma rua transversal e desembocaram junto à porta do nº100. Ricardo tocou à campainha e o postigo abriu-se deixando antever uma cara de homem, quadrada, com sobrancelhas espessas.

- Boa noite senhor doutor. Hoje há uma festa privada lá em cima. Os alemães – informou enquanto abria a porta até meio. – Caso não queira subir...fica avisado.

- Mas podemos entrar?

- Claro. O senhor é sempre bem-vindo.

- Obrigado.

O homem afastou-se da porta, deixou passar Ricardo e Sebastião, pediu-lhes licença para os revistar, e, depois de verificar que não tinham armas deixou-os seguir pela escada onde desapareceram com destino ao primeiro andar. Uma mistura de alfazema e havanos inundou-lhes as narinas à medida que subiam. Aquele odor era familiar a Ricardo. Sorriu e abanou a cabeça. Longe ia o tempo em que subiu aquelas escadas a primeira vez para aprender a ser homem, pela mão do pai que, instigado pelos amigos, achou que era uma questão de higiene mental, levar o garoto às meninas, quando fizera quinze anos.

- Olhos abertos e ouvidos também. Vamos lá fazer o nosso trabalho. Encontramo-nos à saída. Cuidado, não te arrisques – recomendou Ricardo. – Qualquer coisa que saia do combinado, foge e não olhes para trás. Não esperes para ver no que dá, e nem esperes por mim.

O outro assentiu.

Separaram-se e antes que Sebastião chegasse ao enorme balcão de madeira escura, ao fundo do salão, já uma das raparigas se dependurara no seu braço oferecendo-lhe uma bebida.

O ritual cumpria-se – pensou Sebastião. Era o que os dois esperavam para passarem incógnitos. Ainda bem que outrora Ricardo fora um assíduo frequentador do Salão da Rosa, pois assim não estranhavam a sua presença.

Ricardo avistou o inglês e fez um aceno de cabeça. Alex devolveu o cumprimento e cada um afastou-se em sentido oposto. Os homens sorriram para dentro e não fizeram nada que os denunciasses. Eram apenas dois cavalheiros da sociedade a cumprimentarem-se. O cenário estava

montado, restava-lhes agora desempenhar os respetivos papéis, cabendo a Alex o principal.

**

Camila deixara de ver Helena há umas três horas. Já tinha subido com clientes duas vezes ao terceiro andar, mudado de roupa outras tantas, e nem sinal da jovem amiga. Tinha receio por ela. Percebera desde o primeiro dia que ela ali entrara que não se adaptava ao ofício, não era como as demais. Helena era astuta, sofisticada e culta, parecia saída de algum palacete da alta sociedade e julgava não estar enganada, embora ela não desvendasse muito sobre si e as suas origens.

- Madame Rosa...viu Helena? Deixei de a ver. Estou preocupada com ela...

- Não estejas – respondeu áspera. – Ela já está longe daqui.

- Mas...

- Mas o quê rapariga?! Circula. Olha ali, aquele senhor chama-te. Helena volta e quando voltar está mais dócil.

Ricardo ficou com o ouvido à escuta quando ouviu o nome Helena. Devia ser coincidência. Helena não estava ali. Era outra Helena decerto. Amanhã iria à moradia dos Morais e de certeza que a encontrava lá.

- *Gute Nacht meine Liebe* ! – e sentiu uma batida forte no ombro.

- Hans! Há quanto tempo?! De férias? – perguntou num alemão com sotaque.

- Umas férias especiais – e piscou-lhe o olho. - A vossa Costa do Sol é maravilhosa? E tu que fazes. Desde Berlim, vão uns oito anos?

- É...andei por África. Negócios.

O oficial vestido como um civil apertou-lhe a mão e congratulou-se com o reencontro. Ricardo conhecera-o numa viagem a Berlim, ainda exercia advocacia em Portugal, aquando da defesa de um cliente acusado de crimes internacionais. Hans Dieter fazia parte do escritório de advogados com quem negociou na época. Ricardo sabia há muito que Hans se tinha tornado um espião das SS, famoso pela sua astúcia e capacidade de perseguir a presa até a caçar.

Ricardo sentiu suor frio a cair-lhe pelo peito. Jogavam de lados opostos e todo o cuidado era pouco.

Como as pessoas podem enganar – pensou. Hans era pouco mais que um assassino e estava ali em missão, tão longe do tempo em que o

conheceu no tribunal como advogado de acusação de um português acusado de espionagem industrial que foi preso na Alemanha.

- Ofereço-te uma bebida – disse o alemão – em nome dos velhos tempos. Estava à espera de ver a jovem de olhos esmeralda que a madame tem escondido, mas parece que ela não desce hoje. Anda lá e conta-me que negócio tem em África.

- Ummm – balbuciou Ricardo, desconfiado e alerta.

O assunto começava a interessar-lhe.

– Olhos esmeralda? Deve ser uma jóia mesmo – ironizou usando o trocadilho para tentar perceber quem era. Podia ser uma coincidência, aliás, estava certo que não passava disso.

- É linda, já fiz uma oferta, mas a velha é dura de roer.

- Vamos lá a essa bebida – disse disfarçando o nervosismo. Um pressentimento de que algo não estava bem começou a incomodá-lo.

Dirigiram-se ao balcão e Ricardo já preparara mentalmente a descrição do negócio. Estava mais que preparado para a pergunta. Não era a primeira vez que descrevia o «seu negócio» a outrem. Mas a sua preocupação imediata ia para a informação que acabara de recolher. Era demasiada coincidência a rapariga misteriosa ter os olhos cor de esmeralda. Não podia sair dali sem averiguar se eram a mesma pessoa ou não passava de imaginação sua, resultante da enorme vontade que tinha de a encontrar.

Alex Steel sorria. Tudo correra como previsto. Só havia duas coisas que o preocupava, uma delas nem sabia bem porquê. A jovem que parecia deslocada naquele espaço, desaparecera como por magia, e tinha avistado Filipe Aguiar perdido de bêbado junto à entrada do salão. Se o homem já era um perigo sóbrio, bêbado era uma bomba prestes a explodir. Fez sinal a Ricardo e a Sebastião que estava na hora de irem e saiu da sala diretamente para as escadas e em passo apressado, galgando degraus, para a rua.

Mas Ricardo ainda não tinha completado o seu trabalho. Deu uma palmadinha nas costas de Hans.

- Então conta-me o que tens andado a fazer. Eu já te descrevi minuciosamente os meus negócios.

- Ah, meu caro! Esta guerra tornou-te mais rico! – disse Hans.

- Nem tanto. Foi por causa dela que tive que deixar os negócios em África. Mas ouvi dizer a um oficial inglês que o exército se prepara para

atacar em...

Meia hora depois Hans continuava a absorver cada palavra do que Ricardo ia falando. Os ventos naquela noite eram muito favoráveis à missão, e os copos de cerveja que Hans tinha bebido, também. A semente da mentira necessária à vitória estava plantada.

Sentado a uma mesa estava Filipe Aguiar na companhia de Joana, a sua preferida, a única que não tinha medo dele. A figura que fazia era um tanto pateta e, já por duas vezes, Ricardo surpreendera dois oficiais alemães em comunicação silenciosa acerca de Filipe.

Aguiar gabava-se de ser espião dos ingleses onde quer que estivesse, mas, quando estava com alemães oferecia os seus préstimos por avultadas quantias. Ninguém o levava a sério, mas quem semeia ventos colhe tempestades e o homem estava à beira de ser apanhado por uma borrasca negra. Ricardo não ia defendê-lo de modo algum. Não tinha qualquer simpatia pelo homem, muito pelo contrário, portanto ele que se amanhasse com a sua arrogância e falta de cautela.

- À tua saúde, querida – o morgado ergueu o copo num brinde. – Chegou a minha vez – e deu uma gargalhada.

Ricardo passou por ele rangendo os dentes, e apertando as mãos até cravar as unhas na carne para não lhe partir os queixos com um *uppercut*. Não era segredo que Filipe Aguiar - o tarado -, espreitava os casais de namorados pela charneca, quando estes se escondiam em alguma moita de feno e davam largas ao amor que sentiam, pensando estar longe do alcance dos olhares. Tinha quase a certeza que ele o vira com Helena junto à ribeira. Desceu as escadas aos saltitos e desejando que os alemães lhe dessem sumiço. Um escroque daquele tipo não servia para nada, e era um traidor, recebia dinheiro dos dois campos de guerra. Desceu o Chiado até ao Rossio e subiu a Avenida até ao palacete da família. Hoje iria pernoitar lá. Ficava mais perto da casa dos Moraes. Queria tirar essa história a limpo. Helena devia estar a trabalhar lá tal como Alda lhe dissera, e de manhã confirmava que tudo não passava de uma enorme coincidência.

**

Havia possibilidade de a jovem do bordel ser Helena e, quando Ricardo questionou a senhora da casa Moraes acerca do paradeiro de Helena, constatou que as notícias correram rápido desde o Alentejo até Lisboa. Alguém se encarregara de pôr o nome de Helena na lama. Só esperava que não tivesse sido a mãe, porque se o tivesse feito jamais lhe

perdoaria. Maria da Glória Moraes parecia-lhe agora mais desprezível do que pensava. Ricardo virou as costas à mulher e sem se despedir nem esperar que o mordomo o acompanhasse à saída encaminhou-se para a porta e atravessou o jardim em passos rápidos para espalhar a raiva que sentia. Tinha que tentar encontrar Helena e talvez precisasse da ajuda de alguém.

Duas horas depois Sebastião explicava-lhe o que tinha sabido no bordel. Helena estava hospedada ali há uma semana, servia às mesas, até que desapareceu misteriosamente na noite anterior depois de ser vista a falar com um inglês que habitualmente frequentava o espaço e dava pelo nome de Alex.

- Alex também não sabe mais nada. Aliás ele desconfiou de algo, disse-me que a rapariga não combinava com aquilo, e que parecia deslocada. Alvitra até que ela estava com medo.

Ricardo bufou e deu um pontapé numa cadeira. Estava a perder o controlo, coisa que não era habitual em si, mas tratando-se de Helena iria revolver o mundo e encontrá-la.

- Queres acompanhar-me até à raia espanhola? Há uma filial do bordel a trinta quilómetros de Badajoz.

- Como é que sabes? Não me digas que frequentavas?

- Ora Sebastião vai à merda! – irritou-se. – Deixa-te de moralismos. Não me digas que o teu pai não te levou às *chicas* quando tinhas quinze anos? Ou apanhaste um esquentamento^[9] que te deu volta ao miolo?!

- Estava a tentar desanuviar o ambiente. Já vi que fui inoportuno. Desculpa. Claro que vou contigo. Estás de quatro por essa rapariga e não te censuro, aliás acho que ela te vai tirar desta vida horrível que levas há tantos anos, e fazer de ti um homem casado.

- Só se ela não quiser – respondeu Ricardo.

**

O ambiente estava saturado de fumo e perfume reles. Os homens tinham um ar grosseiro e os modos eram idênticos. O álcool circulava tão rápido quanto as mulheres em indumentárias reduzidas. Ricardo sentiu asco daquele sítio. Lembrava-se de ser obrigado pelo pai, a acompanhá-lo quando fizera quinze anos. Não foi uma experiência traumática, mas preferia ter sido ele a escolher a mulher com quem se deitasse a primeira vez, ainda que, por escolha sua, tivesse acontecido muito mais tarde na sua vida. Felizmente saiu dali sem que a mulher que o pai escolheu lhe

tocasse. Mas José Luís nunca sonhara que Ricardo saíra dali tão virgem quando entrara. Só dois anos mais tarde entrou no bordel de madame Rosa, recomendado pela condessa Carminda, pois era um lugar de luxo e asseado.

O bar «Rosa de Fogo» estava longe de ter a sofisticação do seu congénere de Lisboa. Este era para homens de posses mais parcas, e a clientela era tão duvidosa, quanto as mulheres que ali vendiam o corpo. Ricardo recordava-se de assistir a brigas de homens que envolviam navalhas de ponto e mola e, algumas vezes ficavam a sangrar e com as tripas de fora, tudo por disputas de mulheres que se deitavam com todos. Assim que tomou consciência das doenças venéreas recusou-se a acompanhar o pai e os seus amigos e trilhou caminhos pelas camas das mulheres mais velhas, viúvas e solitárias, que precisavam de um jovem que as consolasse. Foi com elas que aprendeu a dar e receber prazer. Mas esses tempos iam longe e a sua vida dera uma reviravolta que ele nunca imaginara.

Hoje só desejava encontrar Helena, e que a maldita guerra acabasse para poder constituir família com ela num sítio qualquer em que vivessem em paz. Talvez em Angola, na sua fazenda. Esperava que ainda estivesse intacta.

**

Helena abriu os olhos e voltou a fechá-los. Perdera a noção do tempo e sentia-se sem forças e alheada. Uma vaga noção de ter viajado deitada num banco de trás de um carro veio-lhe à memória tão rápido quanto desapareceu. Os membros não correspondiam às ordens mentais de se levantar, e a cabeça voltou a pender sob a almofada.

- Vá, querida. Bebe isto, e adormeces rápido.

- Ela está muito fraca dona Mercedes. Não acha que a pode matar? Excesso de láudano mata.

- Amanhã já sai daqui e faz o desmame. É pouco tempo, não chega a esse ponto. A rapariga tinha que amansar, a senhora tem grandes planos para ela.

- Imagino – disse a jovem enquanto limpava a boca de Helena que escorria uma baba amarelada regurgitada. – Ela não come há dois dias, só bebe os caldos de galinha que lhe damos à colher.

- Não te preocupes Pilar, esta é a última dose. Creio que já aprendeu. Queres apostar que quando acordar está mais mansa que um cordeiro?

A porta do quarto abriu-se e uma cabeleira castanha surgiu em grande alvoroço.

- Que foi menina? Viste algum bicho?

- Dona Mercedes, aquele homem... que você nos disse para avisar... está no salão. Perguntou por ela – e apontou para Helena estarrecida na cama.

- Eu trato dele. Cuidem dela. Pilar não saias daqui!

Maria das Mercedes saiu apressada fechando a porta atrás de si e rangendo os dentes, não lhe faltava mais nada do que o doutorzinho em busca da sua amada. Bem que a patroa a avisou que ele ia tentar descobri-la ali.

Capítulo 17



- Vamos rapariga levanta-te. Vamos dar-te um banho. Fedes a suor e ópio.

- Sinto-me tão fraca senhora enfermeira...- balbuciou.

- Enfermeira? Ora querida, já nos chamaram coisas piores, isso é um elogio. Segura-te de pé! – ordenaram-lhe.

Esfregaram-lhe o cabelo várias vezes, passando-lhe água quente pelo corpo cabeludo e o corpo foi cuidadosamente lavado com sabonete de rosas Lux. Helena sentiu-se a reagir e finalmente ajudaram-na a sair da banheira e vestiram-na com roupa de dormir.

- Vamos deitar-te de novo – avisou Camila. - Nos próximos dias só vais comer e descansar.

- Onde estou? – perguntou com a voz fraca enquanto arrastava os pés com a ajuda das duas jovens.

- Em casa querida. Não me conheces? Não te lembras de mim? Sou a Camila.

- Camila... – balbuciou tentando fixar o olhar mortiço na jovem, mas perdendo-se de novo no torpor do láudano.

- Deixa-a Camila. Ela mal nos vê, o raio do xarope com cognac deixou-a nesse estado. Ainda vai levar umas duas semanas até ficar com melhores cores. Coitadinha parece um cadáver. Raios partam esta canalha! Que vontade que eu tenho de dar um murro em alguém. Isto não se faz, nem imaginas as vezes que já a vi fazer isto. Um dia dá-se mal. Há dois anos ia morrendo uma rapariga que veio de Mirandela. Queria ver como ela explicava a morte da moça à polícia.

- Consta que Helena é de boas famílias e que andam à procura dela. Foi por isso que ela lhe fez isto?

- Não sei, mas ela ameaçou que se ia embora – respondeu a mulher mais velha. – Sou criada nesta casa há tantos anos que já não os consigo

contar, e todos os anos aparece cá alguém nestas circunstâncias e que acaba assim depois de dizer que não quer ficar. Com esta gente não se brinca, acredita Camila.

- Começo a pensar que tive sorte.

- Tiveste. Bastava teres uns olhos como os dela, ter os *três vintens*, e tinhas o mesmo destino se enfrentasses a fera. Mas há outra coisa...- Camila olhou a criada com curiosidade – ela é moça com estudos. Pode vendê-la por mais dinheiro.

As duas mulheres falavam uma com a outra como se Helena não estivesse ali e, de facto, ela apenas ouvia as vozes, não conseguia acompanhar a conversa, o cérebro estava parado. Meteram-na na cama, recostaram-na nas almofadas e Camila sentou-se a seu lado.

- Agora vou dar-te de comer. Lá por onde andaste não te alimentaram? Estás muito magra.

Helena limitou-se a abrir a boca, e a deixar o caldo de galinha escorrer-lhe pela garganta quando Camila lhe punha a colher na boca. Ao fim de meia hora, com muita insistência de Camila, Helena estava alimentada.

- Linda menina. Agora dorme.

Ajeitou-lhe a cabeleira na almofada e ela fechou os olhos agradecida.

- Vamos. Ela precisa de descansar. Coitada não lhe invejo a sorte – disse a criada ao fechar a porta do quarto à chave. Tinha ordens da madame para não a deixar sair dali, daquele quadrado que se tornara a sua cela.

**

Ricardo chegou a Vale de Marias ao pôr-do-sol regressado da raia espanhola. Estacionou o carro no pátio interior, e correu em busca de alguém que lhe pudesse explicar onde se encontrava Helena. Queria a verdade. Entrou de rompante na sala onde Alda punha a mesa com as sobremesas para depois do jantar. Assim que os seus olhos pousaram nela viu-lhe a tristeza e compreendeu que também ela não sabia da filha.

- Menino Ricardo, como vai? Bons olhos o vejam. – disse com tristeza.

- Alda, onde está ela! Por favor diz-me – rogou de mãos postas num sinal de desespero.

- Quem me dera saber. Não está onde eu pensava menino. Uma tragédia, tudo isto é uma tragédia. Eu devia ter partido daqui quando ela era bebê, mas sabe como é, todos me diziam para ficar e... agora não vale a pena. Desculpe as minhas lamúrias – e enxugou as lágrimas com a ponta do avental branco.

- A culpa não é vossa. Aliás vou pedir reparações ao meu tio, Helena não pode desaparecer assim das nossas vidas e se alguém tiver que pagar por isto, pode crer que paga! Que diabo, ainda sou um dos melhores advogados deste país e se tiver que levar alguém à barra do tribunal não vou hesitar.

- Temo que seja tarde.

- Tarde para quê? – pergunta Catarina Santana interrompendo a conversa. – Ricardo! Meu filho, chega e nem me cumprimenta! – admoestou. – Julgava que tinha mais respeito por mim.

Catarina era ciumenta com o filho mais velho, e não suportava que alguém lho roubasse nem que fosse para uma breve conversa. Foi esse comportamento da mãe que afugentou Ricardo assim que teve maturidade para viver sozinho. Frequentar a universidade para os estudos de advogado, em Coimbra, surgiu como uma bênção para ele. Bênção e liberdade.

- Só estou de passagem minha mãe – aproximou-se dela e beijou-a na face. - Amanhã parto para Lisboa de novo.

Alda escapuliu-se assim que terminou o serviço que a levara ali. Mal ela fechou a porta Catarina não perdeu tempo.

- Ouvi a sua conversa com a governanta. Não acredito que insista na ideia de correr atrás dessa...

- Dessa quê, minha mãe? A senhora não acha muito feio falar assim da sua sobrinha, da sua afilhada?! Da filha do seu irmão! – gritou alto. – Da mulher que eu amo e com quem quero casar!

Catarina sacudiu a cabeça e ajeitou o vestido azul céu que lhe realçava o cabelo preto azeviche, como se nada estivesse a acontecer.

- Não, não acho. Que tenho eu a ver com os devaneios do seu tio. Agora que já sabe quem ela é, devia mesmo esquecer esse assunto. Não acha?

- Ao invés disso, minha mãe, espero que todos reparem o mal que fizeram. Sabe que Helena desapareceu?

- Tolice. A rapariga não desapareceu – disse com veemência.

- Não? Então onde está? Sabe, por acaso?

O filho desafiou-a empertigando o corpo musculado e engrossando a voz mais do que se permitira alguma vez. Por vezes tinha dúvidas de ter saído de dentro dela. Catarina Santana era matreira e fútil. Lamentava não ter outra imagem da mãe, mas nos últimos anos que passou em casa e, há medida que o pai envelhecia, ela começou a revelar a sua verdadeira essência: dissimulada, moralista e má. Com o passar dos anos começou a perceber porque o pai frequentava bordéis.

- Quer dizer...não, não sei. Ouvem-se coisas...- deixou escapar com receio que o filho se zangasse mais com ela.

- *Coisas?*...estou a ver. Também se deixam cair *coisas*...conversas... quem foi que transpirou para os Morais que eu tinha um caso com Helena?

Catarina levou as mãos à boca, num falso gesto de surpresa e sentou-se com rapidez numa cadeira abanando-se com um leque.

- Já percebi que a senhora não foi, minha mãe – disse com cinismo.

- Acaso dúvida da sua mãe?

- Eu?! Claro que não, minha mãe. A senhora é uma santa, deu abrigo à sua sobrinha na casa da sua governanta e do seu caseiro que por acaso é também um dos homens de confiança do pai. Quanta caridade! Você e o meu tio são as pessoas mais íntegras e caridosas que conheço.

- Claro que somos – disse com desfaçatez.

- Vou-lhe dizer uma coisa senhora minha mãe. Se a Helena não aparecer não lhe perdoo nunca mais.

- Que crueldade. Que injustiça! Logo comigo que carreguei esta cruz sozinha toda a vida.

- Sim minha mãe... a vida foi dura consigo. Muito dura. – disse com sarcasmo. – Vou tomar um bom banho e de seguida vou falar com o tio Alberto. Ele ainda está por aqui?

- Só até amanhã. Parte para Bordéus daqui a dois dias.

- Ótimo, assim tenho tempo de lhe dar uma palavrinha. Até ao jantar, minha mãe – despediu-se com rapidez.

E saiu da sala enveredando escada acima com a firme intenção de responsabilizar o tio pela busca de Helena, afinal ele era o pai biológico. Alda e Josué não passavam de dois pobres coitados, sem saberem por onde procurar, para além de viverem com o desgosto genuíno do desaparecimento da filha, coisa que duvidava que o tio sentisse.

**

Uma hora mais tarde, de banho tomado e ansioso por confrontar o tio, ao entrar na sala de refeições deparou-se com dois soldados da Guarda Nacional Republicana. Os dois *bateram pala* fazendo continência, e os contrafortes das botas de montar tiniram ao juntarem os calcanhares ficando muito direitos. Ricardo já os conhecia e não estava surpreso por os ver na sua casa.

- Bom dia, meus senhores.

Desde que chegara a Portugal que esperava essa visita.

- O senhor doutor vai desculpar-nos, mas temos ordens para cumprir – disse o mais graduado – o nosso comandante pede que se apresente no posto assim que puder. Nós esperamos por si lá fora. Quando terminar o jantar com a família, acompanhamos o doutor.

Ricardo limitou-se a concordar com a cabeça. Já sabia o que o esperava.

**

Catarina retorcia as mãos e José Luís coçava o cabelo branco ralo, e suspirava. O pesadelo não acabava. Porque é que ele não ficou em Angola? Adorava o filho, mas Ricardo era demasiado temerário e justo para o Estado Novo. Numa ditadura disfarçada de progresso, não existe lugar para ideias dissidentes como as do filho. Nem a sua influência já lhe valia. Daria tudo o que tinha para ter um filho normal, um homem que não se interessasse senão pela sua vida e em gerir os bens da família.

- O senhor Cabo pode ficar descansado que o doutor Ricardo irá apresentar-se daqui a duas horas. Eu mesmo o acompanho. Pode seguir para o posto. Diga ao comandante que eu agradeço a deferência – disse José Luís Santana.

Ricardo olhou para o pai. O que viu foi uma grande sombra a atormentar-lhe o olhar. Não era sua intenção dar-lhe mais desgostos, mas quanto a isto não podia fazer nada.

Os dois guardas saíram acatando a sugestão do comendador, deixando atrás de si um silêncio glacial. Um sopro de alguém e, naquela sala tudo se partiria como se fosse cristal de gelo.

Para evitar preocupar os pais, Ricardo permaneceu calado enquanto fazia um esforço para engolir o pão com queijo de ovelha, caseiro, feito por Alda, de cujo sabor tinha tantas saudades, mas que agora custava a descer pela garganta. Bebeu o café preto e pediu licença para se levantar.

Por mais que tivesse nervos de aço, não conseguia ingerir mais comida e, quanto mais cedo despachasse o assunto, melhor.

- Não quero que me acompanhe meu pai. Eu sei como me defender.

- Ninguém é bom juiz em causa própria Ricardo. Eu ainda sou advogado, dos melhores do país, ainda te posso acompanhar...ajudar-te, ora filho, eu preferia que só tivesses voltado quando a poeira assentasse por aqui. Vivemos tempos difíceis e...

- Nunca vai assentar, essa poeira de que fala... – O filho atalhou-lhe o discurso. - Podem passar muitos anos que vão sempre achar que foi o doutorzinho Santana que atentou contra a vida do *Botas*, e já passou mais de um ano, ou dois, sei lá...estou cansado deste país – suspirou desanimado.

José Luís levantou-se para seguir o filho, mas Catarina obrigou-o a sentar-se.

- Quem não quer ser lobo, não lhe veste a pele. A verdade é que tu enveredaste por um caminho que não é o nosso. Nós não somos dessa cor. ...vermelha, escarlata, ou lá o que essa gente é! Desenvencilha-te sozinho, antes ver-te preso que nessas andanças!

- Catarina, não fales do que não sabes – advertiu-a o marido.

- Deixe lá pai. A mãe vai sempre achar que eu sou um herege qualquer e comunista. Pior, um arruaceiro desclassificado – disse em tom de desafio. - Vou andando. Volto para dar notícias e falar com o tio.

E saiu antes que algum deles pudesse dizer mais alguma coisa que o ferisse. Já estava demasiado doído e cansado. Há duas semanas que enveredava esforços em vão para encontrar Helena.

Estava a abrir o carro quando ouviu a voz de Alda a chamá-lo. Corria com um envelope branco na mão.

- Chegou esta carta para o senhor hoje de manhazinha – disse a arfar.

- Obrigado Alda – agradeceu enquanto pegava no envelope e verificava que não trazia remetente, mas que lhe era endereçado.

- Vá com Deus, menino. Ah menino Ricardo, não me diga que vai tudo começar outra vez?

- Vai Alda. Já começou.

A empregada afastou-se a limpar uma lágrima furtiva que Ricardo sabia não ser por si, mas sim pela filha.

Entrou no carro, colocou a carta em cima do banco do lado e, ao primeiro ronco do *Panhard* acelerou em direção à vila. Tinha que os

convencer que não estava em Portugal quando tentaram assassinar o Salazar, mas isso eles sabiam. O que a policia queria era saber quem foi, mas isso ele também não sabia. Podia até ter uma ligeira desconfiança, mas jamais seria um bufo. Antes morrer do que denunciar um amigo de luta.

José Luís subiu ao quarto, tomou o remédio para o coração e deitou-se. Rezou para que não acontecesse nada àquele filho que reconhecia tão parecido consigo. Sempre a encabeçar os movimentos dos estudantes, sempre a defender quem pouco tinha que comer, sempre a reivindicar melhorias para o país e para o povo. Os amigos mais íntimos diziam-lhe que o rapaz não era seu filho, só para o arreliar. Não era bem-visto um filho dos Santana – família de juizes, comendadores e diplomatas – estar associado à rebeldia contra o Estado Novo, mesmo tendo sido reformadores ao longo dos tempos.

Depois dos anos lhe terem passado por cima como se fossem pedregulhos a reboarem, e deixarem a moessa de tempos de infelicidade ao lado de Catarina, reconhecia a nobreza de carácter, o orgulho e a sabedoria de alguém que viajara pelo mundo inteiro e bebera de outras fontes de cultura, para poder opinar sobre o estado do país. Eram homens assim que faziam falta para retirar o país das trevas, mas temia que a tarefa não fosse fácil e de uma coisa tinha a certeza, ele já não veria este pequeno pedaço de história de Portugal. Já teria sete palmos de terra em cima de si, quando isso fosse possível, e muitos homens e mulheres como Ricardo, haveriam de morrer na defesa do país e de valores que agora eram reprimidos. O comendador não era feito da mesma matéria de alguns dos seus antepassados, que protegiam os menos favorecidos. Reconhecia no filho essa fibra que ele não herdara.

**

Ricardo estacionou o carro e encaminhou-se para a porta do posto da GNR com a coração apertado. Esperavam-no horas de interrogatório pela polícia do estado. Sabia que eles estavam lá dentro do posto à sua espera. Os guardas-republicanos eram apenas uma fachada para que os verdadeiros esbirros se mantivessem no anonimato. Talvez saísse dali com um olho negro e cansado, mas não era homem de voltar as costas quando tanta gente dependia dele. Só tinha receio que o prendessem. Se isso acontecesse ficava impossibilitado de procurar Helena.

Passou pelo guarda de serviço à porta, e apresentou-se no gabinete do comandante do posto.

**

Alda seguia o cônsul Alberto pelo jardim. Tinha noção que o homem fugia dela, mas esta era a sua última missão naquela casa. Assim que conseguisse o que queria partiria com o marido em busca de trabalho noutra local. O que não faltaria eram casas onde pudessem fazer o mesmo que ali.

Há um bom pedaço que Alberto a observava a rondá-lo de perto. Só podia querer alguma coisa e, quase podia adivinhar o quê.

- Aproxime-se Alda. Diga logo o que quer, tenho pouco tempo.

Alda reconheceu-lhe a arrogância da irmã.

- Senhor doutor Alberto, desculpe, não queria maçá-lo, mas não tenho onde recorrer. Como sabe a nossa...- hesitou – a minha filha está desaparecida. Saiu daqui com recomendação para trabalhar em casa da família Morais, mas...

- É dinheiro que quer? – perguntou frio.

Alda sentiu como se um soco lhe tivesse metido o estômago para dentro. Sentiu aquela maldita dor da úlcera que abria sempre que tinha um problema, para lhe tirar o sossego e o sono.

- Não senhor Alberto, não é dinheiro – disse com voz firme. – Quero que o senhor faça alguma coisa para encontrar a sua filha. Entendeu? A sua filha de sangue. Que raio de gente são vossemecês, para tratarem os vossos assim? Não lhe dói saber que a sua filha, que agora já sabe quem são os verdadeiros pais, estará sabe Deus onde?

Alberto manteve o olhar frio e a distância da empregada.

- Deixo dinheiro com a minha irmã, e ordens para que contratem um detetive particular. Mais do que isso não faço. Tenho uma posição a manter e um cargo político também.

- Obrigado.

Enfrentou o homem nos olhos para ter a certeza que ele não sentia mesmo nada por Helena, virou-se de costas e caminhou por entre as árvores do frondoso jardim até sua casa. Hoje ia convencer Josué a partir dali.

**

Há cinco horas que Ricardo estava sentado naquela maldita cadeira sem se poder levantar. Doíam-lhe as pernas, mas, sobretudo sentia-se à

beira de um ataque de fúria. Ricardo Santana era rijo e com fama de nunca vacilar numa situação de confronto, quer no tribunal, quer numa briga feia corpo a corpo. Mas a pressão psicológica era mais difícil de aguentar por mais treino que tivesse nesse sentido.

- Então doutor? Mais uma oportunidade para nos dizer quem são os mandantes do ataque. *Cante* lá e será livre para sempre. Não podemos oferecer-lhe nada material, o senhor é rico, mas oferecemos-lhe a sua liberdade vitalícia.

- O senhor não sabe que a liberdade é um direito, não um bem que se possa negociar?

- Tretas doutor. Quem manda é quem tem o poder e aqui sou eu que mando, e em nós manda o estado.

Ricardo riu-se e pediu um cigarro. O polícia deu-lho e, ao acendê-lo, com a sua própria boca antes de lho passar, mandou-lhe o fumo para cima. Se não era um filho da puta de um *paneleiro*, disfarçava muito bem – pensou Ricardo. Já vira muitos desses em locais bem-afamados; bons chefes de família, sem mácula para a sociedade, mas a caírem de quatro por um homem, assim que se sentiam seguros e escondidos nalgum antro que os pudesse proteger da crítica dos outros. Mas, estes idiotas ao serviço da ditadura, apesar de esconderem as suas taras, se fosse preciso matar algum maricas para mostrarem que eram homens, não hesitariam.

Cambada de pulhas nojentos.

- É verdade, vocês mandam. Mas podemos ficar aqui o resto da noite. Não lhe vou dizer algo que não sei.

- E mesmo que soubesse não dizia, não é?

E voltou a mandar-lhe o bafo do cigarro para cima da cara. Noutra situação Ricardo já o teria esmurrado, mas ali tinha que manter a cabeça fria, e o ânimo baixo.

Por dentro, as suas entranhas revoltavam-se de tal modo, ao ponto de os intestinos fazerem um barulho incomodativo.

Não ia cagar-se na frente do gajo. Não ia não! Se isso era o que ele esperava quando olhava para a sua barriga aos saltos, estava enganado.

**

Anoitecia quando Ricardo saiu do posto da guarda republicana. Desta vez não lhe deitaram um sobrolho abaixo, saiu sem uma beliscadura, mas torraram-lhe a paciência durante horas a fio, com o objetivo de o fazer ceder, e denunciar os nomes dos homens que trabalhavam na

clandestinidade contra o Estado Novo. O que a polícia do estado não sabia é que Ricardo apenas manifestava a sua opinião como homem pensador, já não pertencia a nenhuma organização ou ao partido comunista como eles pensavam, apesar de conhecer bastantes homens que viviam e atuavam na clandestinidade. Com a sua partida para África desvinculara-se de qualquer atividade partidária. Mais tarde, quando a guerra começou, juntara-se aos ingleses e à resistência francesa para combater os fascistas alemães. Uma maneira de travar o avanço das ideias de Salazar era combater Hitler e, nada melhor que trabalhar com as forças opostas. Mas isso, eles não iam saber nunca, nem que o torturassem.

Horas depois entrou em casa cansado e com fome, a polícia usou essa estratégia para o dominar, e foi diretamente para a sala de refeições onde o pai e a mãe já estavam sentados.

Passara um dia inteiro no posto e apanhara a rotina de casa, onde a tinha deixado: na sala de refeições.

- Boa noite – disse enquanto caía pesadamente na cadeira e se servia de um copo de água e logo de seguida de outro.

- Não te alimentaram durante o dia, pois não? – perguntou o pai.

- Não. Nem esperava outra coisa. Onde está o tio?

- Partiu a seguir ao almoço – respondeu a mãe.

Covarde – pensou Ricardo.

Ricardo ficou em silêncio e deixou que a empregada o servisse. Primeiro precisava de meter comida no estômago para o cérebro funcionar, depois tratava do assunto que o preocupava, mas não conseguiu deixar de pensar na qualidade de homem que o tio era: um rato de esgoto. Preferiu fugir a enfrentar a vida pelos cornos, como devia ter feito quando engravidou a amante. Que belo embaixador seria um traste daquele calibre.

O destino conduz o que consente, e arrasta o que resiste.
Sêneca

Capítulo 18



- Ele fez o quê dona Alda? - perguntou incrédulo.

- Deu-me dinheiro, aliás, deixou o dinheiro com a senhora sua mãe, para contratarem um detetive dentro de um mês, se Helena não aparecer - respondeu Alda chorosa.

- Este meu tio é um... a senhora desculpe a minha família – disse visivelmente incomodado. - Vou eu mesmo tratar do assunto amanhã quando chegar a Lisboa. Eu ponho alguém no encalce dela, fique descansada.

- Senhor doutor Ricardo...eu e o meu marido vamos embora daqui esta semana. O senhor desculpe-nos, mas não podemos ficar mais tempo... entende?

- Não os censuro. Deixo-lhe o telefone da minha casa em Lisboa. Por favor avisem-me onde estão assim que tiverem um lugar onde ficar. Precisa de ajuda para arranjar trabalho? - e estendeu-lhe um cartão-de-visita com o número de casa.

- Felizmente não. Vamos trabalhar em casa do conde de Bellevue. O senhor conde está na fazenda em S. Tomé e nós vamos tomar conta do palacete de Sintra. Todos nos conhecem e sabem como trabalhamos, sabem da nossa fidelidade à vossa família, não foi difícil encontrar trabalho, aliás não sei como souberam que íamos partir daqui, mas recebemos uma proposta ontem mesmo.

- Então será mais fácil localizá-los. Ainda bem que já têm trabalho.

Ricardo deu um abraço na mãe da mulher que amava, e dirigiu-se ao carro. Duas grandes lágrimas surgiram-lhe nos olhos teimando em cair pela cara quando passou o pórtico de granito de Vale de Marias. Tinha a sensação de que era a última vez que via a casa onde cresceu. O pai chorou quando o abraçou e a mãe ralhara-lhe como era hábito. Tudo normal até ali, menos a saudade da casa, que nunca sentira daquela forma estranha.

Ricardo olhou por acaso para o banco a seu lado, onde gostaria de ver Helena, e deparou-se com o envelope que Alda lhe tinha dado de manhã. Encostou o carro na berma da estrada nacional e pegou na missiva endereçada a si.

Com cuidado, abriu-a e retirou um pedaço de folha de papel de fantasia decorado com flores em tons pastel, ostentando uma caligrafia bonita e feminina.

9 de Julho de 1941

Meu caro Ricardo Santana

Espero que a minha missiva o encontre de boa saúde. Estou a escrever-lhe para abreviar o encerramento do assunto pendente entre nós. Não foi elegante da sua parte o que fez comigo e se esperava que eu me rendesse totalmente aos seus encantos masculinos, enganou-se caro senhor, não sou uma das senhoras que está habituado a frequentar em Lisboa e, muito menos à sua disposição quando entender. Não me procure. Nunca mais. Estou bem e arranjei um bom emprego. Por favor avise os meus pais que em breve entrarei em contacto com eles.

Subescrevo-me,

Helena Silva

O suor, provocado pelo intenso calor que já se fazia sentir àquela hora da manhã e as lágrimas escorriam-lhe pela cara.

Ali, no conteúdo daquela carta, via o dedo da mãe e o dinheiro também. Guardou a carta no bolso do casaco de linho branco e rodou a chave do carro na ignição. O poderoso carro desportivo roncou e ele fez-se à estrada. Lisboa esperava-o e Helena também, algures. A carta não seria um impedimento para ele a procurar, pelo contrário, era um incentivo, já que ela não a poderia ter escrito. Quem o fez não sabia que eles já tinham chegado a vias de facto. A primeira coisa que ia fazer era colocar um dos seus amigos peritos em investigações, no encalço dela. Tinha a certeza que seria melhor sucedido que ele, cuja especialidade era bem diferente.

Ricardo era um estratega de secretária, habituado a pensar como o inimigo para chegar onde queria. Treinado em urdir teorias que parecessem verídicas e em espalhá-las até surtirem efeito, era o homem chave colocado estrategicamente em Lisboa, numa altura em que as tropas

de Hitler estavam a ganhar terreno em direção ao sul de França e o perigo era eminente para Portugal e Inglaterra.

**

Há pelo menos dois dias, que Helena já tinha mudado de cores. Passara de um verde doente, para um rosa a florescer. Os efeitos da mistela de ópio e cognac que a obrigaram a tomar durante uma semana, quase desapareceram – à exceção da sensação de cabeça oca – e, já começava a participar nas conversas das raparigas e até nas lides domésticas do bordel. Graças aos cuidados de Camila e da criada Maria Cristina estava agora mais forte e tinha engordado, tapando mais os ossos escarnados de magreza do seu corpo subalimentado, durante as duas semanas em que durou o seu calvário por terras espanholas.

- Na próxima semana começa a servir às mesas. Vê se engordas e espero que não te passe novamente pela cabeça fugir. Já sabes o que te pode acontecer. Menina, eu não brinco em serviço, entendes? – disse Rosa com o dedo espetado no ar.

A voz da madame Rosa era autoritária e tinha perdido toda a doçura que lhe demonstrara algumas vezes. Helena baixou os olhos e concordou com a proxeneta. Tinha que engendrar outra forma de sair dali e desta vez, não iria pôr os pensamentos em voz alta. Já vira do que ela era capaz e não tinha a certeza de escapar com vida a outra semana de drogas. A sensação de ter morrido e ressuscitado de novo ainda não desaparecera por completo.

Não desejava nem à madrinha, que detestava, – nem mesmo aos pais biológicos a quem gostaria de odiar – tamanha tortura, sem bem que, nesta altura, se os apanhasse por perto ouviriam tudo aquilo que mereciam ouvir: que são os crápulas mais dissimulados e cínicos que alguma vez encontrou na sua curta vida.

A sala onde permaneciam as raparigas durante o dia – as que, como ela, não tinham permissão para sair de casa –, era arejada e estava mobilada com poltronas cobertas com veludo azul-escuro. Mas as janelas tinham grades de ferro do lado de fora. Era impossível fugir dali.

Tudo naquele espaço disfarçado de casa de hóspedes, transbordava em requinte a partir do primeiro andar. Alguém, do qual desconheciam a identidade, tinha dinheiro para investir e não era Rosa certamente, essa não passava de uma testa de ferro para um homem ou mulher que vivia no anonimato.

Os sofás dispostos em redor da mesa de apoio continham várias raparigas seminuas sentadas e outras deitadas. Helena conhecia algumas, mas outras eram novas. Não estavam ali quando Rosa a mandou raptar. Pelos vistos a mercadoria humana mudava com frequência.

A porta ligada ao largo corredor de soalho abriu-se, e as pesadas cortinas semiabertas que mantinham a privacidade das raparigas, balançou com a corrente de ar quente vinda da rua.

Uma voz familiar perguntou por madame Rosa e o porteiro respondeu. Helena não tinha a certeza de onde conhecia aquele timbre, mas fazia um esforço para se recordar. O ópio deixara algumas mazelas na sua memória.

O salto de sapatos de mulher, batiam na madeira sincopadamente num andar hesitante. Helena cravou os olhos na abertura dos cortinados de veludo azul, à medida que os passos se aproximavam, pressentindo que ia desvendar o mistério da voz e ficar a saber quem era a figura misteriosa com passe livre no bordel. Viu passar uma silhueta pela penumbra e pareceu-lhe conhecer a figura. Não tinha dúvidas que era uma mulher. Madame Rosa surgiu no corredor, disse qualquer coisa em surdina e afastaram-se para o escritório. Helena olhou em redor e, nenhuma das raparigas com quem tinha à vontade, estava ali para poder perguntar quem entrara. As outras eram pouco dadas a conversas e estavam entretidas com a manicura e cuidados de beleza mútuos. Duas, entretinham-se mesmo era aos beijos uma à outra, enquanto davam grandes gargalhadas. Helena não estava em condições psicológicas de ajuizar sobre o que presenciava e, sorrateiramente, tirou os sapatos e esgueirou-se pelo corredor. Percorreu os vinte metros e parou à escuta com o ouvido colado à porta. O timbre da outra era muito familiar e percebia a voz nítida de Rosa, também, em amena cavaqueira com a estranha.

- Vou pôr o assunto a correr. Vai render uma fortuna, mas quero metade.

- Metade é demais. Dou-lhe trinta e cinco por cento. Olhe que são muitos contos de réis Rosa.

- Quarenta por cento. Senão mando-a de regresso a casa.

- Seja. Catarina ainda lhe pagava para a trazer de volta. Ninguém a quer naquela família.

Oh meu Deus! Será que estarei a sonhar?

Subitamente, tudo ficou mais claro e a voz surgiu como se ainda estivessem no último jantar na casa de Lisboa.

A pergunta era óbvia: porquê? Porquê com ela?

O choque do que ouviu trouxe-a de volta à realidade. Era dela que falavam.

E a mulher era...não queria acreditar!

Uma dor de barriga súbita fê-la encolher sobre si e as náuseas voltaram. Malditas náuseas, maldito ópio e maldita Catarina Santana que a conduziu até ali numa armadilha muito bem preparada.

Quanta maldade era precisa para se tentarem desfazer dela?

Só porque se apaixonara pelo primogénito da família, em cujas veias corria sangue igual ao seu, tornou-se uma pessoa indesejável na família que a criou, e que afinal era a sua.

Apressou o passo pela escada e subiu para o quarto. Estava perdida. Se o assunto era o que imaginava não tinha quem a salvasse daquele inferno em vida. Um inferno que não imaginava que existisse.

As horas passavam no relógio pousado na mesa-de-cabeceira e Helena contava-as ao segundo, incapaz de adormecer e de arranjar uma estratégia para escapar.

Mal entrara no quarto ouvir a fechadura a rodar. Maria fechara-a do lado de fora até de manhã. Dissera-lhe, quando a informou das ordens de Madame Rosa, que se quisesse alguma coisa bastava premir o botão junto à cabeceira da cama. A dor nos intestinos continuava. Não tinha opção senão chamar alguém. Com receio de se borrar nas calcinhas bateu com força na porta e chamou por Maria e Camila. A dor aumentava e os gritos também. Sentia-se capaz de derrubar a porta, mas não ia passar pela humilhação, mais uma vez, de sujar a roupa de novo. Maldito ópio, maldita Rosa e maldita...

Enquanto gritava jurou a si própria, mentalmente, vingar-se de todos quanto a humilharam. Os pais eram submissos e obedientes aos patrões, mas ela, felizmente tinha aprendido com Ricardo que nunca se deve baixar a cabeça quando a razão está do nosso lado. Nenhum ser humano deveria passar pela privação da sua liberdade, a não ser que representasse um perigo para os outros.

**

O telefonema que Ricardo recebera deixara-o inquieto, mas tinha vários assuntos a incomodá-lo, um deles era a enorme preocupação com

Helena. Felizmente conseguiu localizar Alex e não tardava nada ele começava a vasculhar Lisboa – utilizando os seus contactos – em busca dela.

A última noite foi passada em branco. Ricardo revolveu as memórias da sua vida, o comportamento da família e questionou-se várias vezes se o adotado, o bastardo, não seria ele.

Do pai, por quem nutria muito amor, herdara a rebeldia de questionar tudo o que lhe parecesse dúbio, se bem que, José Luís Santana mudara muito desde que se casara com a burguesa Catarina Cabral. Essa observação, ouviu-a ao longo dos anos em que viveu em Portugal, até que a participação na oposição política a Salazar o obrigou a sair do país por uns anos. Hoje, o pai, era uma sombra apagada do que fora outrora, e apenas conseguia vislumbrar a revolta no olhar emaciado, que a velhice e os desgostos com o casamento lhe trouxeram.

A mãe era uma mulher fria, calculista e dissimulada. Por mais que lhe devesse a vida, os cuidados na infância, e o facto de ser o filho preferido – embora não tivesse pedido esse privilégio e até o achasse uma maldição –, por vezes, não se reconhecia como filho de Catarina Santana a grande dama da alta sociedade Lisboa e adoradora do ditador Salazar, que passava a vida a organizar festas e odes para prestigiar o senhor presidente, como ela se lhe referia.

- Doutor Ricardo está um senhor na sala para falar consigo.

- Obrigado Martinho.

O cabelo negro de Alex sobressaía em contraste com o estofado verde do canapé *chipandelle* onde estava sentado. Pernas relaxadas e braços cruzados no peito observava com agrado a decoração da sumptuosa sala. Assim que a porta se abriu levantou-se e abriu um sorriso ao ver o amigo.

- *Crreedo* Richard! – disse em tom de surpresa. - O que se passa para me *pedirres* que venha aqui? Deixaste a tua casa?

Os dois homens apertaram a mão e Ricardo negou com a cabeça.

- Não meu caro. Mas estou com um problema e esta casa não está vigiada, ainda. Senta-te, vou explicar-te.

Uma hora depois Alex Steel tinha o maxilar cerrado e o verde dos olhos tinha escurecido. Como é que ia explicar ao amigo que podia ter evitado tudo se soubesse quem era Helena. Mas tinha que o fazer.

- Richard, eu acho que estive com essa jovem há umas semanas *ago*, no clube da Rosa.

O sobrolho de Ricardo ficou carregado de repente e num gesto mecânico acendeu um cigarro para dissipar a ansiedade.

- Não creio que Helena fosse para um sitio desses.

- E deves estar certo. Ela parecia deslocada e recordo-me de me ter confessado que estava ali por engano e que...oh céus! Como ela é bonita! – exclamou a lembrar-se da beleza da jovem.

- Vá lá Alex... que ela é bonita já eu sei...ias a dizer qualquer coisa...

- «Amanhã já cá não estou» – disse Alex com o olhar no infinito.

- O quê? Estás maluco?

- Foi isso que ela disse: amanhã já cá não estou. E não voltei a vê-la. Foi à toilette e não voltou. Talvez pensasse que eu era um homem interessado em... interessado nela, e fugisse de mim.

Ricardo coçou a cabeça – o tique da preocupação- incomodado pelos acontecimentos e, pensou que por um triz poderia ter evitado tanto sofrimento, bastava ter sido ele a estar no lugar de Alex. Mas logo naquela noite os planos foram alterados e coube a Alex, por ser desconhecido em Lisboa espiar o bordel da Rosa.

- Helena deve ter pensado que assim escapava de ti. – observou.

- Não leves a mal amigo, mas ela é deslumbrante. Qualquer homem a levava ao altar sem nenhum esforço.

Ricardo esfregou a cabeça com força, revirando os cabelos domados com brilhantina e encheu o peito de ar como se estivesse a afogar-se.

- Só quero encontrá-la companheiro. Só isso. Temo que a vendam, como fazem a tantas mulheres bonitas que por ali passam. Temo que vendam a... virgindade dela, percebes? Helena nunca mais se recomporia, sobretudo porque...enfim..., desculpa a atabalhoação, são coisas minhas que não devo falar.

Ao ouvir os temores de Ricardo, Alex pensou que o mais provável é que isso já tivesse acontecido que já a tivessem vendido por algum preço exorbitante a algum alemão das SS.

- Pareceu-me uma jovem forte e decidida. Deve saber *defenderr-se*. – disse Alex.

- Não deste tipo de coisas. Quero que entres em campo já. Hoje de noite vais lá. Descobre-a, e fico a dever-te um favor para o resto da vida. Mais um.

Alex levantou-se e do alto do seu metro e oitenta disse para o amigo de alguns anos.

- Descubro-a de bom grado. Não ficas a dever-me nada. Faço questão de o fazer. Assim que souber algo, procuro-te.

Um aperto de mão selou o acordo entre os dois e, Alexandre Steel o magnata que comprou um título nobiliárquico a um barão falido e se estabeleceu em Lisboa com dois propósitos – um deles ao serviço do seu país –, saiu para o calor da rua com o pensamento naquela jovem, que bem podia encarnar um papel de diva do cinema, não ficando atrás de Ingrid Bergman ou Laureen Baccal, apesar de possuir uma estatura mediana, típica da mulher portuguesa.

Se naquele dia a jovem o tinha impressionado, surpreendendo-se a si próprio por estar a interessar-se tanto por uma mulher em pouco tempo, agora, depois de saber a sua história, estava deveras rendido ao seu encanto. Se fosse necessário estava disposto a revirar tudo para a encontrar. Só tinha receio que fosse tarde demais e que encontrasse apenas um escombro humano como já vira tantos por esse mundo fora.

**

Doíam-lhe os pés enfiados nos saltos altos de tanto calcorrear o soalho de madeira. Rosa dizia-lhe que se mostrasse aos homens e, a melhor forma de o fazer era servir à mesa, portanto não podia desobedecer, sob pena de ser desterrada para Espanha de novo. Dia após dia, sentia-se uma espécie de aberração exposta numa feira. Todos os homens presentes no salão sabiam que era uma vestal à espera de ser desflorada pela melhor oferta, mas todos sabiam que a parada era alta, portanto, não era para qualquer bolsa.

O assunto irritava-a sobremaneira, mas não poder fazer nada, ainda mais.

Para Helena não havia nada mais humilhante do que uma pessoa ser vendida como gado para abate numa feira. Era outro tipo de escravidão humana, da qual tinha que escapar e, se a sua carta de alforria era deitar-se com um desconhecido que lhe tirara a virgindade, então ainda era mais difícil de obter, pelo que não lhe restava senão fugir.

O que muitos não sabiam é que estava vigiada de noite e dia para não fugir, e que já pensara mesmo em matar se fosse necessário. O tempo em que era virgem ia longe, portanto estava a aproveitar-se de uma mentira para se manter longe dos clientes do bordel.

Estava a tentar usar a argúcia para evitar cometer algum ato que a prejudicasse para o resto da vida, mas temia que não fosse possível e, para

o efeito já escondera uma faca que conseguiu surripiar do bar. A faca com que Mateus, o barman cortava os ananases para fazer os cocktails. O roubo da faca valeu busca aos quartos, mas o esconderijo foi bem pensado. Helena descobriu que o ferro da cama era oco e que a bola de latão que o rematava tinha uma rosca. Desenroscou a bola e, com alívio, viu que a faca cabia no espaço livre. Encheu o que sobrava do espaço destinado à faca, com papel, para não correr o risco de a faca descair e assim ser impossível retirá-la quando precisasse.

Com o pensamento na fuga continuou a servir à mesa de forma mecânica. Tinha que se agarrar à esperança de sair dali. Não conseguia resistir muito mais tempo presa e, a antever o que lhe ia a acontecer estava cada vez mais aflita.

O clube estava lotado. As mesas ocupadas e, ao balcão uns quantos cavalheiros de pé na esperança que as raparigas ficassem livres. Há duas horas que o segurança tinha encerrado a porta. Helena custava-lhe a respirar e, amiúde, tossia, incomodada pelo de fumo de cigarros, cigarrilhas e charutos. A mescla de odores era estranha e deixava-a algures entre o desconforto total e breves momentos de prazer quando passava por algum cavalheiro bonito e bem perfumado; se bem que, a realidade depressa se sobrepunha, e o perigo chamava-a à razão.

**

A noite ia adiantada. A música soava mais espaçada e o clube começava a esvaziar. Helena mantinha-se de pé, firme, mas a sua face revelava outra coisa. A um canto, um homem alto, calvo e a evidenciar mais de sessenta anos, observava-a enquanto bebericava um whisky. Helena há muito que tinha dado pela sua presença e várias vezes sentiu calafrios de ansiedade. Qualquer coisa lhe dizia ser um dos candidatos à sua *pureza* e que talvez tivesse feito a proposta, uma proposta insana e que a deixaria sem saída. Uma raiva crescente, subiu-lhe pela garganta, apertando-a e, generalizou-se aos membros, deixando-lhe as pernas hirtas e as mãos a tremer. Num gesto desastrado derrubou uma garrafa de cerveja e foi com desagrado que viu o estrago no chão, para além que o homem estava a levantar-se perigosamente da mesa onde permanecia há horas.

- Deixe-me ajudá-la – e baixou-se para apanhar os cacos da garrafa, deixando no ar uma fragância forte e relaxante para os sentidos.

- Por favor, não! Vá-se embora daqui. Eu consigo fazer tudo sozinha – suplicou com os olhos a espelhar terror.

O homem assentiu olhando-a nos olhos e ao contrário do que Helena pensava, eles transmitiram-lhe uma grande calma.

Rosa, observava-a, a uma ponta do salão e uma onda de irritação subiu-lhe à cabeça. Desejou livrar-se da rapariga o mais rápido possível, pois temia que ainda viessem a ter problemas por sua causa. Quem seria o estranho que durante parte da noite esteve ali a espiar sem disfarçar, como se quisesse ser visto.

Rosa sorriu, mas tinha vontade de gargalhar. Já vira de tudo ao longo dos anos, mas, figuras como as dos agentes secretos portugueses, nunca haveria de ver igual. Os espões portugueses eram ridículos na sua maioria. Mal eram recrutados pelos ingleses saiam pelos bares dos hotéis a lançarem a boa nova e ninguém os levava a sério. Mas Rosa sabia também que havia alguns, que eram espões, mas não se denunciavam. Quase apostava que o velho era um dos verdadeiros, ou então estava ali apenas à babugem e, no final da noite, ia bater uma para casa, recordando as pernas e as mamas duras e firmes das jovens prostitutas.

O telefone tocou e Rosa recolheu-se à sala. Logo mais chamaria a atenção a Helena sobre o incidente e ela iria pagar a bebida desperdiçada do bolso dela. Atendeu o telefone.

- Boa noite – e ficou a ouvir o que do outro lado lhe diziam.

Era assim todas as noites, em que o clube estava aberto, desde que há quinze anos tinha vindo chefiá-lo a convite da proprietária, que não queria que a sua identidade fosse revelada. Para que Rosa mantivesse o anonimato sobre a identidade da patroa esta pagava-lhe uma boa quantia, que a proxeneta guardava religiosamente para um dia se reformar e comprar uma casinha no Norte, no meio de árvores e vinhas. Era ali que iria passar a sua velhice junto às irmãs e sobrinhos, que pensavam que ela era governanta numa casa de gente rica. Na verdade, não andavam muito longe da verdade: Rosa era apenas a governanta do clube.

- Tenho duas propostas muito abaixo do que espera e uma terceira que ficou de dar resposta amanhã. – disse. - Não senhora, não conheço o último cavalheiro que me telefonou. Nem sei como a palavra se espalhou tão depressa. Um ofereceu dez contos e outro cinco...- e ficou a ouvir o desagrado da sua interlocutora perante a insignificância em dinheiro. – Sim, não menos de duzentos contos...já percebi...

Era uma quantia muito elevada, impossível de atingir, Rosa sabia disso. Por vezes pensava mesmo que a senhora não queria de facto vender

a rapariga, por isso subia tanto a parada.

Do outro lado, a legítima proprietária do bordel discorria sobre as suas intenções, e Rosa pensava que nunca conhecera tamanha raiva numa mulher. O despeito torna as pessoas amargas para o resto da vida e, sem dúvida que este era um caso desses. Pousou o telefone no gancho e sentiu alívio. A patroa era uma pessoa muito difícil, mordaz e exigente nos lucros.

Helena fechou a porta do quarto e preparou-se para se atirar na cama sem sequer se despir. O tempo urgia e o seu medo aumentava. No relógio de parede estavam marcadas três horas da manhã. Já era segunda-feira, dia de descanso, e um bom dia para arquitetar a sua fuga. Estendeu-se na cama e deixou os sapatos caírem ruidosamente no chão. O ar estava abafado e sentia o suor nas fronteiras e debaixo dos seios a molharem o vestido. Não era boa ideia dormir com roupa. Sentou-se na cama e puxou o vestido até à altura da cabeça retirando-o. A porta abriu-se e Camila entrou sorrateiramente.

- Pedi a Maria para não trancar a porta, ainda. Queria falar contigo sem que as outras ouvissem, e amanhã deve ser difícil.

Camila olhou Helena em todo o seu comprimento e ficou boquiaberta.

- Menina! Tu és cá uma coisinha doce. Quem me dera ter as tuas pernas esguias e cheias e...oh meu deus e as mamas – e tocou-lhe apalpando-a.

- Camila! Não me digas que és como...

Helena estava a começar a recuar até à parede por onde não tinha mais escapatória.

- Como a Sílvia e a Marlene? Já as viste? – e deu uma risadinha. – Não querida, não sou. Desculpa o entusiasmo, mas nem parecem verdadeiras de tão firmes e empinadas que são. Quis verificar apenas.

- Ahhh...- murmurou Helena fazendo um gesto de descaso. – És mesmo maluca!

Camila sentou-se na cama, relaxada, a rir-se.

- As duas fodem com homem, mas é uma com a outra que se divertem. Já as viste aos beijos, presumo.

- E presumes muito bem. Quero lá saber disso Camila, a minha preocupação é com... tu sabes.

- Sei querida, por isso vim falar contigo. Quero saber até onde já foste com um homem.

Helena estremeceu ao recordar-se dos dedos de Ricardo na sua intimidade e depois do seu sexo, e do êxtase que sentiu quando fizera amor com ele a primeira vez, e depois na segunda.

- Pouco, quer dizer. Já beijei e mexi – mentiu.

- Só isso. Nunca tiveste um... dentro de ti?

Helena negou com a cabeça ondulando o cabelo negro.

- Bem...então és mesmo virgem! – exclamou. – É só uma picada de uma abelha, é como se fosse, e quando dás por isso já entrou. Depois a seguir costuma ser bom. Mas não com estes que aqui vêm. Eu tenho um namorado na minha terra. Quando sair daqui, caso com ele. É com ele que gosto de foder. O dinheiro que vou ganhar aqui é para ajudar na compra da casa.

Helena estava estupefacta com a confissão de Camila e também com a linguagem desbocada. Camila tinha sido sempre tão educada que lhe estranhava os palavrões.

- E ele sabe? – perguntou Helena. – Sabe o que tu fazes aqui?

- Não. Eu também fui enganada como tu, mas a mim deixam-me ir a casa. Sabes, não sou importante, nem tão bonita como tu. Daqui a dois anos tenho vinte e dois anos e tenho que sair. Aqui são todas muito jovens, já reparaste?

- Na verdade não. Não tive tempo.

- Desculpa amiga – disse Camila ao pensar no que tinham feito a Helena. – Já estás tão recomposta que me esqueci que tinhas estado em Espanha no outro bordel.

Helena decidiu não confiar em mais ninguém e achou por bem não revelar nada sobre a sua intenção de fugir. Agora só queria sossego, e amanhã decidia como fazer.

- Vai dormir Camila – aconselhou. - Amanhã vais a casa?

- Vou. Moro a uma hora daqui de camioneta. Na zona saloia. Volto à noitinha.

Camila despediu-se de Helena e saiu do quarto pé ante pé. Podia ser que Maria se esquecesse de fechar a porta à chave. Tinha esperança que Helena conseguisse aproveitar uma oportunidade dessas, afinal a miúda era mais esperta do que ela pensava. Sabia que tramava alguma coisa e, sabia que ela não fora feita para aquela vida - embora há dois anos

também pensasse o mesmo – por isso não ia chamar a criada. Se Helena fosse inteligente percebia a deixa e fugia.

Capítulo 19



O velho mordomo torcia as mãos, impaciente. A casa estava um corrupio de entradas e saídas, e o facto de ter sabido que Alda e Josué tinham partido da herdade, deixou-o profundamente triste, não se conformava com o facto de Alda, a sua boa amiga, ir viver noutro lugar, depois de ter dedicado a vida àquela família. A vida não era justa.

Na sala verde, desenrolava-se uma conversa entre tio e sobrinho que não estava a ser fácil. Martinho estava a postos, vigilante, não fosse algum criado menos cuidadoso interromper e provocar a ira do senhor Alberto, ou do senhor Ricardo.

- Meu tio estamos aqui há duas horas, e a única coisa que fez foi contar-me a sua infelicidade ao engravidar a sua amante. Não é isso que eu quero saber, esses pormenores não me interessam. O meu tio tem noção do que pode ter acontecido a Helena?

Alberto Cabral não sabia e pouco lhe interessava o que tivesse sucedido. Com o passar dos anos habituou-se a ver Helena a circular pelos espaços da família e quando a olhava não sentia o afeto que um pai tem pela filha. Por mais que tentasse, não conseguia. Helena era apenas uma intrusa na sua vida. Era a filha dos caseiros a quem dera dinheiro para a alimentarem desde que nascera.

Apesar de saber qual tinha sido o destino da bebé a primeira vez que a viu já Helena tinha dois anos. Teresa foi dar à luz em Espanha com a desculpa de ter uma doença de pulmões, e precisar de ar puro da montanha. Toda a sociedade lamentava a doença da rapariga, e a imaginavam internada no sanatório da serra do Caramulo, mas Teresa esteve em Madrid durante nove meses e Helena foi entregue aos caseiros com dois dias de vida, o tempo que demorou a chegarem a Portugal. Depois dessa época o seu romance com Teresa tornou-se esporádico e só reataram a relação há uns anos.

Alberto abanou a cabeça em negação. Nem parecia o cônsul de Portugal em Bordéus ao serviço da nação. No exercício das suas funções era bem mais enérgico e, ali, naquele momento, parecia uma massa humana amorfa dobrada sobre si.

- Meu querido sobrinho, és um jovem ainda...um dia quando fores mais velho vais ver que o homem, nós, - e apontou para os dois - temos carne fraca. E vais aprender também que as esposas são para respeitar, não sei se me entendes...

Ricardo entendia. Oh se entendia. O que o tio queria dizer é que às esposas faz-se filhos para assegurar a descendência e com as amantes um homem obtém gozo carnal. Isso era lá com ele O cheiro à moral bafienta entrara na sala quando se sentaram os dois – pensou. Filho da mãe hipócrita.

- O que é que vai fazer para encontrar Helena?

- Nada.

- Nada?

- Nada.

- Era só isso que queria ouvir. – disse ao tio.

Ricardo voltou-lhe as costas sem sequer se despedir e saiu porta fora. Tão depressa não voltaria a entrar em casa dos pais, já que agora Helena já lá não estava e ia considerar não voltar a relacionar-se com o tio Alberto. Tinha vergonha de pertencer a uma família de gente tão desprezível.

Martinho adivinhou, pela cara de Ricardo, que a conversa não correria bem.

- E que digo à sua mãe quando ela chegar na quinta-feira. – perguntou Martinho.

- Nada Martinho. Nem lhe diga que aqui estive a falar com o meu tio.

- Dona Teresa esteve aqui de manhã a perguntar pela senhora. Diz que ela não atende o telefone.

- Coisas de amigas – rematou Ricardo, sabendo que a mãe devia estar a fugir às responsabilidades e, talvez Teresa se importasse mais com a filha do que o tio Alberto.

Despediu-se do velho criado e entrou no carro. Logo à noite iria saber notícias da investigação, mas agora tinha uma reunião importante.

**

O telefone tocara toda a manhã e Catarina tinha os nervos em franja. Sem a governanta para atender ela própria tinha que o fazer. Só esperava

que não fossem mais problemas e que aquela fedelha tivesse desaparecido de vez da vida do seu filho. Pobre e desonrada, ninguém a deveria querer senão para aquilo que um homem quer uma mulher da vida. Bem a avisara que Ricardo era proibido para ela.

- Estou...- disse a medo. Não queria que pensassem que não tinha criados para atenderem o telefone.

A voz soou-lhe familiar.

- Ah, és tu Teresa – constatou com alívio.

- Catarina, não percebo o que se passa, porque não atendiam da tua casa? Tens que despedir a criada.

Também não ia dizer à amiga que o problema era esse: não ter criada.

- A criadagem é pouco eficiente, sabes como é, depois trato disso. Então que se passa querida amiga?

- Catarina, quero que me respondas sinceramente. O que aconteceu à minha filha Helena. Ouvi uns boatos...

- A quem Teresa? – fez-se desentendida. - Não me digas que agora ouves mexericos. Nem parece teu. Uma Silveira não ouve boatos.

- Mesmo quando a fonte é a condessa? A condessa é manhosa, mas não é mentirosa. Carmina informou-me que Helena saiu de Vale de Marias antes de nós. Que partiu no comboio um dia antes de nós. Catarina, a minha filha está desaparecida há três semanas?

- Devias dar graças a Deus, por isso. Ela já sabe a verdade. Imagina que vai querer vingar-se pedindo dinheiro, ou conta a alguém dos nossos círculos de relação. Já imaginaste o escândalo que seria?

- Foi assim que a educaram? – questionou sem alterar o tom de voz, porque uma Silveira jamais levantaria a voz. - Não me parece que Helena fosse fazer tal coisa. É uma jovem tão inteligente e justa. Mas como soube ela, a verdade?

- Ouviu-me a falar com o meu irmão sobre ela e Ricardo.

- Oh! – exclamou. – Já percebi. Não a queres casada com o teu filho mais velho.

- São primos direitos.

- Pois são, mas também tu és prima direita do teu marido. Já te esqueceste que casamos para manter as fortunas?

- Não sejas rude. Logo tu, a dares-me sermões. Não devias ouvir a condessa Carmina. A senhora está muito velha e cá entre nós, que somos amigas, está decrépita, louca mesmo.

- Catarina. Encontra a minha filha e acolhe-a. Não te perdoo se não o fizeres. Ou então diz-me que não o queres fazer, e eu vou procurá-la. Adeus querida – e desligou o telefone antes que Catarina pudesse responder.

Catarina ficou a pensar na amiga.

Teresa que parecia não passar de uma mosca morta cheia de fogo entre as pernas desde que conheceu o seu irmão – comprometido na altura –, era mais do que isso. Ainda se podia tornar numa inimiga. Tocou a campainha para chamar a criada de fora e esperou.

- Diga, minha senhora.

- Leonor faça as minhas malas e do senhor e prepare-se para partirmos. Deixamos a casa fechada, por isso cubra tudo com lençóis. Não voltamos aqui tão depressa. Vamos para Lisboa. Estou farta de bichos rastejantes.

- Sim, minha senhora.

Leonor subiu as escadas exultante. Estava saturada do campo. Não via a hora de passear por Lisboa e observar as avenidas à tardinha nos seus dias de folga. Era cada homem mais bonito e cheiroso, que lhe bastava para sonhar uma semana inteira. Sonhava que ia casar com um deles e ser dona de uma daquelas casas enormes com vários pisos e palmeiras no jardim.

**

Por precaução tinha deixado o carro três ruas acima e caminhava agora na direção de casa. Alex devia lá estar à sua espera com notícias de Helena. Tinha passado um mau bocado durante todo o dia sem poder reunir-se com o amigo. O dever ocupou-o, mas em breve iria saber o paradeiro de Helena.

Subitamente sentiu-se ladeado por dois corpos sólidos que enfiaram os braços nos dele. Tentou fugir, mas foi agarrado com força.

- Calma doutor. Vamos ali ao gabinete da polícia.

- Essa vossa insistência já cansa. O que foi agora?

- O mesmo de sempre doutor. O senhor devia ter ficado em Angola. Arriscou-se e ainda por cima goza com a nossa cara? - disse um deles apertando-lhe o braço com garras de ferro, tal era a força que fazia.

Ricardo sabia que não adiantava refutar. Seguiam-se mais umas horas de interrogatório e um sobrolho derrubado. Estava confiante. Não tinha

qualquer atividade desde que regressara e agora estava ligado aos ingleses. Uma segurança para si – julgava ele.

Não resistiu quando o enfiaram no grande carro preto estacionado uns metros à frente, já conhecia os procedimentos da polícia de vigilância.

**

O casal Santana regressara da herdade há poucas horas quando um mensageiro entregou uma carta dirigida ao senhor comendador José Luís Santana. Pela cor do envelope adivinhou que não eram boas notícias.

E não eram. Ricardo estava preso outra vez e o pai era aconselhado a não se envolver. José Luís já não tinha idade nem coração para mais desgostos. O filho mais velho era um homem justo e esclarecido, mas neste país isso era crime. Quem lhe dera que fosse um ignorante, ao menos, não corria o risco de o ver morto num beco qualquer. Soubera-se, pelas famílias enlutadas, de homens jovens que desapareciam, ou eram encontrados a boiar no rio, fruto de uma coronhada desferida na nuca e um encontrão para a água sem que ninguém pudesse provar o contrário. Era assim que a polícia do estado atuava, quando alguém lhe parecia suspeito de conspiração.

Com o envelope nas mãos, as lágrimas correram-lhe aos olhos desmaiados pela idade, e pensou no que mais podia fazer por aquele filho para o manter a salvo de si próprio.

Catarina entrou e nem reparou no marido. Sentou-se, pegou numa revista de moda e dispôs-se a escolher o próximo modelo. Ao ouvir o marido a assoar o nariz, disse, sem levantar os olhos do vestido que pensava copiar:

- Não devia apanhar tanto sol. Constipa-se, meu marido.

- A senhora é inconveniente, minha esposa. O nosso filho está preso outra vez. E desta vez pensam em deportá-lo para a guerra em Timor. Dizem que é em consideração a mim, caso contrário punham-no numa cela uns quantos anos ou davam-lhe um tiro na nuca como fizeram ao médico do Porto.

Catarina despertou e, com arrogância mal disfarçada, disse ao marido:

- E do que está à espera para ir falar com o seu amigo?

- Desta vez nem o meu amigo lhe pode valer. O seu filho acabara de sair de um sítio muito suspeito e vigiado, quando foi preso.

- Não pode ser! – gritou. - Depois do trabalho que tive, isto não pode acontecer! Não pode! Martinho! – gritou a plenos pulmões.

Quando se tratava do seu filho querido, Catarina perdia a compostura.

Martinho apareceu a arrastar os pés o mais rápido que a idade lhe permitia.

- Mande o motorista tirar o carro.

- Sim, minha senhora, para já.

José Luís sorriu. Quem lhe dera que ela fosse assim com ele. Amava o filho, mas reconhecia que a mulher o substituíra por Ricardo no momento em que ele nasceu. Anos a fio sem obter qualquer carinho da parte dela, levaram-no ao Bairro Alto com frequência, sempre que estava em Lisboa, nos tempos em que ainda refulgia no seu peito um garanhão por domar.

Levantou-se e dirigiu-se ao escritório. Ia mandar uma carta ao chefe da PDVA a interceder pelo filho. Talvez a sua posição social, ter sido um advogado famoso, a ordem de comendador, e a sua fortuna, lhe servisse de alguma coisa.

**

Alexander esperava há duas horas por Ricardo. Nunca antes o amigo e companheiro o fizera esperar assim. Começou a sentir um frenesim nas mãos. Logo agora que tinha encontrado Helena, ele fazia uma destas. Temia que o tivessem prendido de novo. Já o avisara que a polícia estava de olho nele, e que à mínima suspeita o prendiam.

Alexander conhecia Ricardo há cinco anos. Conhecera-o quando se cruzaram numa mina que explorava em Angola. Numa das visitas à mina estranhou um branco estar ali, quando todos os mineiros eram negros. Duas horas depois sabia a história do rapaz, e um mês mais tarde Ricardo era o responsável pela mina com vinte por cento de percentagem como paga do seu trabalho. Gostou dele assim que falaram. Admirou-lhe a garra, a tenacidade e a perseverança naquilo que acreditava. O facto de ser perseguido pela polícia do estado português era mais um motivo para simpatizar com ele.

Alexander era o mais velho de dois irmãos e por via do destino o único herdeiro dum vasto império na indústria do aço e das minas que o avô lhes deixara. O seu irmão mais novo morrera cedo de doença de pulmões.

Com o rebenatar da guerra alistou-se e engrossou as fileiras do serviço de informações do exército inglês. Alex, como era conhecido em Lisboa, por entre os soldados aliados que ali passavam, era aos trinta e oito anos um solteirão convicto e detentor de uma fortuna incalculável. Essa foi a história que pôs a circular sobre si próprio. O que muitos não sabiam é que por detrás de todo aquele poder estava um homem simples no trato, tímido e reservado.

- Lamento muito informá-lo, mas o senhor doutor não pode vir – disse a empregada.

- Aconteceu alguma coisa? – perguntou por descargo de consciência, pois sabia que tinha acontecido algo grave para Ricardo não comparecer.

- Lamento senhor, mas não sei. O senhor comendador, pai do doutor, avisou-me que ele ia estar ausente um tempo.

**

Alex não podia visitar Ricardo na prisão sem se denunciar e essa era a melhor forma de lhe comunicar que tinha localizado Helena, o que aliás se veio a revelar mais fácil do que imaginavam, porque bastou ir ao sítio onde a tinha conhecido.

Alex seguiu pelo passeio de calçada portuguesa até à residência da família Santana, com o intuito de falar com o comendador. Precisava de alguém que fizesse de correio entre ele e Ricardo, e ninguém melhor que o pai para não levantar suspeitas.

Duas horas depois, Alex saiu da casa da família de Ricardo, com a consciência que a situação dele era grave, e que estava relacionada com a atividade política que tinha desenvolvido nos tempos de faculdade em Coimbra. Ricardo Santana era um republicano democrata e opôs-se com força ao regime da ditadura naquela época. Tudo isso, ele já sabia, não imaginava é que a polícia política em Portugal era tão dura que não aligeirava a pressão, mesmo num tempo em que a Europa ardia às mãos de outro ditador, mais cruel que Salazar.

Ricardo corria o risco de ser enviado para Timor como mobilizado de guerra, um castigo amenizado desta forma, tendo em conta a família, caso contrário ficaria preso e seria torturado, ou morto na pior das hipóteses. Só lhe restava ter fé nalgum milagre e esperar instruções do amigo em relação à jovem Helena.

**

Quando madame Rosa solicitava a presença de alguma rapariga no seu escritório para uma conversa a sós, o assunto só podia ser algum trabalho especial com algum cliente com privilégios, ou que o seu tempo ali tinha terminado. Bateu à porta e abriu uma fresta, com receio, até vislumbrar a face de Rosa.

- Entra querida.

Só a palavra «querida» já era sinal que o que lhe ia propor era algo que ela não queria para si, só lamentava estar demasiado cansada na noite anterior e não ter percebido que a porta do quarto ficara destrancada. Perdeu a sua oportunidade de ouro e não sabia quando voltaria a ter outra.

As outras alternativas para escapar dali eram atirar-se da janela do quarto ou beber veneno de ratos em quantidade suficiente para terminar com a vida. Nenhuma das duas lhe parecia plausível, amava a vida demasiado, para lhe pôr fim.

Helena ficou estática de pé, à espera da sentença.

Rosa olhou-a com olhos perscrutadores e disse:

- Estás com medo, não é?

Helena não respondeu.

Rosa afincou as mãos na cintura e olhou-a em todo o seu comprimento, como se estivesse a avaliar o seu valor em tamanho.

- Pois bem, já percebi que és dura. Tenho uma notícia para te dar, mas primeiro quero que fique claro que não é nada pessoal, são apenas ordens...

- Ordens de quem? De Catarina Santana?

Rosa retorceu-se na cadeira, roçando as meias de vidro nas pernas gordas, e olhou-a diretamente nos olhos. A rapariga não era parva de todo, mas estava ainda longe de adivinhar o verdadeiro motivo do seu castigo.

- Não. Achas que uma senhora fina e da alta sociedade ia querer-te mal?

- Acho.

- Pois bem. As minhas ordens partem de outro lado e, se um dia, daqui por muitos anos nos encontrarmos por algum motivo do destino, espero que compreendas que não foi por minha vontade que...

- Pode ficar descansada que jamais me esquecerei. – arrematou com o maxilar cerrado, sem a deixar terminar.

Helena sentia a raiva – que nunca sentira antes – a crescer nas suas entranhas e só não lhe saltava para o pescoço porque sabia que ela tinha

um botão debaixo da secretária, e que num segundo, um dos seus gorilas estava ali, e as hipóteses de fuga eram nulas.

- Pois bem. Vou ser breve. A ordem que tenho da...do meu chefe, do dono do clube, é que comece a trabalhar em poucos dias e, a tua estreia vai ser especial. Vais ter direito ao quarto especial, no quarto andar, e a mordomias que as outras não têm. Temos quatro candidatos à tua «pureza», mas três deles fizeram propostas irrisórias, por isso estamos à espera que o quarto, um homem riquíssimo, confirme a proposta e honre a sua palavra. O prazo acaba daqui a dois dias e vais ser instruída nos próximos dias para saberes o que fazer no momento. Quero que dês prazer ao homem, o preço que vai pagar inclui tudo. Tudo! Entendes?

- A senhora não pense que me vou sujeitar a qualquer coisa, a qualquer porcaria que tenha em mente! – gritou-lhe.

- Vais gostar. Tenho a certeza. A Sílvia e a Marlene são peritas em dar prazer, mas também gozam bem...uma com a outra. Vão tratar de ti.

- Só se eu não puder evitar – disse com os punhos em riste em direção ao céu.

- Não podes, acredita.

- Posso! Não pense que aquelas duas *fessureiras*^[10] se vão aproximar de mim. Ouviu dona Rosa!? – gritou descontrolada.

- Vai para o teu quarto. Já! – gritou Rosa fazendo-se ouvir por todo o piso.

Um dos seguranças, um homem alto, dos seus trinta anos cujo rosto era a fealdade em pessoa, abriu a porta e ficou à espera que Helena saísse.

- Leva-a ao quarto e fecha-a Humberto.

- Sim senhora, fique descansada.

E nisto pegou no braço de Helena com mão forte e empurrou-a escada acima com firmeza. Agora Helena tinha a certeza de estar no inferno.

**

Ricardo finalmente entendeu o porquê do sentimento de saudade experimentado ao passar o portão da herdade de Vale de Marias. Talvez desta vez não resistisse para voltar lá.

O corpo ameaçava sucumbir à tortura e, apesar de a mão que desferia os golpes não o marcar na face, desta vez era pior do que esperava. Arrancaram-lhe duas unhas dos pés a sangue frio e, Ricardo só se lembrava de desmaiar de dor. Perdera a conta de noites sem pregar olho. Aquele pinga de água a bater no fundo do balde de zinco enfiava-se pelos

ouvidos, como se uma bomba lhe rebentasse no cérebro de cada vez que um pinga caia da torneira e embatia na lata. Ricardo manteve-se firme resistindo à tortura do sono e, como tentativa final para o vergarem, colocaram-no no castigo mais temido pelos presos políticos.

A *solitária* tinha apenas um metro quadrado, o que para um homem alto, como ele, era fatal. Não se podia deitar, nem sentar e, quando tentava encostar-se à parede para adormecer acabava sempre com os cotovelos esmurrados, pois escorregava de encontro às paredes sem qualquer controle do corpo e, a dor acordava-o de imediato. Isto de noite. De dia o calor insuportável cozinava-o aos poucos, enlouquecendo-o até ao delírio.

Todos os dias negava ao pai que o torturavam, e todos os dias percebia nos olhos meigos do velho, que ele não acreditava. Terminada a visita era colocado de novo na cela ínfima.

O comendador Santana era uma sombra do que já fora e, Ricardo, sabia que o pai já não o conseguia defender como outrora. Mas a sua maior preocupação era com Helena, entregue nas mãos sórdidas daquela proxeneta.

O seu amigo Alex tinha que arranjar um ardil para a tirar de lá quanto antes. Helena não era mulher para se sujeitar àquela vida sem lutar e temia que a apagassem se ela resistisse, coisa que tinha a certeza ela faria.

- Caro doutor. Como tem passado? É impressão minha ou está um pouco enxovalhado? Não me diga que não o têm tratado bem no nosso hotel? – o inspetor deu uma risada sardónica.

Ricardo sorriu para manter a compostura. A dor nos dedos dos pés era lancinante e estendia-se pelas pernas acima. Sentia a carne pegada às ligaduras e cada vez que dava um passo, era como se o estivessem a cortar aos pedacinhos, lentamente, com uma faca afiada. Manter-se de pé, com os músculos completamente destruídos pelos dias de permanência na solitária era outra tortura.

Na noite anterior, Ricardo, pediu um analgésico forte para as dores, mas foi-lhe recusado, “não temos cá disso», dissera-lhe o capitão.

- Sabe que é um homem de sorte? O nosso amado Salazar não é um homem rancoroso. Concedeu-lhe perdão em nome dos serviços prestados por seu pai nas nossas colónias africanas. O seu paizinho era um homem leal à pátria. Perdão... anhhhh, que quer mais doutor? O senhor é um homem de sorte!

Ricardo não acreditou no que ouvia. O seu cérebro dizia-lhe que era melhor acreditar, mas a razão dizia-lhe que não. Eles não eram assim tão indulgentes com os opositores ao regime, fosse quem fosse. Manteve-se em silêncio com um sorriso nos lábios, estampado no rosto. Jamais iria quebrar e, o sorriso era a sua arma para os irritar.

- O senhor inspetor quer ser breve? Não lhe prometo continuar de pé. Não é que queira ser indelicado, mas o meu corpo não me obedece depois do excelente tratamento que me deram.

O inspetor Costa, alto, vestido de cinzento, com um bigode retorcido a tapar-lhe a boca, olhos de ave de rapina e mãos com dedos como se fossem alicates, voltou a desferir uma risada que encheu a sala parca de mobiliário que ampliava a sua voz tonitruante.

A sala de interrogatório, continha apenas uma secretária, onde Costa estava sentado, e uma cadeira no canto, junto à janela virada para a rua, como todas as salas de tipo que Ricardo conhecia.

- Vejo que não perdeu o humor Santana, sabe que gosto de si homem. Não fosse a nossa «divergência» e podíamos ser muito amigos.

Ricardo assentiu com ironia. Mesmo que não estivessem em campos opostos, Ricardo não se daria com o sabujo daqueles, um homem desprezível e que vivia para perseguir as pessoas. Um infeliz a quem deviam ter maltratado em criança. Só alguém que foi abusado de forma perversa, consegue exercer aquela profissão que implicava, sempre, infligir torturas aos outros e, na maioria das vezes matá-los a sangue frio com uma bala na nuca, ou método mais perverso.

Costa era esse tipo de homem.

Os agentes da polícia de estado, eram carrascos ao serviço da ditadura e, para Ricardo Santana, o inferno era ali em Portugal, onde uma pequena percentagem vivia bem e o resto mendigava um pedaço de pão para não morrer de fome. Diferente, muito diferente, do que tinha observado pelas suas viagens na europa nas férias de verão, quando frequentava a faculdade. Foi nessa altura que começou a questionar o pai sobre o estado do país, e se inscreveu, clandestinamente, no *movimento*, o que lhe valeu ser perseguido até hoje.

- Então? Quer saber o que lhe reservámos?

- Resta-me alternativa, inspetor? – disse com voz fraca.

- Não. Vamos a isto?

Ricardo assentiu antes que desabasse no chão. As forças fugiam-lhe do corpo e o cérebro ameaçava desligar-se.

Capítulo 20



Com um bocado de sorte, num ano, Ricardo, estaria de volta a Portugal, e Helena esperaria por ele. Podia ser pior. Podiam estropiá-lo para o resto da vida, cegando-o, ou podiam matá-lo.

A exaustão física e psicológica, e a vontade de sair daquela prisão temporária, fizeram-no aceitar a ida para Timor como se fosse um prémio, e ainda agradecer por isso. A tortura levava um homem à loucura e, apesar de ser bastante resistente desta vez atingira o seu limite. Ainda assim resolveu arriscar a sorte.

- Só quero pedir um último desejo.

- Diga homem...- disse o inspetor sem qualquer expressão.

- Quero ver a minha família antes de partir.

- Razoável...- respondeu o policia enquanto se recostava na cadeira de espaldar alto, espreguiçava-se e o olhava com desdém. – Concedido..., mas em atenção ao seu pai que está velho. Talvez ele não o volte a ver com vida – disse com um sorriso malévolo.

Ricardo pensou nessa possibilidade, mas manteve-se em silencio, não fosse o homem mudar de ideias e matá-lo, ali mesmo.

O inspetor voltou a retorcer-se na cadeira, como se tivesse sarna na pele e disse:

-Vai uma hora a sua casa acompanhado de quatro agentes à paisana. E não se preocupe que seremos discretos. Ah! Já me esquecia Santana...não pense em fugir. Um dos nossos agentes abate-o num segundo.

E imitou uma pistola com os dedos, em direção a Ricardo, como se estivesse a disparar sobre ele.

Ricardo concordou acenando com a cabeça. Tinha que falar com Alex e para isso concordava com qualquer coisa. Esperava que ele tivesse a informação a tempo. Acreditava piamente no companheiro, sabia que o velho Alex estava sempre em cima do acontecimento. Ele iria lá estar.

Tinha que acreditar nessa possibilidade, já que não tinha forma de o avisar. A esperança era sempre a última a morrer.

- Amanhã às quinze horas será conduzido a casa dos seus pais e depois embarca no navio no dia a seguir. Vai servir a sua pátria ao juntar-se às tropas holandesas e australianas na nossa colônia de Timor para travar os japoneses e, dentro de dois anos se estiver vivo é um homem livre – e fez-lhe sinal com a mãos, que saísse da sala.

Ricardo arrastou-se lentamente, olhando para o chão manchado, do sangue dos companheiros que ali eram torturados para denunciarem os outros, e foi para a enfermaria, escoltado por guardas, para fazer a «cura de beleza» e, no dia seguinte, visitar a família sem sinais de maus tratos. Aqueles sacanas eram maquiavélicos.

**

Nas últimas horas Helena, temeu não conseguir sobreviver àquela provação. As raparigas passavam por ela na sala de convívio e riam-se como se soubessem o que lhe estava destinado. Só ela desconhecia o que ia acontecer. A ameaça de ter que se defrontar com as duas raparigas que passavam a vida aos beijos era real e, por mais que Camila – em quem confiava – lhe dissesse que elas eram boas pessoas e inofensivas, Helena não queria acreditar.

Que coisa era aquela de elas lhe ensinarem a dar e receber prazer? Tinha experimentado o prazer com Ricardo e sabia que não gostava de raparigas.

Verteu um pouco de água na bacia do lavatório e lavou o rosto, o pescoço e finalmente os seios e as axilas. Estava fechada no quarto há duas horas e o calor era insuportável.

O calor cansava-a, mas, mais do que cansada, era a tortura de estar fechada à chave, que a incomodava. Havia momentos em que pensava em tirar a faca do tubo onde a colocara, matar a primeira pessoa que abrisse a porta e fugir escada abaixo com a rapidez que pudesse. Mas sabia que era loucura cometer tal ato, não passaria pela porta da entrada. Recostou-se na cama e tentou conciliar o sono, em vão.

Ouviu passos abafados pela grossa passadeira. Vinha lá alguém. Talvez fosse Camila que convencera Maria a abrir-lhe a porta. O coração disparou. A chave rodou na fechadura e a porta abriu-se. A cabeça de cabelo ripado, e muito armado de Madame Rosa, apareceu no interior do quarto. Helena sentiu as pernas a tremerem e as mãos a suarem. Fazia dois

meses que ali estava e a mulher só tinha ido ao quarto de Helena um par de vezes e não fora por bom motivo.

Sentou-se na cama e esperou em silêncio que a mulher falasse.

Rosa afastou-se para o lado e deu passagem à loura Sílvia com ares nórdicos, e a Marlene, morena, alta e esguia com o seu par de seios empinados, que faziam a cobiça dos homens frequentadores do clube e também de Sílvia, a sua amante, relação que não escondiam de ninguém e que todas aceitavam, para espanto de Helena.

Marlene sentou-se na cama ao lado de Helena.

- Ei, meu amorzinho, não vás com tanta sede ao pote. Essa também é minha. Chega para lá que também quero esse docinho – e nisto, Sílvia sentou-se também na cama.

Helena ficou entre as duas mulheres. Suava em bica, aterrorizada. Se um dia saísse dali matava Rosa, mas antes estava disposta a matar aquelas duas. Pelo canto do olho vislumbrava o pé da cama onde escondera a faca. Se alguma lhe tocasse morria ali mesmo, esganada, às suas mãos.

Rosa estava estática à porta do quarto. No rosto tinha estampado toda a sua perfídia. Sorria, a maldita, e Helena pareceu-lhe ver uma centelha de luxúria nos seus olhos.

- Vão divertir-se muito. Tenho a certeza que mudas de ideias, querida e doce Helena – e Rosa saiu fechando a porta do quarto à chave.

Jamais pensaria que um dia algo de semelhante lhe fosse acontecer e, por mais que Filipe Aguiar lhe falasse das coisas que fazia com as mulheres dos bordéis, e elas umas com as outras, nunca acreditou no homem. Mas agora constatava que não, o crápula tinha razão. Estava prestes a acontecer-lhe a pior coisa que alguma vez podia imaginar.

- Sílvia, olha só os marmelos espetados por baixo da combinação! Ela não tem soutien! Querida, vamos chupar-te toda – disse Marlene a olhar diretamente para a amante.

- Tu vais às tetas, que eu vou ver o tesouro que ela esconde dentro das calcinhas de seda, que a debochada da Rosa lhe comprou. Sabes que a Rosa estava com ciúmes? Queria ser ela a desflorar esta coisinha – e Sílvia passou-lhe com os dedos pela face.

- Céus, querida! Estás a chorar? Marlene! Ela está a chorar.

- Oh, meu doce de criatura, nós estávamos a brincar contigo. Por mais que gostássemos de o fazer, nunca o faríamos contra a tua vontade.

Helena deixou fluir toda a sua tristeza, raiva e autocomiseração e chorou convulsivamente. Aquele teatro acabara com os seus nervos de aço. Encolheu-se sobre si própria e soluçou descontroladamente durante bastante tempo.

- Chiuuu! Vem cá, não faças barulho que a megera aparece por aí – e Marlene puxou-a para si para a consolar.

- Helena acredita em nós. Não íamos fazer-te nada. Foi uma brincadeira. Como é que podes ser tão ingénua rapariga? Marlene deixa-a acalmar-se. A rapariga assustou-se – disse Sílvia.

Helena soergueu-se e escapou do regaço de Marlene. Limpou as lágrimas e olhou as duas raparigas sentadas na sua cama.

- Desculpem. Não queria ofender-vos, mas eu... eu...

Ia dizer que não queria estar com nenhuma mulher, mas não teve coragem.

- Mas não o fizeste, nenhuma de nós está ofendida. A megera é tão má que pensou dar-te a nós antes de te dar ao velho, como castigo. Sabes que vais estar com o velho juiz, não sabes?

Helena assentiu. Ele ofereceu vinte contos para estar contigo amanhã, e disse a Rosa que ninguém se iria atrever a dobrar a sua oferta, pelo que ela teve que aceitar. O juiz frequenta a casa há anos, mas nunca subiu aos quartos. És tu a primeira. Já estiveste com um homem alguma vez?

- Não. Não, até ao fim – mentiu.

- Vamos ensinar-te o que fazer e depressa te livras do velho. Depois, a partir dali é sempre igual, deixa de doer e aqui todos tomam banho antes de irem para a cama com as raparigas, custa menos, não temos que levar com o suor deles.

- Mas já tiveste um namorado? – perguntou Sílvia.

- Não.

Na verdade, não tinha namorado, apenas aquela breve experiência com Ricardo que suspeitava agora ter sido mais grave do que supunha. Em dois meses ainda não lhe tinham aparecido as regras^[11] nem uma única vez.

- Então a lição vai ser maior. Mas para perceberes melhor nós vamos mostrar-te o que fazemos com eles. Faz de conta que eu sou a mulher e ela o homem.

- Não! Não! Não é preciso. Por favor não. Fiquem aqui comigo a conversar. Não quero ver nada! – falou muito alto, descontrolada sob a

hipótese de ter que assistir a algo que ultrapassava o suportável.

As duas raparigas riram à gargalhada da aflição dela e Sílvia disse:

- Estávamos a brincar! Acreditas em tudo!

- Se é isso que queres, passo a explicar, mas olha que ao vivo era melhor – insistiu Marlene a rir. – Podia ser que te entusiasmasses e quisesses participar.

- Não! – gritou.

Marlene e Sílvia estavam a atazana-la mais do que ela suportava.

- Para Marlene. Ela não acha graça. Tem piedade da Helena.

Pela cara divertida das duas, percebeu que elas estavam a brincar, mas também a tentar a sorte.

- Está bem - anuiu Marlene. - Quem perde és tu. Sílvia explica-lhe o que ela tem que fazer a primeira vez, que eu não tenho paciência para putas disfarçadas de meninas puritanas – e deitou-se em cima da cama a limar as unhas. – Ah! E mostra-lhe como se põe a esponja com vinagre no fundo da *rata*,^[12] para não engravidar.

Capítulo 21



Helena não pregou olho em toda a noite e sentia o corpo mole e as pálpebras cansadas. Sílvia e Marlene passaram um par de horas a falar-lhe sobre os clientes bizarros que por vezes frequentavam o bordel e as descrições deixaram-na apavorada. Que lhe iria acontecer? Que coisas estranhas o homem a obrigaria a fazer para além do que ela já conhecia?

Aquele mundo, o mundo da prostituição, era um mundo de depravados que iam praticar com as raparigas o que não podiam fazer com as esposas, se bem que, na opinião de Sílvia e Marlene, as esposas pouco se importavam, era da forma que não pariam tantos filhos. Quando as duas raparigas saíram do seu quarto, desejou que não tivessem entrado nunca e a conversa não tivesse existido. Jamais iria estar preparada para o que esperavam de si, e para o que lhe descreviam, mas também começava a desconfiar que a estavam a enganar e que pintavam o quadro mais negro do que era. Seria uma tática para tornar a situação menos dolorosa? Para a distrair? Já vira solidariedade entre as raparigas, à exceção de algumas, como a Alencar, que não passava de uma mulher estúpida e má.

Engoliu as lágrimas e dispôs-se a lutar com quantos meios encontrasse. Talvez até ao fim do dia surgisse alguma ideia luminosa, ou algum cavaleiro andante, qual Dom Quixote, a salvasse das garras dos seus algozes.

Estava fiada no conhaque com as gotinhas de láudano - receita para adormecer garanhões, como dizia Sílvia-, e pô-los a desejarem fugir do bordel, para não passarem pela vergonha de não erguerem «o mastro» perante uma prostituta.

Era com o láudano, que Sílvia e Marlene se escapavam muitas vezes à brutalidade de alguns homens que frequentavam o bordel de Rosa, conhecidos por serem bestas humanas, mas, no entanto, outros, segundo lhe contaram, eram muito meigos e cavalheiros, autênticos amantes que

voltavam uma e outra vez em busca da mesma mulher, desenvolvendo com elas estórias de amor de anos.

Esperava que o homem que ia receber naquela noite, fosse da segunda categoria, caso contrário, estava na disposição de se atirar da primeira janela que encontrasse aberta. Mesmo com ossos partidos, talvez tivesse a sorte de sobreviver e, os ossos concertam-se no hospital, ao passo que a moral de uma mulher que caísse na vida, não tinha cura.

A moral de Helena estava arruinada.

Helena olhou para o vestido azul-escuro, de crepe de seda, pousado em cima da cadeira, e para os sapatos forrados com o mesmo tecido. Tudo fazia parte do acordo. O juiz queria que Helena fosse vestida de seda, com meias pretas presas com cinto de ligas, e sem calcinhas. Sentia-se violada até ao âmago da sua alma, mesmo sem o homem lhe ter tocado ainda. Cada hora que passava cresciam desejos de vingança contra os seus carcereiros, sobretudo, contra aquela que se mantinha na sombra, covarde, sem dar a cara e usando-a como mercadoria.

Porquê? Era a pergunta que Helena fazia a si própria todos os dias. Entendia que a madrinha não a quisesse casada com Ricardo, afinal eram primos direitos, mas o problema de Catarina Santana era explicar à sociedade o que não tinha explicação: o facto de Helena ser sua sobrinha, uma sobrinha escondida e renegada, criada pelos caseiros para evitar o escândalo, mas com as portas dos padrões abertas, como se fosse da família, desde o dia, com tenra idade, em que dera os primeiros passos sem apoio.

Pobre madrinha. Tão rica e tão tola ao ponto de se deixar manobrar por uma sociedade de falsos moralistas. No fundo, apesar de a proteger, Catarina não era diferente de todas as outras mulheres casadas com diretores das repartições, almirantes, maiores, advogados e políticos fieis ao “botas”. Todos eles pensavam que ela era uma idiota, ignorante, mas jamais iriam conhecer a verdadeira Helena, por detrás dos vestidos puídos herdados, e da cara bonita que todas lhe cobiçavam. Helena herdara o porte e a altivez dos Santanas e a beleza da mãe biológica.

Helena pensava na índole daquela família de gente rica, mas tão cheios de segredos quanto os mais comuns dos mortais, e que apregoam moral com mais veemência que as peixeiras apregoavam robalos frescos nos pregões matinais pelo Bairro Alto, depois dos seus pescadores atracarem no porto lá pela madrugada.

Às vinte e duas horas devia estar pronta e à espera do juiz no quarto andar da pensão, «a suite do amor» como lhe chamavam as raparigas, pois só lá iam quando tinham algum cliente especial. De resto recebiam os homens nos seus quartos, no segundo e terceiro andar.

Helena pouco conhecia do clube noturno além da sala de refeições, sala de estar, e do seu quarto ao fundo do corredor do segundo andar. Mas, contavam-lhe as outras raparigas, que o quarto andar era luxuoso e que os homens ricos pagavam fortunas por raparigas virgens, com as quais se deitavam naquela suite que Rosa preparara para o efeito, como se estivessem numa lua-de-mel num qualquer hotel de luxo em Paris ou Nova Iorque. Depois de as possuírem a primeira vez, punham-lhes casa e levavam-nas por um bom preço para os servirem na cama enquanto fossem jovens, longe do olhar da sociedade e das suas esposas.

Helena temia que o juiz lhe propusesse pôr-lhe casa. Preferia morrer.

Madame Rosa com as suas sócias, vasculhavam o país em busca de raparigas jovens e virgens para vender. Helena era só mais uma dessas jovens incautas que se deixara enganar, mas começava a desconfiar que havia outros motivos – motivos ocultos - e que não se prendiam só com o facto de Catarina Santana a querer afastar do filho Ricardo.

**

Sentiu um puxão no braço e fez um esforço para se manter equilibrada até aterrar em cima da cama de Camila.

- Estás maluca?

- Desculpa. Quero saber como foi? Ficaste tão calada em toda a manhã que imaginei que estavas doente.

Helena sorriu dando a entender que nunca estivera melhor.

- Que é que foi mulher? Não me digas que...

- Se eu te contar não acreditas. O homem é doido varrido, mas ainda bem. Estou triste por não ter conseguido fugir. O juiz deixou a porta aberta e ninguém apareceu para a trancar. Mas quando cheguei à porta da rua estava trancada.

Meia hora depois Camila estava ao corrente da sorte de Helena, e nenhuma deu pelos passos que se afastavam em surdina pelo corredor.

- Agora só tens que arranjar forma de fugir. Se ela descobre arranja-te outro tarado qualquer. Mas cuidado com ela, olha que é mulher para te despir as cuecas e verificar se estás virgem ou não.

- Não me surpreende. Já percebi que gosta de mulheres, não é? Vi no olhar dela quando deixou as outras duas no meu quarto ontem...credo! – disse benzendo-se.

Camila confirmou.

Neste último mês, Helena amadurecera vinte anos. Nunca na sua vida de menina e adolescente protegida pelos pais, e pela madrinha Catarina, pensou que lá fora, longe da herdade e dos salões da madrinha, existisse um mundo sórdido como aquele em que vivia. Desse por onde desse tinha que fugir, e o plano tinha que passar por conseguir roubar uma cópia da chave da entrada, a chave que Rosa guardava no seu escritório.

**

Ao subir os degraus de acesso ao navio transatlântico, da armada portuguesa, Ricardo quase podia sentir o peso dos grilhões nos tornozelos. Virou-se lentamente para trás e viu os pais lá em baixo junto aos cais de embarque. Catarina com o seu porte altivo, mas com a dor estampada no rosto e, José Luís, com os ombros curvados e o chapéu a tapar-lhe parte da cara escondendo as lágrimas.

Ricardo sabia que o pai estava a chorar. Estava velho e temia não voltar a ver o filho com vida. Também Ricardo receava não voltar a por os pés na sua terra e a abraçar o pai. Na lembrança levava Helena, a doce Helena a quem perdera o rasto e a quem amaria sempre. Tinha consciência que não a merecia. Ter colocado a sua vida ao serviço de uma causa como a que abraçou implicava que não tinha espaço para uma família. O seu destino levava-o para longe da sua terra mais uma vez, e talvez só com bilhete de ida.

Ricardo recolheu-se no interior do barco. Não queria permanecer no convés a ver Lisboa ficar para trás e sem poder fazer nada para salvar Helena. Carregava consigo a esperança de escapar daquela prisão forçada e voltar a vê-la. Estava cansado, muito cansado de fugir, mas mais cansado ainda de ver que o país estava mergulhado na obscuridade.

**

Chegar à porta do escritório de Rosa era fácil, mas entrar era quase impossível. A mulher raramente se afastava muito tempo do local onde passava grande parte do tempo a vigiar os negócios, qual ave de rapina, com receio que lhe roubassem a presa. Caminhou ligeira pelo corredor sem fazer ruído, rezando para que o buldogue de duas pernas que estava de

serviço à porta da entrada não a visse, e esgueirou-se na curva que dava acesso à porta. Rodou a maçaneta.

Não mexeu.

Estúpida- pensou com os seus botões.

Estúpida por achar que a outra era tão descuidada, ao ponto de deixar a galinha dos ovos de ouro à mercê de qualquer um. Era ali que ela guardava o dinheiro que fazia durante a noite, e que alguém vinha recolher uma vez por dia, com destino a algum cofre particular. Helena começava a desconfiar conhecer o proprietário do bordel. Poderia ser muita coincidência, mas tinha um palpite. Sempre fora boa a investigar pequenos mistérios.

**

Rosa desceu o Chiado até ao Rossio, com passo lento, bamboleando as coxas e aproveitando o sol da tarde. O céu estava limpo e o ar saturado de perfume.

Do outro lado da praça, avistou a esplanada da pastelaria Suíça repleta de casais a conversarem animadamente; enquanto outros, permaneciam em silêncio como se a morte viesse buscá-los a qualquer momento, enquanto pensavam no futuro incerto. Lisboa era uma cidade de passagem para longe do inimigo, demasiado pequena para se ficar seguro e os refugiados pululavam pela baixa fazendo tempo para seguir viagem.

Lá estava ele sentado à sua espera. Rosa viu-o mesmo estando disfarçado. Fazia tempo que ela era a testa de ferro do negócio, e estava na hora de recolher mais proveitos. Não ia para nova e fazia parte dos seus planos passar o resto da sua vida numa casinha sua construída num terreno à beira mar e envelhecer ao lado de Amélia, a sua querida amiga. Adorava o mar, tanto quanto adorava a doce Amélia.

Chapéu enterrado até às orelhas, óculos escuros e uma roupa velha coçada nas mangas, como se trabalhasse muito com os braços assentes numa secretária. Irreconhecível. Era assim que ele se apresentava para lhe pedir um favor. Sua Excelência o Cônsul não fazia as coisas ao acaso já ouvira dizer.

- Boa tarde. Como vai o senhor? – e sentou-se pesadamente na cadeira mesmo antes de ele a convidar a sentar.

- Vamos ao que interessa – disse ele com rudeza. - Já despachou o assunto?

- Não - respondeu Rosa com veemência.

- Quero a rapariga longe de Lisboa o mais rápido possível. Volto daqui a três semanas para resolver o assunto de vez e não admito negligências da sua parte.

- E se não conseguir? – perguntou Rosa com o nariz empinado.

Era a primeira vez que enfrentava o homem e pouco lhe importava se ele não gostava, já lhe chegava passar a vida enfiada naquele lugar, a bafejar uma mistura de cheiros, que iam do álcool ao mais caro perfume de algum lorde estrangeiro, mas que havia dias lhe revolviam as entranhas quase até ao sufoco. Se ele queria o assunto despachado, tinha que abrir os cordões à bolsa.

- Isso custa dinheiro – disse com algum receio da reação dele.

- Quanto mais quer? Não lhe entregaram já uma boa quantia de dinheiro?

Rosa assentiu com a cabeça.

- Não chega. Não a posso pôr no estrangeiro com o pouco que me deu. As passagens são raras e muito caras.

O homem estendeu-lhe um livro por cima da mesa.

- Aí dentro encontra uma pequena fortuna. Quero que lhe seja tudo entregue. A Helena. Entendeu? E não se esqueça. Nunca me viu e não me conhece. Mas se me trair vou atrás de si até ao fim do mundo, e acabo consigo onde quer que esteja.

- Cruzes! Credo! – disse Rosa, benzendo-se.

O homem levantou-se, indiferente à reação histérica de Rosa e, sem esperar a resposta afastou-se da mesa subindo à praça Marquês de Pombal.

Mal se distanciou o suficiente das pessoas, Rosa abriu o livro e verificou que não passava de um esconderijo para dois maços de notas de mil. Nem pensar que iria dar aquele dinheiro à lambisgoia da rapariga. Pelo volume era mais de uma centena de contos, mais uma contribuição para a sua casinha e, agora ia tratar de arranjar outro comprador para a virgindade da rapariga já que o juiz a tinha deixado intocada. Desta vez ia dobrar a base de licitação. Aquele corpo voluptuoso e jovem ia valer muito dinheiro. Guardou o livro no saco de compras que transportava consigo e regressou a casa, pelo mesmo trajeto.

Quinze minutos depois estava a chegar ao bordel e as providências a tomar eram muitas, não havia tempo a perder.

- Senhora... O senhor Filipe de Aguiar está no salão. – informou Maria com receio da patroa.

Filipe não era um cliente muito apreciado no clube.

- Tão cedo? Ainda faltam quatro horas para abrir. Porque não o mandaram embora?

- Ele insistiu em ficar e disse que não admitia que o pusessem na rua. O Humberto ainda não tinha chegado. Escolheu a Camila e foi para cima.

- A Camila? Já resolvo isso. Esse morgado tem o rei na barriga, acha que manda em tudo. E Helena? Continua fechada?

- Sim, minha senhora.

- Quando Humberto chegar podes abrir-lhe a porta. Hoje quero-a no salão, diz-lhe.

**

Passava das duas da madrugada e, Filipe Aguiar, já bastante bebido, saía finalmente do bordel depois de ter passado umas largas horas a falar das suas proezas de duplo espião a Camila. Alex seguiu-o até às ruas do bairro, sabendo que um homem vigiava Filipe há algumas horas. Podia estar enganado, mas aquela figura ridícula tinha as horas contadas. Se fosse esperto teria ficado até de manhã, e só então sairia para a rua. Mas não. Filipe era pouco esperto e, para se proteger, doravante, devia enfiar-se nos confins do Alentejo de onde nunca deveria ter saído, o infeliz.

Era de facto uma figura patética e repugnante.

Avistava-o ao longe, cambaleando e resmungando por não conseguir acender um cigarro. Cruzou a esquina da rua e Alex perdeu-o de vista. O chiado dos pneus de um carro ouviu-se e, de seguida, uma porta de carro a bater. Correu com a agilidade que o corpo ginasticado lhe permitia e ainda avistou o carro preto que se afastava pela rua que levava à baixa da cidade. Filipe devia ter as horas contadas. Ia pagar o preço da sua fanfarronice e pouco juízo.

As suas trapaças de duplo espião chegaram ao fim.

Alex aproximou-se do carro onde o seu motorista o esperava há um par de horas e entrou. Já tinha toda a informação que precisava, bastava-lhe agora preparar o terreno para entrar em ação.

**

- Bom dia senhor. Chegou uma missiva para si, entregue por um mensageiro.

- Obrigado Francis.

Alex retirou a carta da bandeja em que o mordomo a colocara e entrou no escritório. Quase podia adivinhar o seu conteúdo enquanto abria

o envelope com o corta-papéis afiado. Abriu o papel dobrado ao meio e um sorriso aflorou-lhe os lábios: Filipe Aguiar aparecera morto numa estrada campestre da zona saloia, ali perto. Nem se deram ao trabalho de atravessar a fronteira com ele. Levaram um tiro na nuca. O mundo livrara-se de mais um esbirro, mas a partir dali tinha que redobrar os cuidados consigo próprio. Lisboa estava demasiado frequentada por gente em busca de informações, e tornara-se um sítio perigoso para quem tomava partido nesta guerra.

Entretanto, no clube de madame Rosa, no Bairro Alto, Helena esperava no seu quarto que a matrona a visitasse. Maria dissera-lhe que madame ia ter uma conversa séria com ela. As palmas das mãos suavavam de nervosismo. Retorcia um rolo de fios de cabelo de forma incessante, para espalhar a ansiedade.

Nove semanas. Nove semanas de prisão. Tudo o que arquitetara até ali para escapar, falhara e, quando pensava que podia usar a faca escondida no pé do da cama, sentia-se ridícula. Não ia muito longe empunhado uma pequena faca de cozinha que, quanto muito, poderia fazer um arranhão, ou um pequeno corte.

- Vamos Helena? – disse Maria ao destrancar a porta do quarto.

Maria era fiel a madame por uma questão de sobrevivência. Apanhada nas malhas da proxeneta, não revelou sucesso com os clientes sofisticados do bordel, pelo que foi posta ao serviço com a restante criadagem e, como as perspectivas se resumiam a trabalhar na lavoura ou a ser explorada como criada de servir em alguma casa de gente rica, pareceu-lhe bem ficar ali protegida do frio, da fome e do trabalho pesado, dando graças a Deus de ser feia, porque assim não tinha que aturar o que as outras aturavam.

Dizer que sentia que estava a caminhar de novo para um abismo era apenas um eufemismo para o terror que a ameaçava.

Maria bateu na porta e fê-la entrar.

- Senta-te – ordenou Rosa. – Vou direita ao assunto. Pensavas que me enganavas? – e nisto pegou-lhe no queixo apertando-lho com força. – Rameiras como tu como-as ao pequeno-almoço.

E puxou a mão atrás para a esbofetear.

Helena barrou-lhe mão, segurando-a a tempo de lhe desferir o golpe e, com a mesma altivez que a outra a abordou, disse:

- Não sei a que se refere. Quer ser mais clara?

Rosa recuou, arfante e, por momentos pareceu desistir da sua intenção.

- Há outro homem interessado na tua... inocência. Se é que ainda és virgem. Já tenho as minhas dúvidas e talvez não fosse má ideia verificar.

Helena retesou o corpo. Rosa descobrira o segredo. Camila traiu-a. Mais ninguém sabia do que se passara no quarto andar.

- Se a senhora me tocar, não respondo por mim. – e adotou uma postura de punhos cerrados. Estava disposta a tudo. Matava com as próprias mãos se fosse preciso.

Rosa era de menor estatura que Helena e talvez por temer a força da jovem disse:

- Por ora vou confiar em ti, mas se voltar a acontecer não escapas. Amanhã vais preparar-te novamente para receber outro homem. Este pagou uma fortuna por ti. E pagou adiantado. Estás com sorte, é um homem jovem e... rico. E agora volta para o teu quarto – disse sem sequer olhar para ela.

Helena saiu do escritório a vociferar raios e coriscos mentalmente, contra Rosa, e correu pelo corredor até às escadas, cega pelas lágrimas. Atirou-se na cama e chorou convulsivamente. Sentia o cérebro a pregar-lhe partidas e de repente pareceu ver uma escada que a levava até ao chão, na rua. Saltou para os degraus e foi de encontro à parede dura caindo desmaiada no chão do quarto.

Sentiu uma mão suave a afagar-lhe a cara e ouviu vozes. Uma delas, familiar e nítida:

- Pobre miúda, nunca ela pensou passar por isto.

- Ela recompõe-se. Não penses em ajudá-la a fugir Camila. Vais parar ao olho da rua e desfigurada. Eles cortam-te a cara. Queres ir esfregar chão numa casa rica com o patrão montado nas tuas costas, às escondidas da mulher? – perguntou Marlene.

- Não sei qual a diferença. Lá ao menos...

- Ao menos o quê?! Nem ganhavas para comer quanto mais para teres um guarda-roupa como o teu. Mulheres como nós não nasceram para limpar merda dos ricos!

Marlene afagou a face de Helena e deu-lhe um beijo.

- É tão linda e doce...

- É... – concordou Camila olhando para Helena.

– Marlene temos que arranjar forma de a ajudar. Ela não é como nós. Esta rapariga não aguenta esta vida e, para além disso, desta vez não vai ter a mesma sorte. Sabes quem é o homem que comprou a primeira noite com ela?

- O barão.

- O barão? Qual barão mulher? Nós lá vivemos no tempo dos reis – exclamou com descrença.

- O barão, sabes... o que vive em Sintra. Aquele que se dá com os alemães. Aquele bonito e misterioso.

- Ah esse! Sorte a dela. Pelo menos não é um qualquer nojento. É bonito esse homem. Quem me dera ter essa sorte!

- Ah pois é! O homem é lindíssimo, mas dizem que é sinistro. Sabes que ele nunca foi com uma das raparigas daqui, apesar de ser freguês habitual? Vi-o muitas vezes com o doutor Ricardo Santana. Lembras-te?

- Claro. Eu e a Sílvia tivemos o prazer – e deu uma risadinha. – De conhecer esse doutor Ricardo. Uma boa peça de homem e com gostos diversos – insinuou.

Camila estava cansada de saber que só Sílvia e Marlene alinhavam nas loucuras do doutorzinho Santana.

Camila verificou o pulso de Helena, aconchegou-lhe o lençol e puxou Marlene pela manga do vestido empurrando-a para fora do quarto.

Maria estava do lado de fora à espera e fechou a porta à chave de imediato, não fosse ela acordar e fugir.

**

A faca de cozinha, presa na liga, toldava-lhe o andar desenvolto na maioria das vezes, por estar de saltos altos. Apesar de ter protegido a lâmina com um pedaço de tecido, tinha receio que ela se espetasse na perna, por isso caminhava direita ao lado de Rosa que a acompanhava ao quarto andar pela segunda vez.

Se ódio matasse, a mulher teria morrido, ali mesmo, estatelada no chão. Aquele sentimento era novo para Helena, mas, por mais que quisesse trazer ao cimo a sua educação cristã, o que estava a passar era superior a toda a fé que tinha em Deus e na humanidade.

Nunca mais veria a vida da mesma forma, era a única certeza que tinha.

Rosa abriu-lhe a porta, e ela entrou. A mesma decoração, o mesmo ambiente e...desta vez, estava sozinha. Nem sinal do homem.

- O barão ainda não chegou. Eu mesma o acompanho aqui. Bebe um copo de cognac para relaxares – e saiu do quarto, deixando-a sozinha mais uma vez, ao mesmo tempo que rodava a chave na fechadura para raiva e desespero de Helena. Sempre que ouvia aquele som metálico o ódio crescia ao ponto de pensar em matar.

Matar Rosa.

Da janela, avistava a rua iluminada pelos candeeiros elétricos, e os carros que circulavam frenéticos buzinando aos transeuntes. Os gritos dos pregões noturnos, de bêbados e fados, ouviam-se ao longe. Helena olhou a rua e desejou sentir o ar a bater-lhe na face. Jurou a si própria que hoje deveria sair dali para a liberdade, ou dentro de um caixão. Não suportava mais aquele cativoiro cuja causa - tinha a certeza-, era o seu envolvimento com Ricardo.

Rodou o fecho da janela.

Em vão. Trancada.

Apalpou a perna no sitio onde prendera a faca para se certificar que ela ainda lá estava e sentou-se na cadeira em frente ao toucador admirando a perfeição do penteado e da maquilhagem.

Irónico. Nunca tinha estado tão bonita como hoje, mas, o ódio acumulado suplantava a beleza do conjunto refletido no espelho.

Sem relógio perdeu a noção do tempo, apenas se orientava pela luz solar.

Era noite. Há quanto tempo estaria ali?

Ouviu passos de sapato de salto alto. Lá vinha o homem. A porta abriu-se e Rosa entrou sozinha.

- Mudança de planos. O barão quer-te em casa dele. Vem – ordenou. - O seu motorista e o mordomo esperam-te lá em baixo. Nada de gracinhas ouviste? Humberto conduz-te ao carro e entrega-te no palacete do barão e amanhã vai buscar-te.

Helena sorriu para o interior. Esta era a oportunidade que queria. Durante o percurso fugia assim que pudesse, nem que para isso tivesse que esfaquear algum dos homens e atirar-se do carro. Suportava um braço partido pelo impacto no chão, ou até morrer, mas não aguentava mais aquela vida de escrava.

PARTE II

O amor é como a guerra; fácil de começar, e muito difícil de terminar.
Ninon de Lenclos

Capítulo 1



Depois do que lhe pareceu uma eternidade a percorrer quilómetros de estrada e, com os nervos desfeitos pela expectativa do que a esperava, o carro finalmente chiou os travões e parou.

- Faça favor, minha senhora – um homem idoso, arrastando a língua num português com muito sotaque e envergando uma farda preta deu-lhe a mão para a ajudar a sair. - O senhor barão pede desculpa por não a receber, mas teve que se ausentar por motivos profissionais. Dentro de um par de horas estará aqui. A senhora fica à minha guarda.

Helena saiu do carro atordoada pela viagem e pela notícia que o homem lhe dera. Tudo o que ouviu fugia à sua compreensão momentânea. Que raio se passaria para que o tal barão não a recebesse? Não que estivesse interessada no homem, mas havia algo de anormal naquilo tudo e isso ainda era mais preocupante, porque, não sabia com o que contar, ou qual era a surpresa seguinte.

- Nesse caso poderia deixar-me ir embora – aventou com esperança de que a mandassem de volta e, entretanto, pudesse ganhar tempo.

- Não posso, minha senhora. As ordens que tenho são muito claras e...- disse o homem em surdina olhando de soslaio para Humberto, o segurança de Madame Rosa que viera para se certificar que ela era entregue no destino.

- Compreendo – disse resignada, já que não podia fazer mais nada sem colocar em perigo a sua vida.

- Vamos entrar, minha senhora. Quanto mais depressa o fizermos melhor, o barão não gosta que alterem os seus planos.

E nisto, o homem virou-se para Humberto, e fez-lhe sinal que seguisse viagem de volta.

- Amanhã volto para levar a rapariga – disse Humberto ao enfiar-se de novo no carro com o motorista. – É bom que ela esteja aqui – ameaçou.

O velho assentiu.

A casa estava rodeada de floresta e, no negrume da noite, tudo parecia medonho. Só a luz proveniente das altas janelas e a iluminação que ladeava a Estrada do portão principal à entrada da enorme casa, indicava que ali moravam pessoas vivas.

De resto parecia uma casa assombrada.

Subitamente, ouviu-se o roncar próximo do motor de um carro e, ao contrário de entrarem em casa, o homem idoso disse:

- Vamos seguir viagem, minha senhora. Esta não é a casa do senhor Barão.

- Não entendo. Creio que não vou a lado nenhum sem que me explique esta trapalhada. Oiça senhor, dou-lhe tudo o que tenho se me deixar ir agora – arriscou mesmo sabendo que não tinha nada para dar em troca da sua liberdade.

Entretanto a porta do carro já estava aberta e o homem indicava-lhe que entrasse.

- Não tenha receio. Nada de mau lhe vai *acontecer* – tentou acalmá-la. - Não podíamos deixar que aquele *Humberrto* soubesse onde vai ficar – e nisto fechou a porta do carro dando ordens ao motorista que arrancasse.

- Não me soa mal o que o senhor me diz, mas que interesse tem esse barão em mim para me proteger assim...com tanta cautela?

- Isso a senhora vai ter oportunidade de lhe perguntar dentro de meia hora. Ele espera-a no palacete. A propósito, o meu nome é Francis e sou o mordomo do senhor barão – disse.

Pouco tempo depois de entrarem pela mata, o carro trespassou outro portão de ferro, semelhante ao anterior e que se fechou de imediato atrás deles.

Helena saiu do carro e ficou estarrecida com a imponência da fachada da casa. O som dos insetos nas árvores ouvia-se nitidamente, quebrando o silêncio do espaço e, um rumorejar da aragem noturna acariciou-lhe ligeiramente a face. O cheiro a verde e folhas secas entrou-lhe pelas narinas.

Cheiro conhecido.

A terra, a casa.

Pela mão do homem idoso, entrou no hall decorado com tapeçarias e mobiliários do século dezoito e, logo uma criada apareceu envergando uma farda cinzenta com avental branco.

- Vá com Luísa senhora. Ela indica-lhe o seu quarto e pode refrescar-se. De seguida o senhor barão espera-a na saleta azul para cear.

Francis deu instruções a Luísa para conduzir Helena pela casa e desapareceu por uma das inúmeras portas. Talvez fosse altura de tentar a sorte.

- Posso usar o telefone? – pediu com a certeza que lhe seria negado.

- Claro, minha senhora. Na saleta contígua ao seu quarto encontra um à sua disposição.

Helena exultou.

Não acreditava no que estava a acontecer. Era agora que ia escapar. Telefonava para casa, e pedia aos pais que avisassem a polícia que estava prisioneira e depressa acabava com o seu calvário. Aquele barão era um palerma ao deixá-la à vontade.

A criada introduziu-a num quarto decorado com sobriedade, em tons pastel, casa de banho privativa, lareira e uma saleta mobiliada com sofás de veludo rosa velho. Apesar de estar habituada ao luxo da casa de Catarina Santana, o que via ali suplantava tudo o que já vira. Riqueza e bom gosto grassavam pelo chão e pelas paredes, desde os cortinados à mobília.

Assim que a mulher saiu do quarto correu para o telefone. Um a um foi marcando os números no telefone e o coração quase lhe saltava de dentro da caixa torácica. Ao fim do que lhe pareceu uma eternidade soou uma voz de mulher.

- Boa tarde. Herdade de Vale de Marias, com quem deseja falar?

- Com Alda Silva, a governanta?

- Lamento, mas essa senhora já não trabalha aqui há três semanas.

Quem fala?

- A filha. – respondeu pesarosa.

- Ah...creio que a sua mãe está em Sintra a servir numa casa rica, ouvi dizer... procure por lá, menina...

- E a madrinha? E o Ricardo?

- Lamento, mas a casa está fechada. Os senhores encontram-se em Lisboa.

Helena pousou o auscultador no descanso e voltou a discar o número de Lisboa.

O sinal de chamada fez-se ouvir novamente. Uma vez, outra e outra. Uma voz que Helena reconheceu atendeu.

- Martinho...sou eu a Helena.
- Menina! Onde está? - perguntou num sussurro.
- Anda tudo num alvoroço...quer dizer, o senhor Ricardo moveu céus e terra para a encontrar antes de partir...

Partir foi a única palavra que ouviu.

- Partir? Para onde?
- Timor, menina. Uma tragédia!
- Martinho...

E de repente o telefone ficou mudo. Helena imaginou que a madrinha devia estar por perto e o velho serviçal não quis que ela ouvisse a conversa. Tudo era tão estranho e absurdo que devia estar na pista certa. Existiam uma serie de segredos que ela desconhecia.

**

Ali estava o misterioso barão. O homem tinha qualquer coisa de familiar. Seriam os olhos? A boca ou o sorriso que lhe mostrava?

- Menina Helena. É um prazer recebê-la em minha casa – e estendeu-lhe a mão num aperto caloroso fazendo uma mesura com a cabeça.

- Não sei se posso dizer a mesma coisa senhor...- e olhou melhor para a face que tinha algo familiar – não nos conhecemos?

- Que boa memória. Sim claro. Alex Steel, um prazer, disse em português, com acentuado sotaque inglês. Conhecemo-nos há um mês no clube da Rosa.

Ela anuiu. Lembrava-se bem daquela maldita noite. A noite em que a levaram para Espanha.

- Sente-se Helena. Temos uma longa conversa pela frente.

- Preferia que fosse direto ao assunto – disse com determinação. – Sei porque estou aqui e quais os meus deveres.

- Deveres?

- Sim, o senhor não comprou a minha...

Alex estava a começar a ficar divertido com o facto de ela estar abespinhada com ele, apesar de a situação ser caricata, sobretudo porque ela pensava que a sua estadia ali era por outros motivos. Não o surpreendia a crispação da rapariga e, ficava ainda mais bonita com aquele ar zangado. A cor jade escuro dos olhos intensificava-se e parecia uma gata assanhada prestes a jogar-se ao pescoço dele com as garras afiadas. Tinha que ter cuidado com ela ou ainda sairia a sangrar daquela sala.

Riu-se com prazer com uma sonora gargalhada.

- Aqui, a menina é uma convidada. Sente-se por favor – pediu ao verificar que ela estava de pé e numa posição rígida. Vamos cear e conversar.

Alex destapou uma terrina com carnes frias, e outra com um caldo de aves que despertou o estômago de Helena que já roncava de fome há um par de horas. Desde as seis da tarde que não comia. Os nervos impediam a deglutição mesmo do mais apetitoso pitêu, mas agora, quando tudo parecia menos perigoso e estava esfomeada ia forrar o estômago.

Helena sentou-se e deixou que ele lhe servisse um prato de caldo de aves. Devia ter o instinto de proteção avariado, mas deixou de estar apreensiva com o que pudesse suceder-lhe. O barão estava a revelar-se um verdadeiro gentleman e parecia inofensivo.

Se estava a engorda-la para depois a comer, nem queria saber e, muito menos queria entender os pensamentos desconexos que lhe atafulhavam a mente naquela altura, para a impedir de pensar no verdadeiro motivo da sua presença ali. Fosse quem fosse ele queria alimentá-la e ela ia aceitar. Que diabo, não era todos os dias que tinha uma receção daquelas. Depois logo via o que fazer, a mãe sempre lhe disse que barriga vazia não ajuda a pensar.

Enquanto comia o caldo de aves, ele preparou-lhe um prato com presunto e melão e ficou a vê-la devorar a comida, sempre com um sorriso nos lábios.

Alexander estava encantado com Helena.

Ela olhou-o pelo canto do olho, e viu um belo homem, alto, e com um corpo firme. O cabelo muito curto salpicado de alguns fios brancos indicava que já passara dos trinta há muito.

Um flash de memória trouxe-lhe Ricardo, talvez por comparação. Ricardo era sedutor e com ar de marialva, já o barão era um homem enigmático e que não deixava adivinhar o que sentia, mas era muito mais sério no semblante que Ricardo, apesar de gargalhar com facilidade. Ricardo transparecia agitação e Alex calma e ponderação. Mas não podia deixar de perguntar, queria saber com o que podia contar.

- Está a alimentar-me para me comer depois? – disse sem pensar no trocadilho que podia ser mal interpretado.

Alex destapou outra gargalhada.

- Não, minha querida. Estou a alimentá-la porque percebi que estava verde de fome. Aquela mulher não lhe devia dar comida há muitas horas.

Está zangada comigo?

- Não. Apenas quero saber o que pretende de mim.

- Nada – respondeu prontamente. – Aqui é minha convidada e protegida.

- Protegida?

- Sim, protegida – confirmou.

- Ah! Quer dizer que isso também faz parte das minhas funções aqui esta noite? Ser protegida?

- É um direito seu, e um privilégio para mim poder protegê-la.

Alex sorriu. Ela não fazia a mínima ideia do que estava ali a fazer, mas ia deixá-la na dúvida mais aquela noite. Enfurecida como estava, apesar de tentar controlar a raiva, ainda era mais bonita e não queria perder esse espetáculo.

Ricardo era um sortudo – pensou Alex.

E acrescentou.

- Aqui é livre de fazer o que quiser e pode usufruir da minha casa conforme desejar. Tudo aqui está à sua disposição Helena, só tenho um pedido a fazer-lhe.

Helena olhou-o desconfiada.

- Por favor, confie em mim. Não saia das imediações da casa, nem tente passar para lá do portão, ou dos muros. Acredite que aqui está a salvo – disse ele.

- A salvo? De quem? De si? – perguntou com rispidez.

Ele sorriu com ar complacente. Ela estava a sofrer e a atitude dela era até bastante cordata face ao que lhe aconteceu nos últimos tempos. Alex admirou a coragem e a postura de Helena, mas por hoje já chegava de explicações. Sabia que ela primeiro precisava de descansar para depois absorver mais informação.

- Amanhã falamos. Francis manda-lhe uma criada para a ajudar. Qualquer coisa que precise é só pedir. Boa noite Helena. Desculpe-me, mas tenho providências a tomar. Negócios – explicou-se.

Alex pegou-lhe na mão, beijou-a com delicadeza e olhou-a nas profundezas da alma. Encontrou confusão desespero e medo e, apesar de não o surpreender, deixou-o comovido.

Helena ficou sentada a vê-lo sair pela porta. Era um belo homem, mas o seu pensamento estava em Ricardo e na criança que carregava no ventre. Tinha a certeza que estava de *esperanças*^[13], desde que saíra de Vale de

Marias nunca mais tivera regras e, estupidamente, esse facto deixou-a feliz, ao invés de desesperada sem saber o que fazer.

- Minha senhora... posso acompanhá-la aos seus aposentos? O meu nome é Leonor. Sou a sua criada particular enquanto estiver aqui.

Helena olhou com simpatia para a rapariga muito jovem ainda, que estava na sua frente, vestida com uma farda em tons de azul claro.

Sorriram ambas.

Já que era a única pessoa disponível para a ouvir Helena disse:

- Obrigado Leonor. Na última hora a minha vida mudou 360 graus e, mesmo assim, ainda ficou de pernas para o ar. Não me desagrada estar aqui, mas ter uma criada para mim era a última coisa que esperava. E Luísa?

- Luísa tem as suas funções, é a responsável. Então o que esperava, minha senhora? Desculpe a ousadia da pergunta.

Helena olhou a jovem que devia ter a sua idade. Era bonita e tinha um olhar puro, como ela já tivera. Não podia dizer-lhe. Não queria assustá-la.

- Na verdade nada. Está bem assim por enquanto – respondeu.

Caminhavam pelos corredores decoradas com frescos e Helena imaginava quantas divisões teria aquela casa.

- O palacete tem dez quartos, senhora. O seu fica na ala sul, e o do barão na ala norte

- É bom saber isso, Leonor – disse com sarcasmo mal contido. – É bom saber que uma ala me separa do barão.

Apesar da simpatia do barão pretendia mantê-lo afastado de si e do seu quarto o mais que pudesse.

A criada abriu-lhe a porta sem proferir qualquer opinião sobre o que ouvira e preparava-se para entrar com ela.

- Obrigado Leonor. Não preciso de ajuda. Sei cuidar de mim. Estou habituada, acredite.

- A senhora é que sabe. Deixei-lhe uma camisa de dormir em cima da cama e no roupeiro encontra várias roupas novas do seu tamanho. Foi o barão que nos deu as suas medidas e Francis e Luísa tomaram as providências, comprando-as em Lisboa.

- Estou surpresa! Quer dizer que tenho um guarda-roupa novo aqui? Esse seu patrão, ou barão, ou lá o que ele é, é uma total surpresa, embora seja um homem muito estranho.

- Nada disso, minha senhora, o senhor barão é o melhor homem que há no mundo. O senhor barão é uma pessoa muito boa, acredite. A única coisa estranha nele é que fala com sotaque estrangeiro.

E sorriu a Helena.

- Boa noite senhora – e a rapariga saiu fechando a porta suavemente.

Helena olhou para a chave no lado de dentro da fechadura e correu a trancá-la. Não ia correr mais riscos e de manhã logo veria o que fazer. Primeiro ia reconhecer o terreno e depois pensava num plano para fugir dali.

*Os atos de uma pessoa tornam-se a sua vida, tornam-se o seu destino.
Tal é a lei da nossa vida.
Leon Tolstoi*

Capítulo 2



Alexandre Steel deu ordens para não a perderem de vista assim que Helena saísse do quarto e, Francis, providenciou o criado mais discreto para a seguir. Helena não sabia que estava a ser seguida no seu passeio matinal, o qual tinha um propósito muito firme da sua parte. Apesar do conforto do quarto e da cama, não conseguiu dormir senão por breves instantes, já vencida pelo cansaço. Passou a noite sobressaltada, tentando ouvir passos a aproximarem-se da porta. Em vão. Tudo à sua volta permaneceu no mais absoluto silêncio durante a noite. Apenas o pio das corujas pousadas nalgum galho das árvores do jardim, invadia a casa de vez em quando levando-a a pensar nas lendas de bruxedo que a mãe lhe contava quando ela era criança. Hoje em dia não acreditava em bruxas, pelo menos naquelas que tinham uma vassoura e um mocho pousado no ombro, mas existiam outro tipo de bruxas, no entanto, ninguém a alertou sobre elas. Mulheres como Rosa, Maria das Mercedes e aquela figura misteriosa que viu no corredor, eram seres malvados, vindos das profundezas dos infernos, para desgraçarem a vida das mulheres incautas como ela.

Depois de uma noite atribulada resolveu levantar-se ao alvorecer para fazer o reconhecimento dos terrenos que circundavam a casa. Talvez fosse pedir a ajuda de Martinho, mas tinha que o fazer com muita cautela e em segredo. Com os contactos que o velho mordomo possuía ele haveria de arranjar forma de providenciar um carro que a transportasse para longe dali.

Andou a pé mais de meia hora e o maldito muro de pedra não acabava. Estendia-se ao longo da propriedade e para o transpor era necessária uma escada alta e mesmo assim, não conseguia saltar do cimo para o chão sem partir uma perna. Era demasiado alto para descer em segurança.

Como é que ia fugir sem se perder na serra? Pela paisagem que avistava já percebera que estava perto do mar. Ao longe, avistava o azul-marinho do oceano Atlântico, por entre as copas das árvores plantadas no declive. Ao verificar que o muro não terminava tão depressa, resolveu voltar para trás. O estômago roncava de fome e tinha que arquitetar melhor a estratégia de fuga. Para pensar com clareza tinha que se alimentar.

As interrogações não a deixavam.

Porque é que um estranho, ainda que fosse um estranho tão... agradável, comprava a sua virgindade, e não fizera questão de lhe tocar e, até lhe enchia o roupeiro com roupa adequada a várias ocasiões?

Os passos afundavam-se no atapetado de folhas mortas e secas. Calcou os pés com força no chão para sentir a terra. Há tanto tempo que não pisava a natureza que sentiu uma onda de prazer no coração. Não sabia o que aquele homem queria fazer com ela, mas, qualquer coisa era preferível, a ter que ficar presa naquele bordel horrível, mesmo que ainda não soubesse o objetivo de estar ali, naquela casa que mais parecia um castelo em miniatura, mas um castelo encantado. Os acontecimentos das últimas horas, eram típicos dos livros das mil e uma noites que lia quando era criança.

O sol despontava no horizonte com uma altura considerável e não tardaria a aquecer. Os pássaros esvoaçavam e pousavam no chão, debicando algumas sementes caídas ou alguma larva desprevenida saída das macieiras do pequeno pomar. O cheiro a pêssego inundava o ar e, à sua direita viu árvores carregadas de frutos que se estendiam por uns bons metros de distância. Continuou a pisar a terra e a apreciar o campo, esquecendo-se por momentos de onde estava.

Ouviu vozes ao longe, vozes de homens e, uma delas, pareceu-lhe conhecida. Por entre as árvores avistou três homens com roupas de camponeses a espalharem estrume no campo. Um deles, estava com as mangas arregaçadas, mostrava braços fortes e morenos, à medida que levantava a forquilha e arremessava o estrume à terra. Helena reconheceu o barão. Era estranho uma pessoa na sua posição estar a executar aquele trabalho que vira o pai fazer tantas vezes em Vale de Marias, ao longo dos anos, trabalho esse apenas destinado aos jornaleiros^[14].

Do lado esquerdo, um lago formando meia-lua, rodeado por vegetação média composta por juncos de água, jarros e um enorme

salgueiro, acolhia patos bravos que se lavavam na água escura e verde de limos, numa azáfama desenfreada e barulhenta.

Helena aproximou-se devagar.

A sensação era de ter mudado de espaço de repente e estar no Alentejo. Tudo ali lhe lembrava a sua meninice e a casa dos pais e Vale de Marias.

De repente, parou-se a olhar o barão. Alex, pressentindo uns olhos cravados nas suas costas – algo para que estava treinado - voltou-se e avistou-a. Ali estava ela. Um sorriso aflorou-lhe os lábios perante visão tão bela, e acenou-lhe.

Helena era a frescura matinal.

Ela levantou a mão e imitou-o e, ao contrário do que esperava, sentiu uma paz imensa. Não sabia porquê, mas o seu corpo e a sua mente não reagiam conforme era esperado: com medo. Ele não lhe inspirava medo, tinha qualquer coisa de familiar, ainda que fosse um estrangeiro e um perfeito estranho para ela.

Alex cravou a forquilha de ferro no chão e disse qualquer coisa aos homens que ela não percebeu, e começou a andar até ela.

- Bom dia Helena. Espero que tenha dormido bem. Já tomou o pequeno-almoço?

Helena abanou a cabeça.

- Bom dia – respondeu tímida. - Na verdade, não.

- Então venha. Genoveva tem um bom repasto à nossa espera na cozinha. Só estava à espera que acordasse para a acompanhar – disse como se não soubesse o tempo todo onde ela estava.

Alex pegou-lhe pela mão sem fazer cerimónia e puxou-a até à casa que ficava para lá das árvores frondosas e centenárias. Sentiu-se pequenina e protegida, mas algo ali não batia certo. Tinha que perguntar antes que o seu cérebro fritasse de tanta interrogação sem resposta.

Ele tinha umas mãos fortes e duras, nada que se parecesse com as mãos de um aristocrata. Estava habituado a trabalhar no duro. Helena sentiu uma excitação estranha e retirou a mão com rapidez. Ele largou-lha e não fez qualquer comentário.

- O senhor desculpe, mas quanto tempo vou ficar aqui? E o que é que estou aqui a fazer? Posso ir-me embora?

Alex sorriu mais uma vez, com aquele sorriso limpo e másculo e olhou-a com devoção. Ela parecia uma criança indefesa, apesar do seu

corpo indicar o contrário. Era forte. Qualquer mulher na sua situação não tinha aguentado o que ela aguentou. Sentia-se encandeado por aquele mar de jade que transparecia do seu olhar. Parecia as águas do oceano pacífico nas ilhas paradisíacas. Percebia agora o que Ricardo vira nela ao ponto de lhe suplicar que a encontrasse e protegesse. Qualquer homem que se prezasse se apaixonaria perdidamente por Helena e não só pela sua beleza simples, mas também pela sua tenacidade e inteligência. Por detrás daquele corpo frágil, existia uma mulher cheia de garra e muito viva. Uma guerreira.

- Tanta pergunta – disse ele. - Quer mesmo partir?

- Quero.

- Então primeiro vamos conversar e, depois de me ouvir, pode ir quando quiser. O meu motorista leva-a onde a Helena lhe disser, só tenho que ter a certeza que fica em segurança.

**

Uma hora depois Helena estava surpresa com as revelações que Alex lhe fizera. Nunca imaginara que aquele homem seria o seu salvador, e que ele tinha uma ligação de amizade com Ricardo Santana há vários anos.

- Não sabia que conhecia tão bem o... senhor Ricardo?

- Ninguém sabe. Conheci o Ricardo numa das minas do meu pai em Angola. Ricardo – disse hesitante- estou a cometer uma inconfidência, mas ele não se vai importar pela causa que é – sorriu - andou foragido um tempo e acabou por ir trabalhar na mineração de diamantes com o intuito de se esconder do mundo, sobretudo dos informadores da policia politica. Ninguém vai verificar quem são os homens que trabalham debaixo da terra, por isso, era um local excelente para desaparecer.

Um dia encontrei-o a carregar cascalho com os negros e fiquei admirado por um branco estar ali. Foi assim que o conheci há uns sete anos. Depois disso tornamo-nos amigos e sócios.

- Então a história da fazenda era mentira?

- Não totalmente...- disse omitindo o resto. - Propus-lhe que trabalhasse comigo em troca de uma percentagem dos lucros e depressa ele fez uma fortuna. Ricardo não queria depender da família, e hoje tem várias propriedades entre as quais a dita fazenda. Mas antes de ter dinheiro comeu o pão que o diabo amassou nas minas. Saiu daqui sem um centavo e fez fortuna a trabalhar comigo,

- Só não percebo porquê ele omitiu isso da família.

- Creio que a menina não sabe muito acerca de Ricardo.

- Não – admitiu. – Eu era uma criança quando ele partiu.

Depois de lhe explicar os contornos do seu envolvimento com Ricardo, Alex pediu desculpa e deixou-a ao cuidado dos empregados, sob a promessa de não sair da propriedade desacompanhada e sem o avisar primeiro.

Para sua segurança, disse ele.

Helena voltou a telefonar para todos os contactos que tinha onde pudesse saber notícias dos pais, mas tudo foi em vão. Tinha que arriscar voltar a telefonar para Martinho. Ele deveria saber onde eles estavam.

- Minha senhora. Chegou esta carta para si. Foi entregue em mão.

Estranhando o facto, estendeu a mão e apanhou o envelope branco sem qualquer indicação da proveniência. Apenas o seu nome escrito.

Helena Cabral.

Helena Cabral?

Estremeceu.

Aquele era o apelido do cônsul. Ela não usava esse apelido. Alguém estava a pregar-lhe uma partida.

Abriu a carta e percorreu as linhas com o olhar. Leonor ficou à espera, de pé, com os braços caídos ao longo do corpo, e as sobrancelhas arqueadas e, ia mudando de cor à medida que os olhos de Helena percorriam as poucas linhas escritas. A criada estava aflita com a reação dela.

- O que foi, minha senhora?

Visivelmente transtornada, agarrou na pequena mala de mão que trouxe na noite anterior e saiu porta fora descendo as escadas em direção à rua. Tinha que fugir. Ali não estava segura. Rosa encontrara-a. Mas como? Ele não lhe garantira que estava segura?

Helena corria pelos degraus e Leonor gritava-lhe que parasse. O patrão ia despedi-la se algo acontecesse à senhorita Helena, tinha a certeza disso.

- Volte, minha senhora! Pare!

Helena pisou o último degrau e sentiu uns braços fortes a agarrá-la.

Esbracejou, gritou e tentou desvencilhar-se daquele abraço.

- Mas o que foi? Espere Helena. Acalme-se. Mostre-me a carta. Francis disse-me que recebeu uma carta. Onde está essa carta?

Segurou-a com força, quase até a magoar, e retirou-lhe o papel da mão crispada e que amarrotava o envelope.

Uma sombra de mistério passou-lhe pelo olhar.

- Espere Helena. Vamos conversar. Já entendi. Não corre perigo comigo aqui ao seu lado- sossegou-a.

Alex pegou numa caneta, e redigiu algumas linhas breves, assinando por baixo com o título e o selo do baronato.

- Pronto. Fique descansada. A partir deste momento não vai receber mais cartas destas. É oficialmente minha protegida.

- Mas o que fez?

- Informei a Rosa que a menina não volta, vai ficar aqui. Quero ver se ela tem coragem de me desafiar.

Sentou-se, mais calma, e ficou à espera da explicação.

- Estou curiosa vossa «senhoria», quero ver como é que vai enfrentar a megera – disse com um sorriso cínico nos lábios, desafiando-o e prontificando-se para ouvir.

Alex deu outra gargalhada. No meio de tanta coisa horrível que lhe acontecera nos últimos tempos, a rapariga ainda mantinha o sentido de humor.

- Quero que me explique como é que funciona esse «a menina não volta», é evidente que, se me quiser devolver, eu estou disposta a defender-me com o que tiver á mão, mas como ainda não entendi porque quer ficar comigo... vossa senhoria precisa de empregados? Posso assegurar-lhe que sou muito boa a organizar coisas e até a investigar pequenos mistérios domésticos.

- Investigar? – perguntou com uma sobrancelha levantada.

- Sim. Sou ótima a resolver quebra cabeças. Aliás, há um que ainda não consegui resolver, mas estou a tentar. Sobre mim – esclareceu.

- Ah! – disse ele arqueando uma sobrancelha.

- Nesse caso está contratada. Mistérios é o meu negócio – disse emprestando à conversa, uma pitada de humor, seguindo a linha de raciocínio de Helena.

Alex fosse ele quem fosse, era muito interessante- pensou Helena e, também um belo homem dentro do seu género, moreno, atlético e bem-parecido.

ALEXANDRE STEEL NORTH
PATERSON



Robert Steel, mais conhecido por Bob, abriu a porta e entrou na mansão que mandara construir há mais de vinte anos. Todo o dinheiro que a mina de pedras preciosas gerara, serviu para construir uma casa que mais parecia um castelo, uma excentricidade que todos lhe apontavam.

O barão das joias, sem título de nobreza.

Um novo-rico sem educação. como lhe apontavam alguns mais invejosos da sua fortuna.

Bob não queria saber das opiniões dos outros e, a única coisa que lamentava, era não conseguir convencer o filho a trabalhar com ele. Francis detestava o snobismo do pai e a ostentação em que vivia. Já adolescente dizia-lhe, para o afrontar, que ser rico não implicava esfregar a riqueza na face dos outros, que nada possuíam além da sua dignidade. Tinha vergonha da falta de modéstia do pai. Mas Bob era um homem que precisava de ostentar riqueza, sobretudo porque provinha de uma ligação de um nobre com uma plebeia e, ser filho ilegítimo era uma farpa no seu orgulho de inglês. Portanto, ainda jovem, jurou à mãe enriquecer e fazer dela uma rainha na sua própria casa, já que o pai, Barão de Paterson, a desprezara depois que soube da gravidez, até ao dia em que Robert Steel fez vinte anos.

Nesse dia chamou-o à sua casa de Londres e reconheceu-o como filho legítimo na presença de um advogado doando-lhe como herança toda a sua fortuna e o título de barão. Dias depois faleceu de doença prolongada. Robert, num só dia, recebeu uma herança de milhões de libras e a notícia que o pai que o rejeitou tinha falecido.

*

Robert subiu as escadas com dificuldade, entrou na luxuosa casa de banho do quarto de dormir e abriu a torneira de água quente. Mary, a esposa, dormia a sono solto, ressonando ligeiramente e nem deu pela sua

presença. O velho Bob, juntou sais de banho com aroma marinho à água e mergulhou-se até ao pescoço para espalhar o cansaço do dia. Fazer negócio com os joalheiros da comunidade judaica já era difícil, mas, depois de saber as últimas notícias da Guerra, ficara muito apreensivo. Sentia-se cansado de carregar o negócio da família às costas, sem que alguém se interessasse por ele e uma guerra na europa no início do novo século, não vinha nada a calhar. A exportação para a europa ia ficar parada muito tempo e talvez tivesse que encerrar as minas. Uma guerra mundial prestes a estalar não fazia falta a ninguém, a não ser, aos alemães sequiosos de poder.

Meia hora depois, de corpo lavado e mente mais relaxada pelo efeito benéfico da água quente, deitou-se ao lado da esposa e o seu último pensamento foi para a necessidade de convencer o filho, Francis, a envolver-se nos negócios. Apesar de ter apenas sessenta anos, o coração já dera sinais de debilidade e não queria morrer sem mostrar ao filho o quanto podia ser rentável a exploração de pedras preciosas.

Pelo tempo que imaginou durar o conflito, calculou também o prejuízo, e o medo da ruína assolou-o de novo. Esse medo era maior que tudo.

Dois dias depois ia a enterrar no jazigo familiar que já albergava duas gerações de Steel's.

Bob faleceu durante o sono, incapaz de enfrentar uma guerra que se avizinhava, e sem conseguir convencer Francis Steel Paterson, seu único filho, a continuar a gerir as minas e a fortuna que o avô lhes deixara desde a Colômbia até à África.

O princípio do século não começava bem para a família e a guerra era uma calamidade inevitável.

Mas Francis não era tolo e viu na morte do pai uma boa oportunidade para limpar o nome da família, e multiplicar a fortuna que o pai e o avô lhe deixaram, mais do que eles algum dia poderiam imaginar se estivessem vivos.

**

26 ANOS DEPOIS

Herdar todo aquele império, foi desconcertante para um jovem que tinha como sonho a carreira militar. Alexander era oficial do exército, e de

um dia para o outro tornou-se dono de um negócio do qual não tinha noção da envergadura. A mãe faleceu e o pai achou não ter forças para continuar a trabalhar com a mesma intensidade. Francis Paterson dizia que os seus quase setenta anos lhe pesavam imenso e não suportava outra guerra que se avizinhava, estando a primeira tão viva na sua memória como se fosse no presente. Passou o testemunho ao filho Alexander e foi com alívio que o viu aceitar.

Alex abdicou da carreira militar e decidiu aproveitar o que a vida lhe estava a dar de mão beijada. Agora que o pai já passava a maior parte do tempo em Portugal, no palacete de Sintra, aceitou o desafio. Estava cansado das hierarquias militares e, se por um lado se queixava da mão de ferro do pai, descobriu mais tarde, que tinha enveredado por uma carreira onde a autoridade existia em demasia, um paradoxo face ao que o levou a escolher aquela carreira: ser livre e dono de si. Na altura, a teimosia da juventude, e para não dar o braço a torcer não voltou atrás tornando-se num oficial com aspirações altas na carreira militar com possibilidades de subir na hierarquia, mas, há muito que tinha percebido que se tinha enfiado na toca do lobo sem saber.

A desculpa para abandonar o exército estava criada. Em poucos meses, depois da morte da mãe, e com as formalidades todas resolvidas começou a visitar as minas na Colômbia, Brasil, Angola, e acabou por viver uns anos entre esses países e Londres. Em Angola tinha uma mina de diamantes que continuava a produzir mais que qualquer uma das outras produzia safiras ou esmeraldas. Estabeleceu-se na jamba angolana durante oito anos e foi aí que conheceu Ricardo Santana, um branco a garimpar pedras como os negros. A coisa mais insólita que um inglês como ele já vira.

Um dia, numa das muitas visitas a Londres, dois dias depois de estar em casa, o mordomo informou-o que tinha uma visita especial à sua espera na sala.

O chefe do MI6, em pessoa, apresentou-se para o recrutar como agente infiltrado em Lisboa. Não foi preciso muito para o convencer. Esse trabalho já era uma continuação dos serviços que prestava no exército e sair de Londres com o pai era tudo o que precisava na época.

Alex foi recrutado como oficial dos serviços secretos e assim retomou a sua carreira militar na clandestinidade, respondendo a partir dali pelo nome de código “O Barão”.

Foi assim que, meses mais tarde, apareceu em Lisboa espalhando a notícia que comprara um título e as propriedades, a um barão inglês falido, que possuía um palacete em ruínas em Sintra. Construiu a sua vida em Portugal, local estratégico para os países em conflito e encetou um trabalho de parceria com os americanos. Mais tarde recrutou Ricardo Santana que também já trabalhava na clandestinidade para derrubar a ditadura.

“O Rick” - em alusão ao filme Casablanca, ao próprio nome, e pela forma como Ricardo se vestia passou a ser o disfarce do alentejano e -, em conjunto com o Barão, passaram durante muito tempo informações falsas aos alemães dificultando o avançar das tropas de Hitler, até o mundo se reorganizar para se defender do inimigo comum.

Há poucas semanas Alex tomou consciência da enrascada política em que Ricardo estava, pois desconhecia o tamanho da oposição política que ele fazia ao governo desde os tempos de faculdade. Ricardo omitira-lhe o motivo da sua estadia em Angola e, o motivo que apresentara como desculpa para trabalhar num sítio escondido não era verdade. Ricardo precisava de um esconderijo para não ser preso. Uma certa mágoa invadiu-lhe o coração ao perceber que ele não tinha sido sincero, mesmo depois de alguns anos de amizade, sobretudo porque, ao perceber que Ricardo não queria depender dos pais ofereceu-lhe sociedade na mina, a troco de ele administrar sozinho e libertá-lo durante mais tempo para outros trabalhos. O que Ricardo não lhe contou, e que Alex soube mais tarde, é que o amigo não conseguia trabalho como advogado em Portugal por ser conhecido como “comunista”.

A fortuna que Alex possuía hoje, dava para nunca mais precisar de se preocupar com dinheiro. Alex diversificou o ramo dos negócios e aplicou dinheiro na compra de imóveis nos países a salvo do conflito bélico, escolhendo Portugal, onde o pai se estabelecera por causa do clima temperado, como base de trabalho. Não esperava de forma alguma vir a encontrar uma «jóia» preciosa como Helena, depois de ter tido quantas mulheres quis, sem que alguma lhe interessasse o suficiente para casar. Achava que jamais ia entregar o seu coração a alguém mas agora já não tinha tanta certeza. Não fosse o facto de ser leal ao amigo e pensaria em Helena de outra forma. Mas, por ora, tinha uma missão a cumprir. Depois iria passar uma temporada na América, esperando que Ricardo voltasse e

retomasse o namoro com Helena no ponto onde tinham terminado de forma tão abrupta.

A ideia de cortejar Helena não lhe saía da mente, a não ser quando se recordava da promessa feita ao amigo. Não sabendo ao certo o que existia entre eles, sentia-se o pior dos canalhas só de pensar nela como mulher.

Capítulo 3



- Então Helena, já se decidiu sobre a minha proposta? - perguntou Alex a uma Helena mais que tentada a aceitar, tal era o brilho que tinha nos olhos.

O único senão para não ter respondido, era ter receio de Rosa e de Mercedes, mas com a experiência que vivera nas últimas semanas, dificilmente a apanhariam desprevenida.

- Aceito. Mas quero trabalhar aqui na sua casa também. Decerto haverá algo em que eu possa ajudar.

Alex sorriu. A jovem não só era bela, mas também espirituosa e inteligente, muito diferente das mulheres que o pai lhe tinha tentado impingir como esposas desde que a mãe falecera. Francis queria ver Alex casado antes de morrer, dizia-lhe muitas vezes e, Alex enfurecia-se com o pai porque ele estava a chamar a morte cedo demais.

Alex tinha uma tarefa para Helena, em que ela iria brilhar.

- A sua função é acompanhar-me aos eventos sociais e ficar de olhos e ouvidos bem abertos junto a algumas pessoas que lhe vou indicar na altura. Já é trabalho mais que suficiente, não precisa de trabalhar aqui em minha casa. Temos criados que cheguem.

- Isso faz de mim espia? – perguntou com um sorriso matreiro retorcendo-se ligeiramente no assento do canapé.

- É impressão minha ou adora um bom mistério? – perguntou ele, divertido.

- Não é impressão sua. Adoro os romances policiais de Sir Conan Doyle e todos os livros que tenham um bom mistério no enredo.

Alex destapou uma risada bem-humorada. Estava encantado com ela.

- Estes personagens que vamos encontrar são mais...

- Interessantes? – rematou ela.

- Não, minha querida. São perigosos e reais. Conhece Filipe de Aguiar certamente?

- Desejaria não conhecer. É um ser abjeto. Desculpe... não queria ser desagradável. – emendou quando percebeu que não conseguiu controlar o ódio por Filipe e que também não sabia qual era a relação entre os dois homens.

- Neste momento é mais que desagradável, fede a podridão decerto – acrescentou ele com um brilho de divertimento no olhar.

Helena levantou o sobrolho. De onde conhecia ele o morgado?

- Foi morto pelos alemães – esclareceu Alex.

- Filipe era espião?

Alex fez um ar cínico.

- Não exatamente como os outros. Filipe quis jogar nos dois campos e, como era pouco hábil e muito fanfarrão, foi apanhado a vender informações falsas a ambos os lados. Não se brinca com a espionagem.

- Porque é que me está a contar tudo isso? Não tem medo que eu vá denunciá-lo?

Alex encostou-se à parede e meteu as mãos nos bolsos das calças caras, de linho, e sorriu-lhe.

- Não. Se me denunciasses ninguém ia acreditar em si. Todos sabem que sou um milionário excêntrico e que só gosto de farra.

Ia dizer «de mulheres também», mas ela não lhe perdoaria tamanha sinceridade e não queria amedrontá-la com pormenores da sua vida.

Helena corou. Quem dizia a verdade assim... não tinha muito pudor. Sentiu-se um pouco desagradada da forma como ele falou de si próprio e tentou desviar o assunto. Se ele era assim, então Alex não era de confiança.

Alex quis perceber se ela se chocava com facilidade e ficou satisfeito com a reação de Helena.

Provocou-a.

- Podia prejudicar-se e ao meu trabalho também. Mas a Helena não vai fazer isso, pois não? Que me diz? Acompanha-me ou não? Para lhe dizer a verdade, eu não sou muito amante da vida noturna, de festas mundanas... entende? Na verdade, sou bastante caseiro, por isso não vão existir muitas saídas depois desta.

- Fico mais descansada. Não tenho nada que ver com a sua vida, mas não quero andar por aí a acompanhá-lo até de madrugada, todos os dias.

Ele voltou a rir.

- Fique descansada que não vai ser necessário. Agora pode ir repousar, mais tarde informo-a da nossa próxima saída de trabalho. Oficialmente começa agora a sua carreira de espia ao serviço do meu país. – gracejou.

Helena riu-se. A vida era irónica e por vezes divertida. Há muito tempo que não ria tanto, como nos últimos dois dias.

Alex despediu-se saindo em direção ao gabinete de comunicações na cave do palacete e a pensar que Ricardo ia ter uma surpresa com ela. Pelo que conhecia das mulheres, esta, já perdera há muito o fascínio que poderia ter por um espião português ao serviço dos ingleses fosse ele Ricardo ou outro qualquer. Quase apostava que Ricardo antes de partir arranjava forma de denunciar Filipe para o tirar do caminho de Helena, pois pelo que apurara da vida do morgado ele perseguia Helena há algum tempo.

Após Alex sair da sala, Helena subiu as escadas e trancou-se no quarto. Não saía dali enquanto não conseguisse localizar os pais, afinal estavam perto dela.

**

Rosa começava a dar sinais de impaciência. Já explicara mais de uma vez que a rapariga não ia voltar, que o homem a tinha tomado ao seu serviço, mas o que a patroa não acreditava é que Rosa tivesse recebido só aquele dinheiro.

- Mostra-me a carta.

Sem pinga de paciência e, prestes a despedir-se dali – afinal tinha dinheiro mais que suficiente para comprar a sua casinha à beira mar - estendeu-lhe a carta escrita à mão e ainda com o selo de lacre do barão. A mulher quase a arrancou das mãos de Rosa, e estendeu o olhar pelas linhas traçadas a tinta azul com caneta de aparo - certamente de ouro -, um luxo das classes superiores.

E o barão de Paterson podia, era rico.

Cara madame Rosa

Informo-a que a menina Helena Silva não regressa aos serviços do seu estabelecimento. Para a ressarcir de qualquer dano juntei uma nota de crédito de cinquenta contos que pode levantar amanhã no meu banco.

Alexander Steel Paterson,

- Está convencida senhora. Aqui estão cinquenta contos – e estendeu-lhe o maço de notas de mil escudos.

- Aquele patife vai pagar-me caro – disse a velha entre dentes.

- O que disse a senhora? – perguntou Rosa sem entender o que a mulher tinha dito.

- Nada. Fez um bom trabalho, Rosa. Esta rendeu uma boa quantia. Na próxima semana deve chegar outra rapariga. A Maria das Mercedes já anda a providenciar *mercadoria* nova.

Na próxima noite ia ver aquele espiãozinho e tratar-lhe da saúde.

**

Leonor entrou com uma caixa de sapatos na mão e um vestido pendurado na outra.

- O senhor pede-lhe que vista esta roupa e esteja pronta às dezoito horas. Pede desculpa de não a ter avisado mais cedo, mas só agora soube que ia estar presente na receção do cônsul inglês.

- Obrigado Leonor – agradeceu enquanto a criada deixava o vestido de noite de seda azul pousado na cadeira junto ao toucador.

– O senhor Alex é convidado para muitas festas? – perguntou tímida.

- Muitas, senhora. Mas ele recusa a maior parte, diz que o tempo é precioso para despender com patéticos burguesas.

Helena ficou na dúvida se aquilo seria verdade. Um homem rico não devia ter aquele tipo de pensamentos. Ficou com a impressão que, apesar de Leonor ser eficiente, era também voluntariosa e dada a opiniões para agradar.

- Estou a ver. Pode ir. Diga ao senhor que estarei pronta.

- Com licença minha senhora se precisar de ajuda é só chamar-me.

Helena pegou no vestido de noite, admirou-o e vestiu-o de imediato. Ao espelho pareceu-lhe uma autentica Cinderela. Há tanto tempo que não tinha a oportunidade de se sentir feminina. Ia ser um regresso em apoteose, sobretudo porque desta vez ia entrar pela porta da frente, de braço dado com um barão, um homem que devia ser cobiçado por muitas mulheres, para além de que o vestido que ia usar, não era um modelo em segunda mão. Um sorriso de felicidade inundou-a. O que quer que viesse a acontecer decerto não a enviaria de novo para as garras de mulheres proxenetas como Rosa ou Maria das Mercedes, ou ainda, como a outra da qual ainda não se atrevia a pronunciar o nome em voz alta. Com um pouco de sorte encontrava Catarina Santana e aí o espetáculo seria completo e ela

bateria palmas a ela própria. Tinha conseguido entrar nos salões de Lisboa pela porta da frente para desespero dos Santana e do cônsul, seu pai biológico.

Helena olhou-se ao espelho e alisou o vestido na zona do ventre. Em breve ia deixar de conseguir esconder o seu estado.

Nessa tarde, tinha conseguido localizar os pais a uma dezena de quilómetros do palacete de Alex, com uma informação que Martinho lhe dera e que o próprio Alex confirmou ser verídica. Alda chorara de emoção e Helena sossegou-a. Não teve coragem de contar à mãe pelo que tinha passado. Mais tarde, com calma e tempo, ia revelar-lhe que tinha enganada e forçada a permanecer num bordel, contra a sua vontade. Felizmente a sorte esteve sempre do seu lado e o pior não aconteceu. Ficou feliz de saber que finalmente os pais tinham saído do domínio dos Santana. Passaram uma vida de provações e trabalho escravo ao serviço de gente arrogante e mal-agradecida, mas, a maioria dos ricos deste país deviam ser assim. Ricardo era uma exceção e talvez Alex também o fosse.

**

Vinte horas bateram no relógio holandês de pé alto na entrada do palacete. Helena desceu até ao piso térreo e, ao chegar ao ultimo degrau, deparou-se com Alex. Fato preto, camisa branca e sapatos pretos. Parecia um diplomata importante e era lindo. Helena corou ao avistá-lo. Não passou despercebido a Alex, o rubor na face dela. Achou-a ainda mais bonita e cada vez mais temia olhar para ela. Helena era uma doce tentação.

- Cara Helena. Está linda – e pegou-lhe na mão levando-a aos lábios onde depositou um leve beijo.

Helena voltou a enrubescer com aquele gesto galante e abriu um sorriso de orelha a orelha. Começou a ter consciência que aquele estranho, barão, ou o que quer que fosse, tinha um magnetismo enorme sobre ela, senão, como é que explicava o facto de não ter fugido a sete pés quando chegou ali há dois dias? A verdade é que de imediato sentiu segurança e afeto, coisas que não se explicam, apenas se sentem.

À mente, surgiu-lhe de imediato Ricardo, o amor que tinham feito e da semente desse amor. Talvez o seu lado transgressor, não a tivesse impedido de fugir da intimidade com um homem mais velho que ela. E o que lhe parecera amor, na altura, fosse apenas a vontade de desafiar a família. Não conseguia sentir por Ricardo algo diferente do que já sentia –

um amor imenso – e, lá bem no fundo da sua alma, começava a despontar um sentimento por Alex, que ainda não tinha nome, mas era muito forte.

Sorriu, recomposta e menos vermelha. Irritava-se consigo própria de corar por quase tudo, mas ultimamente até com os pensamentos enrubescia.

- Caro barão... obrigado pelo elogio. Espero estar à altura do trabalho que me propôs.

- Tenho a certeza que estará, cara Helena. Mas vamos...- e pegou-lhe pelo cotovelo encaminhando-a para a porta do palacete, onde o motorista já os esperava. – No carro explico-lhe, como a vou apresentar às pessoas. Espero que não tenha nada a opor – disse ele com voz rouca de desejo mal disfarçado, por ela.

**

Cerca de uma hora depois, Helena entrava de braço dado na residência oficial do cônsul inglês, onde decorria a recepção aos adidos diplomáticos dos países representados em Lisboa.

- Senhor Alex Steel Paterson, barão de Paterson e sua noiva, senhorita Helena Silva.

Um burburinho soou pelo enorme salão e ouviu-se o roçar de sedas e crepes. Todas as cabeças – menos uma – se voltaram para eles assim que entraram.

- Está a ver minha querida...foi muito bem recebida. Agora vamos passar à etapa seguinte: as apresentações e, depois disso, vamos dançar algumas vezes. O resto fica por sua conta. Quanto estiver em apuros, é só abanar o seu lenço, vou estar atento. Mas tenho a certeza que irá sair-se muito bem-disse num sotaque arrastado, a que Helena achava muita graça, enquanto ele lhe beijava de novo a mão.

Helena começava a desconfiar que ele queria beijar-lhe mais do que os dedos.

Arrastou-a suavemente pelo salão perfumado enquanto fazia as apresentações. Helena foi experimentando todo o tipo de sensações, desde a mais prazerosa, até ao pânico puro, mas tentou aguentar-se sem sair a correr porta fora. Nunca foi mulher de baixar a guarda em situações complicadas e, habituou-se a defender-se nos salões da madrinha Catarina apesar da fragilidade da sua situação. Esta era talvez a única possibilidade de se vingar da rejeição que a sociedade lhe fazia desde que Catarina

Santana a tinha obrigado a servir-lhe de ama de companhia nos seus salões.

- Desconfortável?- segredou-lhe ao ouvido.

- Nem por isso, aguento. Podemos prosseguir.

Até ali já recebera uns cumprimentos com sorrisos de dentes cerrados, de amigas da madrinha que conhecia desde criança, mas, a maioria – sobretudo os estrangeiros – estavam rendidos ao seu encanto e beleza.

Uma verdadeira beleza. Exclamavam os homens entre eles, gabando o bom gosto do barão.

- Agora vou apresentá-la à pessoa mais dissimulada deste salão – e aproximou-se de uma figura alta de cabelo branco que conversava animadamente com um senhor alto e louro, num alemão muito fluente.

O homem avistou Alex e imediatamente tocou no braço da senhora indicando-lhe a presença deles e, Helena, bateu os olhos em alguém que já esperava encontrar ali.

- A senhora condessa, Carminda Vilhena, a minha noiva Helena – apresentou-as.

Helena não se denunciou e Alex admirou-lhe os nervos de aço. Mas também Carminda manteve a farsa e fingiu não conhecer Helena.

Num jogo de espiões todos se esforçavam por não se trair e, Carminda, estava longe de imaginar quem era na verdade Alex Steel, apesar de há algum tempo a velha suspeitar que ele era também um opositor ao regime nazi.

- Seu maroto! - e a condessa deu-lhe uma palmadinha gentil no braço.

- Onde tinha esta beleza guardada? Que jovem maravilhosa... Minha querida! Você é um assombro de beleza, mas desculpe que lhe diga aqui o seu – hesitou com um ar de malícia no olhar- noivo, não lhe fica atrás, como diria uma italiana é um *belo huomo*. Hans, meu caro – e dirigiu-se ao senhor de meia-idade com quem conversava – vou desfilar com esta beldade por este salão. Alex, não me contrarie – admoestou.

Carminda, mais maquilhada do que o habitual, para esconder as rugas que teimavam em sair da pele, pegou na mão de Helena, sem lhe dar qualquer hipótese de recusa e afastou-se com ela salão dentro.

Helena sentiu o coração aos pulos. Reconhecera a voz do corredor do bordel: Carminda.

Capítulo 4



Os três metros que acabara de percorrer ao lado de Carminda pareceram-lhe três quilómetros, no entanto conseguiu não ruir à frente daquela gente, muito menos daquela que reconhecia agora ser a sua carcereira. Aquela mulher estava implicada no seu rapto, só não sabia se era por iniciativa própria, se a mandado da tia ou de Alberto Cabral o seu progenitor.

E porquê?

- Tem noção onde veio parar? – disse a condessa num ar intimidador.

- Mas claro... Não esperava voltar a ver-me, pois não condessa? – disse Helena desafiante e sorrindo às pessoas, à medida que as cabeças se voltavam para as ver passar. O expoente máximo da beleza e da fealdade, desfilando de braço dado. Parecia um pedaço de uma peça de teatro burlesca.

- Esperava. Mas não aqui. – disse Carminda.

- Acredito. Como é que ninguém percebeu ao longo de todos estes anos como a senhora era venenosa? Aliás, todos sabiam...mas todos tinham medo de si e da sua língua viperina.

Carminda deu uma sonora gargalhada de acordo com o que era habitual em si. Apesar da idade já lhe pesar bastante, a velha aristocrata, tentava manter a postura de senhora fina e educada. Era tão venenosa que fazia como as cobras: lançava a língua viperina ao ar e ficava a absorver as vibrações. Sabia que a presa ia colocar-se onde ela desejava e depois dava o bote.

Mas desta vez estava enganada. Enganada a respeito de Helena.

Subitamente Helena sentiu-se enjoada. Tanto perfume e cheiro a cigarros e charutos, revoltaram-lhe o estômago. Reprimiu uma náusea e, levou a mão à boca, num gesto disfarçado de bocejo, para que ela não notasse.

- Então cara Helena? Já não acha graça à velha condessa onde corria a refugiar-se sempre que a madrinha lhe ralhava?

Recompôs-se e rezou mentalmente para não vomitar o jantar em cima do decote de peles franzidas que a condessa ostentava na sua frente.

- Não condessa, não acho. Mas tenho que lhe fazer justiça, a senhora era a minha protetora naquela altura, isso é verdade. Até a minha mãe tinha ciúmes de si. A Alda... entende?

- A Alda...pobre mulher. Não passou de um brinquete nas mãos dos manos Cabral. Minha querida, você pouco sabe sobre essa família...

- Sei o suficiente para não os querer perto de mim. – disse num tom firme. – Já a senhora foi uma grande desilusão. Admirava-a desde criança, sabia?

- Claro.

- Claro?! Só isso? Não tem mais para me dizer? – e levantou ligeiramente a voz.

Alex, a escassos cinco metros de distância notou a cambiância de voz e observou Helena. Ela sossegou-o com o olhar.

- Não, não tenho. Um dia vai descobrir tudo, mas por enquanto fica na ignorância e, sabe que mais?

- Presumo então que sabe mais do que eu sobre mim própria?

- Sei sim. Mas não era isso que te queria dizer. Queria dizer-te que esse vestido novo, te assenta muito bem. És linda Helena, tão parecida com a tua mãe!

Helena notou uma emoção estranha nos olhos da velha, mas não se foi abaixo.

- Só uma última pergunta, para encerrar a nossa agradável conversa, condessa? Porquê eu? Que mal lhe fiz?

- Como é que soubeste, que era eu?

- Não se responde com outra pergunta. Não sabe que sempre tive jeito para mistérios? Era sempre eu que descobria onde a avó Bárbara escondia as coisas quando já estava senil, lembra-se? A senhora tornou-se descuidada e, só não lhe dou um murro na frente desta gente, porque não quero ficar com as mãos esborratadas de tanta pintura para disfarçar o que já não tem disfarce! Essa sua cara feia e velha – e virou-lhe as costas afastando-se para perto de Alex que lhe passou um braço pelo ombro estreitando-a a si.

Era a primeira vez que ele tinha um gesto íntimo e afetuoso com ela, mas não lhe pareceu mal, muito pelo contrário. Todos os gestos de Alex lhe pareciam bem, encaixavam, mas, sabia de antemão que faziam parte do disfarce. Era um doce sonho com um querido espião, que não passava disso mesmo: um querido, e um espião ao serviço de sua majestade inglesa, que por momentos lhe fez esquecer Ricardo e o seu estado grávido.

- Querida. Apresento-te o adido da embaixada do Brasil.

O homem estendeu-lhe a mão, apertou-a com leveza e, ao olhar para Helena disse num tom mais baixo:

- Caro Alexander. Você faz-se acompanhar muito bem, mas cuidado com estas pessoas. É muita ousadia, trazer uma prostituta para um salão da sociedade Lisboeta.

Helena manteve a calma, apesar de um ligeiro tremor de queixo e deixou que Alex respondesse ao invés de dar um pontapé nas jóias da coroa do homem.

- Julgava-o mais perspicaz meu caro Anacleto. Não sabe reconhecer um dos nossos? É impressão minha ou está a ficar desatento?

O homem ficou embaraçado.

- Desculpe. Mas num estabelecimento daquele género pensamos sempre que...- desculpou-se.

Sentiu pena do homem. Alex estava a defendê-la mas não precisava exagerar.

- Não tem problema caro embaixador. Ali todos os gatos são pardos, não é Alex? – disse Helena armando todo o charme que conseguia para disfarçar a raiva que ele lhe despertou.

Alex conteve uma gargalhada. Já conhecia o ditado popular português o suficiente para saber que ela lhe estava dizer que também os homens que lá vão são todos iguais: uns depravados.

- Quanta subtilidade minha cara Helena. É verdade, o princípio do amigo Anacleto também se aplica aos homens. Não é Anacleto? – disse Alex, concordando com ela.

Se o homem entendeu, Helena não iria chegar a saber mas, a avaliar pelo desconforto na face gorda e suada, o adido estava longe de imaginar o que ela lhe tinha chamado e, não quis dar uma imagem de ignorante.

O dito adido, assentiu e afastou-se um tanto embaraçado em busca de um copo de bebida que lhe clareasse a mente aturdida pela perspicácia da

jovem.

Do outro lado da sala Alberto Cabral fazia os possíveis por passar despercebido, mas, a esposa, que já tinha avistado Helena e a reconhecera de imediato, esticava o pescoço para lá. Queria ser apresentada à nova condessa desse por onde desse.

Márcia Cabral cutucava o braço do marido e segredou-lhe ao ouvido. Queria, porque queria, que ele visse Helena, onde, todos os olhos estavam postos de forma mais ou menos disfarçada, mais ou menos com desprezo, mais ou menos com raiva.

Helena era uma jovem que não deixava ninguém indiferente.

- Márcia querida, não vale a pena perdermos tempo com uma rapariga ingrata. Sabes bem o que ela fez a Catarina. Aliás, dói-me imenso a cabeça, vamos retirar-nos, amanhã temos uma longa viagem pela frente. Bordéus não é propriamente ali, ao virar da esquina.

Contrariada Márcia acompanhou-o. Não sabia bem explicar porquê, mas simpatizava com a rapariga desde que ela era criança de colo. E a si, bastava-lhe os filhos gostarem de Helena. Especialmente a filha Cristina tinha uma grande cumplicidade com Helena, desde crianças.

Alberto saiu a vociferar palavras feias, mentalmente, contra Rosa, que não soube fazer o seu trabalho. Não era suposto Helena estar ali. A esta hora, devia estar num navio, rumo a uma das colónias para servir de professora a alguma família que tivesse filhos pequenos. Aquela rapariga ainda lhe ia causar problemas.

Maldita Teresa Silveira que não fez o que ele mandou: livrar-se da criança. E maldita Catarina, sua irmã, que se imiscuiu na sua vida. Não fosse ela amiga de Teresa e essa rapariga não existia.

Com a saída do cônsul Alberto Cabral, Carminda Vilhena Brachmann, condessa de Vilhena, ficou mais à vontade. Sabia, fazia muitos anos, a trama de Catarina e Alberto e temia que o pai da rapariga fizesse alguma coisa para a proteger, assim, aproximou-se e disse-lhe perto do ouvido.

- Querida... gostaria de lhe dar uma palavrinha. Mister Bones, dá-me licença... parece-me que o barão Alex procura-o – e despachou o velho embaixador para o grupo onde Alex estava com um copo de champanhe na mão brindando a qualquer coisa.

Helena encarou-a com um olhar duro, tão severo, que Carminda percebeu as nuances mais escuras no verde das pupilas da sua outrora protegida.

- Queria recomendar-lhe que voltasse ainda hoje para...você sabe.
Helena estendeu o pescoço altivo.
- Não entendi?
- Entendeu. Aproveite que aquele idiota do falso barão está distraído e ponha-se ao fresco.
- Senão?
- Senão há quem fique muito zangado.
- Em nome da nossa «velha» – e enfatizou a palavra velha com ironia – amizade sugiro-lhe que não tente qualquer manobra para me desviar do meu caminho. Nunca mais, ouviu! – levantou a voz e apontou o dedo ao nariz da velha senhora, sem se importar com o facto de estar entre gente refinada.

Um murmúrio ecoou no salão por entre a música suave da orquestra. Os olhares cravaram-se nelas, especialmente o de Alex Steel.
- Passe bem condessa – e virou-lhe as costas e foi ao aparador onde apanhou uma flute com espumante erguendo-a num brinde à condessa, que a metros de distancia chispava raiva por todos os poros.

Helena precisava de beber alguma coisa que lhe amolecesse a paciência e que mostrasse o seu triunfo perante a velha.

Carmina Vilhena. Condessa. Proxenetá. Vilã. Espia e sabe-se lá mais o quê – pensou Helena enquanto o líquido lhe escorregava pela garganta.

Procurou Alex com o olhar. Lá estava ele. Uma sensação de paz invadiu-a. Sentiu-se em casa apesar da tarefa que ainda estava por desempenhar. Era sua obrigação vigiar a condessa. Sabiam que ela era uma das espias portuguesas ao serviço do III Reich e afinal não era assim tão estranho, Carmina era filha e neta de alemães nobres.

O mestre-de-cerimónias deu início ao baile. O cônsul começou com a valsa vienense, ostentando como par uma jovem belíssima que tinha idade para ser sua filha, mas que era pouco provável que o fosse.

Um pouco afastado dela, Alex continuava a trocar impressões com o adido brasileiro e observava Helena. Notou-lhe o semblante carregado e, temia que a «espia dos nazis» que fazia par com Filipe Aguiar até há algum tempo atrás, a tivesse importunado, afinal fora ela que denunciara Ricardo à polícia de vigilância do estado e não Filipe, como ele supunha. Desde a sua juventude que Carmina pertencia ao círculo social dos Santana. Aquela ação era uma *vendetta* pessoal que ele conhecia desde que

a investigara. Helena estava longe de entender a maléfica mulher e o que a movia – vingança.

CARMINDA VILHENA
BRACHMANN



Ouvir advertências sobre o seu comportamento era vulgar e, o tipo de coisa que lhe entrava por um ouvido e saía por outro.

«Carmina, não faça isto, Carmina não faça aquilo, Carmina o seu pai vai dar-lhe um corretivo, Carmina é a vergonha da nossa família, Carmina nenhum homem decente e rico a vai querer desposar». Tudo balelas.

Não aceitava casar com um noivo escolhido pelo pai desde que ela nascesse. Pouco lhe importava ser a herdeira de títulos nobiliárquicos portugueses e alemães. Frederico Cabral era o único homem que queria.

Pouco lhe importava que o pai não considerasse para seu marido um homem que não tivesse sangue alemão como ele. Também o pai tinha casado com uma nobre estrangeira e, quando Carmina lho referia, Gunther respondia-lhe que o que contava era o sangue dos homens e, o dela, tinha que ser misturado com sangue alemão para ser purificado. Apesar de ter negócios com Teotónio Cabral, e uma amizade fundada em vários anos de partilha de cargas de cereais para os países do norte da Europa, Gunther, um dos príncipes da Baviera, não reconhecia nobreza suficiente ao filho do amigo para casar com a sua única filha - a não ser a nobreza de carácter - e essa não chegava. Para Carmina só admitia um casamento com um alemão nobre.

Pois a Carmina, as considerações do pai pouco lhe importavam. Passar semanas a usufruir da companhia de Frederico, e a esgueirar-se com ele pela mata de Sintra sem que alguém desse por isso era algo que fazia com perícia. Aos quinze anos conseguia enganar a mãe, e até o pai, e deitar-se pela mata com Frederico mesmo sabendo que podia ser descoberta.

Carmina veio a revelar-se uma pedra no sapato do jovem Frederico Cabral, que nunca imaginou casar com ela. Carmina era fogosa para uma jovem da idade dela, precoce e atrevida o suficiente para o assustar. O homem que casasse com ela jamais estaria descansado. Carmina era

mulher que não desperdiçava uma boa aventura amorosa, e ele Frederico queria uma esposa em quem pudesse confiar.

Frederico temia o dia em que lhe dissesse ter casamento marcado com Bárbara Mouzinho, para dali a seis meses. Amava Bárbara, e Carminda fora apenas um devaneio, mas tinha consciência que comprava uma guerra vitalícia com a futura condessa.

Por seu lado, Carminda já fizera frente ao pai afiançando-lhe que ia ser pedida em casamento por Frederico. Gunther, que não gostava de ver a sua princesa triste, e lhe fazia todas as vontades, desde a quantidade de vestidos vindos diretamente da capital da moda, até à promessa de considerar dar-lhe um dote generoso antes de tempo se Frederico a pedisse em casamento, concordava com a filha. Carminda tinha finalmente vencido o pai quanto às intenções de a casar com um nobre alemão. Nada a separava de Frederico Cabral a não ser o próprio.

Carminda contava com o facto de lhe ter aberto as pernas e já não ser imaculada aos olhos da sociedade, para que Frederico se visse obrigado a casar com ela.

- O meu pai vai saber que já não sou donzela, e o senhor tem que assumir as suas responsabilidades, ouviu?

Frederico sentiu-se preso numa armadilha sem escapatória. Tirar a honra a uma donzela naquele tempo era grave, mesmo que essa donzela fosse a jovem de quinze anos mais depravada da sociedade e vivesse de trapações enganando todos à sua volta. Frederico não podia jurar mas quase se atrevia a dizer que não tinha sido o primeiro a provar as entranhas da jovem condessa. Mas o papel desempenhado por ela foi tão convincente que pensou que ela era virgem, no entanto teve o maior cuidado para não deixar a sua semente plantada naquele vaso.

- Carminda... sempre fui honesto, a menina queria diversão e eu sou homem...quanto a casar... lamento mas esta vai ser a última vez que nos encontramos desta forma. Vou casar e pretendo ser fiel à minha esposa.

Frederico não teve tempo de se desviar da chibata de couro entrançado. Sentiu uma picada na face e o sangue a escorrer ensopando o colarinho da camisa branca.

Carminda subiu para o cavalo e disse:

- Vai ficar com a minha marca na cara, para sempre. Quando se olhar ao espelho vai lembrar-se de mim e garanto-lhe que viva eu os anos que

viver, viverei para me vingar de si. Nunca deu valor ao quanto eu o amo senhor Frederico. Vai pagar por isso. Ninguém brinca com uma Vilhena!

Frederico nem movia um único músculo. E ela continuou:

- Herdeiro da frota naval do seu pai... Olhe para mim - dizia enquanto rodopiava com o cavalo e Frederico limpava o sangue da cara e avaliava os estragos feitos na sua bela face de macho latino -, não vai livrar-se de mim com facilidade. Lembre-se disso. Não é mais que um herdeiro. Não tem berço, nem possui fortuna própria. Não vale nada aos olhos da sociedade e, não fosse a fortuna que o meu pai ajudou o seu a ganhar, era menos que ninguém.

A memória de Carminda funcionava como há sessenta anos.

Para além do ódio que sentia, ainda recordava as escapadelas a cavalo, à mata de Sintra, pelos domínios do pai, como se fosse hoje.

O nobre alemão com quem o pai a casou depois de Frederico a rejeitar, nunca passou de um administrador dos seus bens e, quando finalmente morreu, vítima de uma acidente estranho, ela pode dar asas ao ódio que tinha à família Santana desde que Frederico a rejeitara. Aproximou-se de novo e, numa atitude de benevolência e perdão, fez-se esquecida da rejeição que sofrera. Em pouco tempo Carminda era o braço direito de Bárbara, e uma tia para os seus filhos, sempre que Frederico se ausentava de casa. Quando ele estava, Carminda não se atrevia a aparecer e, Bárbara, na mais perfeita inocência, nem sonhava o que se passara entre ambos.

Alberto e Catarina sempre contaram com Carminda como cúmplice dos seus devaneios. Carminda, apesar dos seus quarenta anos, lutou com quantas armas tinha para tomar o lugar de Bárbara, mas Frederico manteve-se fiel à esposa e ignorou-a provocando-lhe a maior dor que um homem pode infligir a uma mulher: o desprezo.

Carminda recusou-se a acreditar durante toda a sua vida que o único homem a quem tinha entregue o coração não a amasse.

Capítulo 5



- Dá-me a honra desta dança? – perguntou Alex a Helena enquanto lhe enlaçava a fina cintura não esperando pela resposta.

- Claro, com muito gosto.

Alex não perdeu tempo e, saiu com ela, a valsar pelo salão, arrancando alguns sons de admiração, contidos pelos lenços e pelas mãos, disfarçadamente a tapar as bocas, é claro. A educação e as boas maneiras não davam espaço para mais manifestações de espanto. Helena sorriu ao observar as reações e, Alex colocou um ar de interrogação.

- São uns cretinos, estes ricos...estrangeiros e portugueses – aventou ela para o ar.

Alex riu-se. Só depois, Helena percebeu o que tinha dito. Ofendeu-o sem querer.

- Desculpe. – disse enquanto davam mais uma volta ao salão. – Não quis ofendê-lo, mas é que... - e não terminou a frase por não sentir que houvesse necessidade.

Alex não era parecido com aquela gente que a tratara mal, ou, pelo menos parecia não sê-lo.

Ele estava deliciado com a espontaneidade dela. Habitado à sociedade inglesa, onde a etiqueta pouco permitia sem se cair em desgraça, o à vontade de Helena era fascinante e uma lufada de ar fresco no bafio da moral da alta sociedade.

A orquestra ao fundo do enorme salão do palácio da embaixada, deu os últimos acordes da valsa e Helena encostou-se mais a Alex. Ele estreitou-a e encostou a sua face nos cabelos dela, divinamente penteados pela mão da empregada Leonor. Um momento mágico trespassou o coração dos dois. Helena rejubilou de felicidade, pensando em Alex, e simultâneo em Ricardo, e Alex sentiu que estava a trair o amigo. Mas nem assim se afastou dela. Pegou-lhe na mão, levou-a aos lábios e, com o

término da música conduziu-a até um canapé para que ela descansasse os pés.

- Não me considero mau bailarino mas temo que a tenha pisado algumas vezes e acredito que esses sapatos que calça, são pouco confortáveis.

- De modo algum, não me pisou. Sou eu que tenho pouca prática. Apenas dancei algumas vezes com o...padrinho Ricardo, mas sim, tem razão, os sapatos são uma tortura.

Alex disfarçou um ar de surpresa, quando ela falou no amigo, mas ela percebeu.

- Ricardo Santana. Eu chamava-lhe padrinho. Ele é filho da minha madrinha de batismo, Catarina.

- Ah! – disse surpreendido. – Não sabia que o chamava assim.

- Já não. Mudando de assunto...ouvi o adido alemão...

Helena desviou o assunto e Alex fez-lhe sinal que não falasse.

- Vamos embora. Creio que ambos cumprimos o nosso dever. Em casa falamos – disse-lhe ao ouvido.

Aquele «em casa falamos» foi a frase mais confortável que alguma vez ouviu.

**

Na sala onde Alex costumava ficar até tarde, uma criada deixou bolos e um bule de chá com um abafador para manter a temperatura, fazia uma meia hora.

Alex serviu o chá e passou-lhe uma chávena.. Molhou os lábios convidativamente e ele teve dificuldade em esconder o desejo que ela lhe provocava. Não conseguia disfarçar que a desejava e, tinha consciência que, desse desejo, não advinha nada de bom. A promessa feita ao amigo era para cumprir, e ia cumpri-la, ainda que, para a manter, tivesse que partir para longe. Considerava até a hipótese de voltar a integrar o exército na frente em França. Seria mais útil a comandar os homens do que a fazer trabalho de retaguarda que já estava feito quase na totalidade.

- Diga-me o que sabe da condessa?

- Carminda?

Ele assentiu.

- Bom...desde que me conheço por gente que a vejo em casa da madrinha. Era muito amiga da avó Bárbara...era assim que eu e os meus...

os filhos de Catarina e Alberto –, quer dizer, eu também a tratava por avó - confessou envergonhada.

Ele anuiu e com o olhar encorajou-a a continuar.

- Gostava da avó, e da condessa também. Protegiam-me das fúrias da minha madrinha e a condessa contava-me coisas indecentes...- e riu-se ao lembrar-se da devassa verbal de Carminda.

- Estou a ver...- disse ele com malícia. – Bom, deve estar cansada. Vou deixá-la, e recolher-me aos meus aposentos.

E nisto deu-lhe um beijo na testa afastando-se em direção à porta com passo rápido.

- Quem é você? Quem é o verdadeiro Alex? – perguntou ela quando ele já estava entremeio da porta prestes a fechá-la atrás de si.

E ficou de olhos bem abertos na esperança que ele voltasse atrás e respondesse. Não queria que ele fosse embora, não ainda.

Alex voltou-se ligeiramente para trás, retrocedeu e entrou de novo na sala e aproximou-se de Helena ficando a uma distância segura.

- Sou apenas o Alex Steel – e sorriu-lhe.

- Não...quem é você de «verdade»? Já que todas as pessoas que conheci hoje, não são o que dizem ser...será que...

Sentiu-se uma idiota sem conseguir terminar as frases, mas tinha percebido que naqueles tempos poucos eram o que diziam ser. Nem Alex devia ser espião, já que também não era barão. Farsas. Tudo era uma farsa.

- Sou um homem simples...apesar de não parecer. – esquivou-se à pergunta daquela forma.

- Tudo...menos simples. Não sou tola Alex.

Alex avançou mais e ficou a centímetros dela.

Helena ouvia e sentia a respiração dele na sua testa. Ele envolveu-a nos braços e ela deixou. Sentiu como se estivesse no refúgio mais seguro da sua vida. Nunca se tinha sentido tão protegida, apesar do ridículo da situação. Helena levantou os olhos que embateram nos dele, calmos e serenos.

Uns lábios quentes e doces baixaram sobre os dela fazendo-os entreabrirem-se. Helena fechou os olhos e deixou-se beijar. Naquele momento deixava-o fazer o que quisesse do seu corpo. A razão dizia-lhe para o empurrar, mas o seu corpo, repleto de hormonas, clamava pelo dele. Alex afastou os lábios dos dela e disse:

- Minha querida espia, quem me dera ser o Ricardo Santana. – e voltou a beijá-la com mais força. – Pois é nele que você pensa.

E nisto foi abrir a porta. Ouvira-se bater suavemente. Era Francis que o chamava.

- Senhor tem uma visita no escritório.

- Vou já.

Voltou-se para Helena que ficara estática, junto à janela onde ele a beijara, qual estátua paralisada e a reconhecer que ele tinha razão. Sentia tanta falta de Ricardo que já confundia os sentimentos.

- Durma bem meu anjo. Tenho deveres para com o meu país. Até amanhã.

**

Não via Ricardo há três meses mas, ao ser informada por Alex que ele fizera de tudo para a encontrar e que lhe deixara essa missão, sentiu que ele a amava e, apesar de os ligar laços de sangue, estava disposta a lutar por ele. Mas agora não tinha como o fazer.

Subiu as escadas de mármore rosa, até ao segundo andar do palacete, na ala norte e decidiu ir dormir.

Na manhã seguinte ia visitar os pais e contar-lhes o seu estado, uma vez que em algumas semanas não iria conseguir esconder a barriga.

**

Entretanto Catarina e Alberto discutiam.

- Estou arrependida de ter hostilizado Helena. Talvez o meu filho ainda aqui estivesse se... Deus sabe o que ele está a passar!

- É tarde para arrependimentos, minha irmã. Devia ver no que Helena se tornou. Está noiva...

- Noiva!

- Do barão de Sintra, aquele que comprou o título.

- Coitado de Ricardo...afinal não me enganei a respeito dela. Cadela. É o que dá alimentarmos gentinha.

- Veja como fala! A minha irmã esquece-se de quem ela é?

- Não Alberto! Você é que se esqueceu de quem era, e dela também. Se estivesse aqui a Márcia e os seus filhos não falaria assim comigo. Você é um hipócrita!

- Ora querida irmã, você tem a sua parte de responsabilidade nesta história. Ou não?

Catarina não respondeu e virou as costas ao irmão encenando um sorriso cínico. Alberto virou as páginas do jornal inglês que estava a ler e deitou um olhar ao cunhado, sempre muito calado, como se não os estivesse a ouvir.

Sentado a um canto, José Luís, bebia um cálice de Porto pensando no filho que, nesta altura, estaria em Moçambique com a guarnição do navio, à espera do desenrolar da Guerra em Timor. A ocupação pelos japoneses era uma ameaça constante e, a pressão por parte do governo australiano e holandês, para que Portugal tomasse partido na defesa da colónia era muita. Mas, o ministro dos negócios estrangeiros português, António de Oliveira Salazar, não queria pôr em causa o acordo de neutralidade na guerra e teimava em não tomar partido. A neutralidade estava a encher os cofres do estado. José Luís Santana conhecia bem António Salazar e o seu pensamento, sabia que jamais iria pôr em causa a cooperação discreta com a Alemanha quando o país continuava a fornecer carvão, volfrâmio, e conservas de peixe enlatadas para alimento das tropas alemãs. O que era certo, sabia o comendador, é que ele já tinha os cofres do estado bem recheados à custa da guerra e do ouro dos judeus refugiados; e que a neutralidade era apenas uma jogada de uma raposa astuta, para obter lucros à conta de um conflito que era tudo menos legítimo.

Era contra a injustiça que Ricardo lutava desde o tempo de faculdade e, por isso, foi expatriado ao serviço do país como castigo. Temia morrer sem voltar a ver o filho em liberdade, mas não o podia censurar por ser um homem digno e justo, já que ele próprio nunca conseguiu levantar a voz contra injustiças e ditadores, a começar pela sua própria casa quando aceitou durante toda a sua vida de casado, os caprichos de Catarina.

O Natal aproximava-se e era mais um ano em que a família estava separada por opiniões políticas e pela geografia. Ao ouvir a esposa e o irmão a discutirem sobre a filha renegada do cunhado e da sua amante, lamentou pertencer àquela família de gente mesquinha e interesseira e nunca ter tido a coragem para se divorciar da esposa, sabendo que se o fizesse lhe arruinava a vida. Catarina e o irmão, eram tudo menos pessoas justas e solidárias com o sofrimento dos outros, conforme apregoavam.

José Luís levantou-se com dificuldade da cadeira onde lia os jornais estrangeiros que recebiam semanalmente, e voltou-se lentamente para a esposa e para o cunhado que estava ali apenas de passagem.

- Desejo-lhe boa viagem até Bordéus, meu cunhado. Vou descansar que a minha idade já não me permite grandes emoções...

Catarina não respondeu. Era um alívio o marido retirar-se para o seu quarto. Já Alberto Cabral tinha alguma simpatia pelo cunhado, sobretudo porque ele nunca emitira opinião sobre o que eles fizeram com Helena, criando-a dentro da sua casa, sem nunca lhe fazer qualquer reparo e ainda por cima devotando-lhe a afeição que ele, pai, não conseguia ter por ela. Alberto estava agradecido por isso, caso contrário a sua carreira diplomática tinha sido arruinada assim que começou e, não havia nada mais importante que ele próprio.

- Boa noite meu cunhado. – respondeu Alberto. – Tenha uma noite descansada na graça de Deus.

José Luís encetou um passo débil apoiado na bengala. Mas antes de sair da sala, olhou uma ultima vez Catarina que bordava no seu tear de mão, e para Alberto embrenhado na leitura e disse:

- Não há maior desgosto na vida que saber um filho morto ou desaparecido. Não sei do meu filho Ricardo, mas você, Alberto, sabe onde estão os seus. Quanto a Helena, que sempre foi considerada por mim como sendo da família, parece-me que vocês a consideram um estorvo. É uma rapariga de garra, astuta e bondosa. Tenho pena que não venha a ser minha nora...mas fico contente que ela tenha encontrado um homem que a faça feliz. Ela merece.

E saiu fechando a porta atrás de si, deixando os dois irmãos a olharem um para o outro com rancor, Catarina por o irmão lhe ter dado aquele fardo, e Alberto por ela ter escorraçado a sua filha daquela forma. Nenhum dos dois queria a rapariga por perto, mas acusavam-se mutuamente da sorte da jovem.

RICARDO CABRAL SANTANA



Há dois meses que estava em Timor. Fora enviado diretamente de Moçambique, onde ficou no navio João Belo, no qual tinha esperança de permanecer. Mas, ao aportar, foi imediatamente colocado noutro barco com destino a Timor. Queriam ter a certeza que não voltava para Portugal, e com a movimentação de guerra em torno de Timor era impossível arranjar qualquer transporte civil para Portugal. Os mares e oceanos estavam pejados de navios de Guerra e nenhum outro barco se atrevia a cruzar as suas águas.

Ricardo passava os dias nas instalações do exército português em funções de secretaria, e a sonhar com a forma de escapar dali. Há uns anos daria tudo para estar longe de casa e em paz, sem as maquinações da mãe e sem a polícia de vigilância nos seus calcanhares. Mas hoje não se importava de estar em Lisboa só para poder ver Helena.

Ricardo fechou o “The Evening Post” e suspirou. De tédio e desconforto. Era Novembro e o calor era intenso naquela parte do planeta. Sentiu saudades do frio de Portugal. Do frio da época de Natal. Nem nos anos que permanecera em Angola sentira tantas saudades do país, mas, agora tinha um motivo forte para querer voltar: Helena.

Cada dia que passava desesperava por saber notícias de Helena. Há dois meses que lhe tinha enviado uma carta e, até agora, não recebera qualquer resposta. Com o rebentar do conflito bélico em Timor, e as movimentações dos japoneses no pacífico em redor da ilha, sabia que era difícil a chegada de qualquer notícia.

**

Faltavam umas semanas para o Natal e as saudades consumiam-no. Sentia falta daqueles olhos verdes, argutos e rebeldes, da silhueta cheia que ao passar deixava um rasto de perfume lavanda no ar.

Helena era uma flor silvestre mas com a sofisticação e a beleza de uma camélia de jardim. Ricardo recordava a meninice dela e o seu interesse por tudo o que existia dentro dos livros, no mundo e dentro da mente das pessoas. Até que um dia teve que partir e esqueceu-se da pirralha que o perseguia pela casa em busca de atenção e conhecimento do mundo. Quando se recorda desse tempo não consegue deixar de esboçar um sorriso ainda que o cenário não seja para rir. Aqueles tempos eram de felicidade pura e sem entraves. Ele era jovem e idealista e ela uma criança quase mulher que o idolatrava.

Terminara de ler um comunicado do governo português a indicar que não se opunha a que os australianos e os holandeses defendessem a ilha se necessário, se a soberania fosse sempre portuguesa, caso o japão invadissem o território timorense. Ricardo temia que o panorama fosse mudar em breve, havia suspeitas que o japão preparava algo em grande.

Ricardo pegou em papel de carta e começou a redigir uma para Helena endereçada à morada de Alexandre Steel.

Era o dia seis de Dezembro de 1941, e começou por descrever a paisagem e o que de mais bonito existia à sua volta. Em cinco semanas a carta talvez chegasse ao destino, perto do Natal, e Helena ia ficar a saber de todo o amor que ele lhe devotava. Ricardo fez as contas por alto e dali a um ano estaria em Portugal de novo, livre, por bom comportamento e por ter cumprido as suas funções enquanto “voluntário” na colónia.

Capítulo 6



Helena correu para os braços da mãe a refugiar-se. Sentia-se pequenina outra vez. Há três meses que não se viam e Alda sofreu calada o desaparecimento da filha como se não tivesse direito a reclamar. A família Santana tinha-lhe tirado esse direito sob pena de a mandarem prender por roubo, porque temiam que viesse parar aos jornais que o cônsul português em Bordéus, tinha uma filha ilegítima com uma senhora da burguesia Lisboeta.

- Minha querida filha – disse Alda enquanto lhe afagava o rosto e o cabelo. – Parece que cresceste nestes meses.

- De facto mãe, nem imagina quanto. Por dentro – e apontou para o peito com as lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto.

Limpou a cara, sorriu e perguntou de seguida:

- Mas conta-me mãe, porque saíram da herdade? A madrinha tem a ver com essa decisão...

- Tem. Mas deixa lá isso, eles já não podem atrapalhar a nossa vida, estamos muito longe deles. Olha o teu pai! – e apontou para Josué que se aproximava com um dos cavalos preso à arreata.

Josué prendeu o animal no galho da cerejeira de jardim e apressou-se a abraçar a filha.

- Minha filha! – e abraçou-a deixando escapar uma lágrima. – Desculpa o teu velho pai...

Josué arrependia-se de não ter pegado na mulher e na cachopa recém-nascida e fugido de Vale de Marias. Tinha evitado muito sofrimento à filha e à sua Alda.

- Não te preocupes pai. Eu estou bem, – mentiu – só estive a trabalhar, nada demais...vamos conversar?

Estava espantada consigo própria. Sempre imaginou que não conseguiria segurar as lágrimas quando encontrasse os pais depois de tudo

o que passou.

- Quero saber tudo sobre este sítio tão bonito – e levantou os braços em redor, rodando sobre si própria. Estava feliz, ou pelo menos parecia.

**

Algumas horas depois, Helena regressou a casa de Alex e trazia um ar de felicidade no olhar que até Francis percebeu.

O velho mordomo era muito astuto.

- Permita-me que lhe diga que está radiosa, senhora.

- Ah! Obrigado Francis. E o senhor Alex?

- O senhor está no escritório. Pede que a menina aguarde até à hora do jantar. Assunto sério – confidenciou baixando a voz.

Helena assentiu e dispôs-se a passar as próximas horas a ler na biblioteca. O tempo estava muito frio e sabia-lhe bem o quentinho da lareira. Já percebera que o papel de Francis era mais que o de um mordomo, na realidade Francis era o disfarce perfeito para as atividades de Alex, uma vez que também era inglês, mas os dois homens eram muito próximos, foi percebendo ao longo dos dias de convívio com eles.

Duas horas mais tarde Helena dirigiu-se à sala de jantar. Desde a noite anterior que não via Alex e era constrangedor ficar na presença dele. Mesmo sem querer corou ligeiramente quando o viu. O beijo não lhe saía da mente.

- Minha querida – e estendeu-lhe as mãos que recolheu entre as suas.
– Espero que não esteja assustada comigo.

- Obviamente que não - fez-se forte, mas com os joelhos a tremer.

- Helena. As notícias não são boas e não tenho outra forma de lhe comunicar isto.

Helena estremeceu. Será que acontecera alguma coisa aos pais?

- Os meus pais...- disse a tremelicar.

- Não é com os seus pais – tranquilizou-a.

- Ah...sendo assim fico mais aliviada.

- Os japoneses bombardearam *Pearl Harbour*. Afundaram a frota americana.

Helena sabia o significado dessa ação. Levou a mão à boca e abafou um grito de horror. Ricardo estava perdido. O pai do seu filho estava perdido.

Os Estados Unidos da América acabarão por declarar guerra ao Japão e iam entrar no conflito europeu. Tinha a certeza.

- A América vai entrar na guerra – constatou Helena.
- Os americanos vão entrar na guerra, disso não há dúvidas. Não podemos tolerar semelhante afronta. Mas a minha preocupação é com Ricardo.

Helena sentiu um estremecimento interno.

- Tem razão. Sabe alguma coisa?
- Sei que está em Timor. Até agora não recebemos correio. Mas vai chegar. Dentro de dias recebemos notícias – disse para a sossegar.

Entretanto sentaram-se à mesa, e a criada começou a servir a sopa de legumes. Alex aspirou o aroma vindo do prato. Tornara-se apreciador da comida portuguesa.

- Delicioso.
- Deliciosa.
- Como?
- A sopa diz-se deliciosa.
- Ah! Eu e o meu *protugues*.

Helena riu-se da forma como ele proferia as palavras. Alex tinha um sotaque muito acentuado e dizia que não iria conseguir aperfeiçoar a língua mais do que já sabia. Estava velho demais para aprender tanta palavra. O seu inglês era bem mais simples.

Helena tentava disfarçar o medo que sentia por Ricardo. Se ele não voltasse seria uma mãe solteira, renegada pela sociedade para o resto da vida.

- Helena vou viajar até a Inglaterra. Vou passar o Natal com a minha família e Francis vai comigo. Parto daqui a dois dias. Quero ter a certeza que fica bem. As empregadas cuidam de si e vou contratar dois homens para a protegerem.

- Sim claro. Faz muito bem. Agora já sei que os meus pais estão bem e muito perto daqui. Eles vão conversar com o senhor conde para que eu possa morar com eles e até trabalhar lá se for possível.

- Trabalhar não - disse brusco. – A menina vai estudar na universidade. Já tratei de tudo. E pode ficar a morar aqui. Aliás faço questão. Esta casa tão grande precisa de alguém como a Helena para lhe dar vida e eu devo passar muito tempo ausente. Francis precisa de uma jovem como você para conversar, por isso peço-lhe que fique.

- Agradeço, mas não é correto. Não posso ficar a viver às suas custas e não é de bom tom, uma jovem solteira morar na casa de um homem.

- Não é o caso, porque eu não vou estar aqui. Fica a estudar como é do seu desejo e, em compensação, toma conta da casa e do Francis quando voltarmos.

- Já fez demais por mim e Francis tem as empregadas que cuidam dele. E depois, desculpe, mas Francis está bem capaz de tomar conta dele próprio ainda. – ripostou. – É demasiado novo para que seja dependente de alguém.

- Aceite... – pediu com ternura. - Tenho a certeza que a guerra vai deflagrar e eu não sei se vou ficar aqui muito mais tempo. Aceite por favor. Helena...

E estendeu-lhe a mão por cima da mesa.

- Gostava tanto que estivesse aqui quando eu voltasse depois do Natal. Promete? – pediu ele.

- Prometo pensar com carinho no seu pedido, mas incomoda-me ficar na sua casa. Os meus pais ensinaram-se a ser independente e, ao contrário das mulheres portuguesas que dependem sempre de um marido, eu não quero depender de homem nenhum. Mas prometo pensar no seu pedido - voltou a repetir.

**

A casa onde os pais moravam, dentro da propriedade do conde, era o equivalente à casa do guarda no tempo da monarquia. Ficava por cima do pórtico da entrada na propriedade que dava acesso à quinta. Construída no século dezanove, no tempo áureo da realeza portuguesa, já vira melhores dias, mas, mesmo assim, era mais confortável que a casa onde viviam em Vale de Marias, pelo menos o chão não era de terra e o telhado estava forrado a madeira. Josué Silva já dissera a Alda que amealhara o suficiente para viverem numa pequena quinta e, só faltava ela concordar para que ele procurasse uma pequena propriedade para comprar. Alda queria esperar para ver o que a filha ia fazer da sua vida. Temia que a paixão dela por Ricardo tivesse sido fogo-fátuo, e que estaria encantada com o dito barão. Notava-lhe o pensamento ausente desde que o tal Alexandre tinha partido para Inglaterra e tal sintoma só podia ter uma razão: saudades.

- Filha, o que é que esse barão tem que te faz tão...ensimesmada?

- Ora mãe...impressão sua. Não tem nada. É apenas o meu patrão – defendeu-se.

- Pois sim. Já te conheço. E o senhor Ricardo?

- O que é que tem o Ricardo?

- Nada, mas antes de partir ele tentou procurar-te por todo o lado, brigou com o tio, com a mãe, até que ouvi dizer que o coitado tinha sido preso outra vez. Mas Helena, ele tem verdadeiro amor por ti...

- Ora mãe...ele pensa que sim. Eu também pensava. Ele confundiu as coisas e eu também. Não tenho amor por ninguém. Vou começar a estudar direito – aventou ao acaso para terminar com a conversa que estava a tomar um rumo que ela não queria.

- Com que dinheiro? – perguntou Alda aflita. Tudo o que tinha já lhe entregara há meses. – Guardaste o dinheiro que te dei?

- Claro. E Alex financiou o resto.

- Muito generoso esse patrão. Mais generoso que a tua...

- Que a minha família quer dizer, não é mãe? – disse abespinhada. – É verdade. Mas eles não são a minha família. Ouviu? Não são! Nunca serão!

Alda calou-se e Josué baixou os olhos para não chorar. Custava-lhe ver a filha, a criança que receberam com tanto amor, a sofrer por ter sabido da ignomínia dos seus progenitores de forma tão brusca e vil.

- Não são a tua família, não, filha. A tua família somos nós – acrescentou Josué. – Vai estudar sim. Se ele paga, é porque pode. Ouvi dizer ao senhor conde nosso patrão que ele é podre de rico.

- Pai! – protestou. – Eu não quero saber disso. O Alex é um homem muito generoso e bom.

- Claro, claro...- apressou-se o pai a dizer. – E quando voltas a viver connosco? Temos espaço que sobra aqui. O conde esteve aqui antes de partir para São Tomé e Príncipe, e disse que podias morar aqui. Temos o teu quarto preparado.

- Em breve pai. Vou pensar na vossa proposta de voltar, só preciso de resolver uns assuntos de trabalho que deixei pendentes e depois volto definitivamente.

Capítulo 7



Quando regressou ao palacete, depois do Ano Novo, recebeu a notícia que o barão tinha viajado para França e que deveria estar ausente várias semanas. Helena não conseguiu arrancar mais informações a Francis. A missão devia ser sigilosa e, ela remeteu-se ao silêncio a esperar pacientemente que ele voltasse.

As tropas alemãs enviavam judeus para os campos de concentração como quem joga cereais à terra, e Alex devia estar em missão de salvamento, mais uma vez.

Helena passava os dias entre os afazeres da universidade – onde o motorista a conduzia diariamente – e as visitas aos pais no palacete vizinho.

Cada dia que passava sentia-se mais impaciente. Só estava a salvo das más línguas da sociedade lisboeta, porque o isolamento de Sintra e do palacete, permitia-lhe salvaguardar o anonimato.

Há dois meses que frequentava a universidade e estava a chegar à conclusão que não tinha muito jeito para advogada. Os negócios chamavam-lhe mais a atenção. Via-se a administrar uma quinta, uma loja, um hotel, mas não a defender criminosos em tribunal. Quando Alex voltasse iria pedir-lhe conselhos sobre o que fazer da vida e, com alguma cautela, iria dizer-lhe que queria desistir, partir dali e talvez do país.

Ao entrar no portão do palacete o seu coração disparou. O carro de Alex estava estacionado na entrada. Ele chegara. Saiu do carro, apressada, sem esperar que o motorista lhe abrisse a porta e subiu os degraus dois a dois em direção à porta onde Francis a esperava, muito direito, no seu fato escuro de mordomo.

- O senhor barão já chegou – disse num ar solene.

- Já vi senhor Francis. Mas porquê esse ar de caso? Aconteceu-lhe alguma coisa. – perguntou ansiosa.

- Não sei senhora – mentiu.

Não podia contar-lhe o que sabia, o barão pediu-lhe para ser ele a comunicar-lhe.

Helena passou por ele, deixou os livros no canapé e correu para o escritório onde supôs que o encontraria. Abriu a porta de supetão e, deu com uns olhos verdes-escuros, ainda mais escuros que o normal, como se a escuridão tivesse baixado de repente ao seu redor. Correu para ele e lançou-se nos seus braços sem qualquer pudor.

Alex estreitou-a a si. Estava ainda mais bela do que há dois meses. Parecia mais velha, mais madura e muito feliz por o ver e um tanto mais cheiinha de corpo.

- Que saudades que tive de si – confessou. – Isso não se faz! Deixar-me tanto tempo sem notícias. – ralhou ela.

Alex riu. Apesar do que tinha para lhe comunicar, não conseguia deixar de rir da autenticidade daquela mulher que não tinha noção do efeito que tinha nele.

- Também tive muitas saudades suas – e afastou-se dela antes que não conseguisse controlar-se e a beijasse. – Sente-se Helena. Temos que falar.

- Quero saber tudo. Onde esteve? Prendeu algum espião?

- Não querida. Fui em missão a França, socorrer um grupo de refugiados em risco de serem apanhados pelas tropas alemãs. Estamos todos bem e a esta hora eles já estão em terras inglesas. Mas quero falar de outro assunto consigo: Ricardo.

Helena estremeceu.

- Que foi? Está incomodada com alguma coisa?

Ele percebeu o seu mal-estar, mas ela tinha vergonha de lhe confessar o seu estado. Só as suas formas redondas e o facto de ser inverno lhe permitiam esconder a gravidez por debaixo dos casacos largos.

- Não. Desculpe. São coisas minhas de que não quero falar. Mas o que tem Ricardo Santana?

- Desapareceu na batalha de Timor. Presume-se que possa estar morto – disse de chofre antes que perdesse a coragem.

- Oh! Meus Deus! – e deixou uma lágrima correr-lhe pelo rosto.

Amava aquele homem desde menina pequena. Era o seu professor, o seu amigo e mentor nas lides do pensamento e fora o seu amante durante duas semanas.

- Helena...- e estendeu-lhe uma carta.

Ela suspirou fundo, enxugou as lágrimas e olhou de frente para Alex ao mesmo tempo que pagava na carta e a guardava no bolso sem ver o endereço, mas tendo a certeza que era de Ricardo. Mais tarde ia lê-la no recato do seu quarto.

- Lamento imenso tudo o que ele passou e que eu passei... não queria vê-lo nem longe de casa, nem o saber morto ou desaparecido. Nem imagina o quanto ele me faz falta.

E chorava copiosamente sem conseguir controlar-se.

Alex manteve-se quieto esperando que ela se recompusesse, mas com uma dor a trespassá-lo. Ele amava-a a ela e, ela amava outro.

Helena levantou a cabeça, secou as lágrimas e sorriu com pouca vontade. Não queria mostrar a sua fragilidade perante ele.

- Não sabia que conhecia Ricardo tão bem?

- Uma longa história – disse. - Conheci Ricardo quando um dia, ao visitar uma das minas de diamantes que o meu pai possuía em Angola, me deparei com um branco a carregar cascalho com os negros. A pele clara destacava-se no meio dos outros homens e na paisagem, apesar de estar coberto de pó de terra vermelha.

- Aqui todos pensavam que ele vivia a cuidar de uma fazenda de café em Angola.

Alex abanou a cabeça negativamente.

- Dois anos depois de nos conhecermos ele comprou umas centenas de hectares e começou a produzir café e cacau, mas antes não tinha dinheiro senão para sobreviver. Ele é orgulhoso e não aceitava dinheiro da família. Suponho que conheça a história...

- Não. O padrinho era assunto pouco falado em casa dos Santana. Era uma espécie de filho maldito e adorado ao mesmo tempo. Não sei se me entende?

Ele anuiu.

- A minha mãe contou-me que ele se envolveu em política quando estudava, e começou a opor-se ao governo de forma aberta. Foi perseguido pela polícia e só escapou sem ser preso porque a família tem muita influência. Mas foi obrigado a sair do país, o pai dele obrigou-o. Disse que não o podia proteger mais sem que ficassem todos em perigo, e que o melhor para a família era ele embarcar num navio rumo a Angola.

- *Richard* é republicano e pela democracia, não aceita esta ditadura – esclareceu Alex. - Vou guardar sempre as memórias dele no meu coração.

É um bom amigo, leal. Sabe que ele duplicou os lucros da mina em dois anos, para além de ter melhorado a vida das pessoas que lá trabalham? Construiu uma escola, uma igreja e deu assistência médica e social às famílias. Um bom homem.

- Sabe Alex, ele nunca falava da sua vida e a família também não. São pessoas muito reservadas e com verdadeiro horror a escândalos.

- Eu sei. Ricardo contou-me também sobre si, sobre os dois. Antes de partir para Timor, arranjou forma de a proteger. Helena o dinheiro para os estudos é dele, foi ele que deixou esse fundo no banco para você poder estudar. Pediu-me que a protegesse com a própria vida, e eu prometi. Devo-lhe isso.

Helena pousou os olhos no chão e sentiu uma dor nas costas. Os músculos contraíram-se de tanta dor. Estava longe de imaginar que ele se importava tanto com ela.

Estava grávida de Ricardo e, umas vezes parecia amá-lo e, outras amar Alex. Sentia-se perdida entre dois homens, quando, um deles poderia estar morto.

Respirou fundo e perguntou:

- Não imaginava..., mas que dívida é essa?

- Ele salvou-me de ser assassinado. Ser dono de mina de diamantes não faz amigos, sobretudo quando o anterior proprietário não se importava com as condições de trabalho dos homens, não sei se entende? Devo-lhe a vida e uma fiel amizade. Depois chegámos os dois à conclusão que estávamos contra esta guerra que assola a Europa e ficamos do mesmo lado. Somos espiões. E agora a Helena também faz parte disto tudo, do nosso mundo.

Helena estava muda. Nunca imaginara que Ricardo também fosse um espião.

- Presumo que isto seja informação classificada? Gracejou.

- Verdade. Mas não conseguia partir sem dizer a verdade sobre Ricardo e como o conheci. Não sei o que vai suceder na guerra.

Helena inquietou-se.

- Partir? Mas partir como? Para onde?

- Devo partir em breve. Ainda sou oficial do exército e voltei a oferecer-me como voluntário. Mas talvez ainda demore uns meses a ir.

- Assim que souber mais notícias de Ricardo, informo-a.

- Obrigado. Oxalá ele esteja bem-disse ela com receio.

- Vamos jantar? A cozinheira esmerou-se na ementa.
Ela assentiu, e ele deu-lhe o braço, até à sala de jantar, onde Leonor e duas criadas os esperavam para os servir.
- Já te disse como hoje estás linda?
Helena corou ao olhar para ele por cima da mesa.
- Desculpa. Não tenho o direito de te dizer estas coisas. Mas é que...
- Obrigado Alex. Nunca vou esquecer o que fez por mim. Nunca o vou esquecer e muito obrigado por tudo, até por me elogiar.
- Vamos ficar por aqui, senão choramos os dois, e eu quero ficar com uma boa recordação de nós e da nossa aliança – disse ele.

**

Entretanto, no Príncipe Real^[15], Carmina Vilhena terminava de jantar. Saiu para a varanda onde avistava o rio Tejo e recostou-se numa cadeira de vime enquanto acendia a sua cigarrilha. Aquele pequeno prazer ninguém lhe tirava. Era detentora de uma enorme fortuna e tinha que decidir rapidamente a quem a deixar. O tempo fugia-lhe sem que ela pudesse fazer algo para o parar. Enquanto deixava o fumo fluir, através da boca, para o ar frio da noite fazendo nuvens brancas, sentiu uma corrente de ar gelado a trespassá-la - era a morte a avisá-la que não tardaria a vir buscá-la.

Tinha que se apressar, em breve estaria junto a Frederico o seu amado e, nunca mais se iriam separar.

- Minha senhora venha para dentro. Está demasiado frio aí fora, a brisa do rio não é boa para o seu corpo – disse-lhe a fiel criada de tantos anos.

- Já não existe nada que me derrube Antónia, só mesmo a morte. Uma simples brisa noturna não é suficiente para me matar.

- Eu sei que a senhora condessa se faz muito valente, mas depois quando adoecer sou eu que tenho que aturar o seu mau feitio.

- Foi para isso que te paguei muito bem todos estes anos, mulher rabugenta! Já te esqueceste porque não casaste? Ninguém te aturava.

- Já a senhora não casou outra vez porque é tão teimosa como uma mula velha.

- Vê como falas, ainda te despeço! – vociferou.

- Olhe que era um favor que me fazia, pensa que é fácil de aturar? Fique sabendo se me mandar embora fica aqui sozinha até as ratazanas lhe fazerem companhia.

As duas mulheres viviam sob o mesmo teto há quarenta anos. Antónia era a criada de confiança de Carminda e devotava-lhe uma lealdade canina, mas há muito que lhe perdera o respeito.

- Venha senhora... - pediu com paciência. - Chegou uma carta da família Santana – a criada estendeu-lhe a missiva em papel branco com dois traços pretos a um canto.

Uma carta de luto. Mesmo antes de a abrir Carminda já adivinhara o seu conteúdo.

**

Carminda recordou Frederico com saudade. Já perdera o avô e agora o neto. Ricardo era o menino dos seus olhos, o retrato vivo de Frederico Cabral, não podiam existir duas pessoas mais parecidas e, sempre que o olhava retrocedia no tempo e voltava à sua juventude.

Depois de ler a carta enviada por Catarina, apenas sentiu o embate com a madeira do chão, antes da escuridão a abraçar.

*

- Está a acordar. – disse a enfermeira.

Carminda sentia a cabeça zozza e o corpo pesado, tão pesado que não conseguia erguer-se na cama.

Aos poucos, a velha condessa, recordou-se do que lhe tinha acontecido e, ao ver uma figura branca debruçada sobre si deduziu que estava no hospital.

- Antónia...- disse com a voz muito fraca.

- Sim, minha senhora. Está tudo bem. A senhora só desmaiou.

- Não acredito que o meu menino morreu...- e chorou copiosamente.

- Não se sabe senhora, o corpo não apareceu. Aquele é tão ruim que nem os bichos o querem.

- Ricardo só tem um defeito - balbuciou Carminda.

Junto à mesa de medicamentos, a enfermeira preparava uma injeção de sedativo e fez sinal à empregada que se afastasse.

- Antónia...chama o meu advogado e ele que venha prevenido. Quero alterar o meu testamento quanto antes. Já não tenho herdeiro.

- Ora senhora! Ainda bem. Dê tudo à igreja que faz bem aos pobres, onde já se viu deixar tudo àquele peralvilho, que dorme com tudo o que tenha duas pernas e um buraco no meio delas.

Escandalizada com a conversa entre as duas mulheres, a enfermeira chamou o médico e pediu-lhe que pusesse a criada fora do quarto do

hospital.

- Volte amanhã. A sua senhora vai dormir durante umas horas. Nós cuidamos dela. Ah! E chame a família, ela tem um coração muito fraquinho. Têm que se preparar para o pior. Sofreu um grande choque. – disse-lhe o medico à saída da enfermaria.

- Valha-me Deus! A minha senhora, não tem mais família, o único familiar era o afilhado que morreu na guerra, lá para as índias...sou eu que cuido dela. Só eu! – gritou.

Tinha que chamar o advogado da senhora antes que sucedesse uma tragédia. Há anos que ela a tinha instruído sobre esse assunto.

Capítulo 8



11 de Novembro de 1942

O dia amanhecera chuvoso e frio. O inverno estava à porta, e os dias em que circulava livremente pela mata entre o palacete do barão e o do conde, onde os pais trabalhavam, terminaram.

Soube por Martinho, que a família Santana estava num grande pesar e, o facto de o corpo não aparecer dificultava o luto. Chorar um morto sem corpo presente, não aliviava o sofrimento. Ninguém aceitava a morte de Ricardo, nem ela. Ricardo era um vencedor, ia sair daquela guerra ileso, costumava pensar muitas vezes ao dia. As saudades, chegavam a doer.

Entretanto soube também que Catarina perdera a altivez e chorava pelos cantos da casa, escondida. José Luís, curvava-se cada vez mais sobre o desgosto e a culpa que sentia, por não ter defendido capazmente aquele filho. Martinho disse a Helena que temia que o patrão não aguentasse até à primavera do ano seguinte.

Helena não era mulher de baixar os braços a dificuldades e muito menos de se deixar abater por desgostos. Abriu o jornal inglês que Alex recebia todas as semanas e concentrou-se na leitura. O jornal estava datado de quase uma semana atrás. Tinha escrito.

«Hoje, dia 11 de novembro de 1942, alemães e italianos invadiram o território francês, quebrando o armistício de 1940. Um dia antes, Hitler havia em vão convidado a França a lutar contra ingleses e americanos.»

Helena estremeceu. Ali estava o motivo pelo qual Alex parecia tão agitado, quando largou o jornal em cima da mesa de apoio ao vê-la entrar na sala para tomar o pequeno-almoço, ontem de manhã. Continuou a ler.

«Com a invasão da Polónia em 1939, Adolfo Hitler deu início a uma nova fase na sua política externa. A partir de então, o mundo deveria ser reestruturado como ele queria, o espaço sonhado pelo Führer deveria ser

enfim construído e os adversários derrotados deveriam ser subjugados, com o objetivo de edificar finalmente o sonho nazi de domínio do mundo.»

"O espaço adequado à grandeza de uma nação é o fundamento de todo poder. Por um tempo, pode-se abdicar dele, mas chega a hora em que a solução do problema aparece, de uma forma ou de outra", declarou Hitler aos seus generais em meados de 1939, acrescentando que outras vitórias não seriam *"alcançadas sem derramamento de sangue"*.

«Depois de derrotar a Polónia, Hitler fez uma proposta de paz à Inglaterra e à França, durante um discurso na sede do governo alemão, a 6 de outubro de 1939. O acordo deveria considerar as conquistas já alcançadas pelo regime nazi. As duas potências ocidentais que ao aceitar a oferta estariam abdicando de qualquer influência na constelação das relações de poder na Europa, rejeitaram a proposta.

Com arsenal insuficiente e sem a menor vontade de entrar no conflito, a França esquivou-se da guerra mantendo-se dentro dos limites da Linha Maginot, uma imensa linha de fortificações e trincheiras, construída em 1930, próxima à fronteira alemã. Os franceses resumiam a sua participação bélica a voos ocasionais de reconhecimento sobre o vizinho território alemão. Grande parte do continente europeu já se encontrava ocupado pelas tropas alemãs. Mas a partir deste dia a França não pode continuar a ignorar o inimigo como se ele fosse invisível e inofensivo.

Hitler encontrou-se com o primeiro-ministro francês, Laval, a 10 de novembro. O Führer convidara-o a Munique, com o propósito de sondar se o governo francês de Vichy estaria disposto a lutar ao lado dos alemães, contra ingleses e americanos. A tentativa foi vã. A França não estava disposta. Um dia depois a 11 de novembro de 1942, as tropas alemãs e italianas ultrapassaram a linha de demarcação das regiões de paz e invadiram a parte ainda não ocupada do território francês.

Os franceses reagiram com veemência. Embora o marechal Pétain tentasse atenuar os efeitos da ocupação, através de concessões, os impulsos de resistência vieram rapidamente à tona em todo o país. Os patriotas franceses, com o exército da Resistência, que se mantinha escondido em regiões intransitáveis, para dali empreender ataques armados contra o regime nazi alemão, surgiram em defesa da França ocupada. O Reino Unido mostrou disposição de ajudar, fornecendo armas

e munições às milícias francesas. A França e a Inglaterra declararam guerra à Alemanha...»

Helena pousou o jornal cuidadosamente no mesmo local onde o encontrara. O estômago estava às voltas e os músculos da nuca quase se partiam tamanha era a rigidez. Quando tudo parecia estar a serenar, a maldita guerra estava mesmo ali para destruir a vida de todos. Ouviu passos pesados no soalho do corredor e a porta abriu-se revelando Alex enfiado num sobretudo quente e com um chapéu de feltro a proteger a cabeça. Entre os dedos, um cigarro que apagou de imediato no cinzeiro da mesa de apoio.

- Desculpe – disse ela comprometida.

- De quê? – perguntou ele enquanto pousava o casaco e o chapéu em cima da poltrona. – Pede desculpas muitas vezes – observou ele.

- Eu sei. Mas ainda me sinto uma intrusa na sua casa. Aliás...

Os olhos de Alex pousaram no jornal. Sabia que ela lia bem em inglês e já devia ter lido as notícias.

- Presumo que já sabe que a guerra está no sul de França.

Ela concordou.

Alex serviu-se de uma dose de whisky e perguntou-lhe se queria.

Helena recusou e começou a caminhar em direção à porta da sala com intenção de se recolher ao seu quarto.

- Não vás Helena. Temos que conversar – e sorveu um grande gole da bebida almiscarada para lhe dar coragem.

Alex denunciava o seu estado físico. Pálpebras pesadas e olhos vermelhos, sinal que passara as últimas noites em redor do rádio na cave, mas o que incomodava mais Helena era o olhar distante dos últimos dias. Interpretava isso como aborrecimento pela presença dela ali. Estava a ser tonta, sabia. Alex não era homem de mandar recados ou indiretas, muito menos de usar o seu semblante carregado à espera que ela adivinhasse o que incomodava.

- Tens alguma coisa a incomodar-te? – perguntou-lhe ela.

Já se habituara a ler-lhe os sinais faciais, e hoje verificava que a testa estava franzida.

Helena ora o tratava por tu, ora por você e com parcimónia, como se não soubesse muito bem ainda como se situar perante ele.

- Vou ter que partir dentro de uma semana. Tenho que tomar o meu lugar no exército. Chamaram-me de volta. Os meus serviços não são mais

precisos como agente secreto e a mobilização é obrigatória para todos os homens jovens. Eu...

- Vais combater em França? – perguntou com o queixo a tremer.

Helena emocionou-se. Todas as pessoas de quem gostava a desiludiram ou desapareceram. Uma lágrima escapou-lhe e ela virou-se de costas olhando através da janela como se o que se passava na rua a interessasse muito.

Sentiu uns braços à volta da cintura grossa, e aquele cheiro, tão delicioso e inebriante. Deixou-se abraçar e as lágrimas correram mais velozes. Alex espreitou-a por cima do ombro, com a face encostada à dela enquanto a abraçava só com um braço e com a outra mão lhe limpava as lágrimas.

- Não chores querida...ainda és muito jovem e podes ser feliz com alguém. Quem sabe Ricardo aparece? – e afagou-lhe a barriga proeminente.

Afastou-se dele e com os olhos a denotarem mágoa disse:

- Obrigado. Tenho a certeza que sim, ele é um vencedor e um sobrevivente. Quando for embora por favor avise-me – e saiu com rapidez para o corredor esbarrando em Francis à saída, incapaz de conter as lágrimas.

- Desculpe – e preparou-se para correr até ao quarto e arrumar as suas coisas. Não ia ficar ali para o ver partir.

Amava-o.

- Senhora espere...- pediu Francis com delicadeza.

Helena deteve-se junto aos degraus da escadaria de mármore que dava acesso à ala norte.

- Desculpe. Acho que hoje estou propensa ao desastre. Diga...

- O senhor Martinho está ao telefone, quer falar com a senhora.

- Ah! – e dirigiu-se à saleta onde estava o aparelho de telefone.

Prevendo que não fossem boas notícias Francis e Alex seguiram-na sem se preocuparem com a indiscrição, parecendo um casal de pais preocupados a ouvir as conversas dos filhos à socapa.

Quase a chegarem à saleta, olharam um para o outro e Francis franziu o cenho a Alex.

- És mais cego que uma toupeira – disse o velhote.

- Mas a que propósito vem essa observação...tão...

- Eu sei que os pais são uns chatos, sobretudo quando os filhos são adultos..., mas gostaria de ver-te feliz como qualquer homem da tua idade. Dedicaste demais aos outros.

- Ora! – desvalorizou. - É melhor o senhor não falar muito alto, ainda chega ao Vaticano os meus dotes de bom samaritano e canonizam-me e, de santo é que eu não tenho nada.

- O senhor é o melhor patrão que eu já tive, a seguir a mim próprio. Tenho sessenta e sete anos e os que conheci até... trabalhar para si, garanto-lhe que eram bem – hesitou -, maldispostos e egoístas – disse ironicamente.

Alex riu-se do humor negro de Francis.

E ali estavam os dois à porta, sem coragem de a abrir, à espera de ouvirem o que se passava, pela urgência que o mordomo dos Santana tinha em falar com Helena.

A porta abriu-se e os dois ficaram sem saber onde colocar as mãos e o que fazer com os pés. Dois tontos apanhados a espiar à porta. Mas, em menos de um segundo, estavam os dois virados para ela, como dois cachorros à espera de um osso, na expectativa de saberem novidades.

Helena arqueou uma sobrancelha e olhou com mais atenção para os dois homens. Alguma coisa não estava certa. Mas também podia estar a ver mal.

- Que foi? O que fazem aqui os dois? – perguntou azeda.

- Nada minha senhora...quer dizer – pigarreou – estávamos preocupados, o mordomo dos Santana disse-me que fez muitas diligências para a encontrar.

- Ah...compreendo.

- E...? - perguntou Alex.

- A condessa Carminda morreu.

- Ah... - suspirou Alex aliviado. – Pensei que tivessem encontrado Ricardo...quer dizer – apressou-se a emendar – morto, encontrado o Ricardo morto – repetiu atabalhado e sem conseguir emendar os disparates que acabara de dizer.

Alex não queria saber se Ricardo estava morto, mas se estivesse vivo, que ficasse bem longe de Lisboa. Ainda tinha esperança de conquistar Helena e de bom grado perfilhava aquela criança que ela carregava no ventre e a qual lhe escondera até há umas semanas atrás.

- Claro – disse Helena com uma enorme vontade de rir, embora o caso não fosse para graças.

- Foi melhor assim. – disse Francis afastando-se pelo corredor sem explicar o que queria dizer com aquilo.

- Valha-me Deus! Vocês estiveram a beber?

- Não. Mas acompanha-me num cálice de Porto na sala antes de jantar? – perguntou Alex. – Temos que falar.

Capítulo 9



O funeral de Carminda Vilhena quase tinha honras de estado, apesar do disfarce para parecer um funeral normal. Além dos Santana todas as famílias ricas e com títulos de nobreza estavam presentes.

Helena caminhava de braço dado com Alex e, à medida que o cortejo fúnebre avançava, apercebia-se dos olhares curiosos das pessoas, para além de uma exclamação ou outra menos contidas.

Alex sorria entre dentes e cochichava ao ouvido dela, quem eram as figuras de homens desconhecidos que ali estavam. Espiões alemães e gente da nobreza da europa.

- Carminda era espia. Todos os serviços secretos sabiam isso. Era uma espia implacável. Foi ela que denunciou Ricardo para o afastar de ti.

- Oh! Valha-me Deus! Alex, não pode ser! Mas porquê? Ela parecia incentivar-me a...sabe...que confusão!

- Pois. Na verdade, ela tinha a vida dela ligada aos Santana há muitos anos.

E Alex prosseguiu a contar-lhe pormenores sórdidos da vida da espia portuguesa mais alemã que vivia em Lisboa. Helena ouvia atentamente as revelações e dava graças de ter estado afastada da cerimónia fúnebre. Alex arrastara-a para uns metros de distância, até que o funeral saiu da capela do palacete de Carminda. Os olhares que Catarina lhe mandava quase a fulminavam de tanta raiva. Se ela soubesse que o filho foi preso por causa da condessa talvez não estivesse ali tão chorosa.

Catarina olhava o par formado por ela e Alex com um misto de desdém e arrependimento, o que não passou despercebido a Helena, nem a Alex. Se ela soubesse que aquele homem, não era nem nunca fora seu noivo, muito menos seu marido e, que o filho que carregava no ventre era seu neto, talvez mudasse de ideias quanto a ela.

- Não deixa de ser irónico – disse Helena acerca de Carminda. - Esta mulher, que parecia a mãe cuidadora de todos, era na verdade pérfida ao ponto de mandar matar quem se atravessasse no seu caminho. Será que ela queria Ricardo para ela?

- Sem dúvida, mas nunca conseguiu. Ricardo era a personificação viva do avô, a quem Carminda amara desesperadamente.

- Não estou a ver Ricardo a envolver-se com...

- Uma velha com idade para ser sua avó. Claro que não. Ela tinha uma substituta que colocava no seu lugar e assim manobrava os dois, ou pelo menos manobrava um, Ricardo, era um osso duro de roer.

- Isabel Carmona.

- Claro. Acertou – e deu-lhe uma palmadinha afetuosa na mão. – Vamos para casa. Já chega de funerais e de gente perversa e a menina precisa de descansar.

**

Os pais estavam dispostos a acompanhá-la. Nada os prendia em Portugal e a ela também não. Far-lhe-ia bem mudar de ares e ver pessoas novas. Já se imaginava a montar uma pequena padaria com pão caseiro, num bairro chique da cidade, e a viver do seu trabalho e a cuidar do filho. Na América ninguém a olharia de lado por ser mãe solteira. Mas antes tinha que deixar a criança nascer. Não podia correr o risco de o parto ser num navio.

- Em que pensas?

Não tinha nenhum mal, mas não se conseguia desligar da educação rígida e das recomendações da madrinha: não mentir. Mas não, não ia mentir, isso nunca. A verdade acima de tudo, mesmo que fosse contraproducente.

- Em ti. Em nós. Em Ricardo. No destino, e nos desencontros da vida. Em como eu amo Ricardo e tu me amas...

E não teve coragem de dizer que se achava a mulher mais pecadora à face da terra, porque também o amava a ele. Amava dois homens com a mesma intensidade e pelos mesmos motivos.

Alex baixou os olhos para o tapete. Não era um homem fraco, mas fora atirado ao chão por uma jovem com vinte e dois anos. Não era justo declarar-lhe o seu amor quando podia morrer e ela tinha outro homem na cabeça.

- Helena...eu não sei se estou vivo daqui a dois meses.

- Nem eu. Posso morrer ao ter a criança.

Uma bater suave na porta indicava a entrada de Francis.

Numa bandeja de prata o mordomo trazia uma carta que estendeu a Helena.

Capítulo 10



- Então? Que diz a carta? – perguntou Alex. – Pareces transfigurada? Helena?

Helena não queria acreditar no que os seus olhos liam. Lentamente, como se estivesse petrificada, estendeu-lhe o papel para que ele próprio lesse. Tinha um nó na garganta que a impedia de dizer o que quer que fosse, apesar de lhe apetecer tecer uma quantidade de impropérios à mulher que a manteve prisioneira e quase destruiu a sua vida.

Que interesse, ou que ódios, ela poderia suscitar na condessa? No que é que a sua reles pessoa, filha de jornaleiros, poderia prejudicar alguém que dizia querer-lhe bem e, de súbito, passou a querer lesar a sua vida daquela forma. Helena tinha dúvidas sobre a verdadeira personalidade da proprietária do bordel, cuja mente tortuosa era um mistério.

- Diz aqui que és beneficiária do testamento e que tens que estar presente na leitura para que possas receber a herança.

Helena assentiu.

Para Alex também era uma novidade, o que levava a velha espia, a mulher mais manhosa ao serviço do Reich em terras lusas, a incluir no seu testamento a jovem que ela protegeu toda a sua vida e depois tentara destruir? Qualquer coisa lhe escapara sobre a espia.

- Acompanho-te.

- Como? - perguntou distraída.

- Ao palácio no Príncipe Real.

- Ah! Obrigado.

- Então vamos. Passamos o dia em Lisboa.

Mas o que ele não lhe revelou foi que aproveitava para se despedir dela e da cidade, pois no dia seguinte partia para Londres sem data de regresso e, temendo nunca mais voltar a vê-la. A guerra era traiçoeira e

nenhum soldado tinha a garantia de sobreviver, mesmo que fosse um oficial de alta patente.

Alex dispensara o motorista e conduzia o carro preto pelas ruas da cidade subindo até ao Príncipe Real. Estacionou em frente ao jardim do bairro e saiu para lhe abrir a porta. Antes que ele desse a volta ao carro, Helena saiu e negou-se a aceitar aquele gesto de cavalheirismo.

Alex ficou surpreso ao olhar para ela, mas sorriu. Já estava habituado à garra dela, uma mulher que lutou com tanta veemência para escapar das malhas de uma proxeneta sem se abater, também não se sujeitava ao domínio de um homem, mesmo frágil como estava pelo estado de gravidez.

-Desculpa, mas acho esses gestos desnecessários. Não sou inválida, ando pelo próprio pé.

Ele destapou uma gargalhada e abraçou-a pelos ombros.

- Fico mais descansado que seja assim – e beijou-lhe a fronte sem se importar que outros vissem, afinal todos pensavam que eram marido e mulher.

- Vamos – e puxou-a delicadamente pela mão até ao edifício do outro lado da rua.

Transpuseram os dois degraus de pedra, que os separavam da majestosa porta verde de madeira e, mal tocaram a campainha Antónia, vestida de luto da cabeça aos pés, surgiu-lhes na frente.

- A senhora deve ser a Dona Helena?

- Sim – confirmou com segurança.

- Faça favor de entrar. Os advogados da condessa esperam-na.

Não estranhando o facto de ela vir acompanhada, Antónia, deixou que Alex entrasse em casa.

Helena estava habituada ao conforto e luxo da casa da madrinha, mas o que via suplantava tudo o que pudesse fantasiar. Desde tapetes persas, carpetes *Aubusson*, a pinturas que ela imaginava valiosas, a casa com três andares mais parecia um museu. Tudo ali era arte e conforto. Em pleno inverno as salas com um pé direito de quase cinco metros, estavam aquecidas com um moderno equipamento preso à parede, que ela nunca vira em Portugal e que largava um calor muito agradável aquecendo todo o ambiente.

Antónia conduziu-os à biblioteca onde, ao fundo da sala, atrás de uma mesa de madeira sólida, a esperavam dois homens sentados. Duas figuras

sisudas e cinzentas que se levantaram assim que ela entrou.

- Boa tarde senhora. Boa tarde senhor barão – disse o homem mais velho e que parecia ser o chefe do outro. – Sou Alcides Pimenta, advogado da senhora condessa e, estou aqui com o meu sócio para ler o testamento da senhora, conforme a sua vontade.

Helena sentou-se na poltrona ao lado de Alex e os dois prontificaram-se a ouvir. Helena estava no completo desconhecimento, mas Alex suspeitava que quando saísse dali ela não seria a mesma pessoa. A velha espia tinha alguma surpresa reservada, mesmo depois de morta.

- Entrego-lhe uma carta escrita pela condessa, para a senhorita - e estendeu-lhe um envelope preto lacrado. - Creio que será melhor lê-la quando estiver sozinha. E agora vamos dar início à leitura do testamento.

- Aos vinte dias do mês de Dezembro de 1942 vamos proceder à abertura da vontade testamentária da condessa Maria Carmina Vilhena Brachmann – e passou e enumerar os bens da condessa.

Vinte minutos depois ficaram a saber que ela possuía o palacete onde estavam, o palacete onde estava instalado o bordel, moradias em Arroios alugadas a inquilinos, e uma vasta propriedade em Sintra com outro palacete e, para espanto de Helena, era o local onde os pais trabalhavam. Foram enganados ao pensarem que a casa pertencia a outro nobre, ausente no estrangeiro. Um criado que se fazia passar por um conde que não existia, tratara de tudo com os pais de Helena. Desde o início que a velha orquestrava todos à sua volta e, mesmo depois de morta, ainda ditava cartas segundo o seu baralho.

Alex sorria com cinismo. O melhor ainda estava para vir. Só esperava não se enganar.

Capítulo 11



Helena ainda estava em choque. Saber que herdara toda a fortuna de Carminda, deixara-a desorientada. Sentia-se incapaz de conciliar um único pensamento e, apesar de Alex lhe dizer que o que sucedeu foi um rasgo de consciência da condessa pelo mal que lhe fizera, ainda lhe custava a acreditar. Guardou a carta no fundo da gaveta da cómoda do quarto e fechou-a à chave. Temia não gostar do que ia ler e, agora não era altura de inundar o pensamento com mais assuntos, quando nem sequer conseguia pensar ainda no sucedido.

- Helena...tens noção que és rica?

- Infelizmente...

- Não percebo! É a tua segurança. Infelizmente porquê?

- Porque isso me tira liberdade, mas tenho que me habituar uma vez que não recusei a herança.

- Eu não te deixava fazer semelhante coisa. Helena pensa mais longe. Eu entendo que quem foi criado como filha dos caseiros, custa-lhe vestir a pele contrária, mas é uma oportunidade de ouro de ficares ao nível da tua família biológica sem precisares deles.

- Tens razão, mas já esmoreci os sentimentos de vingança. Para mim não existem, a única pessoa de quem gostava daquela família...era Ricardo e...já não existe. Quanto aos meus irmãos, são amigos, mais nada, não consigo vê-los dessa forma e eles nunca vão saber da nossa ligação. Esse é um segredo que morre comigo e com os meus pais, só saberão se Alberto lhes disser. Eu nunca tomarei essa iniciativa. Eles não merecem que lhes estrague a imagem do pai.

- Só mostra o quanto és nobre de sentimentos. Vem cá.

Helena encostou a cabeça no seu ombro e recostou-se na almofada.

Helena adormeceu exausta fisicamente e mentalmente. Toda a informação processada nos últimos dias deixou-a sem energia. Precisava

de descansar para começar a ordenar as ideias e decidir o que fazer da vida, agora com tanto dinheiro na sua posse. Se Ricardo fosse vivo não teria herdado nem um centavo, a condessa fizera um segundo testamento que anulava o primeiro e, no caso de Ricardo aparecer vivo, Helena tinha que dividir a fortuna. Essa era a sua vontade final.

Capítulo 12



- Que foi Francis? Morreu mais alguém?

- Não senhora. Mas estou muito triste.

Helena achou curioso o facto de um inglês nobre estar a expressar sentimentos perante ela. Se bem que Francis era um homem especial, não deixava de ter a frieza típica das suas origens.

Desceu os últimos degraus e parou junto ao homem com um ar sério.

- É para a senhora. O senhor Alexandre partiu de madrugada – e deu-lhe um envelope.

As pernas tremeram e os tornozelos gelaram provocando-lhe um calafrio pelo corpo.

- Creio que fica melhor na saleta – e indicou-lhe a divisão onde lhe deixara um bom desjejum há minutos. – Leia a carta do senhor e forre o estômago com alguma comida. Já mando a Leonor ver se a senhora quer ajuda. Espero por si para conversarmos, temos alguns assuntos a tratar por vontade do barão.

Francis pediu licença e retirou-se para os seus afazeres. Helena denotou que ele devotava um profundo afeto por Alex o que a levou a suspeitar mais uma vez que ele não era só um mordomo, havia mais qualquer coisa a ligar os dois homens.

Apesar do peso que sentia no coração, pensou em comer primeiro e depois ler a carta. Sempre fora pragmática. Começou a servir-se de café e scones, e pousou o envelope em cima da mesa de apoio onde o mordomo tinha deixado o tabuleiro. Sentiu uns pontapés no ventre e sorriu. Faltava pouco tempo para o bebé nascer e em breve teria que sair daquela casa e procurar refúgio em casa dos pais, que agora lhe pertencia por herança. A vida era curiosa e possuía tramites que lhe fugiam à compreensão.

Um envelope branco estava lacrado com o selo do barão de Paterson, como, há cem anos atrás, quando não existiam selos e a nobreza dominava

na europa. Como o destino era irónico!

De repente não conseguiu conter uma gargalhada, causada pelo absurdo de tudo o que lhe acontecera nos últimos meses.

Era condessa. A *condessa pé descalço*. herdara um título com a fortuna da sua algoz.

No espaço de meses descobriu que a sua vida era uma mentira deslavada, que todos à sua volta escondiam segredos, que as pessoas eram más e desumanas e, que não podia confiar, sobretudo quando pareciam ser uma coisa e acabava por descobrir que eram outra. Perdera quase por completo a fé no ser humano, as únicas pessoas em quem confiava era nos pais e, ultimamente em Alex; mas esta súbita partida sem se despedir, estava a deixar uma chaga no seu peito. O seu querido amigo quase amante, partia sem garantias de voltar são e salvo.

Terminou a refeição e subiu ao quarto rodando a chave na fechadura atrás de si.

Ia ler as cartas – de Alex e da condessa – e depois decidir o que fazer com a sua vida.

De um fôlego abriu o envelope, tirou as folhas dobradas de forma meticulosa e deitou os olhos a uma caligrafia quadrada e harmoniosa, muito masculina.

O coração acelerou e as palmas das mãos ficaram molhadas. Limpou o suor das mãos ao lençinho que usava sempre entre os punhos da blusa e tomou coragem.

Querida Helena

Não sei se algum dia me perdoarás, não me ter despedido de ti, mas não aguentava olhar para ti sem te beijar e amar. Compreendes?

Apesar de a minha vida ter sido pejada de muito sangue ao serviço do meu país, e parecer que sou um homem destemido, no amor sou um lamechas. Quando leres esta carta já deverei estar a sobrevoar o oceano e, em breve, na frente de batalha. Não posso e não quero, fugir desta guerra que já matou milhares de inocentes, que não faz qualquer sentido a não ser para elevar o amor-próprio do povo alemão conduzido pelo louco do Hitler. Helena traí uma promessa que tinha feito a Ricardo, não sou digno de estar a teu lado nem da amizade dele. Não sei se Ricardo está vivo ou morto, mas, mesmo que esteja morto a minha culpa não me dá paz. Mas, a verdade, é que te amo loucamente e por ti seria capaz de matar se

fosse preciso. Espero que esta guerra acabe depressa, e que tudo se desvaneça, pois se isso não acontecer, se a culpa não se apagar, não consigo olhar-te de novo sem pensar em mim como um canalha. Sou inglês e a honra para um inglês nobre está acima de tudo.

Espero que o teu filho e de Ricardo seja saudável e que a tua hora seja pequena. Um dia, se eu voltar e Ricardo não, espero que ele ou ela me chame pai.

Querida Helena. por favor fica com Francis, aí nessa casa. Ele protege-te como sempre me protegeu a mim. Francis é um bom homem, que me ensinou quase tudo o que sei da vida. Um dia explico-te melhor essa história. Por favor, usa a casa como a senhora da casa a usaria. Tu és a senhora da casa. Vou escrever uma vez por semana e espero receber resposta tua. Não posso telefonar, as linhas estão sobre escuta e eu sou um homem procurado. Por favor queima esta carta na lareira do quarto assim que a terminares de ler e certifica-te que ficou em cinzas. Digo na lareira do quarto porque imagino que é aí que a estás a ler.

*Um beijo de um homem apaixonado por ti
Alexander Steel Paterson.*

Sintra escureceu de repente por detrás das vidraças das janelas, quando ainda havia umas quantas horas de sol. Helena deu um murro na pedra da lareira e sentiu os nós dos dedos feridos. A raiva inundou-lhe a mente e gritou. Gritou tanto que pensou nunca mais parar.

Lá fora, Francis e Leonor esperavam apreensivos, mas, nenhum interferiu.

Francis voltou a esfregar as mãos, apreensivo, e Leonor pediu licença retirando-se para os seus afazeres.

O velho Francis entendia muito bem a dor de Helena. Limpou as lágrimas com o lenço branco, imaculado e, arrastou-se até à ala norte do palacete para mais uma noite em claro.

Helena atirou com a carta para o lume e, com a tenaz de ferro, empurrou-a para as chamas, vendo-a a ser consumida até não restar mais que um pedacinho enrolado qua aos poucos ficou em cinza. Não queria deixar qualquer vestígio sobre Alex, que alguma criada pudesse apanhar e vender como informação. Alex era o barão de Paterson, o estrangeiro inglês que comprou um brasão e um título. Ninguém sabia que era um espião ao serviço do MI6.

Capítulo 13



De manhã, mal despertou de uma noite com sonhos estranhos, Helena, pegou nas poucas coisas que possuía, colocou tudo num saco e pediu ao motorista que a levasse à propriedade onde Alda e Josué residiam. Mas, antes de partir, chamou Francis que apareceu pesaroso na sua frente.

- A senhora chamou? – perguntou.

- Sim. Vou partir daqui senhor Francis. Tomei a decisão de viver com os meus pais, agora que estou quase a ser mãe, mas antes queria perguntar-lhe qual é o seu verdadeiro nome.

Sir Francis baixou os olhos e apertou as mãos discretamente. A pergunta de Helena não era uma surpresa total. A sagacidade da rapariga era algo que Alex enaltecia e com razão. Sabia, desde que Helena chegara ali, que ela ia descobrir, que a relação entre os dois era mais que aquilo que parecia.

- Como assim senhora?

- Qual é o seu verdadeiro nome? O senhor sabe muito sobre Alex e tratam-se com muito afeto para ser um simples empregado, ainda que seja um empregado especial.

- Creio que não adianta ocultar mais a verdade. Francis Steel North Paterson, pai de Alex. A única família que ele tem.

- O meu instinto não me enganou - disse Helena.- Porque está aqui, senhor? Porque não está no seu país?

- Quando a Alemanha bombardeou Londres a primeira vez, fechamos todas as nossas moradias e mudei-me para cá definitivamente. E para não atrapalhar o disfarce de Alex, passei a ser o seu mordomo. Aqui em Portugal sou um desconhecido, sobretudo isolado aqui neste palacete.

- Bem me parecia. Senhor Francis..., vou viver com os meus pais. Não consigo ficar aqui mais tempo, sinto-me uma estranha a ocupar algo

que não me pertence.

- Mas menina... o meu filho vai ficar zangado comigo se não ficar. Prometi-lhe que a protegia.

- Já não preciso de proteção, quem me podia fazer mal já morreu e, como deve saber deixou-me milionária. Vou tentar fazer pela minha vida, afinal Alex fez o mesmo, foi-se embora – disse com mágoa.

- Compreenda que ele não tinha escolha. Tem que defender a pátria como qualquer cavaleiro honrado.

- Mas eu compreendo. Fique descansado, que compreendo.

Para Portugal nada se passava na europa, só os mais informados, através do rádio, ou jornais que recebiam de fora, sabiam o que se passava com a guerra a pouco mais de mil quilómetros de distância das fronteiras portuguesas.

Continuou, apesar de ver o olhar de tristeza do homem.

- Por isso mesmo vou fazer algo e ocupar-me. Quem sabe até me ofereço como enfermeira voluntária depois da criança nascer? – disse para o chocar.

- Não faça isso! Por favor! A senhora tem que cuidar do seu filho e Alex não me perdoaria se lhe acontecesse alguma coisa.

- Não sei... Ainda não sei o que fazer – confessou com desânimo e sentindo-se perdida quanto a decisões a tomar.

- Posso visitá-la?

- Claro.

- Então sempre que chegue uma carta de Alex eu vou visitá-la – prometeu.

Helena beijou a face do homem sem qualquer pudor, agarrou na maleta onde cabiam todos os seus pertences e encaminhou-se para a rua onde o motorista a esperava. No fundo não mudara muito. Continuava a refugiar-se levando consigo apenas uma maleta, mesmo agora que podia contratar um exercito de empregados. Seria sempre a Helena Silva, simples e bondosa, mas, agora, mais desconfiada com as pessoas.

**

Durante dois meses andou numa azáfama entre advogados e cartórios legalizando tudo o que herdara. Doou a quinta de Sintra aos pais e passou a residir lá também. Sentia-se protegida pelos hectares de floresta à volta da casa. Os jornalistas das revistas femininas tentavam abordar a nova milionária, mas viam o acesso barrado pela mata e pelos cães que Josué

soltava por ali. Helena aceitou a sugestão do pai de Alex e contratou um guarda-costas que a protegesse do assédio da imprensa. Afinal não era todos os dias que um barão estava noivo de uma mulher de classe inferior, argumento usado sempre que algum dos jornalistas, mais afoito, chegava à fala com ela nas entradas e saídas do portão, quando se deslocava a Lisboa. Diziam que era a história de amor do ano. O que Helena não revelava é que tudo não passara de uma farsa bem montada. Nunca pensou que o assunto chamasse a atenção das revistas de cordel, e até de algumas mais seletivas, como a «Eva». Queriam saber se ela era madrinha de guerra de algum soldado estrangeiro, ou se ia casar com o inglês.

- Helena. Passas o dia com o ouvido colado ao rádio. Que se passa filha? Conta à tua mãe.

- Os japoneses decapitaram os soldados americanos capturados em Tóquio – disse mostrando um arrepio pelo corpo em sinal de repúdio.

Alda sentou-se no cadeirão de couro junto à filha, e passou-lhe o braço pelos ombros, ao mesmo tempo que lhe beijava os cabelos. Helena aninhou-se na mãe e deixou rolar uma lágrima. Desde que Alex partira que não sabia notícias dele. Nem uma carta, um telegrama. Nada. Nem o pai sabia dele. Com o passar dos meses deixou de perguntar por cartas ao velho Sir Francis, e quando ele a visitava desculpava-se mandando dizer que não estava. O velho voltava para casa e mitigava a sua dor a observar as fotografias da falecida esposa e do filho.

- Não deve ser o teu barão que eles assassinaram, pois não?

- Ele não é meu, mãe. Não me é nada. Não, não pode ser Alex e, como te disse ele não é meu.

- É o pai da criança que esperas – aventou Alda.

Alda tinha tanta certeza de que a filha estaria grávida do inglês, que nunca teve coragem de perguntar quem era o pai da criança.

- Não é não, mãe. O meu bebé é filho de Ricardo.

Alda levou as mãos à cabeça assustada.

- E agora o que vais fazer?

- Criá-lo com amor, suponho.

- Sozinha?

- Não me resta alternativa. Ou resta?

- Não. Só não queria que fosse mais um enjeitado como tu foste – disse Alda sem pensar, fugindo-lhe a boca para a verdade. – Mas não me entendas mal filha. Eu e o teu pai temos tanto amor por ti – justificou-se.

- Eu entendi mãe. Não precisas de te justificar. O meu filho vai saber quem é o pai.

- Filho? Como sabes que é um menino?

- Sei. As mães sabem sempre. Não foste tu que me disseste sempre isso?

Alda abraçou Helena e as duas permaneceram assim por minutos.

Nada iria faltar ao seu menino – pensou Helena- muito menos amor. Pelas contas dela faltava pouco para o ter nos seus braços.

**

Entretanto, em Timor.

- Teve muita sorte, soldado. Ficar soterrado com os cadáveres na terra, ajudou-o a passar despercebido. Ninguém diria que escapava com vida.

- É...tive mesmo muita sorte. Tanta, que a minha família e amigos, tomam-me por morto a esta altura – disse com azedume.

- Não se queixe soldado – disse a enfermeira que a seu lado preenchia formulários.

Ricardo estivera em coma e perdeu a noção do tempo e até de quem era. Sofreu uma forte pancada na cabeça e partiu vários ossos do corpo e, só por milagre foi encontrado por um rapazinho que procurava o seu cão entre os cadáveres e escombros das casas de madeira, depois do ataque dos japoneses. Foram precisos vários meses e muitos cuidados para que a memória voltasse e as feridas sarassem por completo. Não fosse por causa de Helena e talvez tivesse sido uma boa oportunidade para desaparecer no mundo, mudar de identidade. Bastava fingir que não sabia quem era. Mas não conseguia deixar de pensar nela, e foi a primeira pessoa que lhe veio à memória quando a recuperou. Recordava o seu sorriso e as respostas sempre prontas na ponta da língua fossem para quem fosse. Helena tinha algo de especial. Era bem-humorada, tinha tenacidade, era guerreira e não se deixava agrilhoar com facilidade. Ainda bem que Alex a conseguiu tirar das garras de Carminda.

- Senhora enfermeira, eu não sou soldado, sou voluntário à força – disse com sarcasmo enquanto ela lhe limpava as feridas das queimaduras, ainda por cicatrizar.

- E qual é a diferença entre ser soldado e voluntário à força se esteve na batalha como os outros?

- Tecnicamente nenhuma. Desculpe o azedume. A senhora enfermeira foi incansável a cuidar de mim e, eu estou a ser inconveniente.

- Estou habituada.

- Não. O meu comportamento é intolerável. Mil perdões. Sabe onde posso encontrar papel de carta e envelopes?

- Estou a ver que já tem vontade de viver. Quer escrever a alguma namorada?

- Não. Para a família – mentiu.

Aquela enfermeira de pele morena, era especialmente bonita e, pela primeira vez desde que estava consciente, deu consigo a mentir por causa do seu vício em mulheres. Não perdera o jeito. Mas não tinha dúvidas que queria casar com Helena. A enfermeira pareceu aliviada. Desde que o trouxeram que reparara nele, em como era um homem bonito e, quando ele saiu do coma verificou que era também um gentleman.

- Não me diga que um homem como o senhor não tem uma namorada na europa? Custa-me a acreditar. – perguntou, tentando perceber melhor em que terreno pisava. – Já pensou que a sua família vai levar um susto quando receber a sua carta?

- Com a guerra deve demorar imenso tempo a chegar, isto se o navio em que segue, não for afundado.

- Tem razão. Vai levar muito tempo, antes que você possa sair de Timor.

- Vou ficar aqui muito tempo, e tempo é o que me falta.

Ricardo mudou o rumo da conversa e das suas emoções. A mulher na sua frente, que cuidava das suas feridas há muitas semanas, era muito bonita, mas não era Helena, nem Isabel. Amiúde pensava em Isabel e no que faziam na cama dela. Mulher insaciável.

Rusa olhou-o de lado com aqueles olhos grandes castanhos de mel e franziu o sobrolho.

- Onde é que o senhor seria tão bem tratado como aqui? Para quê a pressa?

Ricardo sorriu-lhe. Estava vivo e com vontade de estar com uma mulher. Rusa tinha sido a sua enfermeira nos últimos meses, talvez não perdesse esta oportunidade de verificar se ainda funcionava, sobretudo porque já notara os olhares languídos que ela lhe lançava. Mas não podia envolver-se com alguém sabendo que estava a pensar noutra. Ocasionalmente, pensava se aquela noite de amor tendo como teto as

estrelas e como colchão o banco de alvenaria, debaixo da velha nogueira, em Vale de Marias, não teria dado frutos. Helena era virgem e ele não tomara nenhuma precaução.

**

Os primeiros ventos frios de Inverno, vindos do Norte começaram a soprar, e a derrubar as folhas amarelecidas das árvores.

Dezembro tinha chegado ao final, e a barriga de Helena crescera imenso, impossibilitando-lhe os movimentos mais ágeis. A mãe sorria-lhe quando a via a deambular pela enorme casa e já não estranhava os suspiros que fazia a toda a hora. Helena vivia acorrentada à memória de Ricardo, disso não tinha a menor dúvida.

Repetia-se a história.

Também Teresa Silveira, mãe biológica de Helena, ficara presa a Alberto Cabral e, não voltara a fazer a sua vida com outro homem. Alda temia que acontecesse o mesmo com a filha. Queria vê-la feliz, e em companhia do pai da criança prestes a nascer. Mas tal desejo era impossível. Ricardo estava morto.

Helena comprara todo o enxoval da criança em tons de azul e, por mais que Alda lhe dissesse que ela podia estar enganada quanto ao sexo da criança, nada a convencia do contrário. Mandou decorar o quarto ao lado do seu, com uma pintura para crianças, na parede, e passava grande parte do dia a admirar os aposentos do seu filho. Há mais de cinco meses que não saía dos limites da propriedade, e com o passar do tempo os jornalistas deixaram de aparecer.

**

Nos meses seguintes pouco se movimentou pela herdade. Helena recebia notícias pela rádio sobre o avanço do exército aliado na luta contra a Alemanha e, todos os dias pensava se Alex estaria vivo, ou tivera a mesma sorte de Ricardo. Agarrava-se à ideia de criar o filho ao lado de Alex para evitar que algum dia a família Santana a importunasse.

Mais uma tarde que passara com o ouvido colado ao rádio, na esperança de ouvir falar de Alex. Sabia que era um perfeito disparate, mas a esperança é sempre a última coisa a morrer. E se Alex estava vivo porque não escrevia?

E Ricardo? Estaria morto?

**

Meses depois

Fechou o rádio e levantou-se da cadeira, mas, rapidamente se sentou outra vez. Uma dor aguda atingiu-lhe o baixo-ventre e ela encolheu-se. O seu príncipe estava a caminho. Esperou que a dor fizesse uma trégua e premiu a campainha para chamar a empregada. Estava na hora das preparações e de chamar o médico.

Duas horas depois Helena gritava a plenos pulmões incapaz de se controlar. Por mais que a parteira lhe dissesse que gritar não adiantava, ela não queria saber. O médico já havia dito que a criança era muito grande e que o parto ia ser mais difícil, mas Helena comia bem e só já perto do parto se apercebeu que tinha engordado bastante.

- Está quase senhora. Quando a dor vier faça força. – disse a parteira.

Helena não se fez rogada. Assim que a contração apareceu fez quanta força tinha e sentiu alívio ao mesmo tempo que um som de água a chocalhar se fazia ouvir. Tinha nascido. Cansada fechou os olhos por segundos.

OuvIU-se um choro guerreiro e a voz da enfermeira.

- É um rapaz – e mostrou-lho.

Helena riu-se. Ela sabia.

Em menos de dez minutos estava com o filho ao colo e tudo tinha terminado. Alexandre. Seria Alexandre como o padrinho. Alex seria o padrinho do seu filho.

O pequeno Alexandre rodava as mãozinhas e tentava abocanhá-las. Estava com fome. Helena olhava-o embevecida e foi encontrando semelhanças com Ricardo. A mesma tez morena, olhos escuros e uma penugem escura na cabeça. Mais parecido não podia ser. Tirou o seio e ajeitou-a na boca do petiz. Uma lágrima teimou em cair-lhe pela face. Alda colocou-lhe o braço pelos ombros e beijou-lhe a face.

- Minha guerreira. Não chores. Tudo vai correr bem. Estamos contigo para te apoiar no que precisares e o pequeno Alex será muito amado. Um dia o pai dele regressa, acredita.

- Talvez mãe, talvez. O meu filho merece ter um pai, mas mesmo que ele não regresse vou contar-lhe a história do pai todos os dias.

- Para quem queria manter segredo sobre a criança, mudaste de ideias depressa.

- Mãe, ao ver o meu filho tive a certeza que não podia esconder-lhe quem era o pai. Mas não o posso expor ao mundo, ainda.

- Decisão acertada, apesar de eu e o teu pai não servirmos de exemplo.

- Não te preocupes, mãezinha. Não tenho nada a apontar-te. Na verdade, tenho pena da Teresa que não foi capaz de lutar por mim.

O pequeno abriu a boca fazendo uma careta de sono e, mãe e filha sorriram uma para a outra. Helena sentiu-se plena de felicidade por poder ter o seu filho nos braços sem correr o risco de lho tirarem, e Alda, cheia de amor, observou a sua menina que se tinha tornado numa mulher adulta.

A mente de Alda, de súbito, voou para o antigo patrão de Helena. Esse tal Alex, devia ser muito especial para ela.

- Qual era o emprego que o barão te ofereceu?

- Como? – disse, surpreendida pela mudança de assunto.

- O que é que fizeste em casa do barão enquanto foste empregada dele?

- Ah...Ummm

Alda fez um trejeito com os ombros. Não entendia.

- Arquivista. Dos papéis do barão.

- Ah! – disse a mãe fingindo acreditar.

Havia ali qualquer coisa mal contada. Durante meses, ela referia-se a Alex de todas as formas, menos como patrão. Um dia, Alda ia tirar aquela história a limpo.

Capítulo 14



Junho de 1944

As estações do ano sucederam-se numa ordem natural e, Helena passava a maior parte do dia a passear o pequeno Alexandre, que estava agora com quase seis meses. Aproveitava o bom tempo quando o filho estava acordado para que ele apanhasse o ar da serra. Alexandre era um bebé grande e bem constituído e, a cada dia que passava Helena embevecia-se mais com o seu filho. Estendia uma manta debaixo do velho plátano, junto ao relvado das traseiras do palacete, e sentava-se com o filho a aproveitar o bom tempo. Mas, quando a noite chegava, e Alexandre dormia, colocava-se junto ao rádio a tentar sintonizar um posto, que imitisse notícias da guerra. Na noite anterior ouvira que os aliados deviam invadir a França em breve, na zona de Pas-de-Calais. O Canal estava repleto de navios, dirigíveis e draga-minas. Presumia-se que na próxima lua cheia, a seis de junho, o ataque tivesse lugar, noticiavam as rádios clandestinas que trabalhavam em onda curta. Helena estava atenta às notícias nacionais e cada vez mais descontente com o rumo que o chefe de estado dava à nação. Opressão, mortes e perseguições. Sabia que Ricardo Santana tinha sido obrigado a sair do país naquela época por motivos políticos e, só não o assassinaram porque era filho de um juiz comendador que em tempos prestou serviços à nação. Cada vez mais a ideia de sair do país, ia crescendo dentro de si. Esperava apenas o final da guerra para partir para Nova Iorque. Queria fazer pão para os soldados regressados da guerra. Faltava-lhe decidir se vendia tudo o que possuía em Portugal ou deixava ficar os palacetes entregues a alguém que os preservasse. Viver ali sem Ricardo e sem Alex era algo que não fazia sentido, como não fazia sentido amar dois homens ao mesmo tempo. Seria a ausência dos dois que a deixava confusa sem saber por qual se decidir?

- Os aliados vão acabar com eles em breve – disse Josué quando a filha lhe traduziu o que acabaram de ouvir na BBC.

- Não tenho dúvidas, pai. Mas vão morrer milhares de soldados para que expulsem os alemães.

- É o preço da guerra filha. Ninguém ganha uma guerra quando há mortos de todos os lados, apenas se faz justiça, mas uma justiça sangrenta. Mas temos que lutar.

- Tens medo que Ricardo nunca volte? – perguntou-lhe o pai.

- Nem sei pai... há tanto tempo que não sei notícias dele. Estar desaparecido é o mesmo que estar morto. Creio que não volta... - disse desolada.

**

Os soldados tinham os olhos petrificados pelo medo e pela expectativa. Ninguém falava e os corações batiam no peito a mil à hora. As ondas do mar fustigavam-lhe a cara ao embaterem no anfíbio, deixando-lhe o rosto ainda mais frio e cinzento. Não havia onde se abrigarem do rigor do mar. Faltavam poucos minutos para chegarem à praia e a partir dali tudo era uma incógnita. Quantos soldados viveriam, quantos morreriam e quantos ficariam estropiados para o resto das suas vidas? Há dois anos que treinavam intensamente para aquele dia e, mesmo assim, Alex não se sentia preparado para deitar os seus homens à artilharia dos alemães.

Os barcos embateram no fundo arenoso do baixio, e os homens saltaram às centenas para a água, correndo para à praia. A operação Overlord envolvia 300 mil homens entre soldados dos Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, França, Polónia, Austrália, Bélgica, Nova Zelândia, Holanda e Noruega. Alex gritou aos seus homens que o seguissem e ouviu a mesma ordem em várias línguas. Enquanto corriam a coberto do nevoeiro contava que as informações falsas que tinham espalhado entre os espiões alemães e italianos surtisses efeito, e o caminho estivesse livre.

A norte começaram a cair os primeiros petardos na praia e as minas a rebentarem. Uma amálgama de intestinos, braços e pernas decepados misturados com o cheiro a sangue inundaram a praia em minutos.

- Vamos! À direita, à direita! - gritou Alex enquanto beijava a medalha que Helena lhe tinha colocado ao pescoço. Podia ser a última vez que beijava a sua fotografia. Podia ser a última vez que respirava.

Vários contingentes corriam para fora da praia, contando com o fogo cruzado que se fazia sentir a norte do local. Graças ao trabalho dos espões ingleses e americanos conseguiram atrair a atenção dos alemães e italianos para Pas-de-Calais, muito afastado da zona de desembarque. Ouviam, ao longe, o ribombar da artilharia pesada a chacinar as barcas vazias que serviram de engodo aos invasores.

Mas a sorte demorou pouco tempo e, de todo o lado começaram a chover petardos e saraivadas de metralhadora. Os alemães deram pelo logro. À medida que avançavam terreno com as pesadas mochilas com mantimentos, e a arma pesada, colegas de batalha iam ficando pelo caminho, mortos, estropiados, aos gritos, e depressa o terreno entre a praia e o arame farpado se tornou num campo do mais sangrento que Alex tinha visto. Tentava não perder os seus homens, mas, aos poucos, foi vendo cair um aqui, outro ali, até que aterrou dentro de um buraco, projetado pelo impacto de um rebentamento. O cheio a pólvora e a sangue misturou-se na humidade do nevoeiro e Alex sentiu a cabeça a rodar.

Não. Não podia desmaiar agora, tinha que manter os olhos abertos. Sentiu um puxão no braço e depressa se recompôs.

- Venha, meu capitão. Temos que fugir daqui os gajos já estão a bombardear a praia. Mas muitos já saltaram a barreira e seguem em frente, filhos da puta dos alemães, ainda nos matam a todos! – gritou enquanto ajudava Alex a erguer-se.

Alex pôs-se de pé e saltou a elevação enquanto gritava os nomes dos seus oficiais. Obteve algumas respostas, mas outros nomes permaneceram silenciados. Um arrepio de medo percorreu-lhe a espinha. Agora era a sério. Avistou soldados inimigos à frente, e deu ordens de ataque corpo a corpo. Infantaria e paraquedistas avançavam terreno dominando os soldados alemães. O exército inimigo batia em retirada. A força concertada de artilharia, aviação e pára-quedistas, avançava terreno por entre a destruição que a batalha ia fazendo. Alex sentiu um cheiro a ferro inundar-lhe as narinas e olhou para os pés enquanto tentava avançar. Uma mancha vermelha ocre estava estampada na zona do abdómen e começava a correr pelas calças. Uma dor fininha subia-lhe pelo peito e a respiração tornou-se difícil. Muito lentamente sentiu-se em paz, como se estivesse num paraíso. Estava salvo.

Capítulo 15



O exército aliado penetrara finalmente as defesas alemãs no sul de França. Os desembarques de mais de cento e cinquenta mil soldados, por mar, em oito praias da zona, foram um sucesso. Conseguiram enganar os alemães que concentraram as tropas na zona de Calais. Helena sabia agora que Alex andara a espalhar essa informação aos agentes inimigos durante o tempo em que viveu em Portugal. Sabia que a missão dele como espião tinha terminado no dia em que as forças aliadas chegaram a um consenso. A invasão do sul de França pelos alemães e Italianos foi apenas um pretexto para ele partir. Só lhe faltava desvendar um mistério que há muito guardava dentro de uma gaveta fechado à chave: ler a carta que Carminda lhe tinha deixado. Quando terminasse essa tarefa estava livre para seguir com a sua vida e, a ideia de partir para a América estava cada vez mais presente na sua consciência. Era uma questão de tempo.

Pegou na carta que os advogados lhe entregaram no dia da leitura do testamento da condessa e começou a ler. Há medida que avançava os olhos pelas linhas com uma caligrafia rabiscada e feia, o horror ia crescendo dentro de si. Carminda dizia-lhe que por ela ser tão bonita e neta do homem que amou, achou que seria a pessoa que serviria para a sua vingança pessoal, já que não conseguira atingir outra mulher da família.

Que mente tortuosa! Perversa. Esperou mais de cinquenta anos para se vingar numa pessoa que não teve nada a ver com as decisões do velho Frederico. Nem o pedido de desculpas no final e a doação em testamento, podiam apagar tudo o que passou naquele bordel. Sentiu asco quando terminou de ler. Rasgou-a em pedacinhos e jogou-a no fogão de lenha da cozinha. Recordou-se do bordel.

A sua próxima tarefa era essa.

Durante muito tempo quis ignorar que o bordel existia e que agora era ela a proprietária. Doía-lhe demais saber que, por ironia do destino tinha

herdado aquele lugar ignóbil, mas hoje ia resolver o assunto de vez. Por ordem sua, o palacete estava encerrado há mais de um ano, apesar de as raparigas lá viverem ainda.

Entregou Alexandre aos cuidados da avó e saiu com o motorista até Lisboa. O bordel ia passar a ser uma fábrica de costura e, em simultâneo, um abrigo para raparigas que se tinham perdido na vida e na cidade grande ou, enganadas por algum peralvilho. Estava decidido. Camila e Teresa seriam as responsáveis pela gerência da casa. Sabia que ainda ia demorar tempo a apagar da mente das pessoas o que ali se passara – sobretudo da sua mente- mas quem tem dinheiro consegue as coisas mais rapidamente e, por ironia, o dinheiro da condessa ia servir para reparar os danos feitos por ela e pela sua mandante, algures a morar em Espanha, a famosa proxeneta raiana Maria das Mercedes.

Iria contratar uma modista para ensinar as raparigas a costurar e, em breve, tinha a certeza que “A Maison” - era o nome que lhe iria chamar - seria uma das lojas de alta-costura mais frequentadas de Lisboa. Ali iam ser confeccionados os modelos da moda Francesa e Italiana. Ainda veria Catarina Santana e Teresa Silveira a frequentarem o atelier de moda lisboeta, dali por uns tempos, quando fosse famoso.

**

Mal transpusera a soleira da porta, Irene, a criada responsável pela casa, surgiu com uma carta na mão.

- O que é Irene?

- Chegou esta carta para si, senhora.

O coração disparou. Com alguma euforia, pegou na carta, e subiu as escadas a correr, mesmo antes de ir ver o filho. Abriu a porta do quarto e atirou-se para cima da cama desfazendo-se dos sapatos para um canto. Abriu o envelope e, lá dentro encontrou outro mais pequeno que de imediato reconheceu como correio vindo do estrangeiro.

Retirou o envelope pequeno e sentiu um baque quando viu o remetente. Era uma carta de Ricardo. Um suor frio apareceu-lhe nas fronteiras e uma ligeira tontura turvou-lhe a vista.

Ricardo.

Há quanto tempo teria sido escrita aquela carta? Estaria morto ou vivo?

Dentro do envelope grande havia mais um cartão. Um cartão de Martinho a explicar que a carta veio dirigida a ele com o pedido de lhe ser

enviada, era a garantia de lhe ser entregue, caso contrário, Catarina dar-lhe-ia sumiço, como devia ter feito a muitas outras.

Helena suspirou e começou a percorrer as linhas manuscritas com os olhos lacrimejantes.

Querida Helena

Foi com muito pesar que deixei Portugal sem saber onde estavas. Quero que saibas, que movi todas as minhas influências para te encontrar, mas como já deves saber, fui novamente preso e deportado. O meu bom amigo Alex fez-me chegar um telegrama a informar-me que estavas a salvo, e bem de saúde. Vou voltar para Portugal mal-acabe esta maldita guerra, combati na defesa do nosso território, e assim alcancei a minha liberdade. Helena, meu amor, vou casar contigo assim que chegar ao nosso país. Tu és a mulher que escolhi para mãe dos meus filhos. Nada, nem mesmo laços de sangue me afastam de ti.

Deste homem que te ama

Ricardo Santana

Olhou para a data da carta. Tinha sido enviada há um ano. Pegou nela e guardou-a dentro do livro pousado em cima do toucador. Quando Ricardo chegasse resolvia o que havia a resolver. Afinal estava vivo, e ainda bem que estava. Não sabia se a família tinha conhecimento do facto, mas não era ela que os iria informar. Amanhã telefonava a Martinho para lhe agradecer e talvez lhe dissesse que Ricardo estava vivo, afinal José Luís não merecia ficar na ignorância. Depois de Ricardo, José Luís, fora a única pessoa daquela família que a tratou de forma decente. Ia dormir sobre o assunto e refletir melhor sobre o que fazer a seguir. Reconheceu que tinha

um lado vingativo que não lhe agradava, mas esperava superar a mágoa que aquela família lhe causara.

Os guinchos de Alexandre ecoavam pelo corredor quando a avó lhe dizia que a mamã já chegara.

Helena saiu do quarto e correu a abraçar o filho, aquele pedaço de gente tão macio e delicado, o ser por quem seria capaz de dar a vida e de matar.

- Meu amor pequenino. A mamã tinha saudades do menino – e beijou-lhe as faces rosadas enquanto o menino deitava a cabeça no peito da mãe.

- Mãe...Ricardo está vivo.

Alda benzeu-se.

- Ainda bem filha.

- Mas o pior está para vir...quer casar comigo quando voltar.

Alda voltou a benzer-se.

- Tens que resolver esse assunto, depois. Não te canses agora. As duas já aprendemos que a vida é para ser vivida e não acelerada no tempo, deixando fases por percorrer. Deixa lá Helena. Tudo se resolverá a seu tempo.

Helena ouviu as palavras da mãe e ficou a pensar sobre elas. Mulher sábia. Como é que uma mulher que apenas sabia assinar o seu nome e ler umas quantas palavras, tinha tanta sabedoria? Alda, aos olhos de Helena, era uma mãe perfeita. A sua mãe.

As duas mulheres percorreram o corredor até ao jardim para brincarem com o menino, deixando para trás qualquer pensamento menos bom acerca da vida e das pessoas.

Ricardo estava vivo. O pai do seu filho, o homem que também amava, estava vivo.

Capítulo 16



Maio de 1945

O governo de Salazar decretou três dias de luto nacional pela morte de Hitler. Hitler suicidara-se, no seu bunker a trinta de abril passado. Muita gente perguntava-se quem era esse governante estranho, que tinha direito a luto oficial e, outros, conhecedores do conflito europeu, nem se atreviam a manifestar o que pensavam sobre as honras dadas a um homem responsável por milhões de mortes.

Agora que Hitler morrera, a guerra estava terminada, mas, Alex permanecia desaparecido; parecia ter-se sumido no céu quando partiu naquela noite. Helena tinha um «bichinho» a roê-la por dentro, de mágoa e tristeza, e até hoje, nunca chorara por Alex. Preferia ignorar o assunto a lavar-se em lágrimas de desgosto. Não queria que o filho a visse chorar e, o que passara de provações até ali, era suficiente para uma vida inteira. Não ia chorar por mais homem nenhum.

Uma semana depois, Churchill e Truman declararam o fim da guerra na Europa após cinco anos, oito meses e cinco dias de ter começado. As tropas alemãs renderam-se em Berlim, finalmente, depois de tanta vida desperdiçada.

- Minha senhora, o senhor Francis está na sala para a visitar, pergunta se a senhora o recebe.

- Quem Amélia?

- Aquele senhor velhinho e estrangeiro que mora no outro palacete.

- Ah! Sir Francis Steel. Mãe leve o Alexandre para a outra ala. Não quero que ele veja o menino.

- Mas Helena...porquê isso? Não achas uma crueldade fazer isso com um homem que te trata bem?

- Mãe faça o que eu digo. Não quero que ele tenha ideias de direitos sobre o meu filho só porque Alex lhe deu instruções para me proteger. Ele não é avô dele.

- Filha, não achas que o senhor sabe isso? Ainda assim é alguém que te devota carinho.

Alda pegou na criança ao colo e afastou-se no sentido contrário, pensando que a filha não estava a ser justa.

Helena desceu ao piso térreo para receber o velho pai de Alex.

O velho Francis parecia mais dobrado e com mais rugas e, quando a viu, os olhos encheram-se de água.

- Minha querida Helena.

- Sir Francis – cumprimentou-o com um aperto de mão leve. – Há quanto tempo. Com vai? Parece muito bem.

- Gentileza sua, minha cara jovem. Tenho o coração pesado. Vinha convidá-la para jantar comigo amanhã. Queria fazê-lo pessoalmente para que a menina não pudesse recusar. Quero comemorar o fim da guerra, mas não o queria fazer sozinho.

- Ah...está bem. Mas sente-se, sirvo-lhe um Porto? – e encaminhou o homem para a sala onde tratava de negócios.

Sir Francis tinha o mesmo porte de Alex e percebeu onde ele foi buscar os modos e a postura. Sir Francis era um cavalheiro, daqueles que jamais destrataria uma mulher fosse em que circunstância fosse.

O velho Francis sentou-se e bebericou o cálice de Porto que ela lhe estendeu. Olhos de raposa matreira espreitaram por cima do bordo do copo minúsculo.

- Então não pergunta?

- Sobre? - fez-se desentendida.

- Sobre Alex.

- Não sei se quero saber – respondeu com mágoa.

- Foi ferido em combate. Nas pernas. Está em recuperação.

- Ficou estropiado...quer dizer, inválido? Desculpe isso não tem importância, ele está vivo e isso é o que importa – disse de forma atabalhoada, com a noção que estava a dizer disparates, mas sem evitar fazê-lo.

Os dois homens mais importantes da sua vida a seguir ao filho, e ao pai Josué, estavam vivos. Podia dormir descansada a partir dali.

Capítulo 17



Pela lei portuguesa o pai tinha direitos superiores à mãe e, Helena conhecia alguns casos em que os pais tiraram os filhos bastardos às mães e os deram a criar às próprias esposas. Temia o dia em que Ricardo voltasse e descobrisse que o pequeno Alexandre era seu filho. O tempo e a vida mudam os sentimentos das pessoas e, depois de tanto tempo os dois estavam diferentes. Já não sabia o que era amar e se realmente amava Ricardo ou se amava Alex. Com um descobrira o amor, a paixão e o sexo, com outro a ternura, a gratidão, a confiança, e o prazer da partilha. O que é que era o Amor?

Já não sabia.

O rádio noticiou o ataque americano ao Japão, com uma bomba tão poderosa que destruiu as cidades por completo. Sobraram escombros e sobreviventes em chagas. A destruição descrita nos jornais trouxe o espectro da guerra até para quem não teve contacto com ela. A rendição do Japão, depois de os Estados Unidos largarem duas bombas atómicas - em Nagasaki e Hiroshima- que arrasaram as duas cidades, pôs fim à guerra mais devastadora que alguma vez existiu.

**

O pequeno Alexandre, prestes a completar três anos, era o enlevo da mãe. Corria por ali, esfolando os joelhos e procurando cada vez mais aventuras. Helena não perdia o filho de vista e, quando, por afazeres de negócios, tinha que se ausentar de Sintra deixava-o ao cuidado de Alda e Josué com mil recomendações para que não se aproximasse do portão principal, onde algum transeunte ou jornalista com boa memória para factos, pudesse questionar quem era a criança e tirar elações inconvenientes.

Aos poucos deixou de falar de Ricardo e proibiu a mãe de lhe perguntar se ainda o amava. Como poderia esquecê-lo, se cada dia que

passava o pequeno Alexandre perguntava mais pelo pai, e queria, porque queria, ver a fotografia que a mãe guardava na gaveta da cómoda do quarto, escondida de todos. Tornara-se um ritual, todas as noites antes de o adormecer, Helena contar-lhe a história do pai, e dar-lhe uma previsão de quando ele o viria buscar para os levar para Lisboa ou Vale de Marias.

Doía-lhe o coração de mentir ao filho, mas não conseguia vislumbrar outra saída.

Dentro de quase dois meses era o aniversário do menino, e Helena preparava uma festa surpresa apenas para a família e empregados que ajudavam a cuidar de Alexandre.

**

- Capitão, a guerra acabou finalmente. O Japão rendeu-se – disse o enfermeiro que lhe massajava os músculos das pernas.

- Uma lição para o mundo. Espero que nunca mais esqueçam esta guerra. Eu não esqueço de certeza, basta olhar as minhas cicatrizes – disse Alex, mais amargo que uma laranja verde.

O enfermeiro anuiu e deu o seu trabalho concluído.

- É verdade meu capitão, esta guerra vai ficar na memória do mundo para sempre, mas está na altura de deixar de ter pena de si próprio. Os músculos estão fortes e os ossos sarados. Pode fazer a sua vida.

- Tenho que ir à procura dela, da vida. Não sei se ainda tenho uma que valha a pena viver – continuou amargo.

O homem suspirou. Não podia fazer mais nada pelo capitão.

- Depois de uma guerra destas ninguém fica igual, sobretudo um militar como o senhor, mas deve ter uma vida por aí, família e uma mulher à sua espera? Ou não?

Alex ignorou o rumo da conversa e continuou com as queixas.

- É soldado. As feridas que não se veem vão demorar a cicatrizar. Daqui por cinquenta anos ainda haverá muitas chagas abertas no peito de quem perdeu a família e tudo o que possuía. Ao menos estou vivo, é isso que me quer dizer, não é?

O homem anuiu, ajudou-o a levantar-se e despediu-se com consideração. Ali ia um herói de guerra, menos anónimo do que os milhares que morreram - mas com a morte como espectro perseguidor -, enquanto vivesse.

- Até outro dia, meu capitão. Boa sorte para si.

O soldado fez continência e Alex retribuiu.

- Espero que continue a sua missão de ajudar os feridos a recuperar, é um grande profissional – disse Alex.

- O que não faltam são estropiados de guerra para eu tratar. Infelizmente – disse o enfermeiro.

Alex empurrou a cadeira de rodas pelo corredor até onde o motorista o esperava. As sessões de tratamento com Alan tinham chegado ao fim. A partir dali tinha que aprender a viver de novo de acordo com a nova condição física. Estava na altura de embarcar para Portugal e resolver o que tinha que resolver. Quem sabe ela estaria disposta a aceitá-lo, agora que Ricardo não voltava.

**

O pequeno Alexandre saltitava de volta da mesa onde a mãe tinha colocado o bolo com as três velas.

- Mãe! Mãe! Olha, já sou capaz de subir aqui.

Helena correu para ele, aflita. Alexandre tinha arranjado uma forma de subir aos armários e mesas e, explorar o que havia por lá, tirando o sossego a todos naquela casa.

- Alex! Sai daí, antes que te magoes. Vamos cantar os parabéns - e pegou-lhe ao colo antes que desabasse de cima da cadeira.

Josué que, entretanto, entrara tirou-lho dos braços e disse:

- Vamos lá campeão do avô! Vamos ver quem sopra com mais força.

- Eu! Eu! – gritava o petiz com entusiasmo.

Helena acendeu as três velas com um fósforo e cantaram os parabéns com grande entusiasmo do menino. Alda partiu fatias de bolo que distribuiu por todos. Empregados e patrões formavam uma pequena família fora do comum para a época.

Alda, em silêncio, enquanto apreciava o bolo, olhou para a filha e tentou entender o que lhe ia na alma. Esperava que ela se manifestasse, mas Helena parecia uma concha fechada, tão hermética que dificilmente deixaria entrar ou sair alguma coisa do seu interior.

Maria, uma das empregadas chamou Helena.

- Minha senhora tem uma visita.

- Visita? Mas hoje não...- protestou. – Não espero ninguém.

- Mas o senhor insiste em ser atendido, diz ser da família.

Pela mente passou-lhe todo o tipo de hipóteses. Podia ser Alex, Alberto Cabral, Teresa Silveira...

- É o senhor Ricardo Santana – esclareceu a jovem Maria.

Helena levou as mãos à boca e só não deu um grito porque mordeu a mão.

- Estou aqui – disse já meio dentro da divisão.

- Desculpa, mas desobedeci às ordens da tua empregada e seguia-a pelo corredor.

Helena continuava atónita. Paralisada. Feliz e...sem saber o que pensar.

- Ricardo...- balbuciou. – Mas...

- Não tenho direito a um abraço? – e avançou até ela com os braços abertos.

A empregada pediu licença e retirou-se quando percebeu que a sua senhora o conhecia. Que homem bonito – pensou. A sua senhora só tinha pretendentes bonitos.

Ricardo passou os braços em volta da cintura de Helena e abraçou-a com firmeza.

- Fazes ideia das saudades que eu tinha de ti, de nós? Quase morri - disse ele.

Helena manteve-se em silêncio, abraçada a Ricardo, com a cabeça pousada no seu peito, enquanto ele lhe afagava os cabelos. Há tanto tempo que ninguém a abraçava, mas...era estranho, depois de tantos anos. Fechou os olhos e deixou-se transportar para quatro anos antes. Queria sentir o mesmo que antes, mas não conseguiu. Com delicadeza, empurrou-o ligeiramente e ele afastou-se.

- Queres levar-me até aos teus pais? Já sei que moram todos aqui. Gostava de os cumprimentar.

Ela anuiu e afastou-se dele.

Não foi difícil perceber que Martinho fizera um relatório completo sobre os acontecimentos dos últimos anos, mas Martinho desconhecia a existência do pequeno Alexandre, pois Helena nunca lhe revelara o seu segredo por receio que a família Santana a incomodasse. Ricardo não ia conseguir afastá-lo do menino. Talvez estivesse na altura de revelar a verdade.

- Acompanha-me. Estão lá dentro.

Ricardo seguiu Helena e, antes que ela se afastasse mais, pegou-a pela mão. Ela sorriu-lhe e abriu a porta da sala onde a pequena festa familiar decorria.

Fez-se silêncio. Alda e Josué olharam um para o outro com apreensão.

- Dona Alda, senhor Josué, desculpem a invasão da vossa casa...

Nisto, Alexandre reconheceu a face da figura masculina, do retrato que a mãe lhe mostrava todas as noites e correu a refugiar-se no colo da mãe, olhando muito sério para Ricardo e espetando o dedo na sua direção.

- Mamã! Mamã!

Helena beijou-lhe a fonte macia

- Meu amor pequenino. – disse Helena abraçando a criança.

Ricardo ficou petrificado, mas tentou disfarçar. Engoliu em seco e sorriu ao menino.

- Quero seu apresentado a esse campeão – disse.

Helena sorriu e, naquele instante ele soube. Houve um entendimento secreto entre os dois.

Ela não disse e ele não perguntou.

- O meu filho Alexandre.

- Olá Alex. Sou o tio Ricardo.

- Tio? Mas mãezinha... ele é igual ao meu...- refilou a criança - tio... queres brincar com os meus carrinhos? – perguntou Alexandre enquanto estendia os braços a Ricardo.

A inocência das crianças era espetacular – pensou Helena – e a falta de um homem novo e enérgico em casa, também. Por mais que o avô brincasse com o menino, não substituíra o vigor de um homem jovem: um pai. Alex tinha falta de um pai. De Ricardo. Quanto tempo levaria o pequeno Alexandre a contar a Ricardo que a mãe tinha uma fotografia dele escondida numa gaveta e, todas as noites lhe contava a história dele?

Alexandre puxou Ricardo pela mão, até ao canto onde tinha os seus brinquedos pousados em cima de um grande tapete felpudo e convidou-o a sentar-se. Ricardo não ofereceu resistência e fez a vontade à criança. Por cima da cabeça do menino olhou para Helena e sorriu. Era a sua forma de lhe dizer que estava tudo bem, que aceitava a nova Helena e o seu filho. O filho dos dois. Queria tranquilizá-la.

Helena sentou-se com os pais a observar o par a brincar. Alda olhou para a filha e o seu olhar disse tudo. Foi como se lhe estivesse a dizer que Ricardo era um ótimo pai para Alexandre. Ricardo brincou quase uma hora com o menino enquanto os avós e a mãe observavam e, de alguma forma, tentavam entrar na conversa acerca da brincadeira. Os aviões e os canhões

que iam para a guerra, o homem mau que andava a fazer a guerra, tudo girava à volta da guerra. Ricardo ia esperar que ela confessasse. Alexandre caiu de sono e Helena pediu a Amélia que o fosse deitar. Alda e Josué pediram licença e retiraram-se.

Os dois tinham muito para falar e o tão temido momento chegara.

Helena abriu mais a janela que dava para o jardim, não porque estivesse com falta de ar, mas porque era um bom motivo para desanuviar o ambiente. Dezembro estava no início e os frios ainda não tinham chegado, apesar de ser inverno e, uma aragem marítima, entrou pela sala. Sintra tinha uma atmosfera única.

Mas Ricardo era tão arguto quanto ela, ou não fosse espião também, e rapidamente a puxou até uma poltrona. Obrigou-a a sentar-se e por sua vez, sentou-se na sua frente.

- Vamos conversar. Temos que ter esta conversa e prometo que não te vou aborrecer.

Ela anuiu.

- Helena estás linda, mais do que eras quando eu parti e a maternidade deu-te um ar doce e sereno.

- Obrigado. Mas não foi para me dizeres isso que cá vieste pois não.

- Não. Queria ver-te e Martinho disse-me o que tinha acontecido e onde estavas.

Helena sentiu-se uma ladra. Afinal tudo o que possuía, herdara porque ele estava morto, ou melhor desaparecido.

- Devolvo-te tudo quando quiseres, conforme o acordo do testamento – disse serena. – O meu advogado está instruído para o fazer, caso tu voltasses.

- Não entendi?

- As propriedades, a herança...

- Não sejas tonta. A minha madrinha teve o único gesto decente que podia ter e que a ilibou de todas as maldades que fez, que te fez a ti – concluiu.

- Como sabes?

- Recebi um telegrama de Alexandre quando te resgatou do bordel. Ele disse-me quem era a responsável, não sei pormenores, mas tu vais-me contar.

- Não. Acho que não. Não quero mais falar sobre isso. Agora não.

- Está bem. Mas eu vou ser o padrinho do Alexandre Júnior.

- Como?

- Faço questão. Quero educar esse menino.

Ricardo queria apenas provocá-la para que ela confessasse aquilo que ele já sabia. Alexandre não podia ser mais parecido consigo do que era.

Duas horas depois, esclarecido o que havia para esclarecer, sem abordarem a paternidade do menino, Ricardo despedia-se até mais ver.

Helena recolheu-se ao seu quarto ruminando a conversa e constatando que se avizinhavam problemas. A ideia de partir com o filho e com os pais, para os Estados Unidos da América, foi crescendo dentro dela. Talvez fosse melhor virar as costas ao mundo que conhecia, e construir outro, longe dali, onde ninguém a julgasse, e como planeava na sua mente há algum tempo. Se dissesse que era viúva de guerra, ninguém ia estranhar. Havia-as por lá às centenas, seria só mais uma.

No entanto, estava cansada de se esconder do mundo embora fosse uma opção sua. Deitou a cabeça na almofada e fechou os olhos tentando conciliar o sono, talvez amanhã estivesse mais lúcida para tomar uma decisão ponderada. De uma coisa tinha a certeza, os pais iam acompanhá-la apenas porque não queriam perdê-la. Com a idade que tinham, mudar de casa e de país era uma experiência aterradora. Alda e Josué mal tinham noção da geografia do local onde nasceram, quanto mais atravessar um oceano em direção a lugares nunca imaginados. Mas, nem Alda, nem Josué se atreviam a dizê-lo à filha, por medo de a perderem.

Capítulo 18



Ricardo levantou-se cedo na esperança de se escapar, sem que dessem por ele, mas quando chegou à casa de jantar o pai já se encontrava sentado à mesa.

- Bom dia meu pai.

- Bom dia filho. Senta-te, quero conversar contigo.

Ricardo adivinhou o motivo da prosa.

- Diga meu pai.

- Ricardo, és o meu filho mais velho, e sabes do apreço que tenho por ti, és um homem corajoso e que luta pelos seus ideais, mas queria pedir-te que tivesses cuidado a partir de agora. Ao mínimo deslize matam-te. Sabes que mataram um médico no Porto há dias?

- Sei, claro que sei. Lamentável. O pai pode ficar descansado. Vou ter cuidado. Estou a pensar em emigrar e vir cá apenas de visita. Assim vocês podem viver descansados e eu também. Que acha?

José Luís coçou a cabeça. Não lhe agradava ter o filho longe de si, quando tinha pouco tempo para viver e já se viram privados um do outro tanto tempo, mas, conhecia-o bem, sabia que a política para ele era importante. Mas Ricardo estava do lado contrário do regime vigente, algo que era crime.

- Talvez seja boa ideia. Mas não sei quanto tempo vai durar esta ditadura - disse entre dentes. – Mas presumo que muito, tanto que eu já cá não estarei quando ela acabar – disse o pai.

Ricardo sabia que o pai tinha razão, por isso concordou com a cabeça.

- Estava a pensar em viver em Londres, pai. Será apenas uma continuidade do que já faço aqui...

José Luís desconhecia que Ricardo trabalhava para os ingleses e, não estava a ver que trabalho seria aquele, que ele desconhecia. Franziu o

cenho e olhou para o filho com ar de quem não percebera nada do que ouvira.

Ricardo apressou-se a emendar a situação.

- Há muita questão legal a tratar, e o direito internacional é uma das áreas. Percebe? A partir de agora vai existir uma grande vigilância a alguns países e penso que posso trabalhar nessas áreas como advogado. Entendeu pai?

- Claro – disse o pai, sem continuar a entender como é que um advogado português podia trabalhar no estrangeiro. Mas Ricardo era um homem feito e não ia interferir na sua vida.

- E agora se me dá licença vou sair. Vou até Sintra.

- Vais ver Helena?

- Também. Mas tenho que conversar com o meu amigo Alex Steel. Creio que ele chegou ontem, Francis, o pai, informou-me há pouco. Lembras-te de Alex, pai?

- O homem a quem pediste que encontrasse Helena?

- Sim. O barão de Paterson.

José Luís concordou. Não podia fazer mais nada, mas receava que ele se desiludisse de novo.

-Então até logo, meu pai. Não esperem por mim para jantar. Como qualquer coisa por aí.

Beijou a face do pai e retirou-se antes que a mãe aparecesse e tentasse impingir-lhe moralismos que a própria não praticava. Quando Catarina percebesse onde ele passava os dias não faltariam sermões.

**

Uma hora depois, Ricardo chegava ao portão da propriedade de Alex. Conduzira o carro em velocidade moderada pela estrada ladeada de cedros e plátanos centenários, e estacionou logo depois do portão de ferro que impedia o acesso a curiosos.

Francis parecia esperá-lo como tantas vezes o fizera ao longo da sua amizade com Alex. Apareceu de imediato e apressou-se a cumprimentá-lo com um caloroso aperto de mão.

- *Dear Richard*. Ainda bem que acedeu ao meu pedido. Eu sabia que ele não o ia avisar. Está lá atrás junto ao estábulo a tentar montar a cavalo. Transtornado. Só você será capaz de o demover de tamanho *disparrrrate*. Vá lá, por favor.

- Eu vou lá Sir Francis. É assim tão mau?

- É.

Ricardo deixou o pai de Alex e rodeou a enorme casa pisando a relva verde e grossa sem fazer ruído. O espetáculo deixou-o paralisado. Sentado na cadeira de rodas, Alex tentava subir para o cavalo, sem conseguir.

Voltou a tentar, e mais uma vez caiu no chão, recusando a ajuda do criado para se levantar.

Ricardo não se atreveu a intervir. Imaginou que a dignidade de um homem era algo em que não se tocava e que Alex ia ficar tão furioso que iria gritar com ele. Conhecia o amigo e sabia que era um homem orgulhoso.

O criado estava pacientemente junto a Alex vendo-o a tentar e cair, a repetir a manobra de novo e não se mexia para o ajudar.

- Não achas que já chega Alex. Não te martirizes mais. O que é que queres provar a ti próprio que não tenhas já feito?

Alex levantou os olhos e deparou-se com Ricardo a olhar para ele com ar de pena. Foi a gota de água.

- Não preciso da tua pena! – gritou. – Sai daqui! Quem te chamou?

- Calma amigo. Sei que não deve ser fácil estar assim, mas somos amigos, ou já te esqueceste?

- Agora sou meio homem Ricardo – disse com rancor.

- Não, não és. És um homem por inteiro, um grande homem. E deixa de ter pena de ti Alex. Não és o único ferido de guerra. Queres que te mostre o meu corpo queimado? Todo queimado. Podemos trocar ferimentos! Que achas?

Alex baixou a cabeça, anuiu, e com os braços içou o corpo para a cadeira de rodas.

- Há três horas que tento montar o meu cavalo e nem isso consigo. Estou acabado.

- Então tens que tentar mais. Vamos conversar? – disse dando-lhe uma palmada de afeto nas costas. Entre eles não havia lamechices. Fazia de conta que não se viam há pouco tempo.

Alex deu-se por vencido.

- Vamos. Desculpa Ricardo. Sou um sacana egoísta.

- Não, não és. És um sacana rico e orgulhoso – provocou-o. – Porque se fosses pobre não tinhas caprichos destes. Davas-te por feliz de estares vivo.

- Tens razão. Muitos ficaram como eu e são pobres, deram a vida pelo país e ficaram aleijados e mais pobres ainda.

Ricardo empurrou-o pela passadeira de lajes ao longo do relvado que dava acesso à casa, como se fosse a coisa mais natural do mundo, como se não se vissem apenas desde ontem. Foi sempre assim entre os dois. Sem sentimentalismos, sem falsos moralismos e dizendo a verdade, sempre a verdade.

**

Quando Helena finalmente saiu da cama, exausta, já tarde pela manhã, sentiu-se quase como se tivesse sido atropelada por uma parelha de cavalos.

A noite foi agitada e, dois homens sem rosto, perseguiram-na durante a noite, até que um deles, um estranho, homem carinhoso e sereno, mas com uma cicatriz medonha na face, lhe dizia que esperava que ela estivesse capaz de o amar.

A visita inesperada de Ricardo deixara-a atormentada.

Quando se levantou o pequeno Alex já não estava no quarto contíguo e presumiu que Alda o tivesse vindo buscar para que ela descansasse um pouco mais. Querida mãe - pensou. Alda era a melhor mãe do mundo e agora, a avó mais babada de todas. Simples, afetiva e a criatura mais perspicaz que ela conhecia. Quem pensava - como Catarina a madrinha -, que a sua caseira era simplória, estava muito enganada. Alda sabia que não podia mandar a filha estudar e que o pai biológico também não o faria, assim, usou a pressão do segredo guardado sobre a origem dela, para que os Santana pagassem os estudos de Helena.

Helena tinha orgulho na mãe e no pai, mas sabia que a mãe era a mulher das estratégias, o pai era um homem mais simples e pouco dado a esquemas para sobreviver. Hoje sabia que, pelo pai, teriam saído de Vale de Marias quando Catarina Santana a entregara a eles ainda por batizar. Foram eles que lhe deram o nome.

- Bom dia mãe.

- Bom dia filha – e beijou-lhe a face.

- E o meu filho?

- Foi com o avô dar alimento aos animais.

- A brincadeira preferida dele – constatou.

Helena sentou-se à mesa, serviu-se de café simples e cortou uma fatia de pão de centeio, ainda quente, da fornada da madrugada, feita na padaria

da vila de Sintra. O cheiro a pão fresco era fabuloso, despertava-lhe os sentidos, cheirava-lhe a casa e a mãe.

- Mãe...

- Sim filha? – disse enquanto guardava louça limpa no armário da cozinha.

- És feliz aqui?

- Sou feliz onde tu estiveres, eu e o teu pai.

- Mãe... choraste muito quando a tua bebé morreu?

Alda parou o que estava a fazer. Olhou para a filha a direito, com os olhos marejados de lágrimas, que teimava em conter e disse:

- Muito. Às vezes ainda choro. Mas naquela época foste uma dádiva dos céus. Só tu apaziguavas a minha dor. Cheguei a ter medo de adoecer e não ser capaz de cuidar de ti, mas felizmente sou mais forte do que pensava.

- Pois és. Toda a gente sabe disso. A Alda Silva é uma mulher fantástica.

- Como tu minha filha. És a melhor mãe do mundo. Mas Helena, se o pai do Alexandre descobrir o que é que vais fazer?

- Ele já sabe. Sonhei com ele toda a noite. Ricardo soube no momento em que olhou para o menino.

- Credo rapariga! Onde foste buscar essa ideia? Queres ver que o doutorzinho é bruxo.

- Não sei se é, mas sei que ele sabe. Vou andar a cavalo um pouco. Preciso de me exercitar – e saiu pela porta em direção ao quarto para mudar de roupa.

**

Ricardo acabava de explicar a Alex como tinha sido apanhado por uma explosão no campo de batalha e mostrava-lhe as queimaduras no dorso e nas pernas.

- Tiveste mais sorte que eu. Não tenho cicatrizes, mas não consigo aguentar-me de pé. Fiquei com a espinha lesionada.

- Um dia vais aguentar.

- Não sei. Estou farto de tanto tratamento e a força nas pernas, é igual. O médico diz que tenho a coluna lesionada, uma coisa minúscula, mas que afeta muito a minha locomoção. Nunca mais vou conseguir andar normalmente, só com apoio.

- Eras um homem de tanta fé, que te aconteceu?

- Ver milhares de soldados mortos à minha frente fez-me perder a fé. Já viste Helena? – mudou de assunto bruscamente.

- Já – e encarou-o.

- E então? Como é que ela está? – disse disfarçando o interesse e a comoção.

- À tua espera – disse com calma. – Helena está à tua espera desde que partiste. Já a avisaste que voltaste Alex?

- Não. Não o farei. Ricardo...desculpa. Não fui teu amigo...

- Foste sim. Ela não me prometeu nada, fui eu que lhe prometi. Perdi. Mas perdi para alguém superior a mim. Ao contrário de mim és um homem bom e honrado, consegues dedicar-te a uma só mulher, eu não.

- Nem com Helena?

- Nem com Helena. Sou louco por ela, mas sei que a trairia na primeira vez que me aparecesse uma mulher bonita. Não tenho cura Alex, sou um libertino confesso – mentiu.

Alex deu uma gargalhada.

- Só tu para me fazeres rir.

Ricardo olhou para o amigo e notou as rugas à volta dos olhos, a pele com arranhões cicatrizados e o verde dos olhos mais baço. Tinham envelhecido. A guerra envelhecera-os.

- Também acho – disse Ricardo. – Ainda bem que te fiz rir.

- Estamos gastos, caro Richard...olha para nós os dois, a vida maltratou-nos – e apontou para a sua cara e para a de Ricardo.

- A vida não, a guerra. Alexander Steel, amanhã volto para te ajudar a montar o teu cavalo, e vou arranjar-te um massagista que te faça exercícios todos os dias. Com algum treino, em breve caminhas sem ajuda e não saio daqui enquanto não andares pelo teu pé. Agora vou visitar Helena se não te importas?

- Não, não me importo. Mas não lhe digas que estou cá. Ainda não.

- Não sejas cobarde. Ela é louca por ti.

- Porque é que dizes isso?

- Por coisas... eu sei.

E apertou-lhe a mão, despedindo-se até ao outro dia.

Mas Alex sabia que não. Ricardo percebeu que ele amava Helena e não quis interpor-se entre eles. Mas Alex sabia que Helena sempre o esperara. De súbito Alex lembrou-se da criança. Será que ela tinha perdido o filho? O pai nunca lhe falara do bebé de Helena.

Capítulo 19



Uma semana mais tarde Helena tinha abandonado a ideia de viajar para Nova Iorque, e de devolver a fortuna da condessa a Ricardo. Tendo crescido como filha dos caseiros habituara-se à vida simples e parca de alguns recursos nomeadamente roupa e calçado. Comida para a boca nunca lhe faltou e estudos também não, nisso era rica. A madrinha cumprira a promessa feita à mãe adotiva e mandara-a estudar na escola Comercial e Industrial, onde completou o ensino secundário, algo muito raro entre as mulheres que conhecia. Estudar ainda era um apanágio de homens e, mesmo assim, tinham que ser ricos.

Ricardo tornara-se uma presença constante na sua casa.

Presença diária.

Todas as tardes eram passadas com eles, e só partia depois de Alexandre estar cansado da brincadeira. Helena perdeu o receio que tinha de ele levar o menino e o bom ambiente entre os dois voltou ao normal entre eles. Riam, diziam palermices e discutiam sobre política e o estado da nação, quando estavam sozinhos e na rua. Nunca falavam de política junto aos empregados, ambos tinham receio de serem presos e acusados de serem comunistas, ou qualquer outra coisa que a polícia do estado pudesse inventar. Se fossem presos estavam sujeitos à morte e Ricardo já sabia que da próxima vez não escapava. Tinha que mostrar ser um cidadão exemplar até conseguir partir do país. Mas queria levar Alexandre e Helena com ele e não sabia como abordar o assunto.

Fazia uma semana que Ricardo alternava a distribuição do seu tempo livre – que agora era total - entre as manhãs com Alex, a treiná-lo a montar de novo, e as tardes com o filho a quem ele chamava afilhado. Fazia questão que o menino lhe chamasse padrinho e o pequeno Alexandre já se atirava nos seus braços quando o via desejoso de repetir as

brincadeiras que um homem novo e vigoroso pode proporcionar a uma criança.

Alex nunca mais perguntara por Helena e Ricardo estranhava tanta frieza, ou pelo menos, aquilo que ele pensava ser frieza. Mas, o que Ricardo não sabia, é que há três dias que depois de ele partir, ele montava o alazão com a ajuda do moço de estrebaria e percorria a mata com o cavalo a passo, para não cair. Tinha descoberto, acidentalmente, onde é que Helena passava algum tempo de tarde. Um dia ao espreitar o lago que fazia fronteira com a sua propriedade, avistou-a sentada numa pedra. Ao princípio não a reconheceu, mas depois de tanto olhar, a figura tinha qualquer coisa de familiar e, ao verificar com mais atenção, reconheceu-a quando ela virou o rosto. A mesma beleza simples com traços finos e comuns - era a sua Helena.

Um lago natural alimentado por uma nascente, onde as aves e os veados da mata iam saciar a sede, era o paraíso comum às duas propriedades, separadas por um extenso muro de pedra à altura de um homem pequeno. Ela ficava sentada numa pedra, enquanto observava os patos que ali pousavam e partiam de novo. Vista de longe parecia uma criança, mas, com um binóculo, Alex observou que ela estava muito mudada. Perdera as feições de menina, estava mais encorpada e parecia sofreda apesar da serenidade que aparentava.

Ocasionalmente aparecia um veado por ali e, com os seus imensos chifres pavoneava-se junto a uma ou duas fêmeas que o acompanhavam. Alex ficava do lado de lá do muro e observava-a sentado no cavalo. Não podia desmontar sob pena de não sair mais dali. A primeira vez que a viu, quase lhe gritou, de felicidade. Mas a coragem faltou-lhe quando pensou em si como meio homem. Que futuro podia um estropiado oferecer a uma jovem que ainda não tinha chegado aos trinta anos? Por outro lado, assim que tinha estas interrogações também fazia o exercício ao contrário e achava-se um tonto. Ainda era capaz de satisfazer uma mulher, não conseguia era correr a seu lado, nem andar depressa, ainda, admitiu. Apesar dos médicos lhe dizerem que quanto mais se exercitasse mais mobilidade iria ter, estava farto de acreditar nisso.

**

Durante três meses o ritual manteve-se. Todos os dias ia ao lago depois de Ricardo sair da sua casa, fizesse sol ou não. Com a entrada do inverno a maioria das árvores perdeu a folhagem e tornava-se mais difícil

a Alex permanecer escondido a observá-la e, nos dias de chuva ela não saía de casa. Então dava consigo a rondar a casa dela e a morrer de ciúmes de Ricardo. Até que um dia, escondido dentro do carro, numa estrada de terra frente à casa, oculto pelas árvores, avistou Ricardo a despedir-se dela com um abraço e decidiu que já chegava.

Deixou que o carro dele se afastasse e tomou coragem para se dirigir ao portão, mas no último instante fraquejou. A vergonha e o medo de ser rejeitado foram mais fortes. Meteu-se no carro e rumou a casa.

**

Helena passou a primeira parte da noite às voltas e levantou-se duas vezes para ir à cozinha beber água. Tinha esperança que o líquido fizesse descer o nó que tinha na garganta.

- Que fazes aqui a estas horas? - perguntou Alda. – Que se passa contigo filha? Não quero meter-me na tua vida, mas há qualquer coisa que tu não me contas?

Helena olhou para a mãe e pensou que talvez estivesse na altura de lhe contar a verdade. Fazia-lhe bem desabafar com a mãe.

Alda sentou-se num dos bancos da cozinha - quente graças ao fogão de ferro fundido que ficava atolado de carvão durante a noite – e puxou o xaile para os ombros. Ficou à espera que ela falasse.

Helena tomou coragem.

- Não queria dar-te mais desgostos, mas não consigo guardar isto para mim mais tempo. Lembras-te do dia em que parti de Vale de Marias há cinco anos?

- Como se fosse hoje. Foi um dos dias mais tristes da minha vida – disse. - Pois bem, no comboio conheci uma mulher que me indicou uma pensão residencial. Só que essa pensão...- ficou com os olhos emaciados de lágrimas e a garganta seca. – Essa pensão era um bordel.

Alda suspirou fundo. Sempre ouvira falar das raparigas que iam servir em casa ricas para as cidades e eram recrutadas como prostitutas, assim que desembarcavam do comboio ou das camionetas que faziam o transporte de pessoas do interior do país para a capital.

- Não me aconteceu nada de grave mãe...quer dizer...tive sorte...

Meia hora depois Alda deixava cair as lágrimas. Não podia pensar que quando julgava que a sua menina estava a trabalhar numa casa da cidade, protegida, ela estava num bordel e que fora submetida pela força de drogas, a ficar lá.

- Foi Alex que me tirou de lá. Foi ele que engendrou um esquema para me tirar das garras de Rosa e da...

- Fala. Agora já disseste tanto, não me desmancho facilmente rapariga.

- Da condessa. A condessa Carminda era a mentora de tudo. Vinganças antigas. Como José Luís não teve filhas, vingou-se de mim, por ser a única mulher perto da família que podia ser fácil de enganar. Se José Luís e Catarina tivessem uma filha ela tentaria desgraçá-la, tal como o avô Frederico fez com ela. Entendes mãe?

- Mas quem a rejeitou foi o teu avô! O que é que tu tens a ver com isso?

- Nada mãe. São coisas de gente atormentada pelo ódio. Essa mulher era uma víbora. Alex diz que ela teve um assombro de consciência quando estava a morrer e como o seu herdeiro estava morto, deixou-me a herança.

- Um presente envenenado – disse Alda.

- Já o considereei assim mãe, mas, pensei muito e já mudei de ideia. Sempre fomos pobres e, quem é pobre, pensa como pobre. Resolvi pensar pela minha cabeça. É uma boa indemnização por danos morais, diz Ricardo. É merecida e é minha e quando os advogados da condessa foram informados da volta de Ricardo, ele abdicou da herança a meu favor.

- Fez ele bem filha e, visto dessa forma, como ele diz, é uma boa paga. Pelo menos o teu filho não há-de servir outros, como eu servi toda a minha vida.

- Isso não volta a acontecer mãe. Nunca na vida pensei passar por tanta coisa, a fase mais complicada foi na escola industrial. O facto de ser rapariga pobre e a viver de favores dos Santana era motivo de chacota, mas nada comparado com o terror que vivi no bordel. Mais um dia e não sei que poderia acontecer. A minha sorte foi ela querer muito dinheiro pela minha virgindade. Ninguém queria pagar e depois, como sabes, já não era virgem e, já estava grávida do Alexandre.

Limpou uma última lágrima e abraçou a filha.

- Minha querida. Nunca mais te vai acontecer nada. Nós protegemos-te. E esse Alex? Trabalhavas para ele?

- Não. Nunca trabalhei. Acho que ele apenas me disse que sim, que trabalhava para ele, para eu ficar. Um dia apresentou-me como noiva numa receção de uma embaixada. Foi um escândalo, presumo. Tanto que ele nunca mais me levou a sair com ele. O meu...- ia dizer pai -, o doutor

Alberto e a esposa estavam lá, como era esperado. Ele ficou furioso quando me viu e saiu porta fora. Coitada da Márcia, nem conseguiu cumprimentar-me, ele não deixou. A Márcia é boa pessoa, já dos Santana...aproveita-se Ricardo— rematou. - Sabes que mais?

Alda fez um olhar interrogativo.

- Não quero mais saber dessa gente, os laços de sangue que tenho com eles não significam nada para mim. Podiam ter modificado as coisas entre nós, se ao menos tivessem pedido desculpa, mas não, fecharam-se no seu castelo dourado como se tivessem sido eles os ofendidos... os tontos. São uns tolos infelizes, todos eles. São ricos, senão seriam umas tristes figuras – riu-se.

- Eu adoro-vos. Vocês são os meus pais – disse abraçando-se à mãe enquanto escondia uma lágrima furtiva.

- Nós também te adoramos filha. Queria tanto ver-te feliz, Helena. Ricardo gosta tanto de ti. Já viste que passa aqui as tardes? É um excelente homem – disse na esperança que a filha aceitasse Ricardo.

- Mãe...não insistas.

- Filha. Para ser feliz com um homem basta que ele nos trate bem.

- Não mãe, não basta. É preciso amor dos dois lados. Sentir aquela coisa no estômago, sabes?

E saiu da sala dando um beijo na face de Alda que ficou a resmungar.

Todos os dias Helena negava a si própria que era louca por Ricardo Santana e, bastava ele fazer-lhe um sinal e atirava-se nos seus braços. Mas ele não o fazia e ela não queria ser a amante. Jamais.

Capítulo 20



O Inverno ia adiantado e, aos poucos, Helena foi-se afastando de Ricardo. Redobrou os cuidados com a exposição pública do filho, fazia tudo para evitar que estranhos o vissem e foi inventando desculpas para Ricardo não a visitar. Uma tarde, Ricardo não aceitou as suas desculpas de que iria passear à vila de Sintra com o filho e apareceu a seguir ao almoço, refeição que habitualmente fazia com o amigo inglês.

Assim que a empregada o anunciou o semblante de Helena carregou-se. E lá estava ele outra vez, encostado à ombreira da porta da sala, a olhar, daquela forma, sem dizer uma única palavra.

- Por favor, para de olhar para mim dessa forma. Queres fazer-me sentir pior do que eu já me sinto?

- Helena...longe de mim tal intenção. Por quem me julgas. Ainda não entendeste que o afeto que sinto por ti é genuíno - e sentou-se na poltrona ao lado, puxando as calças um pouco para cima, para não fazer joelheiras no tecido imaculadamente engomado.

Não tinha coragem, nem o direito de lhe dizer que a amava. Depois de tantos anos, não havia cabimento ao amor dos dois. Ela amava outro, que a amava a ela.

- Por vezes tenho receio que olhes para mim como mulher. Não o suporto. Desculpa, mas eu não vou ser tua amante.

Pronto já dissera.

- Não tens que pedir desculpa...por favor...não é, nem nunca foi minha intenção causar-te constrangimentos. Eu é que peço desculpa, fui um canalha. E não, não vais ser minha amante. Não te quero para isso.

- Ainda bem! Mas, também não te desculpes, não fizeste nada sem o meu consentimento.

- Helena?

Helena olhou-o de frente, queria ter a certeza que a sua imaginação andava a pregar-lhe partidas.

- Sim...diz de uma vez Ricardo, qualquer dia rebentas.

- Não é o que pensas. Quero perguntar-te quando é que decides contar-me que eu sou pai do menino.

Helena encheu o peito de ar crispou as mãos e disse num tom mais alto.

- Conheces-me desde que nasci. Achas que sou mulher de andar atrás de homens? E porque me fazes uma pergunta da qual já sabes a resposta – gritou.

- Estás muito ferida – constatou. – Com Alex ou comigo?

- Com os dois. Primeiro contigo porque me deixaste naquele antro e, depois com ele porque me deixou em nome da guerra. Como se não bastassem os riscos que corria aqui em Portugal a passar informações falsas, ainda teve que se alistar, sobretudo, quando já sabia que tu tinhas morrido na guerra – gritou de novo.

Ricardo lutava para manter o semblante sério, mas a garra de Helena doía-lhe e divertia-o ao mesmo tempo. Era uma fera disfarçada de anjo doce.

- Coisas de homens. Somos assim. Por mais que os meus pais me peçam, eu também não abandono as minhas convicções políticas e enquanto puder lutar fá-lo-ei. Entendes?

Ela anuiu. Sim, entendia.

Não queria perguntar, mas não resistiu.

- Tens visto o barão, quer dizer o Alex?

- Estava a ver que não perguntavas? Sim. Todos os dias.

- Traidor. És um traidor. Imagino que levas notícias minhas.

- Não. Conheces-me mal. E ele não pergunta. É mesmo dele. Alex não dá o braço a torcer. Mas eu sei que ele sabe de ti, mas não me perguntes como é que ele sabe...tendo em conta que...- e calou-se. Não queria dizer-lhe que ele estava aleijado e só caminhava apoiado a uma bengala. Teria que ser Alex a dizer-lhe.

- Desculpa mais uma vez – disse ela enquanto, de costas voltadas, escondia as lágrimas, e caminhava até à lareira para se aquecer. O tempo estava a ficar mais frio.

– Ando muito amarga e descarrego em quem está próximo. Tens sido um amigo imperdível, mais que um primo, sobretudo com Alexandre. Ele

adora-te.

- Helena, há dias, quando tu foste à cidade com a tua mãe, ele mostrou-me a minha foto escondida dentro da gaveta e disse-me que eu era igualzinho ao papá dele. – disse provocante.

- Traidor. O meu filho é um traidor.

- E perguntou-me se eu não era mesmo o pai dele, porque tinha ouvido uma conversa entre a avó e a mãe. Tu és o meu papá. Disse-me ele há dias e, eu disse que sim.

Os dois olharam-se, a uma distancia de segurança e largaram-se os dois a rir.

O assunto estava resolvido entre eles.

– Helena, não queres ver Alex e decidires de uma vez por todas com quem queres ficar?

- És louco Ricardo? – disse zangada.

- Não querida. Sou um homem vivido e sei o que passaste. Por isso acho que pensas que amas os dois e sentes-te uma mulher vulgar. Mas também já pensaste que se pode amar mais que uma pessoa?

Helena olhou-o de soslaio. Era estranha a possibilidade de amar duas pessoas ao mesmo tempo. Por via das dúvidas resolveu dar uma resposta ambígua.

- Não sei. Já não sei nada.

- Compreendo, é muito confuso. Mas está na altura de vocês se reencontrarem. Não queria partir sem que ficassem juntos.

- Partir?

- Vou viver para Inglaterra até este governo acabar, não posso ficar aqui, ainda me matam.

Ela concordou abanando a cabeça.

- Também tu, *Judas* – disse a rir. – Também tu me abandonas?

- Podes vir comigo. Quero e posso levar-te a ti e ao nosso filho, mas quero levar uma mulher por inteiro, não quero levar só a mãe do meu filho.

**

Desde que chegara a Lisboa Ricardo Santana escudara-se a obrigações sociais e tinha avisado a família que não comentassem a sua volta a Lisboa com ninguém. Com a permanência diária em Sintra – onde por vezes pernoitava na casa de Alex – conseguira evitar a maioria das pessoas que estariam interessadas na sua volta, sobretudo Isabel Carmona

que já deixara muitos recados ao velho mordomo da família Santana. Martinho todos os dias os transmitia a Ricardo e, todos os dias ele os ignorava, mas, hoje não ia escapar-se. Isabel fizera-se convidada para o lanche social que Catarina costumava dar, com o propósito de surpreender o amante de outros tempos, mas a tentativa fora em vão. A verdade é que o amava profundamente, apesar de ele não a levar a sério. A condessa arruinara a sua reputação e ainda lhe restava saber porquê. Por um lado, jogava-a na sua cama e, por outro, lançava boatos sobre a sua conduta. Só depois de a mulher falecer é que Otília uma das amigas de Catarina, teve coragem de lhe confessar quão viperina era a aristocrata com Isabel Carmona, supostamente a sua protegida, mas a quem chamava *a pobre viúva-alegre*.

Ricardo passou o dia com a cabeça nas pernas bem torneadas de Isabel. Fazia tempo que não tinha mulher e aquela sempre fora uma aventura e tanto, nas delícias da cama. Isabel Carmona, era a viúva mais jovem e debochada, que conhecia entre lençóis e, essa apreciação não tinha nada que ver com amor. Sorriu para si próprio enquanto trespassava o jardim fronteiro à casa. Hoje mesmo ia procurá-la. Tinha que admitir que depois de desfeito o equívoco com Helena e os sentimentos dela por Alex, foi na primeira pessoa em quem pensou, afinal foi com ele que Isabel perdeu a sua inocência.

Fazia tanto tempo.

Deu um saltinho atirando uma pedra ao ar com os dois pés, como se fosse uma bola de futebol e entrou em casa com um sorriso na face. Finalmente conseguia sorrir.

**

Era o seu último passeio a cavalo pela mata antes do inverno começar a sério. Assim que caíssem as primeiras chuvas fortes, tornava-se impossível penetrar na floresta de cedros, pinheiros e plátanos sem ficar molhada até ao pescoço.

As árvores frondosas e altas, deixavam cair a água acumulada nas folhas, em cima de quem passava, sem parcimónia. Mais uma tarde de sol e, assim que o pequeno Alex - que já ia rejeitando as sestas depois do almoço- adormeceu, deixou-o ao cuidado da avó, e montou a sua égua preferida embrenhando-se na mata com destino ao lago.

As folhas castanhas, amarelas e laranja dos plátanos, atapetavam o chão à passagem das patas da égua abafando o barulho dos cascos

ferrados. A casa ia ficando para trás e, Helena começou a descer a ligeira encosta até ao velho lago. Melros das rochas levantavam voo à sua passagem, assustados e, pelos regatos de água corrente, vinda da serra, passeavam salamandras às pintas amarelas e pretas, em busca de presas para se alimentarem. Aqui e ali uma raposa fugia a esconder-se não fosse algum caçador atirar a matar.

Helena ia pensando em Alex e Ricardo. Ele tinha, razão, havia dias que não sabia por quem se decidir, embora, Alex não a tivesse procurado durante todo aquele tempo, mas, apesar de querer parecer uma guerreira, havia um lado seu que ainda deixava transparecer a rapariga pobre, quase sempre humilhada pela família biológica, cujo estigma não a abandonava.

Amava dois homens? Não podia ser. Não nos valores em que a educaram. Amava a leveza e cavalheirismo de Alex, a sua ternura e a forma como a tratava, mas também amava a paixão de Ricardo, o fogo e o perigo que ele representava para qualquer mulher. Sabia que com Alex ele seria só seu, mas com Ricardo era sempre um risco, teria que o partilhar com outras mulheres.

Possuía dinheiro e propriedades mas continuava a ser a mesma jovem que um dia saiu de casa, e apanhou um comboio para Lisboa em busca de trabalho e independência. Na essência mudara pouco, apenas a atitude de vida era outra e a idade também.

Avistou o lago a cem metros, desceu do cavalo levando-o à arreata, pela mão, até uma árvore, onde o atou para que o animal pudesse pastar.

Caminhou até à beira do lago, tentando não assustar os patos bravos que ali mergulhavam em busca de insetos aquáticos e sentou-se no lugar habitual. Os pensamentos com Alex não saíam da sua cabeça por nada do mundo. Tentou espantá-los preenchendo a mente com planos, mas tudo em vão. Quando o cérebro está inundado de preocupação não existe espaço para mais nada.

A égua castanha resfolegou e raspou as patas no chão, levantando pedaços de musgo verde, denotando inquietação. Helena ficou alerta. Havia gente no perímetro. Crescer na planície ensinou-a a reconhecer sinais de proximidade de gente. Podia bem ser o guarda-florestal que por vezes deambulava por ali em busca de caçadores furtivos ou de intrusos mal-intencionados com a floresta, mas os seus sentidos diziam-lhe que não era nada do que pensava. Era pior que isso. Ergueu-se e varreu a área com o olhar treinado para detetar animal ou pessoa.

Lá estava. Meio encoberto por uma árvore. Um cavaleiro montado num cavalo negro. Os joelhos tremeram.

Não ia mais ver o seu filho, nem Ricardo, nem Alex.

Vai-te embora por favor. Pediu em silêncio. Mas a figura mantinha-se imóvel e na sombra da mata cerrada.

O pai já lhe recomendara muitas vezes que devia sair com uma espingarda, mas, apesar de a saber manejar, teimava que não era necessário. Hoje seria. Como estava na sua propriedade tinha que tomar uma atitude e a mais acertada seria fugir antes que a pessoa a atacasse.

Mas porque a iria atacar? Pensou.

- Quem está aí? Mostre-se por favor! – gritou reconhecendo o terror na sua voz.

A mancha escura saiu da sombra e revelou um cavalo lusitano castanho-escuro e um cavaleiro.

Helena estremeceu de medo, mas, há medida que o animal se aproximava lentamente, deu lugar à estupefação. O homem tirou a pé do estribo com a ajuda da mão e deixou escorregar o corpo até ao chão. O cavalo manteve-se imóvel enquanto ele efetuava a manobra. Tirou uma bengala presa à sela e deixou o cavalo livre, virando-se com um sorriso nos lábios.

A cara era conhecida, mas as cicatrizes não.

Helena levou as mãos à boca e abafou um grito. Não estava a sonhar. O medo deu lugar à comoção e as lágrimas correram em fio. A coxear, apoiado na bengala, Alex percorreu os metros que os separavam. Helena não conseguiu mover-se e deixou que ele a alcançasse. Alex pousou a bengala no chão, e abriu os braços para que ela se aninhasse neles. Helena recolheu-se naquele abraço há tanto esperado e enterrou a cabeça no peito dele. O mesmo cheiro, a mesma sensação de bem-estar, mas, desta vez não sentiu a culpabilidade de Alex. Ele libertara-se da promessa a Ricardo. Cravou as mãos na roupa dele e fundiu-se naquele abraço.

- Seca as lágrimas, minha querida. Voltei para ficar. A guerra acabou e a minha carreira de espião também. Abandonei o exército de vez.

- Ricardo contou-te?

- O quê? Que tu o amavas? Que me amas a mim? Que o vosso filho é lindo?

- Oh! – exclamou ela. – Sabias?

- Sempre soube. Richard não é meu tio, é meu pai e o dono do palacete, e eu não sou barão, ele é que tem o título.

- Já suspeitava. Aliás sempre soube que havia algo estranho entre vocês – disse enquanto se abraçavam com fervor.

- Afinal, a condessa és tu. Que ironia – disse-lhe ao ouvido.

- Por herança querido, por herança. Sou uma condessa postiça.

Entre risos, beijos castos e promessas, Helena nem se apercebeu que ele não se movia de forma normal.

Algun tempo depois, já escurecia e eles nem davam pelo frio. Permaneciam sentados nas lajes de pedra que delimitavam o lago e finalmente Alex depositou-lhe um beijo nos lábios sem qualquer pressão.

Doce, excitado e cheio de promessas.

- Está na hora de irmos para casa querida. Ajudas-me?

Helena saiu do colo dele e fez um ar interrogativo.

- Não consigo levantar-me sem ajuda. Fiquei com uma lesão muito pequena na coluna e nunca mais vou andar normalmente. Incomoda-te?

Helena deixou cair as lágrimas e disse:

- Não. Nem que ficasses parálítico. Eu amo-te de qualquer maneira, mas...

- Também amas Ricardo, não é?

Ela assentiu.

- Eu sei. Não vou deixar de te amar por isso e, se algum dia acontecer, aviso-te.

Naquele momento os receios de Alex dissiparam-se. Helena seria sempre dele. Ela não suportaria dividir o marido com outras e, Ricardo não era fiel. Não estava na sua natureza.

Abraçados, dirigiram-se aos cavalos que os esperavam uns metros à frente.

- Vais ter que me ajudar a montar. Há meses que te observo aqui todos os dias, mas nunca tive coragem de desmontar, sabia que não conseguia voltar a erguer-me.

- Agora já não precisas de ter medo. Estou aqui, meu amor.

**

O cenário era familiar. A roupa espalhada pelo chão, o cheiro a sexo a pairar pelo quarto e a mesma sensação de inquietude sempre que estavam juntos. Isabel sentia os braços de Ricardo junto à sua pele, junto aos seios nus.

Quanta felicidade!

Deixou deslizar uma lágrima pela face, sem que ele percebesse e não se atreveu a perguntar. Tinha dezenas de perguntas, mas, muito receio que ele se esfumasse no ar. O que importava é que ele voltara.

Ricardo admitiu pela primeira vez que amava aquela mulher, talvez sempre a tivesse amado, um amor diferente do que sentia por Helena, mas era amor, ainda assim, era amor.

- Isabel?

- Sim querido.

- Queres ir viver comigo para Londres?

- Quê!

- Parto daqui a duas semanas. Vai tirar o teu passaporte e arruma todas as tuas roupas. Queres casar comigo?

Isabel podia morrer naquele momento que ia feliz.

Ricardo não precisou de ouvir a resposta, sabia que era a mulher certa para ele, amava-a apesar de também amar Helena, mas os laços de sangue iriam estar sempre presentes entre eles, jamais poderia casar com Helena sem sentir que estava a fazer algo errado. Mais tarde contaria a Isabel sobre o pequeno Alexandre, o seu pequeno tesouro.

LONDRES

Epílogo



Seis semanas depois.

Do outro lado do rio, a torre do relógio estava iluminada pela primeira vez, depois de muitos anos de guerra, refletindo a sua luz nas águas do Tamisa e a cidade tinha uma magia especial.

- Vem cá?

Alex tirou uma pequena caixa de veludo do bolso, abriu-a, e retirou um anel simples, com um brilhante pequeno engastado no ouro.

- Queres casar comigo? – e enfiou a pequena joia no dedo de Helena. Helena ficou muda de emoção.

- Entendo que é um sim.

Ela anuiu por entre lágrimas e abraçou-se ao seu pescoço.

- Helen...- tratava-a muitas vezes pelo nome em inglês. – Já não sou o mesmo homem. Tenho pesadelos, grito de noite, e nunca mais vou conseguir correr a teu lado. Estás ciente disso?

- Alexander Steel North Paterson, nunca mais quero ouvir-te dizer essas coisas. Vou morrer de velha a teu lado.

- Eu morro primeiro, sou mais velho que tu – gracejou.

- Pronto, somos os dois eternos - disse ele.

- O nosso amor é – disse ela.

**

- Papá! Papá! – gritava o pequeno Alexandre. – Já viste o meu carro de corrida? – e pulou para o colo do pai mostrando o carro vermelho que acabara de receber como presente de Natal. – Quando for grande vou ser corredor de automóveis.

- Nem penses nisso pequeno príncipe. Vais ficar aqui, perto de mim, onde eu te veja bem.

- O papá não te quer perder de vista pequeno Alexander – disse o avô Francis num português muito arrastado.

Alex e Helena sorriram entre eles compreendendo o que Ricardo dizia ao filho. Nenhum homem que tivesse passado pelo que ele passara, poderia ter outra atitude. Proteger os seus e não os perder de vista era imperioso para quem vira morrer homens às centenas diante dos seus olhos. A guerra transforma as pessoas, para o melhor e para o pior e, Alex e Ricardo eram dois sortudos, entre milhares de soldados que não sobreviveram.

Helena sentou-se ao lado do marido, encostou a cabeça no seu ombro e sorriu-lhe.

Ricardo colocou o filho no chão que prontamente foi levado pelo avô postiço – Sir Francis –, deu a mão a Isabel levando-a para fora da sala e dirigiu-se ao quarto onde o amigo os alojara na sua casa da City. Sentiu que estavam todos em paz e que a vida continuava.

**

- Hoje sou a mulher mais feliz do mundo. Tenho a melhor família que alguém poderia desejar.

Nunca mais nos vamos separar, garantiu-lhe Alex em silêncio. Vamos morrer velhinhos, muito velhinhos.

Alex inclinou a cabeça como se questionasse a confiança dela. Helena levantou o queixo e sorriu-lhe com uma atitude desafiadora. *Acredita em mim. Vês? Eu aprendi a desafiar a vida e ninguém se vai meter connosco, enquanto estivermos juntos.*

Naquele momento os anos passados fundiram-se com os anos que tinham pela frente.

A única certeza que possuíam, é que estavam unidos pelo amor, pela amizade e pelo destino.

Todos eles.

Agradecimentos

Parte do desafio – e do prazer – de escrever ficção inspirado em história é dar vida ao lugar e ao tempo, nas páginas, para que o leitor possa sentir que mergulham em determinados espaços e épocas. Foram algumas as pessoas que partilharam o seu saber e me relataram episódios das suas vidas, nesta época, em Portugal. Quaisquer erros que encontrem são meus. Agradeço ao senhor José Augusto. Badalinho, pela descrição do tempo da ditadura, quando a memória ainda lhe permitia relatar com entusiasmo as vivências da época. Foi na sua vida que me inspirei para criar o personagem Ricardo.

Obtive inspiração para escrever este romance, numa leitura casual na blogosfera sobre a prostituição na cidade de Lisboa nos meados do século XX, e outra sobre os espiões em Lisboa durante a segunda guerra mundial, em plena ditadura de Salazar, um aliado de Hitler.

Destas três ideias nasceu este romance, que misturou factos apenas por conveniência do enredo. Alguns dos locais descritos são reais, nomeadamente os palacetes em Sintra e as herdades no Alentejo, servindo apenas de localização ao romance.

Agradeço de todo o coração à minha família pelas conversas sob política e história, nos almoços de domingo, nomeadamente ao meu marido Vitor, um entusiasta *das coisas do pensar*, tal como eu.

OBRIGADO POR LER O MEU LIVRO!

POR FAVOR FAÇA UMA AVALIAÇÃO.

Se gostou do livro, a sua avaliação será bem-vinda e ficarei muito grata pelo apoio. Deixe a sua opinião na amazon e deixe-me saber o que pensa.

Se não gostou do livro, a amazon tem uma excelente política de devoluções.

lidiaCraveiro@gmail.com

Muito Grata!

Lídia Craveiro

A AUTORA

Os livros de Lúdia Craveiro combinam mistério, intriga, drama, crime e romance por vezes com uma boa pitada de humor. Mas, sobretudo aborda temas da vida actual ventilados à luz da psicologia.

. Em 2013 publicou o seu primeiro romance como autora independente sob pseudónimo e tem chegado várias vezes ao top 100 da amazon com livros publicados em português. O seu género literário de eleição é o romance, mas foi sempre apaixonada pelos clássicos policiais como Sherlock Holmes, Agatha Christie entre outros autores actuais e, como escritora está sempre com um pé no thriller.

Vive em Portugal com o marido e os filhos e divide o tempo entre a escrita, o trabalho numa escola para crianças com necessidades específicas de educação, o consultório e viagens pelo mundo. Os lugares por onde viajou servem de inspiração para alguns dos seus romances.

Quer saber quando vão sair novas publicações?

Assine a nossa newslwtter no blogue oficial em:

www.perolasparaaalma.com

OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS NA AMAZON:

Romances de Lúdia Craveiro

HELENA

SEGREDOS DE FAMILIA

ALGUÉM PARA AMAR

FLORBELA ESPANCA – biografia romanceada

Lúdia Craveiro – livros técnicos

MÊUS PAIS, MEUS ESPELHOS – PILARES DAS EMOÇÕES
HUMANAS.

AFINAL O QUE É O AMOR? – A PSICOLOGIA DAS RELAÇÕES
AMOROSAS

Com pseudónimo (Ambra Blanchett)

ANNA (saga familiar livro 1)

GABRIELLE (saga familiar livro 2)

BRINCOS DE PRINCESA

JARDINS DE LUAR

O HOMEM DO DESERTO

PROXIMO LANÇAMENTO



[1] Bairro típico de Lisboa.

[2] Jorna de Jornada. Um dia de trabalho pago.

[3] Colónias portuguesas, Angola, Moçambique, Guiné, até 25 de Abril de 1974.

[4] Regionalismo. Virgindade.

[5] Mecanismo que retira água de um poço, acionado por um animal que circula em torno do poço.

[6] Mulher que recrutava outras para trabalharem em bordéis.

[7] Pé da planta de trigo, seca, depois da colheita.

[8] Virgindade.

[9] DST – Gonorreia.

[10] Calão usado no português regional do Alentejo para denominar lésbicas.

[11] Período menstrual

[12] Calão usado para referência ao órgão sexual feminino.

[13].

[14] Jornada de trabalho, pagamento de um dia de trabalho. Regionalismo.

[15] Bairro de Lisboa